

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Bernadete Alves de Medeiros Marcelino

**Comunidades evangélicas haitianas: um estudo etnográfico em  
Guaianases, SP**

Doutorado em Ciência da Religião

São Paulo  
2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Bernadete Alves de Medeiros Marcelino

**Comunidades evangélicas haitianas: um estudo etnográfico em  
Guaianases, SP**

Doutorado em Ciência da Religião

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo, como exigência  
parcial para obtenção do título de Doutor (a) em Ciência da  
Religião sob a orientação do Prof. Dr. Edin Sued  
Abumanssur

São Paulo  
2021

Banca examinadora

---

---

---

---

---

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 88887.351949/2019-00.

O presente trabalho foi realizado com apoio da FUNDASP - Fundação São Paulo.

## **AGRADECIMENTOS**

Com imensa alegria, cheguei ao fim de mais um ciclo da minha vida: a conclusão do doutorado, motivo pelo qual agradeço a Deus. Tenho plena consciência de que muitas pessoas foram extremamente relevantes durante esse processo, por isso não posso deixar de citá-las.

Primeiramente, agradeço aos meus professores da PUC-SP pela dedicação oferecida aos pós-graduandos do programa de Ciência da Religião, entre os quais me incluí por alguns anos. Todos eles tiveram uma parcela de contribuição para que esse trabalho fosse concretizado. Agradeço especialmente ao professor Dr. Edin Sued Abumanssur, que me orientou durante o percurso do doutorado, e às professoras PhD. Suzana Ramos Coutinho e Dr.<sup>a</sup> Dulce Maria Tourinho Baptista, que participaram da minha Banca de Qualificação. O aporte oferecido por eles foi imenso e influenciou diretamente a trajetória e o resultado deste trabalho.

Também faço agradecimentos aos grupos de pesquisa “Religião e Cidade” e “Protestantismo e Pentecostalismo” e à Comissão do Simpósio Internacional de Religião e Migração, que contribuíram de maneira incomensurável para a minha formação. Participar desses grupos me deu a oportunidade de conhecer diferentes autores e aprimorar as minhas percepções sobre projetos de pesquisa, estratégias de estudos, organização de eventos acadêmicos, entre outros aspectos. Considero que a experiência com os integrantes desses grupos (alunos e professores) agregou muitos valores à minha maneira de enxergar o diálogo entre religião e migração, influenciando, ainda que indiretamente, a construção deste trabalho.

Sou grata também ao meu esposo, meus filhos, pais, irmãos e outros familiares pelo incentivo e pela ajuda em diferentes momentos da minha pesquisa. De modo especial, cito a minha mãe, Ana A. de Medeiros, por ter me acompanhado em diversas visitas de campo, facilitando a minha trajetória etnográfica. Ser mulher em um campo que precisava ser desvendado apresentava obstáculos que foram superados porque pude contar com a presença da minha mãe. Com a companhia dela, pude ir a lugares onde não poderia estar sozinha e me relacionar de maneira mais próxima com os imigrantes pesquisados.

Agradeço também a toda a equipe de trabalho do programa de pós-graduação em Ciência da Religião da PUC-SP, aos colegas de curso e outros que cruzaram o meu caminho durante essa jornada e deixaram alguma contribuição para a pesquisa

em pauta. De modo especial, agradeço à minha amiga Elaine C. Honorato pelos conselhos, a amizade e o companheirismo durante esse percurso.

*“[...] viver e conviver com os universos pesquisados,  
participando de suas dificuldades e dramas,  
[...] um esforço para não ficar preso ao senso comum,  
estereótipos e preconceitos [...].”*

*(VELHO, 2005, p.13)*

## RESUMO

O processo migratório haitiano para o Brasil suscitou a necessidade de inúmeras pesquisas, entre as quais a sua relação com a religião. Tendo em vista esse cenário, o presente trabalho tem o objetivo de analisar o papel exercido por comunidades evangélicas haitianas entre seus adeptos em contexto migratório no Brasil. Como recurso metodológico, optamos pela pesquisa etnográfica entre haitianos no bairro de Guaianases, na cidade de São Paulo, além de levantamento bibliográfico e entrevistas abertas. Os resultados nos mostraram que as comunidades evangélicas haitianas exercem o papel de facilitadoras no contexto migratório de seus adeptos, desencadeando um processo que estimula e impulsiona a migração de haitianos evangélicos para o Brasil. Concluimos que essas comunidades se tornam uma extensão de rede social migratória e que a compreensão desse cenário pode trazer contribuições para outras pesquisas com temáticas semelhantes.

**Palavras-chave:** Religião. Migração. Haitianos Evangélicos. Comunidades Evangélicas Haitianas

## **ABSTRACT**

The Haitian migration process to Brazil has raised the need for numerous researches, including its relationship with religion. In view of this scenario, this work aims to analyze the role played by Haitian evangelical communities among their supporters in migratory context in Brazil. As methodological resource, we chose ethnographic research among Haitians in the neighborhood of Guaianases, São Paulo city, in addition to bibliographic survey and open interviews. The results showed us that Haitian evangelical communities play the role of facilitators in the migratory context of their adherents, triggering a process that stimulates and drives the migration of evangelical Haitians to Brazil. We conclude that these communities become an extension of the migratory sociale network, the understanding of this scenario can bring contributions to other research with similar themes.

**Keywords:** Religion. Migration. Evangelical Haitians. Evangelical Haitian Communities.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. MAPA DA ROTA MIGRATÓRIA: HAITI – BRASIL/2019 .....	49
FIGURA 2. MAPA DOS HAITIANOS EM DIFERENTES PARTES DO MUNDO.....	56
FIGURA 3. IMIGRAÇÃO PARA O BRASIL/1500 – 1960.....	62
FIGURA 4. EMIGRAÇÃO DO BRASIL/1970 – 1990.....	63
FIGURA 5. IMIGRAÇÃO PARA O BRASIL APÓS 1990 .....	63
FIGURA 6. MAPA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO.....	71
FIGURA 7. MAPA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO/GUAIANASES .....	72
FIGURA 8. FOTO DA IGREJA SÃO BENEDITO EM GUAIANASES.....	80
FIGURA 9. MAPA DA LOCALIZAÇÃO DAS IGREJAS HAITIANAS EM GUAIANASES 1 .....	97
FIGURA 10. MAPA DA LOCALIZAÇÃO DAS IGREJAS HAITIANAS EM GUAIANASES 2 .....	98
FIGURA 11. TEMPLO DA IGREJA BATISTA HAITIANA DE GUAIANASES.....	99
FIGURA 12. TEMPLO DA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS HAITIANA DE GUAIANASES ATÉ MEADOS DE 2018.....	99
FIGURA 13. IGREJA <i>ROCK SOLID</i> HAITIANA DE GUAIANASES .....	100
FIGURA 14. TEMPLO DA IGREJA ADVENTISTA DA PROMESSA EM GUAIANASES.....	102
FIGURA 15. CASAMENTO DE HAITIANOS NA IAP EM GUAIANASES .....	105
FIGURA 16. GRUPO MUSICAL DA COMUNIDADE BATISTA HAITIANA NA IAP EM GUAIANASES .....	105
FIGURA 17. GRUPO MUSICAL DA COMUNIDADE <i>ROCK SOLID</i> HAITIANA NA IAP JD. ALVORADA .....	105
FIGURA 18. CULTO NA IGREJA BATISTA HAITIANA .....	108
FIGURA 19. BANDEIRA DO HAITI .....	109
FIGURA 20. GRUPO DE MULHERES HAITIANAS EM CASAMENTO NA IGREJA BATISTA HAITIANA DE GUAIANASES.....	109
FIGURA 21. GRUPO DE MULHERES HAITIANAS NA IGREJA BATISTA HAITIANA DE GUAIANASES .....	110
FIGURA 22. CULTO NA IGREJA BATISTA HAITIANA EM GUAIANASES .....	110
FIGURA 23. CELEBRAÇÃO RELIGIOSA HAITIANA 1 .....	118
FIGURA 24. CELEBRAÇÃO RELIGIOSA HAITIANA 2 .....	118
FIGURA 25. DECORAÇÃO DE CASAMENTO HAITIANO EM GUAIANASES .....	122
FIGURA 26. CASAMENTO HAITIANO NA IAP EM GUAIANASES .....	123
FIGURA 27. CASAMENTO DE HAITIANOS EM SALÃO DE FESTA EM GUAIANASES.....	123

FIGURA 28. CASAMENTO NA IGREJA BATISTA HAITIANA.....	124
FIGURA 29. MORADIA DE HAITIANOS EM GUAIANASES .....	131
FIGURA 30. UMA DAS RESIDÊNCIAS ONDE MORAVAM HAITIANOS EM GUAIANASES 1 .....	131
FIGURA 31. UMA DAS RESIDÊNCIAS ONDE MORAVAM HAITIANOS EM GUAIANASES 2 .....	132
FIGURA 32. TERRENO ANTES DA REINTEGRAÇÃO DE POSSE.....	133
FIGURA 33. TERRENO DEPOIS DA REINTEGRAÇÃO DE POSSE 1.....	133
FIGURA 34. TERRENO DEPOIS DA REINTEGRAÇÃO DE POSSE 2.....	134
FIGURA 35. TEMPO DE SERVIÇO DE HAITIANOS NO BRASIL.....	140

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1. RELIGIÃO NO HAITI.....	65
TABELA 2. NÚMERO DE ALFABETIZADOS EM GUAIANASES.....	76
TABELA 3. HAITIANOS EM GUAIANASES – IDADE .....	92
TABELA 4. HAITIANOS EM GUAIANASES – NÍVEL DE ESCOLARIDADE .....	92
TABELA 5. HAITIANOS EM GUAIANASES – ESTADO CIVIL.....	92
TABELA 6. HAITIANOS EM GUAIANASES – IDIOMAS FALADOS.....	93
TABELA 7. HAITIANOS EM GUAIANASES – INGLÊS E ESPANHOL .....	93
TABELA 8. EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO DE HAITIANOS NO BRASIL .....	139

## **LISTA DE SIGLAS**

CAMI – CENTRO DE APOIO DE PASTORAL DO MIGRANTE

CAT – CENTRO DE APOIO AO TRABALHADOR

EUA – ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

IAP – IGREJA ADVENTISTA DA PROMESSA

IMDH – INSTITUTO MIGRAÇÕES E DIREITOS HUMANOS

KM<sup>2</sup> – QUILOMETRO QUADRADO

OIM – ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS

PIBG – PRIMEIRA IGREJA BATISTA DE GUAIANASES

PUC-SP – PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

SIDRA – SISTEMA IBGE DE RECUPERAÇÃO AUTOMÁTICA

SP – SÃO PAULO

SUS – SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

UNICEF – *UNITED NATIONS INTERNATIONAL CHILDREN'S EMERGENCY FUND*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
<b>1 MIGRAÇÃO: ELEMENTOS CONCEITUAIS E PRÁTICOS</b> .....	<b>23</b>
<b>1.1 O fenômeno migratório na atualidade: concepções gerais</b> .....	<b>23</b>
1.1.1 O conceito de Migração .....	24
1.1.2 Macro e microprocessos.....	24
1.1.3 Provisoriedade .....	25
1.1.4 Migração e trabalho .....	28
1.1.5 Motivações migratórias .....	30
1.1.6 Transnacionalismo.....	33
1.1.7 Redes .....	35
1.1.8 Comunidades.....	38
1.1.9 Comunidades e redes haitianas .....	41
<b>1.2 Elementos para concepção de uma cosmovisão migratória haitiana</b> .....	<b>43</b>
1.2.1 Matizes de fundo histórico .....	44
1.2.2 Desastres naturais.....	50
1.2.3 Emigrações haitianas.....	53
1.2.4 Cosmovisão migratória haitiana.....	57
1.2.4.1 Em direção ao Brasil.....	60
1.2.5 Eles são evangélicos? .....	64
<b>2 COMUNIDADES EVANGÉLICAS HAITIANAS EM GUAIANASES</b> .....	<b>68</b>
<b>2.1 Guaianases – Periferia de São Paulo</b> .....	<b>68</b>
2.1.2 Dados históricos .....	73
2.1.3 Dados estatísticos.....	74
2.1.4 Observação empírica.....	77

<b>2.2 Haitianos em Guaianases – Considerações a partir da pesquisa de campo</b>	<b>82</b>
2.2.1 A relação com o bairro.....	89
2.2.2 O perfil desse imigrante .....	91
2.2.3 Haitianos evangélicos no bairro .....	94
2.2.4 Relação entre haitianos e Igrejas evangélicas do bairro.....	101
2.2.5 Comunidade Batista Haitiana de Guaianases .....	107
<b>3 ENTRE ELES: A COMUNIDADE E O COTIDIANO DE SEUS ADEPTOS</b>	<b>112</b>
<b>3.1 Estratégia de campo</b>	<b>112</b>
3.1.1 Voz do migrante.....	112
3.1.2 Convivência com o migrante.....	113
3.1.3 Ênfase ao cotidiano do migrante.....	114
3.1.4 A experiência com o migrante .....	115
<b>3.2 A comunidade étnica – Redes sociais migratórias e solidariedade.....</b>	<b>116</b>
3.2.1 A atuação da comunidade .....	118
3.2.2 O líder da comunidade.....	119
3.2.3 A questão da Família .....	121
3.2.4 A questão da Moradia.....	130
3.2.5 A questão do trabalho.....	135
3.2.6 A questão da saúde .....	141
3.2.7 A questão da educação .....	147
<b>4 O PAPEL DA COMUNIDADE EVANGÉLICA HAITIANA</b>	<b>154</b>
<b>4.1 Relatos migratórios</b>	<b>154</b>
4.1.1 O relato de Maila.....	154
4.1.2 O relato de Bory.....	160
4.1.3 O relato de Romeu.....	163
<b>4.2 Antes, durante e depois da migração: uma análise do papel da comunidade.....</b>	<b>173</b>

4.2.1 Antes de migrar.....	174
4.2.2 Durante a migração .....	179
4.2.3 Depois da migração .....	182
4.2.4 Outras considerações .....	187
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>191</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>194</b>

## INTRODUÇÃO

Migrar tem sido a realidade de muitas pessoas em todo o mundo, por diferentes motivos e para diferentes lugares. Nesse contexto, deixar o lugar de origem pode ser a única alternativa para a manutenção da própria vida. Esse fato nos leva à constante e impactante lembrança de que, além das inúmeras problemáticas que envolvem os processos migratórios, existem neles seres humanos vivendo em condições de extrema precariedade. Esse é um fenômeno que “impõe a necessidade de recomeçar, envolve perdas permanentes e provisórias” perante “a esperança na reconstrução de um futuro melhor, nem sempre alcançado” (BARTEL, 2016, p. 1.024).

Nesse cenário, o Brasil surge como um espaço cada vez mais importante para o entendimento das “dinâmicas migratórias internacionais” (AZEVEDO, BAENINGER, PERES, 2016, p. 9). Tais dinâmicas estão inseridas em um contingente de expressiva circulação de imigrantes pelo mundo, decorrente de inúmeras transformações sociais, econômicas, culturais e ideológicas. Contexto no qual nos deparamos com o fluxo migratório haitiano para o país (BAENINGER, 2016, p. 13).

Houve um aumento da imigração haitiana para o Brasil logo após um terremoto que aconteceu no Haiti em janeiro de 2010. O crescente fluxo migratório de haitianos para o território brasileiro se manteve intenso até meados de 2015. Apesar da redução desse fluxo nos anos posteriores, o país chegou a receber mais de “80 mil imigrantes haitianos e haitianas com visto humanitário” (BAENINGER, PERES, FERNANDES *et al.*, 2016, p. 11).

Nos momentos iniciais desse processo, foi possível constatar a presença de muitos haitianos do sexo masculino. Ao longo dos anos, muitos deles passaram a receber seus familiares – esposas, filhos e outros parentes –, o que permitiu a reunificação familiar de alguns deles. Nesse episódio, observamos a presença de diversas mulheres, crianças, adolescentes e jovens haitianos (SILVA, 2016, p. 213).

Cabe ressaltar que esses imigrantes “foram recebidos no Brasil de forma muito distinta” (BARTEL, 2016, p. 1.024) daqueles que os antecederam em outras conjunturas migratórias no país. A grande maioria deles vivenciou um estado de depreciação no território brasileiro, que traduzia o reflexo de um histórico racista e xenofóbico nem sempre explícito, mas que se manifesta no dia a dia desse contingente, por meio de situações como violação de direitos, representações midiáticas tendenciosas, insuficiências de políticas públicas migratórias, entre outras.

Como “os negros são as maiores vítimas do racismo velado existente na sociedade brasileira” (BARTEL, 2016, pp. 1.015 – 1.016), por serem estrangeiros e negros, os haitianos enfrentam xenofobia e preconceito racial. Além disso, muitos deles se encontram em condições de descaso e de dificuldades no país. Esses imigrantes passam necessidades básicas, como a falta de alimentos, roupas, móveis, utensílios domésticos comuns e a ausência da família (BARTEL, 2016, p. 1.019). Eles “reclamam dos baixos salários, das condições de trabalho, moradia, transporte, da falta de oportunidades, violência e preconceito racial” (BARTEL, 2016, p. 1.024). Por isso, preservar a esperança no lugar da dor parece ser a alternativa mais viável para a maioria deles.

Esse cenário e outros, desencadeado por essa imigração, suscitou a elaboração de diversos estudos que compõem uma das obras que se tornou referência no país, intitulada *A imigração haitiana no Brasil*, organizada por Baeninger; Peres; Fernandes; Silva; Assis; Castro; e Cotinguiba (2016). No entanto, mesmo em meio a tantas abordagens relevantes, enxergamos a necessidade de entender mais especificamente e profundamente a relação desse processo migratório com a religião.

Percebemos que existem muitos haitianos evangélicos<sup>1</sup> no Brasil e que a religião representa para eles um dos “principais recursos no processo de inserção social” (COTINGUIBA e COTINGUIBA, 2018, pp. 268 e 269). Nesse sentido, as comunidades evangélicas (igrejas) se tornam lugares onde eles podem professar a fé, conviver com familiares e amigos, e formular estratégias de inserção no novo contexto social em que passaram a viver (COTINGUIBA e COTINGUIBA, 2018, pp. 268 e 269).

Devido à realização de uma pesquisa anterior de mestrado sobre a relação que haitianos estabeleceram com a Igreja Adventista do Sétimo Dia (MARCELINO, 2016), pudemos perceber o surgimento de inúmeras comunidades evangélicas haitianas de diferentes denominações no Brasil. Porém, ao constatarmos que a religião predominante no Haiti é o catolicismo<sup>2</sup>, passamos a refletir sobre justificativas para o fato de a maioria dos haitianos que chegavam ao país se declararem evangélicos. Isso nos levou a formular a hipótese de que essas comunidades religiosas poderiam

---

<sup>1</sup> Membros de “igrejas evangélicas”, denominações cristãs não católicas.

<sup>2</sup> Informações obtidas no site oficial do *U.S. Department of State: Diplomacy in action*, disponível em: <https://www.state.gov/j/drl/rls/irf/religiousfreedom/index.htm#wrapper>. Acesso em: 09/10/2017

ter facilitado o processo migratório haitiano para o Brasil. Tais reflexões nos levaram a indagar qual seria o papel exercido pelas comunidades evangélicas haitianas entre seus adeptos em contexto migratório no país. Entretanto, precisávamos delimitar o espaço geográfico onde a pesquisa de campo poderia ser realizada e as comunidades evangélicas haitianas a serem observadas.

Em 2017, por meio de uma publicação realizada em redes sociais pela Igreja Adventista da Promessa (IAP) de Guaianases, obtivemos a informação de que essa instituição acolhia haitianos no bairro em questão. Ao conhecermos algumas pessoas da igreja, foi possível entrar em contato e fazer a nossa primeira aproximação com o grupo no segundo semestre daquele mesmo ano. Após obtermos o consentimento dos responsáveis, pudemos conhecer alguns haitianos acolhidos pela IAP que residiam no bairro, mas que eram pertencentes a diferentes comunidades evangélicas. Posteriormente foi possível conhecer algumas dessas comunidades também. Esse cenário nos possibilitou aprimorar nossa indagação inicial: Qual o papel exercido pelas comunidades evangélicas haitianas entre seus adeptos em contexto migratório no Brasil, possível de ser verificado a partir de uma pesquisa etnográfica em Guaianases? A proposta central da nossa pesquisa era analisar esse papel. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética para pesquisa com seres humanos na PUC-SP, do qual recebemos aprovação.

As escolhas metodológicas para a execução desta pesquisa consistiram de levantamento bibliográfico e de pesquisa etnográfica. A pesquisa etnográfica envolveu a observação participante em celebrações religiosas na Comunidade Batista Haitiana de Guaianases. Além disso, ainda que com menos regularidade, foi necessário realizar visitas a outras comunidades haitianas ou a comunidades que não eram constituídas de haitianos, mas que mantinham contato com haitianos no bairro em questão. Convivemos regularmente com integrantes do grupo de haitianos em Guaianases e realizamos entrevistas abertas devido à necessidade de obter informações advindas de alguns dos agentes envolvidos, como líderes religiosos, membros e outros. Também coletamos três relatos migratórios de haitianos.

Por meio desses relatos migratórios foi possível dar voz aos imigrantes e conhecer suas experiências, conquistas e insatisfações. Sayad (1998) foi a nossa inspiração, no entanto, pressupostos refletidos com base em Chauí (1979, pp. 18 – 33) foram relevantes para a nossa posição perante tal estratégia. Inicialmente, não buscamos confirmar a veracidade desses relatos, afinal, não era possível saber se o

conteúdo deles era real ou falso, e esta (veracidade) poderia ser revelada posteriormente à luz de outros aportes metodológicos usados. No entanto, entendemos que nesses relatos estaria presente o que era significativo. A partir dessa posição, seria possível encontrar as lógicas e as justificativas próprias de tais relatos, que são frequentemente julgadas, mas nem sempre compreendidas.

Sabíamos também que os relatos poderiam trazer ricas informações para a nossa análise. Além disso, não estávamos lidando com ideias ou pontos de vista, mas sim com histórias de vida, boas e ruins, repletas de prazeres e sucessos, mas também de dores e fracassos. Os entrevistados eram indivíduos reais, com os próprios sonhos e sofrimentos (CHAUÍ, 1979), que se viram inseridos em um processo de imigração com peculiaridades que precisavam ser desveladas.

Também elaboramos um diário de campo e dispomos de recursos audiovisuais e de fotografias. Os recursos audiovisuais foram utilizados para o auxílio dos relatórios e algumas fotografias fazem parte do trabalho final. A pesquisa teve um caráter qualitativo, entretanto utilizamos alguns dados quantitativos para compreendermos melhor o nosso objeto. Em fevereiro de 2020 finalizamos a pesquisa etnográfica. O resultado final do trabalho se deu a partir da análise dos dados coletados em campo em diálogo com o referencial bibliográfico.

Nesse percurso etnográfico que durou mais de dois anos, foi possível participar de inúmeras celebrações haitianas em diferentes comunidades evangélicas, festas de casamento, nascimentos de bebês, entre outros eventos. Também fizemos diversas visitas às residências de alguns deles. No entanto, não presenciamos apenas celebrações. Observamos também momentos de sofrimento e de adoecimento. Acompanhamos idas ao hospital e nos entristecemos com a notícia de funerais.

Diversas vezes, os imigrantes nos pediam ajuda, que ora eram simples, ora complexas: formular currículos, levar ao médico, indicar dentista gratuito, procurar e fornecer informações sobre procedimentos para documentação, escola, cursos, aulas de língua portuguesa, doações, busca por vagas de emprego etc. Essas questões nos envolviam em um ambiente que ia além dos propósitos da pesquisadora ou mesmo da própria pesquisa. No entanto, como não se envolver e auxiliar de alguma forma, sabendo da vulnerabilidade em que muitos deles se encontravam?

Nem tudo o que a pesquisa etnográfica nos possibilitou observar, constatar ou vivenciar caberá nas páginas que serão apresentadas. Contudo, pudemos considerar

parte dessa experiência para alcançar os objetivos pretendidos. Para a construção da nossa análise desenvolvemos um trabalho constituído de quatro capítulos.

No primeiro capítulo abordamos alguns elementos conceituais e práticos fundamentais para analisarmos o nosso objeto de pesquisa. Para esse fim, desdobramo-nos em duas premissas. Na primeira, destacamos a temática migratória no cenário mundial atual. Essa temática nos permitiu pensar nos conceitos de transnacionalismo, redes e comunidades, bem como discutir algumas problemáticas decorrentes desse contexto, como provisoriedade, trabalho e moradia. Na segunda, discorremos sobre a concepção de uma “cosmovisão migratória haitiana” desencadeando o deslocamento desse contingente para diferentes países. Essa abordagem nos permitiu entender a dinâmica por trás da emigração histórica no Haiti e chegar ao contexto que os trouxe para o Brasil, em um cenário onde a presença de haitianos evangélicos se destaca.

No segundo capítulo, apresentamos o nosso campo de pesquisa e o nosso objeto com maior especificidade. Nesse sentido, discorremos sobre Guaianases (periferia de São Paulo) e as comunidades evangélicas haitianas desse lugar. Esse momento foi importante pois nos possibilitou conhecer as características peculiares desse bairro, que se mostraram relevantes no que se refere à preferência desses imigrantes por esse lugar. Nesse local, também nos deparamos com três comunidades evangélicas haitianas, entre elas, a Comunidade Batista Haitiana, onde realizamos a observação participante durante a etnografia.

No terceiro capítulo, posicionamos o leitor acerca da atuação da comunidade evangélica haitiana na vida cotidiana de seus adeptos em Guaianases. Iniciamos mostrando as estratégias que adotamos em campo para a compreensão dessa realidade. Posteriormente, discutimos as questões relacionadas ao dia a dia desses imigrantes, discorrendo sobre a posição e a atuação do líder do grupo pesquisado, bem como sobre os aspectos das vidas dos adeptos nos quais a comunidade atuava: família, moradia, trabalho, saúde e educação.

No quarto e último capítulo, realizamos uma análise aprofundada sobre o papel da comunidade evangélica haitiana entre seus adeptos. Primeiro, apresentamos os relatos migratórios de três haitianos, com suas expectativas, planos, trajetos etc., bem como em que medida a comunidade surgia nesse cenário. Posteriormente, concentramo-nos mais especificamente na análise detalhada sobre o papel da

comunidade evangélica haitiana em três períodos desse contexto, os quais, pautados em Usarski (2017), denominamos de “antes, durante e depois” da migração.

Como respaldo para as análises presentes neste trabalho, fundamentamo-nos em várias obras, entre as quais estão as de Baeninger; Peres; Fernandes *et al.* (2016), Cavalcanti *et al.* (2017); Vilaça (2008), Marinucci (2015), Hagan e Ebaugh (2003), entre outras. Entendemos que a religião tem sido citada por inúmeras pesquisas sobre o contexto migratório haitiano no Brasil, porém, pouco investigada. Tal lacuna encontrada demonstra a relevância e a contribuição desta pesquisa para os estudos sobre imigração, para a área da Ciência da Religião, para a comunidade acadêmica estudiosa de processos semelhantes e para a sociedade em geral. No âmbito social, esta pesquisa pode ajudar a refletir sobre as problemáticas migratórias que envolvem a relação entre religião e migração não apenas entre os haitianos, mas entre outras comunidades de imigrantes no Brasil. Além disso, este trabalho também pode contribuir para se pensar em melhorias relacionadas às políticas públicas articuladas a esses grupos no país.

## **1 MIGRAÇÃO: ELEMENTOS CONCEITUAIS E PRÁTICOS**

No primeiro capítulo, abordaremos alguns elementos conceituais e práticos fundamentais para pensarmos o nosso objeto de pesquisa. Para tanto, este capítulo se desdobrará em duas partes. Na primeira, apresentaremos a temática migratória no cenário atual e, na segunda, discutiremos sobre a concepção de uma “cosmovisão migratória haitiana” e sua relação com o processo de migração desse contingente para o Brasil. O desenvolvimento dessas concepções será permeado pela análise da articulação entre o nosso objeto e as questões pontuadas.

### **1.1 O fenômeno migratório na atualidade: concepções gerais**

A esperança de uma vida melhor em outro lugar tem movido o “mundo” – as pessoas – a se deslocar. Essa busca é geralmente acompanhada de tragédias e sofrimentos, acentuados pela indiferença desencadeada pelo medo do desconhecido que as “massas de estranhos” supostamente representam (BAUMAN, 2016). Na relação entre medo e crise (migratória), encontram-se significativas tendências de rejeição àqueles que parecem “estranhos”, diferentes (BAGGIO *et al.*, 2016; BAUMAN, 2017, pp. 24 e 104; GONÇALVES, 2019, p. 196).

Não obstante, essa realidade das migrações na atualidade tem sido permeada por outras inúmeras problemáticas que precisam ser compreendidas à luz de estudos. Esse é um dos motivos pelos quais, dentro desse contexto multifacetado, complexo e abrangente, o principal foco dos estudos migratórios tem sido os problemas relacionados a esses processos, seguido de buscas por possibilidades de soluções (LUSSI, 2015, p. 113).

Entre tais problemáticas estão discussões sobre o deslocamento de pessoas e os territórios circulatorios em um cenário de ampla diversidade de fluxos, idas e vindas, multiespacialidades e outras situações que transcendem fronteiras. Portanto, as variedades em que se operam os processos migratórios internacionais na contemporaneidade têm lançado desafios para os estudos dessa temática. Nesse sentido, existe o reconhecimento de que “os novos espaços da migração em sua complexidade demandam a formulação e revisão de conceitos” (BAENINGER, 2015, pp. 27 e 28).

Sabemos que a “pesquisa é um lento processo de construção” que envolve um ato criativo, mas também um “trabalho árduo, sistemático e imaginativo” (DURAND, 2015, pp. 13 e 19). Tendo em vista esse pressuposto, entendemos que é importante apresentar sistematicamente, a partir do contexto mais geral em que se insere a migração na atualidade, elementos conceituais e práticos que possam nos ajudar a entender e analisar o nosso objeto.

### **1.1.1 O conceito de Migração**

Inicialmente, podemos afirmar que migrar envolve o deslocamento de pessoas entre lugares com uma determinada distância, comportando dimensões temporais e espaciais. A dimensão espacial compreende a distância entre o local de partida e o local de chegada. A dimensão temporal está relacionada à permanência do indivíduo no local de destino. Nesse sentido, “é preciso que o indivíduo resida no local de destino por um período minimamente estabelecido para que sua mudança seja qualificada como migração” (CAMPOS, 2017, p. 453). De modo geral, migrar se refere ao movimento de pessoas de um determinado lugar para outro; imigrar diz respeito à entrada; e emigrar, à saída (IMDH, 2015).

Além das questões que envolvem o deslocamento migratório em uma dinâmica entre a distância percorrida durante o processo e o tempo em que o migrante reside no lugar destinado, devemos considerar que esse processo se articula com outros aspectos. O ato de migrar se relaciona a questões sociais, econômicas, políticas e culturais em um ambiente que comporta transformações que acontecem tanto no local de partida quanto no local de chegada (BAENINGER, 2016, p. 17). Migrar envolve a “sociedade como um todo”, constituindo-se um “fato social completo” (SAYAD, 1998, pp. 15 e 16). Diante das problemáticas geradas por esse cenário e que se relacionam tanto com a sociedade que envia quanto com a que recebe o migrante, surgem pesquisas visando analisar macro e microprocessos (LUSSI, 2015, pp. 113 – 114).

### **1.1.2 Macro e microprocessos**

Pesquisas sobre a temática migratória podem abordar concepções que envolvem macroprocessos ou microprocessos. Em relação às pesquisas que visam

os macroprocessos, podemos destacar aquelas articuladas ao interesse por políticas migratórias e por concepções de estado-nação, cidadania, circulação de pessoas, serviços, capitais, bens e legislação. No campo dos microprocessos, encontram-se as pesquisas que se referem “às vivências dos sujeitos migrantes e das comunidades implicadas como educação, geração, identidade e temas afins como interculturalidade e diversidade” (LUSSE, 2015, pp. 113 – 114). Essa segunda premissa se volta para a compreensão do “comportamento dos atores, sejam estes os estados, ou os indivíduos e as respectivas comunidades étnicas, linguísticas ou culturais que os agregam ou às quais pertencem, mesmo sem agregar-se” (LUSSE, 2015, pp. 113 – 114).

A nossa pesquisa se inclui na segunda proposição (microprocessos) e busca analisar o papel exercido pelas comunidades evangélicas haitianas entre seus adeptos em contexto migratório no Brasil, um contexto permeado por expectativas que envolvem ou não a provisoriedade desse migrante no país.

### **1.1.3 Provisoriedade**

Vale pontuar que, entre as problemáticas que envolvem o fenômeno migratório, tanto no âmbito dos macroprocessos quanto dos microprocessos, estão presentes as contradições em relação à questão da provisoriedade ou não provisoriedade do migrante no lugar de destino. Em geral, nunca se sabe “se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro, mas que se gosta de viver com um intenso sentimento [de] provisoriedade”, como destaca Sayad (1998, pp. 45 – 46) ao fazer sua análise sobre a migração argelina para a França.

Podemos considerar que o processo migratório ora se apresenta “como provisório (de direito), com a condição de que este ‘provisório’ possa durar indefinidamente, ora como definitivo (de fato), com a condição de que esse ‘definitivo’ jamais seja enunciado como tal” (SAYAD, 1998, pp. 45 – 46). Essa oscilação entre o direito, “caráter eminentemente provisório”, e a situação duradoura que ocorre com frequência se impõe aos migrantes e à sociedade como uma “ilusão coletiva de um estado que não é provisório nem permanente” (SAYAD, 1998, pp. 45 – 46).

Nesse cenário, torna-se cada vez mais difícil “classificar as migrações como temporárias ou permanentes” (BAENINGER, 2015, p. 28). A esse fator, somam-se os desafios frente à definição dos lugares em que residem tais migrantes. Esses lugares são percebidos subjetivamente a partir da presença ou ausência de um sentimento de pertença, de apropriação espacial. Sendo assim, é preciso definir “a porção do espaço na qual os indivíduos realizam suas atividades” (BAENINGER, 2015, p. 28) sem deixar de considerar que esses espaços englobam, além do lugar de passagem e permanência, “todos os outros lugares com os quais o indivíduo se relaciona, mesmo de forma não presencial” (BAENINGER, 2015, p. 28).

Em relação ao nosso objeto de pesquisa, percebemos que a maioria dos haitianos do grupo pesquisado apresentam uma expressiva tendência de compreender a própria situação no Brasil como provisória. Sobre esse assunto, Cotinguiba e Cotinguiba (2014) destacam:

A fala de um jovem, em resposta a uma pergunta a um ouvinte em uma palestra, em Porto Velho (2014), reflete o que isso quer dizer e, também, o sentimento de muitos outros que nos revelaram a mesma coisa. “Você pretende ficar no Brasil? Pergunta. Resposta – “Bem, essa é uma pergunta difícil e, como nós haitianos dizemos, sèl Dye ki konen, isto é, só Deus que sabe. Meu objetivo era a Guiana Francesa, mas fiquei aqui no Brasil. Aqui estou e vou ficar até o dia que tiver trabalho e, quando não tiver, vou para onde tem, pode ser qualquer lugar”. (COTINGUIBA e COTINGUIBA, 2014, p. 71)

Mas apesar de a provisoriedade ser uma tendência para a maioria dos haitianos com os quais mantivemos contato, para alguns (a minoria), a permanência também era uma possibilidade esperada. Em relação a questão da existência ou não da expectativa de provisoriedade, a partir da pesquisa etnográfica foi possível observar:

- A existência do sentimento de provisoriedade, que na maioria dos casos se manifestava com mais ou menos intensidade de acordo com as circunstâncias. Se o contexto desses imigrantes fosse positivo, havia a ideia de deixar o Brasil, mas de maneira menos latente, ou seja, sem se manifestar com tanta propriedade. Nesse caso, a diferença se apresentava na intensidade do desejo de provisoriedade;
- A outra se refere à perspectiva de permanência por parte de uma minoria, mas que se dava principalmente porque possuíam menos recursos, eram

mais velhos, não tinham parentes em outros países fora do Haiti e já haviam se estabelecido no Brasil ou trazido parte da família para o país. Para estes, a possibilidade de sair do Brasil era vista como um grande risco, a melhor opção era permanecer em território brasileiro.

Assim, a situação econômica do país, a condição financeira em que esses imigrantes se encontravam e o grau de parentesco deles com haitianos residentes em países almeçados eram aspectos levados em consideração no que se refere à provisoriedade. Nas eleições presidenciais de 2018, também pudemos presenciar a preocupação por parte de alguns haitianos do grupo pesquisado temendo o que poderia ocorrer caso o deputado eleito (Jair Messias Bolsonaro) viesse sustentar uma política migratória que lhes causasse prejuízos<sup>3</sup>, fato que afluía ainda mais a expectativa de provisoriedade de alguns deles.

Nesse contexto, é relevante destacar que na maioria das vezes o sentimento de provisoriedade não estava relacionado ao desejo de retornar imediatamente ao país de origem. Alguns haitianos afirmavam não querer mais viver no Haiti, mas não descartavam o desejo de visitá-lo. Além disso, outros países eram cogitados como destinos que, no imaginário desses imigrantes, podiam oferecer condições de vida mais favoráveis. O desejo de retornar ao Haiti se apresentava em um patamar de expectativas aparentemente um pouco mais distantes, pois estes consideravam as dificuldades econômicas com as quais poderiam se deparar em seu país de origem.

Observamos também que, no caso de haitianos mais jovens que tinham parentes em outros países e que ainda não haviam constituído família no Brasil, ou ainda não tinham trazido parte da família para o país, o sentimento de provisoriedade era significativamente maior. Estes demonstravam o desejo de viver em países desenvolvidos, entre os quais a França era constantemente citada. O Canadá e os Estados Unidos (EUA) também surgiam em alguns comentários, todavia, com menos frequência.

Alguns imigrantes demonstravam resistência em relação aos EUA (pelo menos no momento em que a pesquisa estava sendo realizada) em decorrência das dificuldades para entrar e permanecer no país. Alguns deles tinham muitos parentes ou amigos nos EUA com os quais mantinham contato e dos quais recebiam

---

<sup>3</sup> Muitos haitianos evangélicos com os quais tivemos contato durante a pesquisa não concordavam com o apoio por parte de Igrejas evangélicas brasileiras ao candidato eleito, Jair Messias Bolsonaro.

informações constantemente. Já outros haviam passado pela experiência de tentar entrar nesse país de maneira indocumentada, tendo sido deportados para o Haiti. Estes mostravam com mais veemência a insegurança em relação ao país citado.

Apesar de muitos imigrantes manterem a expectativa de provisoriedade e das dificuldades enfrentadas no Brasil, a grande maioria deles enxergava esse país como um bom lugar para se residir. Os imigrantes diziam que, apesar de trabalharem bastante e ganharem um salário baixo, no Brasil havia a possibilidade de conseguirem a documentação para viver legalmente. O trabalho era citado por alguns como possível motivador para uma permanência mais longa. Assim, permeando as expectativas em torno da permanência ou da provisoriedade por parte desses imigrantes no Brasil, estava presente a relação com o mercado de trabalho disponível para esse contingente.

#### **1.1.4 Migração e trabalho**

Devido à importante relação que se estabelece entre migração e mercado de trabalho, este se tornou um princípio entendido como indispensável nos estudos migratórios. Todavia, é relevante destacar que, em decorrência das múltiplas faces da migração na atualidade, o trabalho não tem sido um aspecto central em grande parte das análises migratórias. Nesse sentido, precisamos considerar que, quando as regras estabelecidas não são eficazes, torna-se necessário buscar a peça perdida (DURAND, 2015, p. 15; DORNELAS, 2018, p. 121). É justamente a peça perdida ou a peça que se encaixa em cada processo migratório que tem sido buscada em diferentes análises.

Dessa forma, diferentemente dos processos intimamente relacionados à empregabilidade, as emigrações não acontecem mais apenas por causa do mercado de trabalho. Elas têm sido multifacetadas em suas razões, motivações e naturezas e, cabe lembrar, têm afetado o mundo todo (DORNELAS, 2018, p. 121; OLIVEIRA, 2016, p. 128). Contudo, pontuamos que, apesar da necessária descentralização da questão do trabalho em parte dos estudos dos processos migratórios atuais, este não deixou de ser relevante nesse debate. Mesmo no século XXI, a força de trabalho do migrante continua a ter um importante papel no cotidiano social (BAENINGER, 2016, p. 13). Além disso, a relação entre migração e trabalho, que ocorre devido a expressivas

tendências de precarização na grande maioria dos processos migratórios em massa, também se mantém persistente em fluxos atuais (VILLEN, 2016, p. 47).

Podemos considerar que muitos migrantes continuam sendo uma força de trabalho por vezes em circunstâncias de provisoriedade e trânsito, em uma relação de custo e benefício. Nessa relação, a sociedade receptora pode enxergar o custo como maior que o benefício. Desse modo, os migrantes se tornam importantes e, portanto, vantajosos, apenas enquanto suprem carências de trabalho. Como essas carências não são permanentes, ao considerar que o migrante não é mais necessário, a sociedade tende a descartá-lo (SAYAD, 1998, pp. 46, 50 e 54).

Ao pensarmos na situação dos imigrantes haitianos em relação ao mercado de trabalho no Brasil, devemos pontuar que muitos foram absorvidos por empregos formais em diferentes cargos. Oliveira e Ferraz (2018) destacam que a maior parte dos haitianos foi absorvida por postos de trabalho localizados na região Sul desse país – “a unidade da federação com maior número empregados com carteira de trabalho assinada e de nacionalidade haitiana é Santa Catarina” (OLIVEIRA e FERRAZ, 2018, p. 133). Embora o Sudeste tenha ficado em segundo lugar, mais de 10% dos postos de trabalho para esse contingente foram gerados no município de São Paulo, como também acrescentam Oliveira e Ferraz (2018):

Em relação à distribuição dos postos de trabalho pelo território brasileiro, observa-se que mais da metade (59,06%) está na região Sul. O Sudeste (25,29%) é a segunda região que mais contrata haitianos, seguida do Norte (8,03%), Centro-Oeste (7,36%) e Nordeste (0,27%). O Sul e Sudeste podem ser as regiões que mais contratam devido à maior atividade econômica destas regiões frente ao restante do país. Vale ressaltar que as unidades da federação com maior número de empregados com carteira de trabalho assinada e de nacionalidade haitiana são Santa Catarina (24,35%), Paraná (21,52%), São Paulo (20,59%), Rio Grande do Sul (13,18%) e Amazonas (4,24%). Contudo, quando se analisa a taxa média de crescimento entre 2011 e 2014, Rio Grande do Sul (530,67% a.a.) e Paraná (443,10% a.a.) foram os estados com maior crescimento. Interessante notar que, embora São Paulo seja o estado com maior participação no Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil, ele não lidera o ranking de contratações de mão de obra haitiana no período. Contudo, quando se analisa os municípios brasileiros em que houve os maiores números de contratações de haitianos, há destaque para a cidade de São Paulo, que representa 10,21% de todos os postos de trabalho gerados. (OLIVEIRA e FERRAZ, 2018, pp. 133 – 134)

Entre os anos de 2011 e 2014, verificamos que a construção civil foi o posto de trabalho que mais gerou empregabilidade para haitianos. Ocupações relacionadas ao abate de animais também foram relevantes, seguidas pela linha de produção e de alimentos, manutenção, demonstradores de loja e cozinheiros (OLIVEIRA e FERRAZ, 2018, p. 135).

A pesquisa de campo nos revelou que parte dos haitianos pertencentes ao grupo analisado trabalhavam formalmente na construção civil e com a faxina em clínicas médicas, hospitais, prédios residenciais e construtoras. Alguns trabalhavam informalmente com a venda de roupas, acessórios e cosméticos. Outros abriram o próprio negócio, como barbearia, perfumaria e alfaiataria. Diversas mulheres haitianas, viam como opção de trabalho informal a venda de seus produtos no bairro do Brás (na maioria das vezes, roupas).

A oportunidade desse tipo de trabalho no Brás era indicada por alguns desses imigrantes como um dos diferenciais de morar em São Paulo, pois haveria a possibilidade de recorrer a esse “recurso” se estivessem desempregados. Além disso, esse tipo de trabalho não é muito diferente daquele exercido por algumas mulheres haitianas em seu país de origem.

As questões relacionadas ao trabalho e à migração haitiana suscitam importantes debates, entre os quais aqueles expostos acima. Contudo, tais questões ganham ênfase em algumas pesquisas sobre esse contingente como um dos principais motivos impulsionadores desse deslocamento migratório (BARTEL, 2016). Essas pesquisas enfatizam que haitianos “mencionam terem vindo ao Brasil em busca de trabalho” (BARTEL, 2016, p. 1.022). Porém, como várias outras motivações teriam desencadeado essa imigração para o Brasil (COTINGUIBA, 2014), percebemos a necessidade de buscar aportes teóricos para compreender melhor esse aspecto. Por essa razão, escolhemos caminhos que nos levassem a concepções mais gerais sobre possíveis motivações migratórias na atualidade que, conseqüentemente, nos possibilitassem refletir na migração haitiana.

### **1.1.5 Motivações migratórias**

Mesmo diante das restrições impostas por políticas migratórias, leis de imigração e aquisição de nacionalidade presentes em vários países, as migrações

internacionais estão crescendo cada vez mais (LUSSI, 2015, pp. 43 – 44). Segundo dados apresentados pela Organização Internacional para as Migrações (OIM), no ano de 2017 o número de imigrantes no mundo chegou a 258 milhões. Os dados indicaram que, em comparação com ano de 2010, o número de imigrantes aumentou em 85 milhões. Essa fonte apontou também que, no mesmo ano (2017), pelo menos 760 milhões de pessoas estavam inseridas em processos de migrações internas<sup>4</sup>. No ano de 2019, o número de imigrantes no mundo alcançou 271,6 milhões<sup>5</sup>.

Inúmeras problemáticas têm sido discutidas a partir desse contexto, entre as quais estão possíveis motivações e algumas generalizações. Primeiramente, cabe destacar que a “migração em massa não é de forma alguma um fenômeno recente. Ela tem acompanhado a era moderna desde os seus primórdios (embora com frequência mudando e por vezes revertendo a direção)” (BAUMAN, 2017, p. 9). Em segundo lugar, ressaltamos que cada processo migratório em massa tem suas particularidades, e por isso as motivações migratórias não podem ser generalizadas.

De acordo com Sassen (2010, p. 115), existem muitas especulações em torno das motivações das migrações em massa que indicam a relação destas com a pobreza. No entanto, apenas a pobreza, que é comumente indicada como causa central, não justifica esse tipo de emigração. A autora também alega que é possível verificar que existem diversos países com alto índice de pobreza e baixo índice de emigração<sup>6</sup>. Assim, as migrações em massa são fruto de uma escolha produzida socialmente (ainda que questões individuais estejam presentes), em um contexto no qual as motivações são desencadeadas por inúmeros fatores. Por isso, estas são diversas e se apresentam com especificidades decorrentes de cada processo (SASSEN, 2010, p. 115).

Como discorre Oliveira (2016, p. 128), “os fatores que provocam a migração, os atenuantes, a própria condição da mobilidade humana” são um fenômeno antigo. No entanto, para compreender diferentes migrações é importante entender suas especificidades. Nesse sentido destacamos que a problemática não pode se concentrar apenas nas questões econômicas: racionalizar esse processo é muito mais

---

<sup>4</sup> Informações divulgadas pela OIM. Disponível em: <http://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento/download/a685d878-5312-4ff2-8f4e-8464322da0f6>> Acesso em: 29/08/2019.

<sup>5</sup> Informações obtidas em: [https://migrationdataportal.org/?i=stock\\_abs](https://migrationdataportal.org/?i=stock_abs). Acesso em 08/07/2020.

<sup>6</sup> Apesar de Sassen (2010, p. 115) destacar a existência de diversos países com alto índice de pobreza e baixo índice de emigração, não menciona os seus respectivos nomes.

complexo que isso (SASSEN, 2010, p. 115). Nesse contexto, é preciso apontar que o modo de vida globalizado tem proporcionado motivações para que as pessoas migrem cada vez mais para diferentes lugares e por diversos motivos (LUSI, 2015, p. 46). Com isso, não queremos dizer que a imigração é fruto da globalização. Afirmar essa premissa pode ser problemático, pois migrar é um fenômeno antigo, que já ocorria muito antes do contexto globalizado que vivenciamos na atualidade. Essa percepção seria resultado de “uma suposição a que chega não por meio do conhecimento sobre a questão da imigração, mas por projetar sobre a migração noções padronizadas da globalização” (SASSEN, 2010, p. 113).

Assim, torna-se importante entender como as migrações internacionais atuais se moldam ou não a partir da globalização, se são influenciadas ou não por ela e em quais condições essas duas realidades estão relacionadas, para tratar em que medida o diálogo entre migração e globalização acontece (SASSEN, 2010, p. 113). Contudo, torna-se relevante destacar que os efeitos causados pela globalização têm criado imaginários que no passado não existiam. Nesse sentido, esta tem modificado e motivado o processo de migrar (BAENINGER, 2016, pp. 15 e 33).

Nesse aspecto, as evidências empíricas relacionadas às migrações internacionais demonstram o quanto estas estão cada vez mais complexas e heterogêneas (BAENINGER, 2016, pp. 15 e 33). No caso dos imigrantes haitianos, muitas foram as motivações para que o fluxo de imigração deles acontecesse em direção ao Brasil. Entre elas podemos destacar não apenas o desastre natural ocorrido no país em janeiro de 2010, mas outras questões relacionadas as crises políticas, econômicas e sociais no Haiti; a própria história desse povo, marcada por deslocamentos migratórios internacionais; a visibilidade do Brasil, em expansiva ascensão econômica na época (COTINGUIBA, 2014, p. 86; MARCELINO, 2016, p. 46); A crise econômica internacional de 2007 - 2008 que atingiu alguns países que “acolham” haitianos, alterando significativamente suas condições de trabalho e de vida, desencadeando a diminuição das remessas enviadas para o Haiti por haitianos no exterior; entre outras (MAGALHÃES, 2017, pp. 75 - 94).

No entanto, para entender a imigração desse contingente para o Brasil, foi preciso desvendar alguns detalhes relacionados ao cenário apresentado. Por isso, ao tentarmos compreender melhor o nosso objeto dentro desse complexo contexto que envolve imigrações em um mundo globalizado, buscamos um conceito que nos auxiliasse e encontramos o transnacionalismo.

### 1.1.6 Transnacionalismo

As migrações internacionais têm despertado a atenção do mundo, pois além de estarem acontecendo com frequência e rapidez, elas têm alterado comportamentos étnicos e ocasionado impactos em diferentes campos da sociedade, como economia, política, cultura, religião, entre outros (BAENINGER, 2016, p. 13). Com os sistemas globais, a maneira de comunicação e interação entre migrantes mudou. As redes foram ampliadas e novos fluxos migratórios foram influenciados (SASSEN, 2010, pp. 113 e 116). Esse é um modelo no qual as relações com o país originário são mantidas por meio das novas tecnologias, que com suas inovações têm cada vez mais acelerado os meios de comunicação e de transporte, além de permitir ampla conectividade entre pessoas de diferentes lugares (RESSTEL, 2015, p. 54).

Essas interconexões, o acesso fácil à internet e a transmissão das imagens em tempo real para qualquer lugar do mundo têm possibilitado a participação do imigrante na vida familiar, social e até nos seus negócios fora do país de destino. A velocidade das comunicações e o tempo estão juntamente arraigados, promovendo o desaparecimento da distância geográfica, ultrapassando as nacionalidades e construindo várias e novas formas de espaços sociais. O vínculo estabelecido pelos imigrantes é de extrema importância para o funcionamento das redes sociais na atualidade e produz uma série de efeitos globais. (RESSTEL, 2015, pp. 54 – 55)

Os fluxos migratórios passaram a ser compreendidos como uma realidade que abrange “além dos deslocamentos entre um país de origem e um de destino [variadas] formas de comunicação, circulação, relação e gestão de bens, serviços e informações em nível transnacional, incluindo outros países” (LUSSI, 2015, pp. 46 – 47). De acordo com Parella e Cavalcanti (2017) essas práticas que envolvem processos migratórios não são novas, mas a construção e a reconstrução da vida desse contingente, articulando-se simultaneamente em diferentes sociedades, têm promovido novas experiências, campos e relações. A manutenção das relações sociais com parentes e amigos em seus países de origem é levada em consideração, bem como o efeito da tecnologia nessas conexões, o caráter qualitativo dos tipos de vínculos estabelecidos, a intensidade e as implicações no “antes” e no “depois” desses processos. Todo esse cenário opera dentro do que denominamos de transnacionalismo (PARELLA e CAVALCANTI, 2017, pp. 709 – 710).

Nem todo imigrante está em um contexto prático social transnacional. Na verdade, aqueles que encarnam características transnacionais ainda são poucos em relação ao número total de imigrantes no mundo atualmente. Mas entre aqueles que se enquadram nesse modelo, a operacionalização do transnacionalismo pode ser percebida nas diferentes relações estabelecidas com familiares, religião, cultura, entre outros, afetando de alguma forma tanto aqueles que migram quanto os que não migram (LUSSI, 2015, p. 54; PARELLA, CAVALCANTI, 2017, p. 711).

Lussi (2015) destaca que estudar a mobilidade humana a partir do transnacionalismo permite visualizar o processo migratório e o seu desenvolvimento. A interpretação dos circuitos migratórios e a produção diversificada de informações e bens pelos migrantes também são apreendidas nesse contexto. Além disso, as “estratégias transnacionais dos migrantes transformam suas relações familiares e comunitárias” (LUSSI, 2015, pp. 50 – 51).

Essa transformação ocorre por vias diretas ou por efeitos relacionados às ações desses indivíduos, mas também pelo próprio poder exercido por estes sobre a realidade vivenciada no local de origem ou em qualquer outro lugar onde mantêm suas relações transnacionais. Esse processo repercute na economia, na cultura e na política dos países envolvidos (LUSSI, 2015, pp. 50 – 51).

Portanto, as estratégias transnacionais nascem do cotidiano dos migrantes. Tais aspectos orientam e modulam o modo de vida dos indivíduos ou dos grupos que fazem parte desse contexto de maneira prática, mas também daqueles que, de alguma forma, participam dessa trajetória, ainda que não tenham passado pelo deslocamento migratório (LUSSI, 2015, pp. 50 – 51).

Assim, entendemos que, ao permitir um estudo interpretativo dos circuitos migratórios de maneira variada, o transnacionalismo se torna um instrumento relevante, oferecendo-nos suporte para compreender melhor o nosso objeto de pesquisa. Nesse contexto, inserem-se os debates sobre as atuais redes sociais migratórias, que podem elucidar melhor nosso entendimento sobre os laços entre haitianos evangélicos, contemplados pelo nosso trabalho.

### 1.1.7 Redes

Para compreender as migrações internacionais, tanto individuais quanto coletivas, é necessário conhecer as redes sociais instituídas nesse cenário (SOARES, 2017, pp. 612 – 614), pois os recentes processos migratórios internacionais parecem ter como pano de fundo a gestão de redes sociais (BAENINGER, 2015, p. 32). De maneira geral, o termo “redes sociais” se refere a interações cotidianas que articulam diferentes pessoas e comunidades (FUSCO e REZENDE, 2017, pp. 615 – 616).

Em processos migratórios, as redes sociais indicam formas de relações que se estabelecem interpessoalmente entre migrantes, não migrantes e até mesmo antigos migrantes, tanto nos locais de destino quanto nos de origem. Essas redes são extensões de outras, envolvem parentes e amigos que compartilham interesses ou necessidades comuns migratórias e se constituem como um capital social privilegiado (LUSSI, 2015, pp. 101 – 102).

Considerando a natureza dessas redes, elas se inserem em um espaço social de ampla conectividade, em um ambiente onde o interesse pelo sucesso do migrante é gerido por meio de diferentes formas de apoio. Quando o migrante chega ao seu destino e alcança sucesso, torna-se um potencial positivo que acaba oferecendo apoio aos demais membros da rede (BARBOSA e DADALTO, 2018, pp. 210 – 211).

Como as redes também geram espaços sociais nos países de destino, as estruturas estabelecidas por elas pretendem alcançar alguns objetivos. Além da conexão entre origem e destino, tais estruturas visam proporcionar, por meio de vínculos constituídos com a sociedade receptora, funções estratégicas como associações étnicas, matrimoniais, residências, entre outras (BAENINGER, 2013, pp. 29 – 31). Assim, o capital social construído pelas redes facilita e favorece outras formas de capital: fortalece relações sociais, possibilita informações sobre emprego e promove acessos. Entre estes, estão os relacionamentos com não migrantes e diferentes instituições no contexto de destino que também passam a atuar como redes sociais (LUSSI, 2015, p. 102).

A essas questões somam-se os recursos oferecidos, que podem diminuir os custos do processo migratório, pois as redes proporcionam diversos benefícios para os seus membros, tornando-se grandes facilitadoras dos deslocamentos. Caso o migrante perca o acesso estabelecido com a rede, ele pode ter muitos prejuízos. Portanto, para reforçar e garantir a durabilidade da rede e não perder o contato com

ela, estruturam-se as conexões e algumas funções são definidas. Entre essas funções podemos citar as obrigações de apoiar novos migrantes no lugar de destino e enviar remessas de cunho econômico para parentes que permaneceram no lugar de origem (BARBOSA e DADALTO, 2018, pp. 211 – 212).

Sendo assim, as redes desempenham um papel extremamente relevante nos fluxos migratórios, desenvolvendo uma função que supera a conexão entre os migrantes e seus familiares. Em outras palavras, os sistemas constituídos por tais redes proporcionam a informação e a comunicação, assim como a organização e a regulação do processo migratório em diferentes contextos, gerenciando migrações no mundo todo. Os migrantes que dependem das redes sociais – em sua maioria, da classe trabalhadora – se deslocam por meio delas para lugares onde podem encontrar algum “conhecido” ou parente, em um processo que pode reduzir as chances de fracasso dos migrantes (BARBOSA e DADALTO, 2018, pp. 210 – 211).

Essas relações em redes que envolvem parentes, amigos, instituições, entre outros possibilitam um processo migratório mais palpável, como pontua Soares (2017, pp. 612 – 614). Os laços estabelecidos nesse processo podem envolver também “membros de uma mesma religião, língua, etnicidade, ou grupo nacional” (FUSCO e REZENDE, 2017, pp. 615 – 616). No entanto, tais laços podem ser fortes ou fracos. O que define um laço como forte ou fraco é o vigor da conexão existente, a duração do relacionamento, a intimidade e a troca de favores (FUSCO e REZENDE, 2017, pp. 615 – 616).

Devemos considerar também que, na busca por laços e estruturas sociais por meio das quais outros benefícios e formas de apoio possam ser alcançados, as redes anteriormente estabelecidas podem ser frequentemente substituídas. Assim, em decorrência das próprias dinâmicas relacionadas à inserção no país destinado, muitos laços acabam se desfazendo, e as ligações em rede se tornam dinâmicas e frágeis (PEIXOTO, 2017, pp. 130 – 131).

Por outro lado, uma vez que as redes estabelecidas facilitam a execução do projeto de migrar e promovem a adaptação ao país de destino, elas se tornam meios para que a imigração de fato aconteça, seja mantida e expandida (FUSCO e REZENDE, 2017, pp. 616 – 617; SOARES, 2017, pp. 612 – 614). Contudo, é importante destacar que apesar de a operação das redes acontecer muitas vezes em favor do interesse do grupo e trazer benefícios para o migrante, existem situações em

que este pode se tornar vítima de interesses externos e enfrentar muitos desafios em decorrência disso (BARBOSA e DADALTO, 2018, pp. 211 – 212).

O poder de comunicação dessas redes possibilita o gerenciamento de seus membros e de seus movimentos por aqueles que sabem como, quando e onde a migração acontece. Visando benefícios econômicos, os membros mais influentes de algumas dessas redes podem atuar de maneira ilegal, colocando em risco a vida de muitos ao oferecer e promover deslocamentos por trajetos extremamente perigosos. Tais membros também podem atuar como intermediários de situações relacionadas a outras formas de abusos, como ofertas de trabalhos precários no lugar de destino, maus tratos, entre outras. Essas questões podem suscitar tensões entre estes e aqueles que buscam a segurança dos migrantes (BARBOSA e DADALTO, 2018, pp. 211 – 214).

Não é papel deste trabalho se aprofundar nas últimas questões levantadas, as quais entendemos como redes abusivas. Entretanto, julgamos relevante destacá-las em decorrência do nosso contexto pesquisado. Muitos dos imigrantes haitianos chegaram ao Brasil por meio de percursos gerenciados por “coiotes”, foram submetidos a exploração econômica, cárcere privado e até estupro, no caso de algumas mulheres (PARISE, 2016, p. 59).

Fernández (2015) expõe quem são considerados ou conhecidos como coiotes: pessoas ou grupos que se especializam em guiar imigrantes indocumentados para o cruzamento clandestino de uma fronteira em troca de lucros econômicos. Esse tipo de tráfico se tornou uma atividade econômica que tem fomentado o movimento de grandes quantidades de dinheiro. Fernández (2015) afirma também que existem pelo menos três tipos de coiotes:

- 1) Com experiência migratória, atuando em organizações constituídas por conhecidos. São coiotes locais, que atuam como uma espécie de guias comunitários. Sua função é realizar o traslado fronteiriço de grupos menores de migrantes indocumentados;

- 2) Independentes, que auxiliam migrantes que não contam com o auxílio do guia comunitário nem de organizações mais sofisticadas;

- 3) Altamente especializados, que dispõem de ampla estrutura em relação à divisão de trabalho. Entre eles estão incluídos viajantes, guias, acompanhantes, cobradores e recrutadores. Na maioria dos casos, tais coiotes dispõem de alojamento

e transporte que muitas vezes têm o respaldo de autoridades locais, estaduais e até federais.

A diferença estabelecida entre esses coíotes e os traficantes de pessoas estaria relacionada aos meios, à “segurança” e ao custo a ser pago pela viagem. Em geral, os coíotes locais proporcionam maior “segurança” e são menos onerosos, apesar de não garantirem sucesso na travessia logo na primeira tentativa. Por outro lado, os coíotes bem organizados cobram altos custos pela travessia e colocam os migrantes em situação de estafa, maus tratos e outras humilhações. Além disso, estes não garantem a chegada ao destino, podendo abandonar o migrante no meio do caminho, lançando-o à própria sorte (FERNÁNDEZ, 2015).

De maneira geral, concluímos que entender o papel que as redes exercem nos processos migratórios é extremamente importante, e podem ser compreendidas, ainda que parcialmente, por meio dos grupos de migrantes que se organizam no país de destino. Isso se mostra um aspecto relevante para pensarmos nas comunidades de imigrantes e em nosso próprio objeto de pesquisa.

### **1.1.8 Comunidades**

As migrações concentradas em um determinado período e com grandes volumes produzem fortes relações comunitárias. A maneira como as comunidades se constroem pode ser imprecisa, mas ao considerarmos que contextos específicos oferecem ilustrações relevantes para análises mais gerais, é possível propormos algumas afirmações. Devido à dificuldade inicial de se estabelecer no lugar destinado, muitos imigrantes sustentam durante algum tempo a possibilidade de retornar ao país de origem ou de se deslocar para outro país. Porém, na maioria das vezes, eles estabelecem relacionamentos em comunidade, reconstruindo uma identidade coletiva (PEIXOTO, 2017, pp. 130 – 134).

Não podemos generalizar os modos de integração de migrantes aos países de destino nem as formas de relações estabelecidas nas comunidades migrantes em decorrência das dinâmicas e das características diversas desses grupos. No entanto, o sentimento de comunidade produzido pelo estreitamento de relações sociais na sociedade que recebe o imigrante desencadeia laços comunitários e reforça vínculos

étnicos, desenvolvendo mecanismos de solidariedade (PEIXOTO, 2017, pp. 130 – 134).

Essas relações dependem bastante do contexto onde estão inseridas e envolvem mercado de trabalho, moradia e políticas imigratórias. Cabe ressaltar que os espaços físicos povoados pelos imigrantes são delimitados por uma proximidade espacial que colabora para o reforço dos laços sociais e o desenvolvimento do sentimento de pertença. O apoio mútuo dentro dessas comunidades pode desencadear ações, como a ajuda financeira, a obtenção de moradia, o recrutamento para o trabalho, entre outras, o que pode resultar em melhores condições de integração dos imigrantes ao novo contexto social (PEIXOTO, 2017, pp. 130 – 135).

Por outro lado, essa mesma comunidade pode favorecer o isolamento em relação à sociedade mais ampla. Quanto mais os imigrantes forem desfavorecidos no mercado de trabalho, tiverem menor acesso à mobilidade social e sofrerem restrição de acolhimento político, maior será a concentração desses grupos em espaços residenciais comuns, a identificação com a cultura de origem e o isolamento na própria comunidade. Dessa forma, os mecanismos de recepção da sociedade de acolhimento interferem no modo de integração dos imigrantes. Assim, o condicionamento estrutural desses grupos depende consideravelmente do tipo da recepção que lhes é oferecida (PEIXOTO, 2017, pp. 130 – 135).

Nesse sentido, podemos citar, de acordo com Peixoto (2017), pelo menos três desses mecanismos sociais:

- a) As lógicas de recrutamento para o trabalho, que dispõem o migrante ou imigrante em determinadas posições dentro do mercado;
- b) A escolha pelo lugar de moradia, dependente de mecanismos sociais relacionados a vizinhança, que pressionam tais grupos a escolher determinados locais de residência;
- c) A referenciação simbólica relacionada a esse migrante ou imigrante desenvolvida no país que o acolhe, que pode produzir diferentes formas de racismo, condicionando esses grupos ao isolamento e resultando na construção de identidades coletivas comuns, pautadas na cultura deles.

No que se refere à construção de identidades coletivas entre migrantes, tudo se joga entre a (re)construção de uma identidade comum, baseada na língua, na nacionalidade ou em vários atributos simbólicos – cujos fundamentos têm mais a ver

com o novo contexto de inserção do que com as supostas raízes ancestrais –, e a diluição em identidades mais híbridas. A demarcação de um grupo étnico, quando ocorre, apela ao estreitamento dos laços sociais e ao reforço de uma identidade comum, com o enraizamento de um sentimento de “comunidade”. (PEIXOTO, 2017, p. 132)

As identidades e as ações coletivas desenvolvidas nas comunidades de migrantes são bastante diversas, mas quanto menos os imigrantes forem acolhidos na sociedade de destino e integrados a ela, maior será o desenvolvimento de comportamentos étnicos e o isolamento em seus próprios grupos (PEIXOTO, 2017, pp. 133 – 134). Grupos étnicos podem ser definidos como conjuntos de pessoas de uma mesma etnia, e tem como um de seus pressupostos a interação entre os seus membros (SILVA e SILVA, 2009, p. 26).

A tendência dos imigrantes se fecharem em torno de si mesmos e de haver celebrações identitárias em grupos étnicos acaba levando a maioria das comunidades de migrantes a organizarem eventos pautados em uma reconstrução de identidades com referência simbólica à sua cultura, ainda que, em muitos casos, essa referência se apoie em algo que já deixou de existir em seu país de origem (PEIXOTO, 2017, pp. 133 – 134).

Esse contexto nos leva a refletir sobre a dicotomia que envolve a ruptura social intencionada por meio do processo de migrar. A escolha pelo deslocamento migratório manifesta a pretensão de deixar as próprias referências tradicionais para buscar novos paradigmas (PEIXOTO, 2017). É um “movimento de busca da diversidade”, como um desejo de “tornar-se outro” (ROSA *et al.*, 2009). Por outro lado, na prática migratória, as memórias culturais acompanham o migrante e são mantidas como referência muito tempo depois de eles terem partido. Perante o isolamento, estes passam a reconstruir “com grande precisão, as comunidades de origem no país de destino” (PEIXOTO, 2017, pp. 130 – 135).

Nesse contexto, a religião pode se fazer presente nessas comunidades como aspecto cultural (SAYAD, 1998, p. 15). Para muitos imigrantes, ela representa algo extremamente significativo, constituindo parte do cotidiano. As crenças e as práticas religiosas que acompanham essas pessoas afetam diretamente o contexto migratório de que participam. Apesar de alguns vivenciarem seus rituais de fé por meio de ligações com objetos religiosos, constituindo a própria residência como um pequeno templo de caráter individual, é muito comum o surgimento de espaços/comunidades

étnico-religiosas interligadas a fluxos migratórios (SHERINGHAM, 2017, pp. 626 – 629).

Tais comunidades oferecem oportunidades para o imigrante exercer suas práticas religiosas, mas também se apresentam como apoio a necessidades financeiras, psicológicas e sociais que surgem em decorrência das demandas envolvidas no processo de migrar. Ao se constituírem como espaços de contribuição para a integração e a adaptação dos imigrantes ao novo contexto social, essas comunidades estabelecem um ambiente de esperança e confiança, além de suscitarem sentimento de pertença. Por outro lado, elas podem requerer contribuições financeiras de seus membros e exigir que estes cumpram algumas práticas estabelecidas pelo grupo (SHERINGHAM, 2017, pp. 626 – 629).

### **1.1.9 Comunidades e redes haitianas**

Ao analisarmos o contexto das comunidades evangélicas haitianas a partir da pesquisa etnográfica realizada, observamos que as relações coletivas estabelecidas por esses grupos eram fortes, o que lhes permitia criar “espaços” como extensões de redes migratórias aparentemente bem-sucedidas. O sentimento comunitário estabelecido, os estreitamentos das relações e os laços comunitários que reforçam vínculos étnicos e mecanismos de solidariedade (aspectos necessários para a manutenção do grupo) buscavam mais do que a construção e a reconstrução de uma identidade coletiva. Estes visavam a integração ao país de destino e o alcance de objetivos migratórios comuns, ainda que em partes.

Devemos destacar que as relações estabelecidas entre eles podem depender do contexto particular de cada comunidade, e que não é destituída de discórdias. De maneira geral, percebemos o envolvimento de questões que se articulam às necessidades cotidianas e migratórias desse contingente. Estas incluem desde a moradia até a operacionalização para migração de alguns de seus adeptos, a chegada de familiares, entre outras.

Também como consequência da precariedade do mercado de trabalho, que resulta em baixos salários para a grande maioria dos imigrantes haitianos de Guaianases, estes dividiam a locação de seus imóveis, concentrando-se em habitações que ocupavam o mesmo espaço. Esse fato aumentava a proximidade

entre os imigrantes e reforçava laços sociais que fortaleciam sentimentos de pertença ao grupo.

Em relação às ações de apoio entre os adeptos desses grupos comunitários, observamos a existência de contribuições financeiras em favor de melhorias da comunidade ou do auxílio particular para alguns membros, de acordo com as necessidades que se apresentavam. Entre estas, além de moradia, alimentação, vestimenta, ajuda na busca de emprego, casamentos e outras. Mas havia também momentos de “solidão” e crise, articulados a questões emocionais e afetivas, além de problemas físicos de saúde, acidentes e perda de familiares, amigos e parentes em países distantes.

Apontamos que a comunidade buscava fazer parcerias, como por exemplo, com Igrejas evangélicas brasileiras, mas como a tentativa de cuidar do próprio grupo visando sua segurança, se apresentava relevante entre eles, qualquer aproximação por parte de brasileiros poderia ser vista com alguma desconfiança. Assim, apesar da busca por um relacionamento com brasileiros, a situação era analisada cuidadosamente quando esta não vinha da parte do imigrante. Por isso, na maioria das vezes, a busca por essa articulação partia do próprio haitiano, e apesar desse esforço exercido pela comunidade em favor da integração de seus adeptos à nova realidade social, acontecia um certo isolamento destes em relação à sociedade mais ampla, ocasionando, o fechamento do grupo em suas próprias comunidades étnicas.

Entendemos que os espaços físicos e sociais proporcionados pelas comunidades haitianas, ao oferecerem apoio para os seus adeptos que chegavam ou chegariam no Brasil, podem ser compreendidos como extensões de rede migratória. Além de promoverem informações e contato entre pares, esses espaços se tornam meios pelos quais a busca de vínculos possibilitam novas conexões e associações, como relações étnicas, residenciais, empregatícias, matrimoniais etc.

Observamos também que as concepções religiosas presentes nos grupos pesquisados (comunidades haitianas evangélicas) facilitavam as relações que buscavam com as comunidades evangélicas brasileiras, que em muitos casos eram essenciais para a criação dos espaços físicos anteriormente mencionados. Além desse aspecto, as concepções religiosas eram relevantes para as formas de pensar e de agir dessas comunidades. As práticas religiosas se manifestavam como um componente motivacional e fortalecedor de ações comportamentais que constituíam o cotidiano de tais comunidades, afetando diretamente a vida de seus integrantes e

os contextos dos quais faziam parte. Discorreremos mais sobre essa abordagem em nossas análises.

De modo geral, podemos considerar que a comunidade evangélica haitiana era um espaço físico e social de conectividade, mas acima de tudo uma extensão natural de rede migratória, formada por interlocuções físicas e virtuais (oriundas da conectividade social virtual), visando oferecer suporte ao imigrante no país de destino. Além de fornecer informações aos adeptos imigrantes, o que é uma característica própria de redes, a comunidade promovia também a mediação de processos migratórios envolvendo seus membros (assunto a ser abordado com mais especificidade posteriormente neste trabalho).

Todos os elementos apresentados até este momento constituem uma base conceitual e prática que nos oferece estrutura para posicionar nosso objeto de pesquisa, bem como para prosseguirmos em direção à nossa análise central. Porém, há outro aspecto relevante para esse contexto. A partir da experiência com a comunidade evangélica haitiana em pesquisa de campo, deparamo-nos com um fator importante que nos levou a pensar em duas premissas correlacionadas: 1) uma “cosmovisão migratória haitiana”, que tem como base o seu próprio processo histórico e cultural; e 2) as possíveis relações do grupo analisado com essa “forma de ver o mundo” e suas concepções religiosas, considerando o contexto de imigração para o Brasil.

## **1.2 Elementos para concepção de uma cosmovisão migratória haitiana**

Entendemos que conhecer a história e a cultura do Haiti pode nos ajudar a desvendar muitas questões que envolvem as lutas e as conquistas desse povo. Esse conhecimento também nos auxilia a compreender uma suposta cosmovisão migratória haitiana que se articula com a imigração desse contingente para o Brasil, aspecto relevante para nossos interesses.

Segundo Costa (2016, p. 8), é necessário se aprofundar nas questões históricas, econômicas, sociopolíticas e ambientais geográficas do Haiti para compreender melhor os haitianos. Além disso, Cotinguiba e Pimentel (2013) alegam que a imigração haitiana para o Brasil diz respeito a “um acontecimento em que as respostas são múltiplas e estão diretamente relacionadas com o processo histórico de

formação da sociedade haitiana nas perspectivas da cultura, da economia, da política interna e externa” (COTINGUIBA e PIMENTEL, 2013, p. 25). Já Sassen (2010) pontua que "os indivíduos podem vivenciar sua migração como resultado de uma decisão pessoal, mas em migrações de grande escala a opção de migrar é produzida socialmente” (SASSEN, 2010, p. 115). Por meio de tais pressupostos, refletimos sobre uma possível cosmovisão migratória haitiana.

### 1.2.1 Matizes de fundo histórico

A ilha denominada Haiti, antiga colônia francesa, é um país da América Central que se tornou a primeira república negra do mundo em 1804, formada por ex-escravos<sup>7</sup>. Esse país está localizado na parte oeste da ilha *Hispaniola* e ocupa 27.750 km<sup>2</sup> desse território. As línguas oficiais são o francês e o crioulo, mas a maioria da população (pobre e, por isso, menos favorecida) tem menos domínio da língua francesa. Com mais de 10,5 milhões de pessoas (2017), o Haiti mantém mais da metade de sua população abaixo da linha da pobreza e em estado de subnutrição<sup>8</sup>. Pelo menos 95% são negros e o restante, mulatos e brancos.

A economia desse país tem como base a agricultura, mas como a mão de obra qualificada é escassa, ele sofre com altas taxas de desemprego, além do subemprego. Mais de dois terços da população se ocupa de empregos informais e o “índice de analfabetismo é de 47,1%” (TÉLÉMAQUE, 2012, p. 6). A maior parte da educação é oferecida pela rede privada, com altos custos financeiros. A religião articulada à história desse povo é o vodu. Por alguns dos motivos apresentados, o país tem sido reconhecido como o mais pobre do ocidente.

Ao traçar uma linha histórica sobre o Haiti, iniciando pela conquista dele por parte da Espanha em 1492, destacamos alguns acontecimentos relevantes que deixaram suas marcas. A ilha onde o Haiti está localizado antes era chamada de *Bohio* ou *Quisqueya*, que significa “terra montanhosa”, ocupada pela tribo indígena denominada de *Tainos*. A população era constituída por cerca de 1,2 milhões de

---

<sup>7</sup> FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. "O Terremoto no Haiti". Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/o-terremoto-no-haiti.htm>. Acesso em 29/06/2020. Acesso em: 21/10/2019.

<sup>8</sup> FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. "O Terremoto no Haiti". Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/o-terremoto-no-haiti.htm>. Acesso em: 21/10/2019.

habitantes, que viviam principalmente da plantação de mandioca, caça e pesca. Após ser conquistada pela Espanha, a ilha passou a ser chamada de *Hispaniola* (JOSEPH, 2014, p. 11; PIERRE, 2009, p. 22).

Com o extermínio dos *Tainos*, principalmente por doenças trazidas à ilha por espanhóis, por volta de 1503 os colonizadores passaram a substituí-los por escravos. No início, esses escravos eram homens condenados, prisioneiros de guerra, mas depois começaram a escravizar homens negros. A partir de 1606, a prioridade dos espanhóis era manter as terras conquistadas por meio da sustentação militar. Porém, em 1629, ingleses e franceses se instalaram no norte da ilha e, aos poucos, os franceses conquistaram o local. Após grandes disputas com os espanhóis, a ilha foi dividida. Em 1697, a França recebeu o direito legal pela parte ocidental daquele território, que a princípio foi denominado de São Domingos (PIERRE, 2014, p. 23; JOSEPH, 2014, p. 11).

“Em pouco tempo São Domingos tornou-se a pérola da coroa francesa. No século XVIII, São Domingos foi a mais próspera colônia francesa na América, graças à exportação de açúcar, cacau e café” (PIERRE, 2009, p. 24). Na ocasião, escravos brancos também foram levados para a colônia, mas estes eram libertados após alguns anos. Em 1789, os escravos negros que trabalhavam em plantações de café e usinas de açúcar somavam mais de 700 mil. Os ideais proclamados inicialmente pela revolução francesa (liberdade, igualdade e fraternidade) se fizeram presentes no lugar, provocando um desejo de liberdade na colônia (PIERRE, 2009, p. 24).

Os grandes fazendeiros, denominados de *Grands Blancs*, passaram almejar a independência da ilha, e os negros, por outro lado, desejavam que fossem livres da escravidão (PIERRE, 2009, p. 24). Os mais de 700 mil escravos tinham força suficiente para, em 1791, iniciarem um movimento denominado de *marronage* (fuga para as montanhas), que desencadeou o término da escravidão em 1794, confirmada por uma declaração no dia 2 daquele mesmo ano, em uma convenção de Paris que estendia a abolição da escravidão para as colônias francesas em geral (PIERRE, 2009, pp. 24 – 25; JOSEPH, 2014, p. 12).

Em 1795, a França dominou toda a ilha, e Toussaint Louverture foi instituído como governador. Em 1802, a França tentou restabelecer a escravidão, mas em um intenso embate com ex-escravos, a ilha se tornou independente da França em 1º de janeiro de 1804. Dessa forma, nomeada de Haiti, a primeira república negra das Américas foi instituída. O seu proclamador foi Jean Jacques Dessalines, um dos

comandantes negros que, juntamente com outros, liderou a guerra proclamada contra a França em busca da liberdade dos haitianos por ela dominados (PIERRE, 2009, pp. 25 – 27).

Contudo, logo após a independência, o Haiti precisou pagar uma dívida para a França, equivalente aos “bens devastados pela guerra da Independência” (PIERRE, 2009, p. 27). A dívida contraída era equivalente a pelo menos 150 milhões de francos. O franco francês foi estabelecido em 1803, mas desapareceu em 1999, substituído pelo euro – moeda europeia<sup>9</sup>. A dívida foi paga, mas o Haiti ficou empobrecido. Anos após esse evento, em 1844 o Haiti também se tornou independente da República Dominicana (PIERRE, 2009, p. 27).

Em 1849, o Haiti viveu mais um período de instabilidade e luta entre negros e mulatos. Faustino Soulouque (Faustin I) se proclamou imperador e promoveu grande repressão contra os mulatos. Após 10 anos no poder, ele foi deposto em 1859 pelo mulato Nicolas Geffrard, que restaurou a república e governou até 1867. Desse período até 1910, o país foi governado exclusivamente por mulatos. Os Estados Unidos (EUA), que já haviam se instalado na República Dominicana, passaram a se interessar pelo Haiti em 1915, alegando querer expandir o continente americano. Após invadirem o Haiti e confiscarem toda a reserva de ouro que o país havia guardado, passaram a dominar e reprimir o povo haitiano. Nesse período, o país viveu certa estabilidade, porém a um alto custo de repressão (PIERRE, 2009, p. 27).

Nesse cenário, iniciou-se uma revolta camponesa em 1918 que, ao ser reprimida com violência, moveu toda a população haitiana. Os EUA deixaram o Haiti até 1934, e de 1945 a 1957 os militares ficaram no poder. Em 1957, François Duvalier (Papa Doc) foi eleito presidente da república. Os negros esperavam que ele possibilitasse a libertação do domínio dos mulatos, mas esse presidente realizou “o regime mais sanguinário que o país já conheceu”. Em 1964, formou sua milícia, proclamando-se presidente vitalício, e após sua morte em 1971, Claude Baby Doc, seu filho, tornou-se presidente (PIERRE, 2009, pp. 27 – 28).

No ano de 1986, houve uma manifestação popular que levou Baby Doc a deixar o seu cargo e a refugiar-se na França. Nesse período, o poder foi assumido mais uma vez por militares (1986 – 1990). Houve a aprovação da constituição em 1987, e em “dezembro de 1990, Jean-Bertrand Aristide, ex-padre católico, foi eleito presidente,

---

<sup>9</sup> Informações obtidas em: <http://franc.francais.free.fr/>. Acesso em: 13/08/2018.

mas em setembro do ano seguinte foi deposto pelos militares através de um golpe do estado” (PIERRE, 2009, p. 28). Muitos outros golpes do Estado foram efetuados pelos militares.

Em 1994, com a ajuda de Bill Clinton (presidente dos EUA), Jean- Bertrand Aristide voltou ao poder, dissolvendo o exército e criando uma força policial. No ano de 1996, René Prével, que havia sido ex-ministro de Aristide, elegeu-se à presidência e dirigiu o país por quatro anos. Em 2001, Aristide voltou a ser presidente, mas foi forçado a deixar novamente o poder em 2004. Acusado de corrupção, ele foi buscar asilo na África do Sul. Na ocasião, “Alexandre Boniface assumiu inteiramente a presidência e requisitou às Nações Unidas ajuda para manter a segurança do país” (PIERRE, 2009, p. 28).

Após o quadro político retratado, resultando na busca por auxílio das Nações Unidas para a segurança do país, surgiu a MINUSTAH (*Mission des Nations Unies pour La Stabilisation em Haïti*). A missão foi chefiada pelo Brasil, contou inicialmente com 6.700 homens (PIERRE, 2009, p. 28) e foi o início da relação entre o país e o Haiti. De acordo com Costa (2015), a situação social do Haiti naquele momento parecia fugir de qualquer controle. A MINUSTAH, constituída por soldados de inúmeros países, mas chefiada pelo Brasil, foi instalada no Haiti com intuito de pacificação. Na ocasião, a “presença de brasileiros no Haiti e as próprias atitudes do governo brasileiro reforçaram os elos de conhecimento, amizade e solidariedade entre Haiti e Brasil” (COSTA, 2015, p. 61).

A operação foi renovada sucessivamente até o ano de 2017, tendo o Brasil no comando. Nesse período, pelo menos 37,5 mil militares do Brasil atuaram no Haiti. A MINUSTAH entendeu ter alcançado a pacificação do país desde 2008, ocasião em que passou a se organizar para deixar o local. Contudo, entre os anos de 2010 e 2017, o Haiti se viu diante de três catástrofes naturais, o que levou a MINUSTAH a estender sua estadia no lugar para oferecer ajuda policial e humanitária. A MINUSTAH teve o seu encerramento aprovado pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas no dia 13 de abril de 2017. O documento indicou que o Haiti havia alcançado a estabilização do processo eleitoral de 2016 e retomado a ordem constitucional, iniciando-se uma nova gestão presidencial com Jovenel Moïse (VALENTE, 2017).

No entanto, poucos meses após a MINUSTAH ter deixado o país, este entrou novamente em uma crise política, desencadeando violência e protestos que acusavam o governo (2016) de corrupção e demonstravam o ódio acumulado pela

sociedade em decorrência das desigualdades sociais marcadas pela miséria. A discussão sobre a corrupção política que teria envolvido o governo de 2016 era apontada como um sistema que ocorre há anos no país (AZEVEDO, 2019).

Em conversas realizadas com alguns haitianos sobre a situação do Haiti em meados de 2019, foi possível observar a grande preocupação deles com familiares que se encontram nesse país. Os imigrantes alegavam que os parentes estavam com muitas dificuldades para acessar o dinheiro que lhes era enviado, pois este ficava preso nos bancos financeiros do Haiti. Um dos haitianos comentou que a moeda do país havia se desvalorizado bastante e as remessas de dinheiro encaminhadas estavam demorando muito para chegar até seus familiares. Alguns destes estavam passando por muitas necessidades financeiras, inclusive a falta de alimentos para consumo. Os haitianos também disseram que os parentes estavam com medo de sair nas ruas devido aos violentos protestos que estavam ocorrendo com frequência. Além disso, alguns parentes e amigos que haviam se programado para vir ao Brasil não estavam conseguindo o visto<sup>10</sup>.

A crise política que se instalou no Haiti após a saída da MINUSTAH gerou muitos conflitos internos. Além das manifestações e confrontos entre a população e autoridades, que causavam medo, mortes e maior instabilidade no país, os familiares desses imigrantes estavam passando por situações de miséria e fome. Alguns haitianos afirmavam acreditar que aqueles com condições de sair do país não hesitariam em fazê-lo, e que muitos procurariam o Brasil como destino.

Em algumas celebrações religiosas do grupo, nas quais estivemos presentes, pudemos observar comentários sobre a situação do Haiti. Percebemos também que, nesse período, alguns imigrantes receberam diversos familiares de maneira indocumentada, por não terem conseguido regularizar o visto. Durante o culto, alguns haitianos falavam sobre como estava a situação no Haiti e como havia sido a jornada migratória até o Brasil. Apesar de sabermos o que estavam dizendo por meio da ajuda de outros imigrantes que nos explicavam, não compreendíamos tudo em decorrência da língua (crioulo).

---

<sup>10</sup> Informações obtidas em pesquisa de campo entre os meses de fevereiro e outubro de 2019.

Na ocasião, a rota migratória se constituía pela passagem em pelo menos dois países antes de chegar ao Brasil: Panamá e Guiana Francesa. Os imigrantes saíam do Haiti em direção ao Panamá; de lá, iam para a Guiana Francesa, seguindo para o Brasil. Esse percurso levava em torno de uma semana e envolvia rotas aéreas e terrestres. Apesar de não termos obtido detalhes de como esse percurso era realizado, ilustraremos o percurso em questão com indicações destacadas no mapa a seguir para melhor compreensão de como ele ocorria.

**Figura 1. Mapa da rota migratória: Haiti – Brasil/2019**



Fonte: [http://projetoseeduc.cecierj.edu.br/eja/recurso-multimedia-professor/geografia/novaeja/m1u03/ch\\_mod01\\_vol1-UNIDADE-3\\_nova\\_eja-ALUNO.pdf](http://projetoseeduc.cecierj.edu.br/eja/recurso-multimedia-professor/geografia/novaeja/m1u03/ch_mod01_vol1-UNIDADE-3_nova_eja-ALUNO.pdf). Grifo nosso. Acesso em: 03/12/2019.

Esse cenário histórico e contemporâneo nos indica que as crises políticas envolvendo golpes de Estado e governos ditatoriais, guerras civis e problemas

socioeconômicos têm sido comuns no Haiti<sup>11</sup>. Nos últimos anos, essa realidade tem desencadeado algumas imigrações para o Brasil. No entanto, outros fatores precisam ser destacados. Por isso, além das questões já apresentadas, devemos citar os desastres naturais tão recorrentes no Haiti.

### 1.2.2 Desastres naturais

Os desastres naturais também fazem parte da história do Haiti. Exames topográficos que registraram abalos sísmicos na ilha de 1564 até 1962 indicam que ela sofreu desastres naturais (abalos, terremotos, vendavais e outros) nos anos de: 1564, 1684, 1691, 1701, 1713, 1734, 1751, 1768, 1769, 1770, 1771, 1783, 1784, 1785, 1786, 1787, 1788, 1789, 1797, 1818, 1842, 1860, 1881, 1887, 1910, 1911, 1912, 1917, 1918, 1922, 1924, 1946, 1952, 1956 e 1962. Alguns desses desastres foram mais catastróficos e, por isso, marcaram a história; já outros tiveram menor repercussão (PREPETIT, 2008).

Entre os desastres que marcaram a história do Haiti no intervalo de tempo apresentado, destacamos o terremoto de 1842. Entre os relatos sobre esse episódio encontramos a fala de um bispo (J.M. Jan) da Cidade do Cabo, citado por Prepetit (2008):

No sábado, 7 de maio de 1842, dois dias após a festa da ascensão, ouvimos cerca de 5h30 da tarde um som como de um trovão subterrâneo, acompanhado por vários tremores tão violentos que em menos de alguns segundos, a cidade do Cabo foi transformada em um vasto campo de ruínas; tão repentino que a maioria dos seus habitantes não tiveram tempo para fugir ou fazer uma despedida. Três pessoas foram enterradas sob os escombros da Catedral e outros milhares sob os escombros de suas casas. No momento em que a cidade estava desmoronando, o céu ficou tão obscurecido pelos redemoinhos de poeira que poderíamos confundir como uma noite completa. O mar correu sobre a cidade, para as casas que alinham o cais e imediatamente se retirou, felizmente. Mas as mudanças que sacudiram as profundezas levaram à face tanto lama e detritos de todos os tipos que a água era preta em todo o porto. O solo abriu em todos os lados [...] os gritos aterrorizantes das vítimas enterradas nas ruínas foram ouvidos, consumindo o ardor do

---

<sup>11</sup> FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. "O Terremoto no Haiti". Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/o-terremoto-no-haiti.htm>. Acesso em: 21/10/2019.

fogo estourando no meio dos escombros [...] Assustado pelo terror, aqueles que tinham sido capazes de fugir passaram a noite em praças públicas [...]. (J. M., 1972, *apud*. PREPETIT, 2008, p. 4, tradução nossa)

Depois de 1962 o Haiti passou por outros desastres naturais, e nos últimos anos (1996 a 2016) registrou pelo menos 229.699 mortes decorrentes de catástrofes dessa natureza (VERDÉLIO, 2016). Pontuamos que em 2004 esse país sofreu um abalo que demandou extensa ajuda de outros países, entre os quais o Brasil também ofereceu sua contribuição. “Em 26 de janeiro de 2014, o presidente Lula [Luiz Inácio Lula da Silva] assinou uma medida provisória que liberou R\$ 375,95 milhões para auxiliar o Haiti” (COSTA, 2015, p. 61), momento em que também ofereceu acolhimento para haitianos que quisessem emigrar para o Brasil (COSTA, 2015).

No entanto, o terremoto de 2010 foi o que mais gerou mortes dentro do período indicado (1996 – 2016), com pelo menos 220 mil vítimas (VERDÉLIO, 2016). Essa catástrofe ocorreu no dia 12 de janeiro de 2010 e alcançou magnitude 7,0 na escala Richter, além de desabrigar muitas pessoas e derrubar edifícios, como o palácio presidencial localizado em Porto Príncipe, capital do país<sup>12</sup>. Nessa ocasião, a situação do país entrou em extrema calamidade. Além do grande número de mortos, o terremoto levou mais de um milhão de pessoas ao deslocamento interno. A grande maioria delas se alojou de maneira precária durante meses em acampamentos distribuídos na capital e suas imediações (MARCELINO, 2019, p. 45).

Cabe lembrar que alguns brasileiros estavam entre esses mortos. Na ocasião, o Brasil mantinha 1.266 militares brasileiros no Haiti e liderava sete mil soldados que trabalhavam no processo de pacificação desse país por meio da MINUSTAH. Entre os militares brasileiros, 18 morreram no terremoto de 2010. Outros três brasileiros civis também foram contabilizados entre os mortos<sup>13</sup>. Uma haitiana com quem tivemos contato estava presente nesse episódio e nos relatou o acontecimento a partir da sua experiência.

Eu estava morando com a minha irmã. Ela era casada e morava: ela, o seu marido e eu. A gente saiu de casa e foi para uma praça. Um lugar vazio, que não tem nada. Ficou a noite toda caindo as coisas. Tremendo, tremendo... Eu tinha outra prima,

---

<sup>12</sup> FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. "O Terremoto no Haiti". Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/o-terremoto-no-haiti.htm>. Acesso em 21/10/2019.

<sup>13</sup> Idem.

em outro lugar, para eu ir. Então falei pra minha irmã: no dia seguinte eu vou voltar para a minha cidade. Não tinha como se comunicar pelo celular. Aí eu saí. Pra sair, colocar o pé de lá pra cá, é só passar por cima de gente. Só gente morta. [...] Gente de todo tipo, sem o pé, sem a cabeça. Eles não tinham nada para cobrir. Só carne, só carne! Depois que eu saí de lá, não vou mentir pra você não, eu não voltei. [...] Não quero saber daquele lugar. O terremoto atingiu mais a capital. Destruiu tudo, tudo, tudo. Não tinha nada. Aí todo mundo tinha que ir pra lá e pra cá. (Relato de uma haitiana em 15 de fevereiro de 2018).

Preocupados com novos tremores de terra, muitas pessoas deixaram suas casas e permaneceram nas ruas. Em decorrência da calamidade em que algumas regiões do país se encontravam, necessidades como alimentação, água potável e medicamentos se tornaram escassas, o que elevou o desespero da população e os confrontos relacionados à aquisição desses itens. Poucos dias depois, em 20 de janeiro de 2010, outro terremoto aconteceu há pelo menos 60 km de distância da capital, atingindo o sudeste do país<sup>14</sup>. Logo após esse evento, muitos haitianos vieram para o Brasil. Hoje, sabemos que o terremoto não foi o único motivador para o início desse processo. Com apoio de concepções apresentadas por Cotinguiba (2014, p. 86), Marcelino (2019) acrescenta:

[Os] fatores motivacionais dessa imigração para o Brasil envolvem inúmeras questões, além daquelas de origem política, econômicas ou relacionadas às catástrofes naturais no Haiti. A visibilidade e o crescimento econômico do Brasil, que na época estava em ascensão, seria um desses fatores, mas também: a facilidade de entrar no país por fronteiras localizadas na região norte; as possíveis ofertas de trabalho que surgiriam com a copa de 2014; as expectativas de uma vida melhor; a questão do “endurecimento de políticas de imigração em outros países”; outras catástrofes naturais e a possibilidade de um visto de permanência de maneira rápida e de certa forma simples, no país. [...] Deve-se atentar-se também para as particularidades relacionadas à história de vida de cada um desses imigrantes, bem como suas esperanças, sonhos, fragilidades e coragem. (MARCELINO, 2019, p. 47).

Apesar das inúmeras motivações apontadas, o terremoto marcou um período de imigração haitiana em massa para o Brasil, que se estendeu com intensidade até meados de 2015, e foi uma das motivações migratórias de alguns haitianos. A mesma

---

<sup>14</sup> FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. "O Terremoto no Haiti". Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/o-terremoto-no-haiti.htm>. Acesso em: 21/10/2019.

haitiana que nos forneceu o depoimento sobre sua experiência durante o terremoto de 2010 no Haiti também apresentou motivações pessoais pelas quais teria escolhido o Brasil para migrar.

A minha mãe tem somente duas filhas. A minha irmã agora está nos Estados Unidos. Meu pai tem um monte de filhos, mas não sei onde estão porque eu não conheço. Minha mãe ficou no Haiti. [...] O Estados Unidos é melhor porque é mais perto do Haiti. Tem bastante haitiano lá. Bastante mesmo! Tem algumas comunidades que você vai e só tem haitiano. Antigamente era mais fácil ir para os Estados Unidos. Dificilmente você vê um haitiano que não tem um parente por lá. Nesses dois países: Estados Unidos e França. Como a gente foi colonizado pela França, então antigamente era mais fácil de entrar. [...] Depois do terremoto as coisas ficaram um pouco difíceis. Naquele momento só o Brasil estava com a porta aberta para os haitianos. Então eu conversei com a minha irmã. Como somos só, a gente conversa. Eu via muita gente vindo para o Brasil, então conversei com ela. E ela disse que se eu quisesse vir, tudo bem. [...] Aí eu resolvi vir para o Brasil. Lá eu comprei o meu visto. Eles estavam dando visto, mas no Haiti as coisas são um pouco difíceis. Tudo o que você quer, tem que pagar. Paguei no meu visto dois mil dólares. Eles me deram o visto e depois comprei a passagem por mil e quinhentos dólares e vim pra cá. (Relato de uma haitiana em 15 de fevereiro de 2018).

Podemos considerar que as motivações que levaram essa jovem a migrar para o Brasil estavam relacionadas ao terremoto de 2010. Como discorre, ainda que implicitamente, a irmã dela foi para os Estados Unidos. A forte presença em número, de haitianos nos Estados Unidos e na França também são citados por ela. Esse cenário permeia um processo que já se estende há muitos anos no Haiti: a emigração de haitianos para diferentes países.

### **1.2.3 Emigrações haitianas**

A emigração de haitianos para diferentes partes do mundo remonta a sua própria história. Na maioria das vezes, as diversas motivações que podem levar essas pessoas a deixarem seu país se relacionam a questões econômicas, políticas e desastres naturais. Assim, a constante emigração de haitianos para outros países representa “o desejo nutrido por boa parte da população de abandonar o país prevalecendo o ceticismo quanto a qualquer possibilidade de participação efetiva em um projeto viável de reconstrução nacional” (TÉLÉMAQUE, 2012, pp. 21 – 22). Além

disso, o “fato de a população não conseguir satisfazer suas necessidades básicas, como saúde, educação, trabalho e a possibilidade de uma moradia digna – faz com que a migração seja a única saída” (CASTRO e AGUILAR, 2016, p. 530). Télémaque acrescenta:

Mas, à que causa particular, ou à que causas, ligar a emigração em massa do Haiti? Devemos limitar aos fatores econômicos (já que sou pobre, então vou morar em outro lugar a procura de uma vida melhor)? Ou devemos também procurar raízes em uma história que desde a independência instaurou o caos político, a espoliação das grandes potências, a extorsão quase denunciada, a violência, e o abismo entre o Estado e o povo? Certamente deve-se sempre cruzar estas perspectivas de forma metodológica para entender as razões que levaram milhões de homens e mulheres a atravessar fronteiras, assumindo riscos de diversas magnitudes a cada destino, e muitas vezes colocando as suas próprias vidas em perigo. Historicamente, a migração haitiana é um fenômeno sazonal, envolvendo migrações de uma vida inteira e estadas temporárias em outros países. Hoje, mais de milhão são estimados a viver na República Dominicana, onde muitos trabalham na colheita da cana. [...] Daí, como se entrelaçou a história, as causas da migração haitiana são múltiplas. Mas, até mesmo pela conturbada história política, em geral, a imigração haitiana foi e continua sendo impulsionada principalmente pela busca de se escapar das restrições econômicas do país. (TÉLÉMAQUE, 2012, p. 21)

Em 2009, o número de haitianos espalhados pelo mundo já chegava a pelo menos quatro milhões. Esse fato se mostra relevante ao considerarmos o número de habitantes dentro do Haiti, que tinha uma população formada por 10,5 milhões de pessoas em 2017. Esse cenário tem atuado como um dos principais recursos econômicos do país, pois milhões de dólares entram anualmente no Haiti por meio das remessas que haitianos que vivem em outros países enviam aos seus familiares. Essa situação perdura há anos.

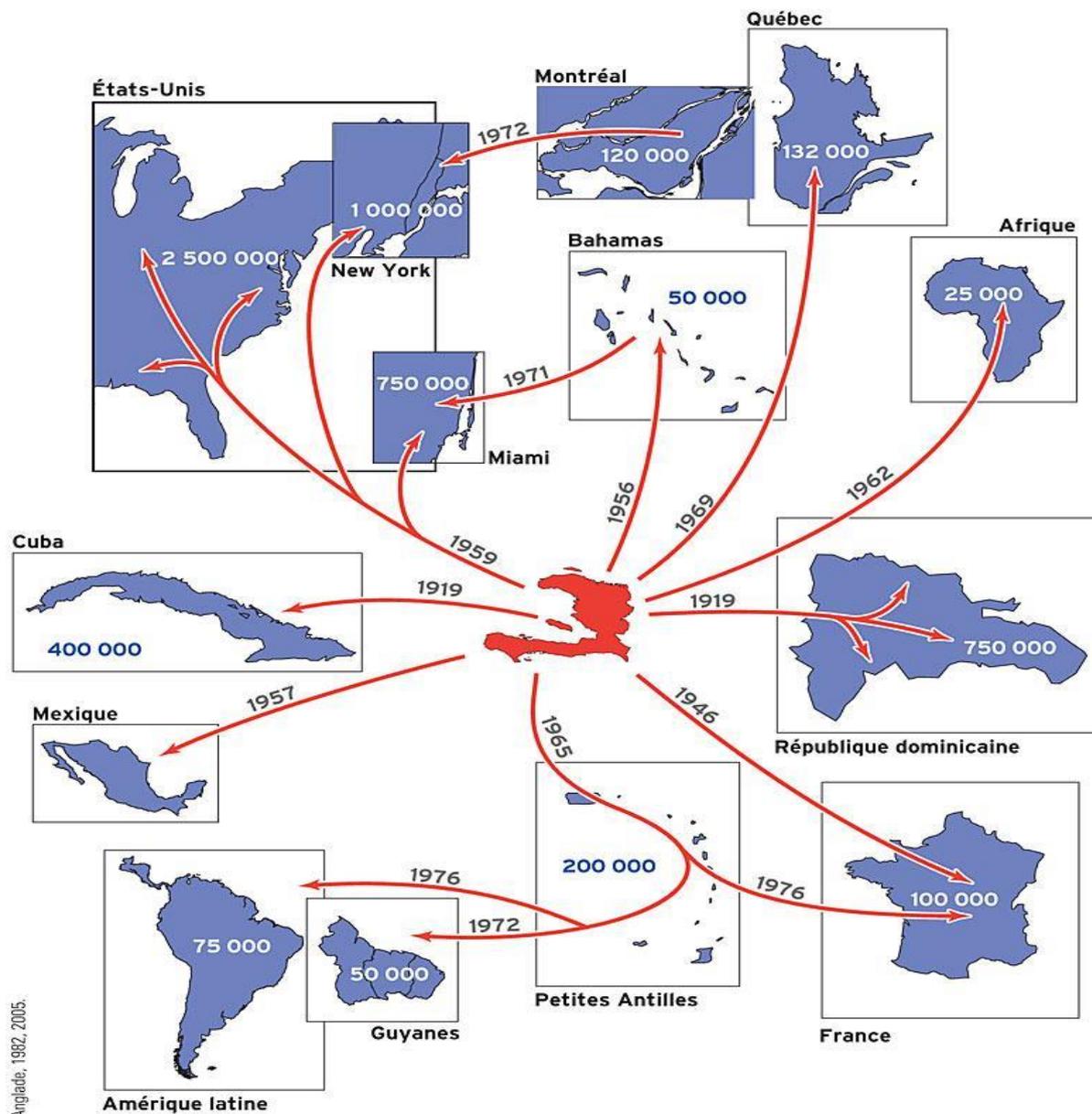
Ao analisar a emigração de haitianos no século XX, verificamos que esse país passou por três grandes ondas migratórias nos seguintes períodos: 1915 – 1935; 1965 – 1985; e, 2005 – 2014 (ANGLADE, 2017). Dados apresentados pela *Children's Fund* (UNICEF)<sup>15</sup>, com base no ano de 2013, indicam: 663.860 haitianos nos Estados Unidos (EUA), 258.814 na República Dominicana, 73.966 no Canadá, 73.100 na França e 40.491 nas Bahamas. Porém, considerando todo o século XX, além dos

---

<sup>15</sup> Dados coletados no site da UNICEF. Disponível em: <https://esa.un.org/MigGMGProfiles/indicators/files/Haiti.pdf>. Acesso em: 22/10/2019.

países mencionados podemos verificar que Cuba, México, Guiana Francesa, entre outros, também foram destinos de haitianos (ANGLADE, 2017). O mapa a seguir ilustra essa realidade:

Figura 2. Mapa dos haitianos em diferentes partes do mundo



© Georges Anglade, 1982, 2005.

Les deux grandes vagues migratoires du XX<sup>e</sup> siècle, 1915-1935, 1965-1985, ont créé la diaspora qui, au Tricentenaire, 2005-2104, fait partie du nouvel espace haïtien.

Fonte: <http://ile-en-ile.org/georges-anglade-les-haitiens-dans-le-monde/>. Mapa elaborado por Georges Anglade. Acesso em: 22/10/2019.

Télémaque (2012, p. 20) utiliza o mesmo mapa para ilustrar a contundente presença do povo haitiano em diferentes países. Apresentamos esse aparato histórico, político, social e migratório relacionado ao povo haitiano porque ele nos oferece fundamentação para compreender a cosmovisão haitiana migratória.

#### 1.2.4 Cosmovisão migratória haitiana

Tendo em vista o contexto histórico e cultural, as crises econômicas e políticas e as catástrofes naturais, bem como os diversos processos migratórios que arremataram todo o cenário apresentado relacionado ao Haiti, percebemos nuances estruturantes para uma cosmovisão haitiana em torno da migração. De maneira geral, podemos dizer que a cosmovisão é uma forma “subjativa de ver e entender o mundo”<sup>16</sup> ou, em outras palavras, uma “visão de mundo”<sup>17</sup>. Partindo da premissa de que o homem não é independente da sociedade, pois apesar de ser o seu produtor é também um produto concebido por ela (BERGER e LUCKMANN, 1985; BERGER, 1985, p. 36), e das nuances históricas apresentadas, buscamos compreender a construção de uma cosmovisão migratória haitiana, perceptível na relação que estabelecemos com os imigrantes haitianos.

Para Berger (1985), a realidade é uma construção social que ocorre por meio de um processo que acontece em três momentos. O primeiro momento é denominado de exteriorização, que é a “contínua efusão do ser humano sobre o mundo, quer na atividade física, quer na atividade mental” (BERGER, 1985, pp. 18 – 19). O segundo momento é chamado de objetivação, a conquista “de uma realidade que se defronta com os seus produtores originais como facticidade exterior e distinta deles” (BERGER, 1985, pp. 18 – 19). O terceiro momento é o de interiorização, que acontece quando a realidade construída passa da estrutura do mundo objetivo para a estrutura da consciência subjativa (BERGER, 1985).

Ao considerarmos a realidade como uma construção social que acontece em um processo de interiorização indissociável da exteriorização e da objetivação, entendemos que a cosmovisão migratória haitiana é fruto do contexto social

---

<sup>16</sup> Informações obtidas em dicionário on-line: *Oxford Dictionaries; Cortana; Bing Translator*. Disponível em: <https://www.bing.com>. Acesso em: 18/10/2019.

<sup>17</sup> Informações obtidas em dicionário on-line: *Oxford Dictionaries; Cortana; Bing Translator*. Disponível em: <https://www.bing.com>. Acesso em: 18/10/2019.

vivenciado historicamente por esse povo. Em outras palavras, pautados nessa concepção, entendemos que a visão de mundo dos haitianos em relação à migração foi construída com base na experiência dos dilemas enfrentados, diante dos quais o processo migratório passou a ser a saída mais palpável.

Podemos afirmar que, diante dos dilemas históricos, sociais, políticos e naturais (catástrofes) vivenciados pelo povo haitiano, a concepção de migrar como a possibilidade de construir um futuro melhor passou a ser almejada por boa parte dessa sociedade. Percebemos que os haitianos tinham um intenso desejo de migrar, mesmo que para isso tivessem que enfrentar “duras perdas”, expondo-se a riscos que poderiam até ameaçar suas vidas. Como exemplo disso, podemos citar a morte em processo de travessia indocumentada para outros países sob o comando de coiotes, uma alternativa que se apresenta quando os imigrantes se veem incapazes de migrar de outra forma. Essa realidade é presente na história de haitianos que passaram por tal experiência e acabaram perdendo algum conhecido no caminho, de acordo com informações obtidas em pesquisa de campo.

Entre essas informações, destacamos a história de um rapaz haitiano que saiu do Brasil no fim de 2015 com um grupo de conterrâneos, na tentativa de entrar nos EUA de maneira indocumentada. Um dos componentes do grupo não sobreviveu. Todos os demais foram presos assim que chegaram aos EUA e, aos poucos, foram deportados para o Haiti. Alguns deles retornaram ao Brasil meses depois.

Esse rapaz haitiano nos contou essa trajetória com alguns detalhes, em agosto de 2017. A sua primeira entrada no Brasil havia acontecido em 2014. Do Brasil, ele tentou migrar para os Estados Unidos juntamente com um outro grupo de haitianos durante o ano de 2015. Os motivos dessa escolha estavam relacionados à crise econômica que o Brasil enfrentava na época. Durante a travessia pelo México, um dos integrantes do grupo não suportou a fome, a sede e o cansaço decorrentes do processo a que foram submetidos, acabou morrendo e foi deixado no caminho.

Esse grupo acabou sendo preso assim que entrou nos EUA. O jovem alegou que outros grupos anteriores a eles haviam conseguido entrar nesse país, mas como eles não conseguiram, foram deportados para o Haiti após terem ficado presos por alguns dias. Assim que esse jovem chegou ao Haiti, retornou ao Brasil, mas ainda com a intenção de migrar para outro país. Algumas vezes, ele citava a França como destino. No ano de 2019, ainda mantendo contato com esse haitiano, verificamos uma migração que ele realizou para o Chile naquele mesmo ano para visitar o irmão que

havia migrado do Brasil para esse país em 2015. O jovem que iria apenas visitar o seu irmão não tinha a intenção de retornar ao Brasil, mas em decorrência de algumas mudanças migratórias legais ocorrendo naquele país, decidiu voltar mais uma vez.

Em um diálogo informal realizado em abril de 2019, esse jovem nos informou que permaneceu no Chile por dois meses e apresentou alguns pontos desse país que julgava favoráveis em comparação ao Brasil, entre os quais estavam o salário e a carga horária de trabalho, que era menor e mais lucrativa. Contudo, disse que os custos para viver no Chile eram maiores que no Brasil. Ele também alegou ter gostado daquele país, entretanto a documentação para legalização de imigrantes estava sendo dificultada nos últimos meses, motivo pelo qual decidiu retornar mais uma vez para o território brasileiro.

Outras situações com as quais nos deparamos em campo, somadas aos diálogos, às informações e às falas em algumas entrevistas, indicaram algumas questões que podem nos ajudar a ilustrar essa cosmovisão migratória. Em uma dessas ocasiões, ao conversarmos com um casal de haitianos, foi possível adentrar no assunto sobre os processos migratórios haitianos, quando a fala de uma jovem haitiana nos chamou a atenção. Como em um desabafo, ela afirmou:

Brasileiro não entende como uma mãe haitiana deixa o filho e vai para outro país. Mas se a gente quer dar uma condição melhor para os nossos filhos, tem que ser assim... Era assim com minha avó, foi assim com minha mãe. Não temos medo de ir para outro lugar. [...] Mas se o filho é pequeno, a gente não deixa. (Depoimento de uma haitiana em 18 de agosto de 2018)

O cenário apresentado acima não é incomum entre alguns haitianos com os quais mantivemos contato. Inseridos em um contexto de transnacionalidade permitido por suas redes de conexão com outros haitianos em diferentes partes do mundo, a circulação migratória entre eles é bastante comum. Em relação ao grupo pesquisado, percebemos que a cosmovisão que acompanhava esses imigrantes se apresentava como um vetor motivador, mas que tinha um aliado importante percebido no Brasil tão logo quanto pesquisadores brasileiros passaram a investigar essa migração. Estamos nos referindo ao elemento religioso, mais especificamente aquele professado pela maioria dos haitianos que vieram para o Brasil e que se denominavam evangélicos.

Entendemos que a religião é um instrumento de poder que pode contribuir para a imposição de estruturas do mundo social como algo natural ou até mesmo sobrenatural, como alega Bourdieu (2015, pp. 31, 33 – 34). No que se refere a esse

poder que exerce a religião, é preciso mencionar que em pesquisa etnográfica com comunidades haitianas evangélicas, foi possível observar que a escolha de migrar se torna um processo legitimado por suas crenças religiosas, como se essa condição tivesse como eixo primordial um propósito divino (sobrenatural). Em outras palavras, as suas crenças religiosas oferecem sustento para a cosmovisão que estes têm sobre a migração. As ações que o grupo executa nesse sentido se pautam na concepção de que, além da aprovação divina, eles têm o cuidado de Deus nesse processo.

Percebemos que esses haitianos evangélicos não acreditam no acaso. As suas falas defendiam a ideia de que, onde quer que estivessem (qualquer lugar ou país), Deus estaria com eles, cuidaria deles, os ajudaria e providenciaria aquilo de que precisassem. Relatos bíblicos relacionados a peregrinos ou a estrangeiros lhes ofereciam respaldo para a fundamentação de tais pensamentos, como na história do povo hebreu, em que Deus se apresenta como alguém que acompanha o seu povo e não o abandona, conforme a fala de alguns.

Essa crença parecia produzir esperança e superação. Era uma fé que se sustentava sob a expectativa de uma migração que só seria concluída em vista de um suposto destino/final – o “reino dos céus”. A cosmovisão migratória haitiana, de certa forma legitimada pela cosmovisão religiosa (evangélica) professada por haitianos com os quais tínhamos contato, parecia potencializar as expectativas relacionadas a seus processos migratórios. Em alguns casos, sonhos eram interpretados como confirmação de que esses imigrantes estariam sendo guiados por essa força divina nesse processo. Entre os inúmeros países que passaram a fazer parte das rotas migratórias haitianas surgiu o Brasil.

#### **1.2.4.1 Em direção ao Brasil**

O território brasileiro se tornou um espaço para a compreensão de dinâmicas migratórias dentro do novo panorama mundial apresentado na contemporaneidade. A chegada do contingente de imigrantes haitianos em massa, iniciada em 2010, logo após uma catástrofe natural ocorrida no Haiti, teria colocado o Brasil “na rota das migrações transnacionais do século XXI” (BAENINGER, 2016, pp. 13 – 15). Além disso, esse fato também teria posicionado o Brasil como um ponto estratégico para trajetórias que envolvem diferentes países, um lugar de entrada e saída de migrantes

com destinos variados (AZEVEDO *et al.*, 2016, p. 9). Esse novo cenário passa a compor um quadro que já vinha sendo desenhado por inúmeros outros processos imigratórios para o Brasil. Cabe ressaltar que foi em decorrência do panorama histórico imigratório para o país que a sua população cresceu, formando-se a partir de diferentes povos de muitas “etnias, raças, costumes, cores e valores” (GONÇALVES, 2019, p. 191).

Podemos enfatizar que, desde 1500, o Brasil recebeu muitos imigrantes, entre os quais, os portugueses teriam sido os primeiros. Posteriormente, vieram muitos africanos (1550 – 1850) e, na metade do século XIX, tivemos a imigração europeia (1880 – 1930), quando o Brasil recebeu principalmente italianos, seguidos de mais portugueses, além de espanhóis, alemães e outros, como russos, romenos e poloneses. Japoneses, gregos e sírio-libaneses teriam chegado entre 1930 e 1960. Entre os períodos citados, diversos outros imigrantes também entraram no Brasil, entre os quais estão coreanos, asiáticos e outros (BAENINGER, 2016, p. 13).

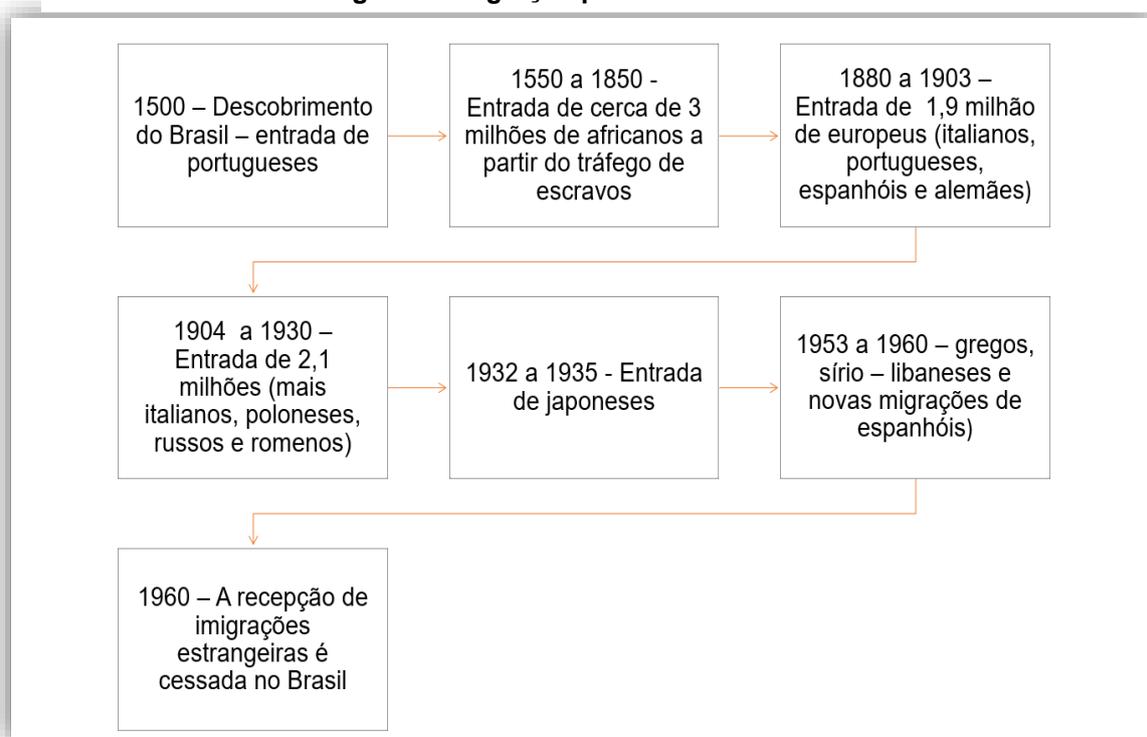
Em 1970, o Brasil se viu diante de outro contexto migratório, em que os brasileiros começaram a deixar o país. Nesse período, alguns foram para o Paraguai e para a Bolívia (SILVA, D., 2016, p. 166). Também na metade da década de 1980, vários outros brasileiros começaram a deixar o país. Por isso, em 1990, mais de 1 milhão de brasileiros estavam fora do Brasil. Além do Paraguai, eles buscaram países como Estados Unidos, Japão, Portugal, Inglaterra, Itália, Canadá, França, Suíça, Austrália, Alemanha, Bélgica, Israel e Holanda (GONÇALVES, 2019, p. 191; BAENINGER, 2016, pp. 14 – 15). Podemos acrescentar que:

No histórico da emigração brasileira, encontramos uma tendência de aumento do número de brasileiros no exterior a partir da década de 1970. Inicialmente essa emigração estava orientada para os países vizinhos (Paraguai e Bolívia) e, em menor escala para Estados Unidos, Europa Ocidental e Japão [...] apenas na década de 1980 que o Brasil sofreria um impacto no padrão migratório brasileiro, quando o número de emigrantes se tornou maior do que o número de imigrantes. [...] Os países com maior concentração brasileira são os Estados Unidos, Japão, Paraguai e Portugal. [...] Os Estados Unidos aumentaram gradualmente a sua importância como destino dos brasileiros, atingindo em 2010 o expressivo número de 1.388.000 imigrantes, refletindo quase metade dos 3 milhões de brasileiros residentes no exterior. (SILVA, Darci, 2016, p. 166).

Como ficou evidente, o Brasil foi marcado por uma história construída a partir da imigração de diferentes povos até meados de 1970 e se viu em um novo contexto,

tornando-se também um país de emigração. Porém, a partir de 1990, mais uma vez ele passou a receber muitos imigrantes em seu território, em um cenário constituído de imigrantes e refugiados de países como Senegal, Nigéria e outros (PARISE, 2016). Posteriormente, houve o intenso fluxo migratório haitiano para o Brasil a partir do ano de 2010 (BAENINGER, 2016, pp. 13 – 15). Com os quadros abaixo, procuramos explicitar um pouco o contexto histórico apresentado<sup>18</sup>.

**Figura 3. Imigração para o Brasil/1500 – 1960**

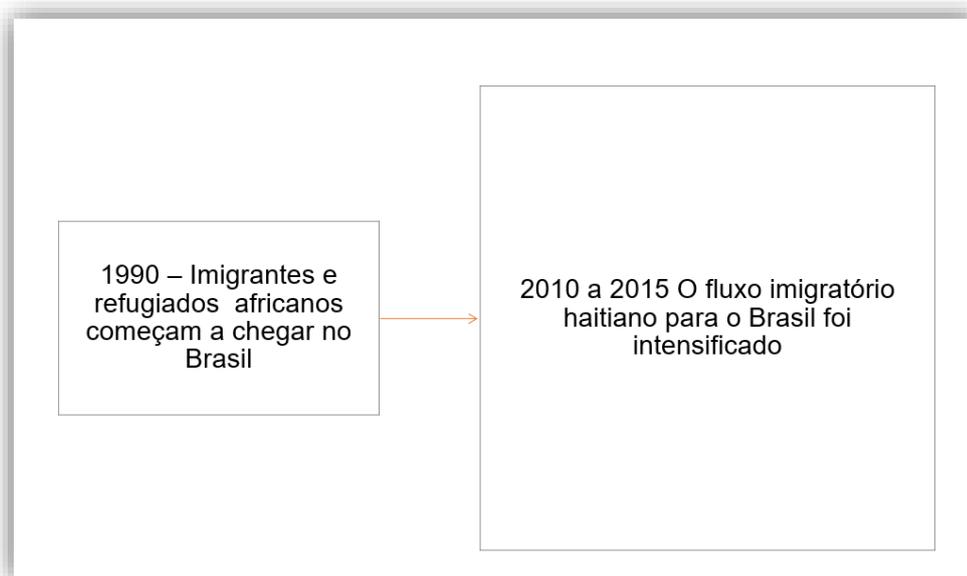


Fonte: dados coletados a partir de Baeninger (2016, p. 14).

<sup>18</sup> Não temos a pretensão de apresentar um quadro histórico completo, por isso procuramos apenas elucidar parte desse contexto.

**Figura 4. Emigração do Brasil/1970 – 1990**

Fonte: dados coletados a partir de Baeninger (2016, p. 14).

**Figura 5. Imigração para o Brasil após 1990**

Fonte: dados coletados a partir de Baeninger (2016, p. 14).

Durante o percurso de pesquisa sobre o processo migratório haitiano para o Brasil, observamos que esse contingente se tornou crescente e intenso em direção ao país a partir do ano de 2010 até meados de 2015, decaindo nos anos posteriores. Em 2016, o Brasil chegou a ter em seu território mais de “80 mil imigrantes haitianos e haitianas com visto humanitário” (BAENINGER, PERES, FERNANDES *et al.*, 2016, p. 11).

Sabemos que o cenário mundial concede cada vez mais atenção para as migrações internacionais em função das inúmeras transformações que estas estão provocando no século XXI. Esse dilema chegou também ao Brasil com a imigração em massa de haitianos, colocando-nos diante da necessidade de debater sobre diversos assuntos, como impactos sociais, econômicos, ideológicos, sociais, políticos e culturais, que automaticamente envolvem mercado de trabalho, transformação de espaços, relações sociais e as dinâmicas dessa imigração (BAENINGER *et al.*, 2016, p. 11).

Como o Brasil não se tornou apenas destino de haitianos, mas também uma rota, as “distâncias reduzidas” e as redefinições das localizações decorrentes desse novo cenário da globalização, anunciando circulação de migrantes, capital e mercadorias, nos apresentaram um novo cenário. Imigrantes têm desenvolvido diferentes redes em situações que englobaram um estilo de vida constituído de atividades e ideologias que articulam os países de origem e de destino (AZEVEDO *et al.*, 2016; BAENINGER, 2016, p. 15; PARELLA e CAVALCANTI, 2017, p. 709). Nesse contexto, deparamo-nos com a formação de comunidades haitianas no Brasil e as questões que as permeiam, como o fato de serem evangélicas.

### **1.2.5 Eles são evangélicos?**

Muitas são as questões que envolvem o contexto migratório haitiano no Brasil. Porém torna-se relevante destacar que existe uma quantidade expressiva de haitianos evangélicos no país, constituindo um cenário em que a religião se revelou um campo rico a ser contemplado (COTINGUIBA e COTINGUIBA, 2018, pp. 268 e 269). Assim que esses imigrantes começaram a chegar ao Brasil, algumas observações em relação à religiosidade deles começaram a ser pontuadas. Como alega Costa (2016):

O povo haitiano tem como uma das principais características o elemento religioso. Sua religião é marcada pelas diversas matrizes: africana (o vodu), católica, protestante (batistas, adventistas, presbiterianas) e evangélica. De qualquer maneira, a religião entra profundamente na vida dos haitianos. Depositam toda a sua confiança em Deus. Em tudo Deus está presente. Deus é que sabe, Deus é que pode, Deus é que conduz a vida. Deus vai encontrar uma saída para a vida. Praticamente todos os haitianos chegaram a Manaus com a sua Bíblia nas mãos. Ela é a palavra de Deus e representa o próprio Deus. É muito comum ver os haitianos lendo a Bíblia em qualquer hora do dia. (COSTA, 2016, p. 61).

Em relação à religiosidade dos haitianos em seu país de origem, segundo dados do *U.S. Department of State: Diplomacy in action*<sup>19</sup> referentes ao ano de 2016, a religião Católica Romana (oficial) abrange 55% da população. Pelo menos 10% dos haitianos declaram não pertencer a nenhuma religião e apenas 2% se dizem pertencentes ao vodu. Isso porque o vodu, reconhecido como religião apenas no ano de 2003, continua a experimentar estigmatização social em relação às suas crenças e práticas, apesar de ser praticado pela grande maioria do povo haitiano, juntamente com outras religiões – mais precisamente com o catolicismo. Os demais são protestantes (evangélicos), formados por pouco mais de 15% de batistas, quase 4% de adventistas e em torno de 7,9% de pentecostais (PIERRE, 2009, pp. 19 – 20; MARCELINO, 2016, pp. 14 – 15 e 79). A tabela a seguir ilustra alguns desses dados.

**Tabela 1. Religião no Haiti**

<b>População em 2016</b>	<b>10,5 milhões de pessoas</b>
Católicos	55%
Protestantes	28%
Vodu	2%
Sem religião	10%
Outras religiões	5%

Fonte: site oficial do *U.S. Department of State: Diplomacy in action*, disponível em: <https://www.state.gov/j/drl/rls/irf/religiousfreedom/index.htm#wrapper>. Acesso em 09/10/2017.

<sup>19</sup> Informações obtidas no site oficial do *U.S. Department of State: Diplomacy in action*, disponível em: <https://www.state.gov/j/drl/rls/irf/religiousfreedom/index.htm#wrapper>. Acesso em: 09/10/2017.

Esse cenário é relevante, pois apesar de apresentar um contexto religioso em que a maioria dos haitianos é de origem católica, a maior parte dos que vieram para o Brasil (2010 – 2015) se declarou evangélica. Costa (2016, pp. 61 e 62), ao relatar a chegada dos haitianos a Manaus, alega que inicialmente esses imigrantes frequentavam algumas missas, nas quais cantavam e até tocavam. Por isso chegou a acreditar que fossem católicos, mas logo percebeu que eram pouquíssimos os católicos entre eles e que a grande maioria era batista e adventista.

Ao falar sobre a religião dos haitianos em Presidente Getúlio, Santa Catarina, Bartel (2016) aponta:

Sabe-se que no Brasil há um grande contingente de haitianos católicos e evangélicos, mas até o presente momento, não foi possível identificar as religiões de origem dos haitianos radicados em Presidente Getúlio. Através de uma observação preliminar, foi constatado que muitos frequentam a Igreja Assembleia de Deus. Não sabemos se a maioria emigrou para o Brasil já seguindo essa religião ou não. Conforme seus relatos alguns já praticavam essa religião no Haiti e trouxeram de lá a Bíblia e outros textos evangélicos, em creole, outros se dizem católicos não praticantes. (BARTEL, 2016, p. 1.021)

Nas concepções apresentadas por Bartel (2016), a ideia de que a maioria dos haitianos no Brasil seriam de origem religiosa católica ou evangélica é apresentada, mas não confirmada em Presidente Getúlio. No entanto, o autor ressalta que muitos deles frequentavam uma igreja evangélica. Por outro lado, na região do município de São Paulo, Marchini e Barros (2016) afirmam que, nos dados colhidos pela Missão Paz, muitos imigrantes haitianos não preencheram o campo correspondente à religião. Porém, no cadastro realizado com o total de 6.560 imigrantes haitianos, três categorias religiosas se destacaram: “O sistema aponta 2.149 haitianos evangélicos, 1.852 protestantes e 1.087 católicos” (MARCHINI e BARROS, 2016, p. 103)<sup>20</sup>.

Parise (2016, p. 51) afirma que, do “ponto de vista religioso observa-se que é uma imigração cristã, com prevalência de igrejas evangélicas”. Em uma entrevista para o jornal Folha de São Paulo, ele destaca que apenas 30% dos imigrantes haitianos são católicos<sup>21</sup>. Ao analisar dados levantados por pesquisas sobre os

---

<sup>20</sup> Devemos ressaltar que, devido à Missão Paz ser de origem católica, a resposta do imigrante acolhido em relação à sua religião poderia sofrer interferência. Entretanto, mesmo assim a maioria se declara evangélica e protestante.

<sup>21</sup> Informações obtidas em: <http://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/05/1633021-estou-cumprindo-uma-missao-diz-padre-que-abriga-haitianos-em-sp.shtml?mobile>. Acesso em: 09/12/2015.

haitianos no Brasil entre 2014 e 2015, envolvendo alguns estados e municípios, Sidney Silva (2016, p. 215) pontua que, no questionário levantado com um total de 279 participantes, o campo relacionado à religião indicava 157 evangélicos, 99 católicos, 1 vodu, 5 declararam não ter nenhuma religião, 14 não responderam, 2 não sabiam e 1 não se aplica.

Pereira (2016, p. 169) obteve a informação de que, em Rondônia, a maioria dos imigrantes haitianos era de origem evangélica. Em uma entrevista, a autora constatou que pelo menos 90% do contingente haitiano nesse estado era evangélico. Na pesquisa elaborada por Borba e Moreira (2016, p. 459) sobre haitianos em Santo André, São Paulo, observamos que “70% dos haitianos se declaram evangélicos, 19% católicos, 15% espíritas e 10% sem religião ou não responderam”. Essas autoras acrescentam também que os haitianos desse lugar “se espalharam pelas igrejas adventistas e assembleianas” (BORBA e MOREIRA, 2016, p. 459).

Assim que haitianos chegaram ao Brasil, surgiram muitas comunidades evangélicas haitianas (COSTA, 2015; 2016; MARCELINO, 2016; 2019). No entanto, Pereira (2016, p.173) observou “que a experiência religiosa evangélica dos haitianos” era “interpretada como ‘uma farsa’”. No entanto, eles teriam apenas reorganizado essa experiência, uma vez que essa mesma religiosidade já era vivenciada por muitos deles em seu país de origem. A autora acrescenta:

A compreensão de aspectos da experiência religiosa de haitianos evangélicos [...] observamos que suas experiências evangélicas anteriores no país natal foram reorganizadas no contexto migratório, sem perder totalmente o vínculo com suas comunidades religiosas de origem. Com efeito, eles recriam novas experiências religiosas no espaço telúrico, formando e convivendo na sua fé em uma nova Igreja, composta por membros de diferentes denominações. Assim, como comunidade, atualizam suas experiências com a terra natal. (PEREIRA, 2016, p. 173)

Foi possível conhecer e acompanhar uma grande quantidade de haitianos no bairro de Guaianases, em São Paulo, conhecer suas comunidades e perceber que a maioria deles era evangélico. Essas comunidades surgiram no bairro de Guaianases compondo um cenário no qual existem muitos migrantes, negros e igrejas evangélicas, assunto a ser abordado no próximo capítulo.

## 2 COMUNIDADES EVANGÉLICAS HAITIANAS EM GUAIANASES

Após abordarmos elementos importantes para a análise proposta neste trabalho, adentramos no segundo capítulo com a intenção de apresentarmos o nosso campo e o nosso objeto de pesquisa. Para isso, discorreremos sobre o bairro de Guaianases e as comunidades evangélicas haitianas na região, destacando a Igreja Batista haitiana, onde realizamos a observação participante durante a pesquisa etnográfica.

### 2.1 Guaianases – Periferia de São Paulo

Segundo dados do IBGE, em 2010 a capital de São Paulo apresentava uma população de 11.253.503 pessoas, com 7.398,26 habitantes por km<sup>2</sup>. As estimativas referentes ao ano de 2018 previam uma população de aproximadamente 12.176.866<sup>22</sup>. São Paulo é formada por bairros com diferentes perfis socioeconômicos, incluindo as periferias. De modo geral, elas podem ser compreendidas como espaços “localizados tipicamente nas extremidades da área metropolitana” (TORRES *et al.*, 2003, pp. 98 – 100). Nelas a iniciativa privada implantou loteamentos que não atendem às exigências pertinentes à legislação urbana, e por isso não foram observados aspectos como “tamanho mínimo dos lotes, largura mínima das vias, definição de áreas verdes e de uso institucional” (SPOSITO, 2004, pp. 122 – 123).

De acordo com Silva (2019), o conceito de periferia tipifica o território ao qual estamos nos referindo e expressa relações de poder. A periferia se constitui a partir do centro de uma cidade, que é um lugar supervalorizado, e pode ser compreendida como espaços para onde foi empurrada grande parte da população negra, pobre e migrante. No centro, encontramos bairros com infraestrutura e investimento público; já nas periferias, assentamentos que se constituíram e se constituem sem planejamento arquitetônico nem reconhecimento do poder público. Essas diferenças reforçam as desigualdades étnico-sociais e destacam a dicotomia que compõe os espaços da cidade (SILVA, 2019, pp. 59 – 66).

---

<sup>22</sup> As Informações relacionadas ao ano de 2018 foram disponibilizadas pelo IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-paulo/panorama>. Acesso em: 29/09/2018.

Portanto, as periferias são constituídas de espaços marginalizados, marcados pela ausência de quesitos básicos para a sobrevivência. Nesses locais, não é raro se deparar com sistema de esgoto aberto, insegurança, falta de iluminação pública, meios de transporte precários, casas irregulares, “escoradas em barrancos de terra vermelha ou suspensas sobre córregos poluídos” (SILVA, 2019, pp. 31 e 35). As periferias são um lugar de segregação e vulnerabilidade (NORONHA, 2016, pp. 165 – 166), habitado por pobres que, na ausência das condições econômicas necessárias para adquirir um imóvel em outro lugar da cidade, passaram a ocupar esses territórios (SPOSITO, 2004, pp. 122 – 123).

Entre outros inúmeros fatores que compõem a realidade desses lugares, destacamos também as políticas sociais insuficientes ou ausentes, a violência em diferentes âmbitos e a falta de garantia de direitos considerados básicos para qualquer cidadão. Assim, enquanto as regiões centrais concentram grande parte do poder econômico, as periferias sobrevivem a essa escassez de infraestrutura básica e pouquíssima ou nenhuma presença do Estado. Nesse contexto, o migrante é um protagonista: “Dizer que as periferias recebem os migrantes seria superficial. Os migrantes constituíram e constituem as periferias” (RIVERA, 2017, pp. 48 e 49).

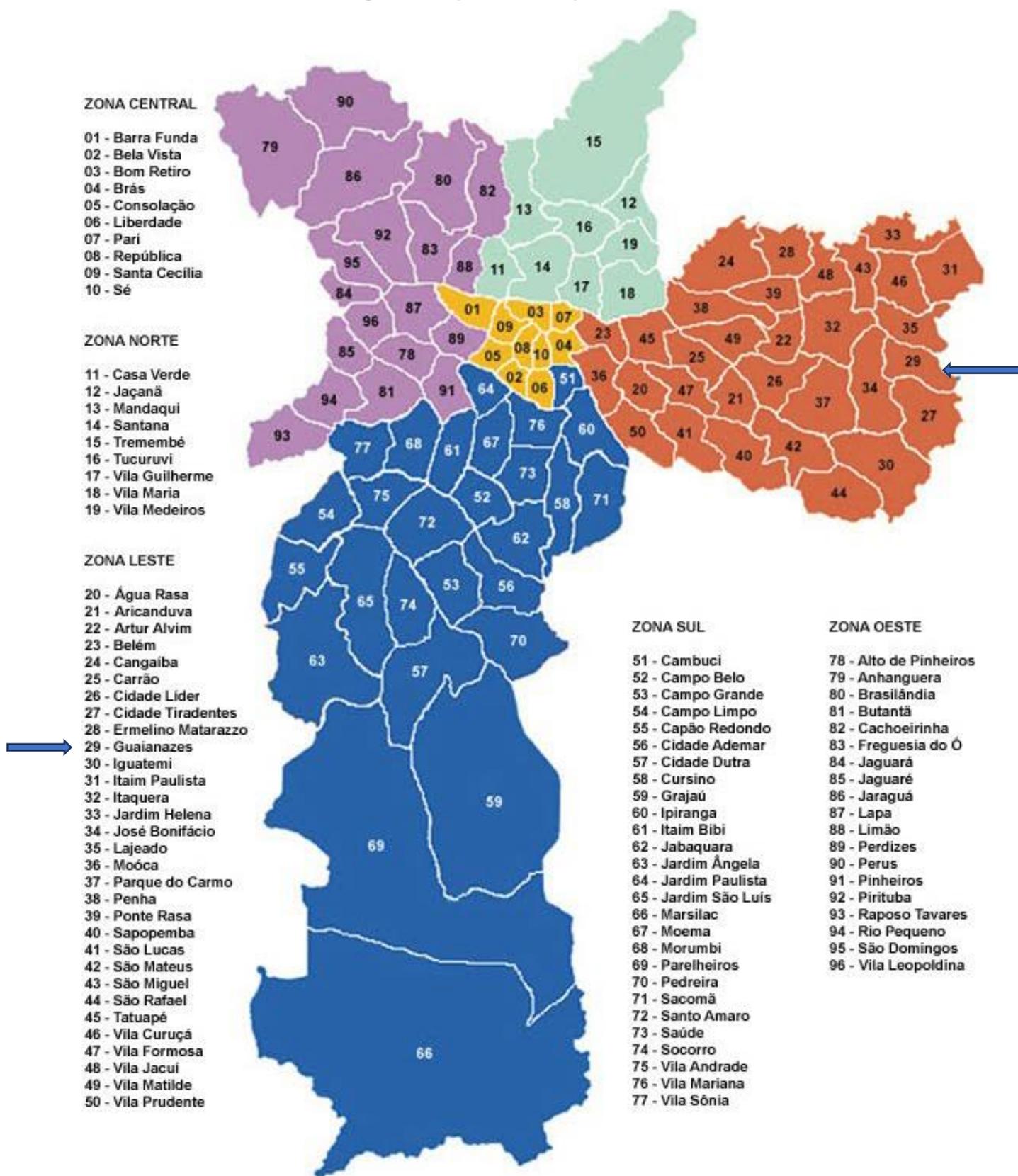
O processo de industrialização na cidade de São Paulo, a partir de 1930, desencadeou grandes fluxos migratórios de outras regiões do país para essa cidade (FAJARDO, 2016, p. 105). As migrações internas brasileiras envolveram deslocamentos “para as regiões mais profundamente atingidas pela introdução e a expansão do capitalismo industrial” (DURHAM, 1973, p. 7), e nesse cenário o foco central era a cidade de São Paulo.

Baptista (2015) destaca que em decorrência da industrialização, São Paulo necessitava de mão de obra para a sua construção e urbanização, que aliadas à busca por melhores condições de vida por parte desses migrantes, atraía principalmente nordestinos e mineiros. Estes acabaram permanecendo na cidade mesmo depois de não serem mais absorvidos pela construção civil, pelas indústrias e por outros serviços, passando a constituir uma massa de pobres desempregados, marginalizados e desamparados pelo Estado. Outrora “mão obra necessária”, tornaram-se “mão de obra que sobrou”. Isso foi resultado do desequilíbrio entre o intenso fluxo migratório e o crescimento do mercado (BAPTISTA, 2015, pp. 186 – 189).

Nesse contexto de urbanização, industrialização e crescimento da periferia da cidade, julgamos importante ressaltar algumas questões relacionadas à expansão paulistana específica para a Zona Leste. Povoada por uma população de baixa renda e tendo sido referenciada como “território popular de imigrantes operários” (NAKAN, 2018, p. 56) em decorrência da ocupação das primeiras indústrias no Brás, no Pari, na Mooca e no Belém, a Zona Leste foi posteriormente expandida em centenas de bairros periféricos (NAKAN, 2018, p. 56).

Esses bairros “surgiram para abrigar, a partir de meados do século XX, os milhões de migrantes de baixa renda vindos de outras partes do País, em especial dos estados nordestinos” (NAKAN, 2018, p. 56). Entre os bairros periféricos da Zona Leste de São Paulo destacamos Guaianases, que nos últimos anos passou a receber também haitianos, conforme observamos em pesquisa de campo. Os mapas a seguir demonstram sua localização geográfica.

Figura 6. Mapa do Município de São Paulo



Fonte: <http://www.mapas-sp.com/bairros.htm>. Grifo nosso. Acesso em: 05/12/2018.

Figura 7. Mapa do município de São Paulo/Guaianases



Fonte: [https://pt.saopaulomap360.com/carte/image/pt/mapa\\_bairros\\_sao\\_paulo.jpg](https://pt.saopaulomap360.com/carte/image/pt/mapa_bairros_sao_paulo.jpg). Grifo nosso. Acesso em: 29/11/2018.

### **2.1.1 O bairro de Guaianases e algumas de suas características**

Além da infraestrutura e dos espaços comuns a outras periferias de São Paulo, Guaianases, como qualquer outro bairro, tem características próprias por meio das quais torna-se possível conhecer um pouco melhor o lugar onde está inserido o nosso campo de pesquisa. Para apresentar algumas dessas características, utilizaremos diferentes fontes de dados. Nesse sentido, pautamo-nos na concepção de Prysthon (2017) sobre “o papel da cidade na cultura contemporânea” (PRYSTHON, 2017, p. 108). A autora destaca a necessidade de uma leitura da “cidade como parte integrante de um sistema comunicacional” (PRYSTHON, 2017, p. 108) e ressalta:

Não está em jogo apenas a materialidade do urbano, sua ruas, edifícios, cimento de pedras, mas todas as maneiras como a cidade é representada, imaginada, negociada em um mapeamento mais amplo, mais fluido. Efetuar essa leitura da cidade pressupõe [...] percepções mais abrangentes e multifacetadas dos fatos urbanos, que articula simultaneamente o estudo dos aspectos mais empíricos. [...] (PRYSTHON, 2017, p. 108)

A abordagem apresentada indica a possibilidade de ler a cidade a partir de percepções mais abrangentes, inclusive com observações empíricas. Tais aspectos nos direcionaram a refletir sobre diferentes caminhos capazes de nos levar a conhecer algumas características de Guaianases. Para tanto, escolhemos adotar, ainda que em partes, levantamento histórico, estatístico e empírico sobre o lugar.

### **2.1.2 Dados históricos**

Dados históricos referentes a Guaianases, anteriormente denominado de Lajeado, indicam que o nome do bairro foi implementado pela Lei de nº 252 do dia 27 de dezembro do ano de 1948. Os seus primeiros habitantes eram indígenas da tribo de Guaianás. A ocupação populacional e a urbanização do bairro estiveram ligadas à expansão da capital paulista e envolveram seus fluxos migratórios, que na maior parte eram de mineiros e nordestinos. Porém, em 1960, o índice de negros e pardos no local era maior do que de brancos. Cabe lembrar que a presença da população negra desse bairro teria sido negligenciada por muito tempo, portanto, a constatação oficial desse cenário ocorreu tardiamente (SILVA, 2015, pp. 53 – 100).

Atualmente, o bairro aspira a uma cidade não apenas “pela área geográfica e pelo índice demográfico, mas também pela pluralidade cultural que permeia o cotidiano de seus habitantes” (SILVA, 2019, pp. 20 e 21). A sua história perpassa um cenário de acolhimento a imigrantes, migrantes e muitos negros, que nos leva a refletir para além da pluralidade, a própria desigualdade e exclusão social.

Podemos dizer que “micro-Áfricas” (AZEVEDO, 2006) se revelam no cotidiano dos moradores negros de Guaianases, apresentando-se nos rastros de sinais culturais africanos ressignificados por meio de costumes, memórias, crenças, socialização etc. (SILVA, 2019, pp. 20 e 21). Essas “micro-Áfricas” (AZEVEDO, 2006) seriam espaços culturais, ideológicos e físicos onde africanos, negros e afro-brasileiros vivenciam a sua própria cultura e história a partir de referências africanas. A ideia foi concebida por Azevedo (2006) e adotada por Silva (2019) quando pesquisou sobre a população negra em Guaianases (AGUERRE, 2019, p. 12).

### **2.1.3 Dados estatísticos**

De acordo com o IBGE (2010), o distrito de Guaianases compreende uma área de 8,60 km<sup>2</sup> e possui 103.996 habitantes, sendo 50.174 homens e 53.822 mulheres<sup>23</sup>. O número maior de mulheres no bairro nos chamou a atenção quando verificamos os dados apresentados pela Secretaria da subprefeitura de Guaianases<sup>24</sup> no ano de 2004, abrangendo Guaianases e Lajeado. Esses dados indicavam que o número de crianças do sexo masculino em relação aquelas do sexo feminino era prevaiente até os 13 anos de idade. Nos anos subsequentes, o número de mulheres passava a ser maior, permanecendo assim até o parâmetro de 80 anos ou mais.

O cenário descrito no parágrafo anterior pode estar relacionado a diversos motivos, tendo em vista as dinâmicas articuladas a inúmeras questões, como aquelas relacionadas ao recorte do período que abrange a coleta dos dados, ao próprio cotidiano das pessoas pesquisadas e que envolvem deslocamentos para fora do bairro, morte decorrente de doenças e outros. Porém, chamou-nos a atenção como

---

<sup>23</sup> Para a análise apresentada no nosso trabalho, utilizamos dados referentes ao distrito de Guaianases coletados diretamente na plataforma Sidra do IBGE (2010). Disponíveis em: <https://sidra.ibge.gov.br>. Acesso em: 14/09/2018.

<sup>24</sup> Informações disponíveis em: [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/arquivos/secretarias/governo/sumario\\_dados/ZL\\_GUAIANASES\\_Caderno21.pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/arquivos/secretarias/governo/sumario_dados/ZL_GUAIANASES_Caderno21.pdf). Acesso em: 12/06/2019.

esses dados, de alguma forma, poderiam estar relacionados aos homicídios no lugar<sup>25</sup>. O Núcleo de Estudos da Violência da USP, mostra que na capital de São Paulo em 2014, o bairro de Guaianases apresentou um altíssimo número de homicídios de jovens do sexo masculino a partir dos 13 anos de idade. No *ranking* das taxas de homicídio da capital paulista do ano descrito (2014), Guaianases ocupou a 12ª posição entre os 93 distritos analisados<sup>26</sup>.

Entretanto, os dados da Secretaria da subprefeitura de Guaianases apresentados no ano de 2004 já indicavam os altos índices de homicídio de rapazes a partir daquela faixa etária<sup>27</sup>. Além de expor o grau de violência no local, esse fato nos posiciona em relação ao perfil do bairro e nos permite refletir sobre alguns dos possíveis motivos pelos quais o número de mulheres com mais de 13 anos de idade é maior do que o de homens.

Em relação aos dados relacionados à cor e à raça de homens e mulheres, o bairro em questão apresentava 53.552 negros (pardos e pretos), que constituem a maior parte de sua população. A grande presença de pessoas negras nas periferias de São Paulo pode ser explicada, em parte e inevitavelmente, pela história da cidade em questão no período pós-escravidão. Como os negros alforriados foram substituídos pela mão de obra europeia remunerada nos grandes cafezais de São Paulo, e os custos instituídos pelo poder público para viver em determinadas áreas da cidade estava fora do alcance da grande maioria dos ex-escravos, que não tinham os recursos necessários para sobrevivência nesses locais, muitos deles precisaram se deslocar para as margens da cidade. Assim, foram “empurrados para bairros distantes do centro da cidade, carentes de infraestrutura e recursos de locomoção para seus habitantes”, entre os quais está Guaianases (SILVA, 2019, p. 59).

A grande presença da população negra em Guaianases levanta outra questão. Assim como em muitas outras periferias de São Paulo, esse bairro carrega uma marca não apenas pelo seu local geográfico dentro da cidade, mas também pelo imaginário de “quem são” ou “devem ser” os seus habitantes. Alguns estereótipos gerados na história de São Paulo, que relacionavam pessoas negras à libertinagem e à

---

<sup>25</sup> Informações disponíveis em: [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/arquivos/secretarias/governo/sumario\\_dados/ZL\\_GUAIANASES\\_Caderno21.pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/arquivos/secretarias/governo/sumario_dados/ZL_GUAIANASES_Caderno21.pdf). Acesso em: 12/06/2019

<sup>26</sup> Informações obtidas em: <http://especiais.g1.globo.com/sao-paulo/taxa-de-homicidios-2014/>. Acesso em: 12/06/2019.

<sup>27</sup> Informações disponíveis em: [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/arquivos/secretarias/governo/sumario\\_dados/ZL\\_GUAIANASES\\_Caderno21.pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/arquivos/secretarias/governo/sumario_dados/ZL_GUAIANASES_Caderno21.pdf). Acesso em: 12/06/2019

malandragem, ainda hoje são usados para se referir ao lugar e a seus moradores (SILVA, 2019, pp. 40, 51 – 52, 55, 59, 60 – 62, 66).

Outra questão que nos chamou a atenção nesse bairro está relacionada ao índice de analfabetismo dos moradores com mais de 10 anos de idade. Segundo o IBGE (2010), Guaianases tem 87.612 pessoas com mais de 10 anos de idade e pelo menos 3.460 não alfabetizadas, entre as quais estão 1.467 homens e 1.993 mulheres, como podemos conferir na tabela abaixo.

**Tabela 2. Número de alfabetizados em Guaianases**

Alfabetizados			Não alfabetizados		
Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
84.152	40.358	43.794	3.460	1.467	1.993

Fonte: IBGE (2010) – Censo demográfico. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br>. Acesso em: 14/09/2018.

O grau de educação da população do bairro também nos chama a atenção, pois nos mostra em que medida essa questão de exclusão social está presente entre seus habitantes. De acordo com Marques, Requena e Hoyler (2016), os dados de alfabetização entre crianças são diferentes não apenas de acordo com a cor da pele delas, mas também na comparação entre grupos de moradores de bairros ricos e pobres (MARQUES, REQUENA e HOYLER, 2016, p. 351). Podemos considerar que a situação educacional do bairro de Guaianases reflete essas desigualdades, mas pode ser considerado ainda mais agravante, uma vez que os dados dizem respeito a pessoas com mais de 10 anos de idade.

Em relação à renda mensal dos moradores de Guaianases, verificamos que pelo menos 35.292 pessoas não eram remuneradas. Entre as pessoas remuneradas, 24.607 recebiam entre um e dois salários mínimos e 5.778, mais de dois e até três salários mínimos. Esses dados ilustram que os moradores do bairro constituem parte de uma população de baixa remuneração. Esse aspecto pode nos ajudar a refletir sobre as condições em que estes vivem no lugar.

Outro dado em destaque se refere à população com mais de 70 anos de idade no bairro, constituída por 3.095 pessoas segundo dados do IBGE (2010). Podemos pensar que os níveis de pobreza, violência, entre outros aspectos relacionados ao estilo de vida a que são condicionadas as pessoas que vivem no local talvez justifiquem, ainda que parcialmente, alguns motivos pelos quais a maioria da população local não alcança essa idade.

Em resumo, os dados apresentados demonstraram que: a maior parte da população de Guaianases é formada por negros; o número de mulheres é maior que o de homens; boa parte da população com mais de 10 anos de idade (em torno de 40%) não é remunerada mensalmente, e a maioria das pessoas remuneradas recebe aproximadamente de um a três salários mínimos; o índice de pessoas analfabetas é expressivo, equivalente a quase 4% da população total do bairro com mais de 10 anos de idade; e poucas pessoas com mais de 70 anos vivem nesse lugar (o equivalente a aproximadamente 3% da população local).

Esses dados são importantes porque nos permitem traçar um perfil parcial de Guaianases e destacar algumas de suas características para compreender melhor o nosso campo de pesquisa. Contudo, desejamos pontuar muitas outras questões relevantes nesse contexto. Sendo assim, prosseguiremos apresentando outros aspectos, entre eles, algumas observações empíricas.

#### **2.1.4 Observação empírica**

Nos últimos 30 anos, o crescimento do bairro de Guaianases pode ser observado com base em diferentes contextos, como a pavimentação de ruas, a interligação com rodovias que oferecem acessibilidade ao centro da cidade e a construção de conjuntos habitacionais, prédios comerciais, entre outros (AZEVEDO & SILVA, 2014/2015, p. 86). Por meio de uma pesquisa de campo, foi possível observar que existem muitas ruas estreitas no bairro, incluindo algumas não pavimentadas, com diversas casas em um mesmo quintal. Essas ruas também comportam pequenas e diferentes comunidades evangélicas, entre as quais algumas são de diferentes origens étnicas<sup>28</sup>. Além disso, algumas ficam há poucos metros de distância uma das outras.

---

<sup>28</sup> No bairro, existem algumas Igrejas haitianas e pelo menos uma igreja nigeriana (MACHADO, 2016).

O centro do bairro é bastante movimentado. Nessa área, existem muitos comércios e grandes templos de igrejas evangélicas, como a Universal do Reino de Deus, a Batista e a Assembleia de Deus. Porém, igrejas com templos menores também compõem esse cenário. Destacamos que um depoimento envolvendo Guaianases nos chamou a atenção. Apesar de se referir a uma experiência pessoal, ele pode ilustrar outras características do lugar.

O depoimento é de uma ex-moradora que viveu em Guaianases por alguns anos (1986 – 1999), com a qual tínhamos contato por ser uma pessoa próxima do nosso convívio social. Em seu relato, ela descreveu que, na época em que morou no bairro, existiam vários terreiros de Candomblé e que chegou a frequentar um deles por alguns anos. No entanto, ela se tornou evangélica e não retornou para esse local desde então. Ela também destacou que, naquela época, era comum ver adeptos de religiões afro-brasileiras vestidos a caráter pelas ruas do bairro, algo que deixou de acontecer com o passar do tempo.

Durante o percurso da nossa pesquisa etnográfica, não conseguimos identificar nenhum lugar de práticas religiosas afro-brasileiras nem nos deparamos com situações como as existentes no depoimento citado, o que não significa que elas não estejam presentes no lugar. Entendemos que esses terreiros são mais discretos e, por isso, menos perceptíveis. Em contrapartida a quantidade de pequenas igrejas, por vezes em uma mesma rua ou viela, eram bastante visíveis.

Voltando a falar sobre o centro de Guaianases, em uma das principais avenidas do bairro, Avenida Salvador Gianetti, ficam a Igreja de São Benedito e a estação de trem, inaugurada em maio de 2000. Ela foi construída nos moldes das estações atuais de metrô de São Paulo, mas dirigida pela CPTM. Antes disso, existia uma estação antiga que ligava o bairro a outros bairros vizinhos, que teria sido aberta em 1875 com o nome de Lajeado. Em 1982, um novo prédio foi entregue para a estação, e em 2000 aconteceu sua última inauguração<sup>29</sup>.

A Igreja de São Benedito, mencionada no parágrafo anterior, é uma Paróquia fundada em meados de 1940, construída em um terreno doado pelo juiz de paz

---

<sup>29</sup> Informações obtidas no site Oficial de Estações Ferroviárias do Brasil. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/g/guaianazes-nov.htm>. Acesso em: 30/06/2018.

Benedito Leite d'Ávila, nascido em Guaianases<sup>30</sup>. É importante destacar que a igreja recebeu o nome de São Benedito, Santo negro. Esse fato se torna relevante quando levamos em consideração o que São Benedito pode representar para a população negra local, tendo em vista o histórico que aponta significativa presença negra em Guaianases desde 1960 (SILVA, 2015, p. 53 – 100). No entanto, é preciso mencionar que apesar da grande parcela da população de Guaianases ser negra, ela permaneceu sob uma espécie de “invisibilidade” por muito tempo. Os negros estavam lá, eram protagonistas da construção histórica do bairro, mas são quase inexistentes em boa parte de seus registros, o que evidencia uma ideologia eurocêntrica em relação à história do lugar (SILVA, Sheila, 2016).

Existem diferentes lendas sobre São Benedito, mas alega-se que ele era um escravo negro, cozinheiro, considerado milagroso porque fazia banquetes com alimentos insuficientes. Ao decidirem queimá-lo para verificar se era realmente milagroso, ele desapareceu, passando a ser reconhecido como protetor dos cozinheiros e dos negros (RODRIGUES & LAURA, 2019, p. 35). A imagem a seguir ilustra a Igreja São Benedito em Guaianases, localizada em uma das principais avenidas do bairro. Em frente a ela, é possível ver a linha ferroviária da estação Guaianases, que fica há alguns metros de distância do local.

---

<sup>30</sup> Informações obtidas no site oficial da Paróquia Matriz de São Benedito, Disponível em: <http://www.paroquiamatrizsaobenedito.com.br/2004/10/10/sagracao-da-matriz.html>. Acesso em: 1705/2019.

**Figura 8. Foto da Igreja São Benedito em Guaianases**



Fonte: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/upload/guaianases/imagens/centrodeguaianases.JPG>. Acesso em: 29/11/2018.

|

Nas imediações desse bairro, ainda na zona leste do município de São Paulo, ficam os bairros Cidade Tiradentes, Itaquera, São Miguel e Itaim Paulista. Moradores reclamam dos constantes assaltos, realizados principalmente por condutores de moto durante o período da manhã, quando parte da população local está se deslocando para o trabalho. O período da noite também é apontado como perigoso.

Procuramos conhecer o bairro e a região onde estavam as comunidades evangélicas haitianas e as casas de muitos dos seus frequentadores. Em geral, observamos que o lugar contava com boa iluminação pública, coleta de lixo e sistema de esgoto, mas algumas ruas não eram asfaltadas. Os serviços públicos oferecidos contemplavam hospitais, escolas, creches, postos de saúde, transporte, delegacias de polícia, e biblioteca. No entanto, deparamo-nos com poucas áreas públicas de lazer, como quadras, parques, clubes ou praças.

No bairro, havia uma escola que oferecia aulas gratuitas de língua portuguesa para imigrantes. Chegamos a entrar em contato com essa escola. Era o CEU Jambeiro (escola pública da prefeitura de São Paulo em Guaianases), que na ocasião (2018) oferecia vagas para haitianos que quisessem aprender a língua portuguesa. Acompanhamos também haitianos no Hospital Geral de Guaianases, onde alguns deles precisaram de atendimento clínico geral. Além das crianças e dos adolescentes

que cursavam a educação básica em escolas públicas do bairro, soubemos de crianças haitianas que eram atendidas em creches públicas e conveniadas locais. Uma mãe haitiana nos informou que o seu bebê era muito estimado pelos funcionários de uma creche do bairro onde ele estava matriculado.

Em conversa informal com alguns moradores do bairro, os relatos de um casal que morava no lugar – um deles há 49 anos e o outro há 55 anos<sup>31</sup>, – nos chamou a atenção. Eles nos contaram que nunca puderam escolher outro local para morar, mas que existem aspectos bons e ruins em Guaianases, assim como em qualquer outro lugar. Entre os aspectos bons, indicaram a pavimentação das ruas, a variedade de comércios e a existência de um sistema de esgoto. Entre os aspectos negativos, destacaram o alto índice de usuários de drogas, as motocicletas com ruídos estrondosos e as “baladas”, um termo popular que se refere a festas com música, dança etc. Essas pessoas relataram que é muito comum ver haitianos circulando pelo bairro, e acrescentaram haver outros imigrantes nesse lugar também, contudo, não souberam especificar a origem deles.

As questões expostas por esses moradores podem ser compreendidas como opiniões pessoais. No entanto, elas compõem parte da tentativa de apresentar de maneira histórica, estatística e empírica algumas características do bairro. Nesse contexto, e com base na análise das três concepções mencionadas (histórica, estatística e empírica), foi possível verificar algumas questões relevantes para a nossa pesquisa, que serão resumidamente destacadas a seguir.

Primeiramente, Guaianases é um bairro pobre, mas que oferece algumas infraestruturas importantes, entre as quais estão sistema de esgoto, pavimentação das ruas, iluminação, fácil acessibilidade a outras regiões da cidade por meio de seu sistema de transporte ferroviário e interligação com rodovias, além do acesso a inúmeros comércios e serviços públicos. Esses elementos estruturais favorecem o bairro em relação a outros da mesma natureza. Em segundo lugar, pontuamos o fato de o bairro ser majoritariamente formado por negros e ter uma história de crescimento populacional originário de migrantes. Em terceiro lugar, Guaianases é um local onde podemos nos deparar com inúmeras igrejas evangélicas. Esses fatores permitiram que o bairro adquirisse e desenvolvesse parte das características apresentadas.

---

<sup>31</sup> As pessoas que constituem esse casal vivem no bairro desde quando nasceram. Ambas são negras. Julgamos importante pontuar essa informação, considerando que tratamos de um bairro com uma população majoritariamente negra

Essas questões são relevantes para a nossa análise devido à relação delas com o nosso objeto de pesquisa: imigrantes negros (haitianos), moradores de Guaianases, que mantêm relação com comunidades evangélicas localizadas no bairro, incluindo igrejas étnicas (haitianas). Nesse sentido e de modo geral, as características apresentadas nos ofereceram a possibilidade de entender, ainda que parcialmente, a realidade do lugar onde atualmente residem muitos imigrantes haitianos. Tal realidade também pode nos levar a refletir sobre alguns motivos pelos quais esses imigrantes escolheram Guaianases e nele permaneceram, pelo menos até o momento em que essa pesquisa estava em andamento.

## **2.2 Haitianos em Guaianases – Considerações a partir da pesquisa de campo**

Entender como e por que haitianos passaram a viver em Guaianases e permanecem no bairro atualmente é relevante para contextualizar nosso campo de pesquisa. Alguns imigrantes não sabiam responder com clareza por que haviam escolhido esse lugar para viver, embora destacassem, com muita veemência, o fato de que haitianos gostam de permanecer juntos. Inicialmente, esse fato parecia suficiente para explicar a grande quantidade de haitianos vivendo no local. Contudo, as inúmeras conversas informais e a convivência com muitos deles nos permitiram chegar a algumas considerações.

A princípio, a presença inicial de haitianos no local pode ser explicada por meio de algumas questões relacionadas a moradia. Contudo, a permanência de muitos deles no bairro também está interligada a outros fatores, entre os quais alguns serão discutidos durante a nossa abordagem. Em relação a moradia, é importante ressaltar que as periferias urbanas oferecem maiores facilidades para locação ou aquisição de imóveis, desde os valores negociados até questões menos burocráticas, tornando-se alternativas mais palpáveis para a população de baixa renda (CERQUEIRA, 2018, p. 37).

Após a chegada dos primeiros haitianos em São Paulo, muitos deles passaram a se concentrar no bairro do Glicério devido à sua proximidade com a Casa do Migrante. Entretanto, eles se espalharam rapidamente para outros bairros da capital

paulista, como Guaianases (BOCCI, 2015, pp. 115, 120 – 121). Em pesquisa de campo, foi possível obter relatos sobre a chegada de haitianos no bairro.

Mada<sup>32</sup>, mora no bairro há mais de 40 anos e atuou no acolhimento de haitianos por meio da sua comunidade evangélica. Ela conhecia muitos desses imigrantes e nos relatou como aconteceu a chegada daqueles que, segundo ela, foram os primeiros haitianos a morar em Guaianases. A pesquisa de campo com haitianos no bairro nos permitiu conhecer a influência que Mada exercia sobre muitos deles. Alguns haitianos diziam considerá-la como uma mãe.

Ter ciência da relação que ela mantinha com esses imigrantes nos permitiu analisar com mais precisão as questões presentes em seu depoimento. É importante ressaltar que muitos haitianos que chegaram a São Paulo em 2010, juntamente com o início do crescimento do fluxo migratório haitiano para o Brasil, eram direcionados à Casa do Migrante, onde aguardavam conseguir um emprego e moradia, como verificamos em relatos coletados em pesquisa de campo. O depoimento de Mada sobre alguns haitianos que conhecia e que teriam sido os primeiros a chegar em Guaianases não expõe esses detalhes, mas indica alguns motivos pelos quais teriam escolhido o bairro. Ela cita o nome de três haitianos e continua:

Vieram sem nada! Uma pessoa [...] falou para eles: “olha, na empresa onde eu trabalho vai pegar”. Levaram eles até a empresa, diz que contrataram, e diz que falaram para eles: “olha, [...] o dono da empresa tem casa em Guaianases”. Aí eles se comunicaram lá. [...] Aí vieram morar bem perto de nós. [...] Imagina, nessa jornada toda eu conheço o bairro inteiro. Quando chegou aqui, que dia, que jeito... (Mada, entrevista realizada em abril de 2018)

Posteriormente, conhecemos um dos haitianos mencionados em seu depoimento e confirmamos o relato. Apesar de termos conversado com ele diversas vezes, não conseguimos maiores detalhes do ocorrido. Ele sempre estava bastante ocupado liderando a Comunidade Batista Haitiana de Guaianases, sobre a qual falaremos posteriormente. Obter informações sobre as pessoas que teriam sido os primeiros haitianos a residirem no bairro, mesmo sem conhecer todos os detalhes, foi relevante para a constatação dos motivos que teriam levado esses imigrantes a viver no local.

---

<sup>32</sup> Os nomes de todos os entrevistados durante a pesquisa de campo foram substituídos por nomes fictícios para preservar suas identidades.

Como consta no depoimento exposto, a questão da moradia estava presente no contexto. A possibilidade de locar um imóvel do próprio chefe foi decisiva para que aqueles haitianos fossem morar em Guaianases. Mada conheceu esses haitianos através do parente de um deles, que chegou ao bairro posteriormente. Ela não indica nesse relato o ano em que isso teria acontecido, mas expôs com precisão em outro depoimento alguns dados que chamaram a nossa atenção.

É importante ressaltar que os haitianos mencionados se conheciam, mas pertenciam a famílias diferentes. Aos poucos, eles foram recebendo parentes e amigos no bairro, entre os quais alguns vieram diretamente do Haiti, outros, de outras regiões do Brasil onde já estavam vivendo. Um desses imigrantes, mencionados no relato, recebeu um parente distante, que procurou uma igreja assim que chegou em Guaianases. Mada congregava nessa igreja e nos relatou o acontecimento. Um trecho do seu relato destaca em que período e como isso aconteceu, indicando que no início de 2010 haitianos já moravam em Guaianases.

No mês de junho de 2010, veio um haitiano visitar a igreja. Ele tinha chegado naquela semana. Com dificuldade, ele conseguiu comunicar algumas coisas em espanhol. Disse que tinha quatro filhos no Haiti e não estava trabalhando. Entendemos que ele estava morando na casa da família e que estavam chegando mais imigrantes para morar na mesma casa. (Mada, entrevista realizada em abril de 2018).

O relato de Mada indica que o primeiro contato com um haitiano em Guaianases teria ocorrido no mês de junho de 2010. Alguns detalhes desse relato, expostos no trecho abordado, indicam que os familiares desse haitiano já viviam no bairro antes de este chegar, e que inclusive foi acolhido por eles. Sabendo que o fluxo de haitianos para o Brasil começou após o terremoto que ocorreu no Haiti em janeiro de 2010 (MARCELINO, 2016, p. 15) e considerando o depoimento apresentado, podemos fazer algumas considerações. A presença desses imigrantes em Guaianases aconteceu antes de junho de 2010, ou seja, pouco tempo depois que alguns haitianos que chegaram ao Brasil se direcionaram para São Paulo.

Outra questão relevante diz respeito ao fato de o haitiano mencionado no depoimento ter procurado uma igreja evangélica assim que chegou ao lugar destinado. Durante a pesquisa, notamos que isso era comum entre a maioria deles. Uma vez que os imigrantes se instalaram no bairro e passaram a receber amigos e

familiares, a população haitiana no local começou a crescer. Hoje, é comum nos depararmos com muitos haitianos residentes no lugar. Nesse contexto, foi possível visitar algumas de suas residências e constatar as condições em que viviam.

Em campo, foi possível verificar que alguns haitianos compraram imóveis em propriedades irregulares no bairro de Guaianases e acabaram passando por um processo de reintegração de posse. Parte deles, pelo menos a maioria com que tivemos contato e do qual conhecemos as residências, alugavam casas que ocupavam o mesmo terreno com outras. Alguns viviam com parentes e estavam à espera de outros que também morariam no Brasil. Entre estes, existia um pequeno contingente que já havia imigrado para o Brasil anteriormente, o deixou em algum momento, e retornou posteriormente. Essa situação indicava uma circulação migratória que envolvia principalmente Brasil, Chile, Haiti e Estados Unidos.

Alguns imigrantes se deslocaram do Brasil para o Chile e os EUA entre os anos de 2015 e 2016, em decorrência da crise econômica brasileira, e estavam retornando ao Brasil. Em relação aos EUA, em alguns casos a migração ocorreu de maneira indocumentada, resultando na deportação desses imigrantes para o Haiti, que de lá migraram novamente para o Brasil. Também existiam alguns imigrantes com expectativa de viajar para a França, e outros (poucos) citavam o Canadá. Contudo, existia também uma pequena parcela deles que pretendia ficar definitivamente no Brasil.

Em relação ao fato de os imigrantes morarem com muitos parentes, Oliveira e Silva (2016), ao analisarem depoimentos de haitianas no Amazonas, retratam que em “muitos relatos, a casa aparece como habitação coletiva de mais de uma família ou de núcleos familiares extensos” (OLIVEIRA e SILVA, 2016, p. 295), pertencente ao coletivo. Conforme a fala das haitianas abordadas pelos autores indicados, “a nossa casa” (OLIVEIRA e SILVA, 2016, p. 295). Com base nas observações realizadas em pesquisa de campo, podemos considerar que morar com parentes é algo natural para os haitianos em Guaianases. A maioria dos parentes dos imigrantes chegaram ao bairro por intermédio de outro haitiano e lá permaneceram. Muitos deles dividiam a mesma residência com outros haitianos ou residiam em lugares com duas, três ou mais casas em um mesmo lote ou terreno.

É relevante destacar que, de maneira geral, entre as diferentes formas de habitação encontradas nas periferias da cidade de São Paulo podemos perceber inúmeras “casinhas situadas no fundo de quintal originadas de autoconstrução, casas

de aluguel unifamiliares que se subdividem e ganham acréscimos de edícula e outras construções” (VÉRAS, 2016, p. 112). No artigo 1º da Lei Municipal nº 10.928, denominada de Lei Moura, consta que “cortiço” se refere a uma unidade utilizada para moradia coletiva. Estes têm como características:

- a) Várias edificações em um mesmo lote urbano;
- b) Vários cômodos que se subdividem para serem alugados ou cedidos;
- c) O mesmo cômodo usado para várias finalidades;
- d) Utilização comum de instalações sanitárias e espaços não edificados;
- e) Infraestruturas e instalações precárias;
- f) Lugares superlotados<sup>33</sup>.

Como podemos observar, existem variadas formas de espaços concebidos como cortiços. Esse tipo de moradia se tornou uma alternativa mais palpável para trabalhadores de baixa renda, que algumas vezes têm trabalhos informais. Em muitos casos, não existe contrato em decorrência da exigência de emprego formal, renda estável, fiadores etc. Outro fator é o preço do aluguel, que nesses ambientes podem ser mais acessíveis para tais pessoas dependendo da localização (VÉRAS, 2016, pp. 112 – 114). Os cortiços no centro de São Paulo também são uma alternativa para alguns haitianos (BOCCI, 2015). Porém, no caso dos haitianos que vivem nessas condições em Guaianases, destacamos outros fatores que lhes permitiam permanecer no lugar além da maior acessibilidade a esse tipo de moradia no bairro.

A princípio, a permanência dos haitianos em Guaianases aconteceu devido à sua proximidade com parentes e amigos no lugar. Contudo, muitos daqueles que foram recebidos e acolhidos procuraram outra moradia e receberam outros parentes e amigos, desencadeando a necessidade de alugar outros imóveis. A possibilidade de locação de imóveis com menos burocracia e a preços mais acessíveis em relação ao centro da cidade ou a bairros vizinhos, somada à infraestrutura de Guaianases em relação a lugares mais próximos e a influência de algumas outras características do lugar, se tornou preponderante para a permanência nesse bairro.

---

<sup>33</sup> Informações conferidas em Leis Municipais/São Paulo. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sp/s/sao-paulo/lei-ordinaria/1991/1093/10928/lei-ordinaria-n-10928-1991-regulamenta-o-inciso-ii-do-artigo-148-combinado-com-o-inciso-v-do-artigo-149-da-lom-dispoe-sobre-as-condicoes-de-habitacao-dos-corticis-e-da-outras-providencias-1991-01-08-versao-original>. Acesso em: 30/09/2019.

Duas situações encontradas durante visitas de campo com haitianos nos ajudam a ilustrar esse quadro. A primeira delas surgiu durante uma pesquisa anterior (MARCELINO, 2016), quando foi possível conhecer alguns haitianos que moravam em bairro próximos ao centro da capital paulista e que estavam se mudando para Guaianases. As explicações para isso estavam relacionadas aos altos preços que pagavam pela locação de imóveis em bairros mais próximos do centro<sup>34</sup>. A segunda pôde ser observada por meio da história de uma haitiana de 26 anos, a quem chamaremos de Maila, da qual falaremos mais em outros momentos desse trabalho, moradora de Guaianases há pelo menos cinco anos.

Maila está no Brasil desde dezembro de 2012. Veio do Haiti direto para São Paulo. Quando chegou, morou três meses com uma prima em Jabaquara, região centro-sul da cidade. Depois, foi para Guaianases. Em diálogo, ela alegou: “Quando eu cheguei [em São Paulo], fiquei no Jabaquara. Quando saí de Jabaquara, vim morar em Guaianases. Daí, não sai mais daqui” (depoimento de Maila, haitiana). Na ocasião da conversa, ela estava morando em uma casa alugada pelo valor de 700 reais mensais. A casa tinha três cômodos e dividia o terreno com o proprietário do imóvel. Com ela moravam o esposo, um filho e a cunhada. A renda familiar desses haitianos era aproximadamente pouco mais de 2 mil reais.

A casa em que moravam anteriormente, também no bairro de Guaianases, dividia o terreno com outra casa e tinha três cômodos. Porém, os moradores precisaram deixá-la porque o imóvel passaria a custar 900 reais. Apesar de o valor cobrado pela nova residência ter um custo um pouco menor do que o que deveriam pagar se permanecessem no imóvel anterior, continuava sendo mais acessível em comparação a outras regiões periféricas com características aproximadas, iguais ou melhores. A negociação direta com o proprietário também foi relevante para a locação desse imóvel em decorrência das burocracias envolvendo casas alugadas por imobiliárias. Em relação a esse quesito, pontuamos que foi possível obter informações de imobiliárias que se recusavam a negociar a locação de imóveis com imigrantes haitianos

---

<sup>34</sup> Durante a pesquisa de campo (2018), foi possível encontrar integrantes da Igreja Adventista Haitiana do bairro da Liberdade, São Paulo, pesquisada durante o mestrado, em uma festa de casamento haitiana. Em conversa, o líder da Comunidade Haitiana Adventista do Sétimo Dia da Liberdade nos informou que também estava morando em Guaianases.

No que se refere à infraestrutura do bairro, que tem algumas vantagens em comparação a outros semelhantes, como pavimentação das ruas, esgoto, sistema de transporte, entre outras, destacamos a facilidade de mobilidade urbana por meio de seu sistema ferroviário. Em relação à mobilidade em bairros periféricos, Cerqueira (2018) alega que os “indivíduos instalam-se nas periferias urbanas por motivos diversos, que vão desde a alta valorização imobiliária nas áreas centrais até a escolha de um estilo de vida alternativo ao urbano” (CERQUEIRA, 2018, p. 37). Porém, pontua que:

Em uma época em que os deslocamentos intrametropolitanos se multiplicam constantemente, a capacidade de se deslocar torna-se cada vez mais valorizada. [...] As camadas populares que habitam as periferias metropolitanas são constantemente confrontadas com inúmeros obstáculos de mobilidade cotidiana. [...]. (CERQUEIRA, 2018, pp. 37, 38)

Apesar das dificuldades de mobilidade nas periferias urbanas, podemos considerar que, nesse aspecto, o sistema ferroviário de Guaianases, além das diferentes linhas de ônibus e outros meios de transporte, oferece algumas vantagens em relação a bairros vizinhos. Esse fato, por sua vez, favorece a escolha do local em relação a outros que não dispõem dos mesmos serviços. Essas questões são motivos pelos quais haitianos continuavam morando no local. No entanto, podemos considerar outros motivos, como o fato de Guaianases ser um bairro majoritariamente formado por negros e ter relevante presença de imigrantes entre os seus habitantes.

Em conversa com alguns haitianos moradores do bairro, verificamos que a maioria gostava de viver no local. Romeu (haitiano), que residia no bairro há mais de quatro anos quando nos trouxe o seu depoimento, ao ser questionado sobre o que achava de Guaianases, resolveu contar um pouco da sua trajetória. Romeu era solteiro, tinha 42 anos de idade e não tinha filhos. Morou na República Dominicana e, posteriormente, no Equador antes de imigrar para o Brasil. Falava bem o português e alegava falar também espanhol e francês. Morava com sua irmã, que veio para o país em 2017 e tinha dois filhos no Haiti, que ficaram sob o cuidado de parentes.

Na ocasião em que prestou esse depoimento, ele já estava no Brasil há pelo menos cinco anos e permaneceu a maior parte desse período em Guaianases, São Paulo. Além disso, relatou que, quando chegou ao Brasil, passou por Tocantins, onde permaneceu durante um pequeno período. Em Tocantins, era muito bem tratado, conforme alegou, mas como os empregadores desse lugar pagavam pouco, foi

trabalhar na Bahia. Na ocasião, prestou serviços de pintura. Após três meses, viajou para São Paulo, tendo como destino o bairro de Guaianases. Ele também afirmava não ter outros parentes no bairro além de sua irmã e, apesar de ter alguns familiares em Cajamar e Pirituba (SP), escolheu ficar em Guaianases porque no bairro pode frequentar a igreja e conviver com alguns amigos. A igreja a que ele se referia era a Igreja Batista Haitiana. Afirmou também gostar do bairro e citou ter nele a presença de muitos nigerianos, angolanos e outros haitianos. Destacou que, pelo fato de haver muitos imigrantes nesse lugar, sentia-se mais comum entre outros moradores.

Rael<sup>35</sup>, um outro haitiano que já estava no Brasil desde 2016, morou por algum tempo em Parelheiros, São Paulo. No entanto, como nesse local não havia muitos imigrantes negros, segundo ele, a população local tendia a enxergá-lo de maneira diferente, o que o levava a se sentir desconfortável. Comentou que participou de uma pesquisa com estrangeiros realizada em uma escola onde estudou, porém era o único haitiano nela. Por outro lado, ao se referir ao bairro de Guaianases, comentou: “Gosto de Guaianases porque tem muitos negros e imigrantes: nigerianos, angolanos... Aqui tem muito haitiano também, ninguém te acha estranho”. Destacou também alguns pontos negativos do local, como número de alcoólatras nas ruas, mas enfatizou que “andando pelo bairro, a gente encontra muita igreja de estrangeiro. As pessoas não ficam te olhando como um estranho. Te cumprimentam. [...] Guaianases é um pequeno Haiti”. Diante dessas perspectivas, podemos destacar a relação que esses haitianos estabelecem com o local.

### **2.2.1 A relação com o bairro**

Podemos considerar que muitos haitianos acabaram estabelecendo uma conexão com o bairro de Guaianases, que pode ser explicada a partir da interação desses imigrantes com algumas características do lugar. Sheila Silva (2015, p. 101; 2016, p. 87), ao falar sobre negros e migrantes em Guaianases, afirma que existem experiências originárias desse contingente na relação estabelecida com o próprio território. O bairro teria sido alvo de um crescimento demográfico negro entre as décadas de 1930 e 1960, estando ainda hoje repleto de manifestações culturais

---

<sup>35</sup> Informações obtidas em pesquisa de campo, em julho de 2019.

negras, presentes no dia a dia dos seus moradores. Ao tratar sobre essa questão, apresenta situações cotidianas que envolvem moradores de Guaianases.

Criação comunitária, comida e roupas compartilhadas, brincadeiras substituídas por labor são elementos comuns [...], colocando em relevo a conjuntura em que grupos negros estavam inseridos no bairro, além de nos permitir, também, elucubrar sobre um modo de ser e estar no mundo ancorado em princípios fundamentais da filosofia africana, desdobrados enquanto experiência, conformando um eu comunitário. [...] verdadeiras redes de solidariedade tecidas dentro das comunidades e que produzem uma espécie de estrutura social, tal qual as comunidades tradicionais de África nas quais a família é o suporte fundamental, o eu comunitário tem uma base arraigada na solidariedade. Nisso se funda um sentimento de pertencimento e identidade no qual todos são membros de uma única família, o que significa perpetuar uma África teimosa, desobediente e que se nega a morrer diante de um sistema que anseia por domesticar e canibalizar. Criada em meio a esse movimento de vida, onde o que é de um é de todos [...] (SILVA, Sheila, 2016, pp. 95 e 96)

Ao falar sobre as questões comunitárias e as redes de solidariedade, muito presentes no cotidiano de alguns moradores de Guaianases e que teriam relação com as origens africanas da própria população do local, podemos fazer algumas correlações com os haitianos atualmente residentes no lugar. Estes, por sua vez, foram acolhidos no bairro, recebendo respaldo semelhante àquele exposto na abordagem citada acima (SILVA, Sheila, 2016, pp. 95 e 96) por parte de grupos evangélicos. Destacamos também que, nessa relação com o bairro, a negociação entre os costumes e as tradições do lugar e os seus, característicos de sua origem, pode ter sido muito relevante para sua adaptação ao lugar. Baptista destaca que:

O migrante traz consigo traços dos modos de vida do universo de origem, sendo que, no destino, desenvolve novas relações em que seus costumes e tradições de origem interagem com a vida urbana. [...] O migrante vivencia um processo dinâmico de transformação – destruição e recriação – tanto nos modos de vida como nas relações com o espaço e nos referenciais simbólicos que marcam a sua experiência social. (BAPTISTA, 2015, pp. 197 – 198).

Tendo em vista a concepção apresentada, podemos considerar que, entre as transformações e recriações dos referenciais simbólicos dos haitianos para tentarem se adaptar ao bairro de Guaianases, houve um processo de familiarização. Para muitos haitianos, o bairro se tornou um espaço “de convivência, espaço de

familiaridade em meio a uma realidade estranha e em que se é considerado um estrangeiro” (DORNELAS, 2000, p. 3).

Ter uma população majoritariamente negra e oriunda de processos migratórios<sup>36</sup>, além das outras questões pontuadas anteriormente, também pode ter favorecido a adaptação desses haitianos ao lugar<sup>37</sup>. Era comum se deparar com imigrantes negros pelas ruas do bairro. Além de algumas igrejas étnicas, era possível encontrar comércios haitianos, como salões de cabeleireiro, perfumaria e alfaiates, profissão que vários deles exerciam. Esse fato nos chamou a atenção e nos levou à tentativa de conhecer um pouco mais o perfil desses imigrantes do local a partir dos dados que tínhamos em mãos.

### **2.2.2 O perfil desse imigrante**

Em decorrência das dinâmicas do contexto que envolve o nosso objeto de pesquisa, é possível dizer que o perfil desse contingente tem se alternado nesse processo. Inicialmente, vieram muitos haitianos do sexo masculino para o Brasil, com um determinado perfil. Atualmente, temos a presença de muitos familiares desses primeiros haitianos e outro perfil.

Sidney Silva (2016), em uma pesquisa sobre a imigração haitiana, aponta que a presença de familiares dos haitianos tem sido um dado crescente e produzido reunificação familiar. Entre esses imigrantes no Brasil, já é possível encontrar muitos com menos de 18 anos de idade, além de crianças e pessoas acima de 50 anos de idade. Com o passar dos anos, muitos deles passaram a receber seus familiares, como esposas, filhos e outros parentes, promovendo a reunificação familiar de alguns e desencadeando uma crescente presença de mulheres, crianças, adolescentes e jovens haitianos no país (SILVA, Sidney, 2016, p. 213).

Sobre o perfil dos haitianos residentes em Guaianases, alguns dados pautados em um banco de currículos, somados a outras informações obtidas por meio da pesquisa de campo, nos permitiram fazer algumas considerações. Os currículos

---

<sup>36</sup> Guaianases recebeu migrantes oriundos de diversas regiões brasileiras e outros municípios do Estado de São Paulo (AZEVEDO e SILVA, 2015, p. 86).

<sup>37</sup> Algo nos chamou a atenção em relação à população negra do bairro. Ao ter a oportunidade de participar de uma celebração religiosa em um mega templo pertencente a uma igreja evangélica, localizada no centro de Guaianases, foi possível perceber que muitas pessoas que estavam presentes, se não a maioria, eram negros, inclusive o pastor e sua esposa.

analisados foram produzidos entre janeiro e julho de 2018. Durante o período da pesquisa de campo, tivemos a oportunidade de digitalizar o currículo de muitos haitianos que moravam em Guaianases, uma vez que muitos deles não tinham acesso ao serviço ou não sabiam como fazer. Tudo começou quando um haitiano nos pediu que o ajudasse nessa questão. Sabendo da existência de um departamento da IAP, que voluntariamente fazia mediação com algumas agências de emprego, passamos a digitar o currículo daqueles que nos procuravam, encaminhando-os para o departamento responsável. Estes continham informações sobre 49 haitianos com idades entre 20 anos ou mais. Destes, 27 eram do sexo masculino e 22 do sexo feminino. As tabelas a seguir ilustram os resultados obtidos.

**Tabela 3. Haitianos em Guaianases – Idade**

	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
20 – 30 anos de idade	11	7
31 – 40 anos de idade	11	8
41 – 50 anos de idade	5	7
Total	27	22

Fonte: dados retirados de currículos de haitianos de Guaianases, 2017.

**Tabela 4. Haitianos em Guaianases – Nível de Escolaridade**

	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
Fundamental Completo	3	
Médio Completo	16	16
Médio Incompleto	6	5
Superior Completo	1	1
Superior Incompleto	1	
Total	27	22

Fonte: dados retirados de currículos de haitianos de Guaianases, 2017.

**Tabela 5. Haitianos em Guaianases – Estado Civil**

	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
Casados (as)	10	9
Solteiros (as)	17	11
Outros		2
Total	27	22

Fonte: dados retirados de currículos de haitianos de Guaianases, 2017.

**Tabela 6. Haitianos em Guaianases – Idiomas Falados**

	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
Francês	24	16
Francês Intermediário	1	2
Sem menção à língua francesa	2	4
Total	27	22

Fonte: dados retirados de currículos de haitianos de Guaianases, 2017.

**Tabela 7. Haitianos em Guaianases – Inglês e Espanhol**

	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
Inglês básico	2	2
Inglês	5	
Espanhol	1	
Sem menção ao inglês ou ao espanhol	19	20
Total	27	22

Fonte: dados retirados de currículos de haitianos de Guaianases, 2017.

Os dados apresentados nos indicam questões importantes relacionadas ao perfil desses imigrantes. Ainda que a fonte utilizada para a coleta de dados seja restrita, por se tratar de adultos em busca de emprego, ela nos fornece informações importantes sobre os haitianos indicados. Entre essas informações, podemos destacar o número de mulheres haitianas, tão relevante quanto o número de homens, em busca de espaço no mercado de trabalho em São Paulo.

Os dados indicam que a maioria desses imigrantes tinham entre 20 e 40 anos de idade, boa parte deles eram casados e tinham o ensino médio completo. Esses dados nos chamam a atenção principalmente se comparados com as pesquisas realizadas entre haitianos até 2015, que indicavam uma grande maioria de haitianos homens e solteiros<sup>38</sup>. Outra questão relevante está relacionada à língua falada, pois apesar de o francês ser a língua oficial do Haiti juntamente com o crioulo haitiano, alguns declararam em seus currículos falarem apenas francês intermediário. Outros não citaram a língua francesa. Em conversas, alguns deles diziam que nem todo

<sup>38</sup> Informações obtidas com base em pesquisa realizada durante o mestrado (MARCELINO, 2016, pp. 54 – 55).

haitiano fala francês e alguns alegavam que o francês era ensinado na escola. Nesse sentido destacamos:

A língua do povo colonizador deixou sua marca. Ao se tornarem independentes, o francês foi legalmente decretado, por Dessalines, a língua oficial da Ilha. Não obstante a isso, o crioulo continuou vivo, pulsante, nos quatro cantos do Haiti, o que levou, após incessantes lutas empreendidas por linguísticas (sic) e intelectuais, desde a década de 1930, na Constituição de 1987, a esperada oficialização do crioulo haitiano como língua oficial do Haiti. [...] Assim, por muito tempo no Haiti ensinava-se maciçamente nas escolas a língua francesa, mas os haitianos continuavam falando o Kreyòl; [...] houve modificações na maioria das escolas do país, qual seja, o Kreyòl passou ser a principal língua ensinada nos primeiros anos do ensino fundamental e o “francês oscilaria, conforme a escola, entre língua suplementar de instrução e segunda língua de alfabetização”. (COTINGUIBA e COTNGUIBA, 2014. p. 68)

O ensino da língua francesa nas escolas haitianas como suplementar a partir da oficialização do *Kreyòl* haitiano, em 1987, ocasionando alterações no sistema educacional do Haiti (COTINGUIBA e COTNGUIBA, 2014), pode justificar a ausência do domínio da língua francesa pela maioria dos haitianos citados nas tabelas acima.

Outra questão relevante a ser destacada em relação ao perfil desses imigrantes diz respeito ao grande contingente de crianças e adolescentes entre eles no momento em que a pesquisa estava sendo realizada. Como muitos haitianos continuam recebendo esposas, filhos e outros parentes do Haiti, crianças e adolescentes passaram a estar presentes. Porém, observamos também a imigração de várias haitianas para o Brasil com o intuito de se unirem por meio do matrimônio a haitianos que já estavam no país. Por isso, foi possível constatar muitos casamentos entre eles e o nascimento de muitos bebês. Grande parte desses haitianos que vivem em Guaianases são evangélicos.

### **2.2.3 Haitianos evangélicos no bairro**

A presença de muitos haitianos evangélicos no bairro de Guaianases era perceptível. Aos domingos pela manhã, era possível encontrar muitos deles, bem vestidos e com uma bíblia na mão em direção a alguma igreja do bairro. Esse cenário,

tão comum no local, pode suscitar inúmeras questões relacionadas a periferia, migração e religião.

Nesse caso, é importante ressaltar que os dramas das pessoas que têm poucos recursos para migrar geram incertezas, que implicam em ousadia e fé para chegar ao lugar destinado. Porém, esses dramas não acabam quando os imigrantes chegam ao destino. O processo de acomodação ao novo ambiente/local/lugar envolve traumas, rupturas e adaptação cultural, social e econômica. Essas adaptações demandam a construção de uma identidade em meio à busca por referenciais que possam interagir com os anteriores. Nesse cenário, a elasticidade e os ajustes dos discursos de alguns grupos evangélicos na periferia, onde vive boa parte desses migrantes, se tornam atrativos. Muitos passam a se identificar com esses discursos e a pertencer a tais grupos (RIVERA, 2017, pp. 51 – 54).

[Os] grupos religiosos na periferia possuem suficiente elasticidade para ajustar seus discursos e práticas à realidade social, econômica e cultural do dia a dia marcado de maneira predominante pelas culturas dos migrantes. Estas últimas, por sua vez, interagem em graus diversos com os desafios (segregação, discriminação, estigma etc.) da realidade urbana periférica. As próprias características socioculturais da periferia criam condições propícias às práticas sociais e religiosas mais elásticas e menos drásticas em razão de menor grau de institucionalidade dos grupos religiosos. A proximidade das igrejas e a multiplicidade de opções religiosas evangélicas parecem oferecer aos indivíduos um leque de opções sociorreligiosas sem fronteiras claras. (RIVERA, 2017, pp 54 – 55)

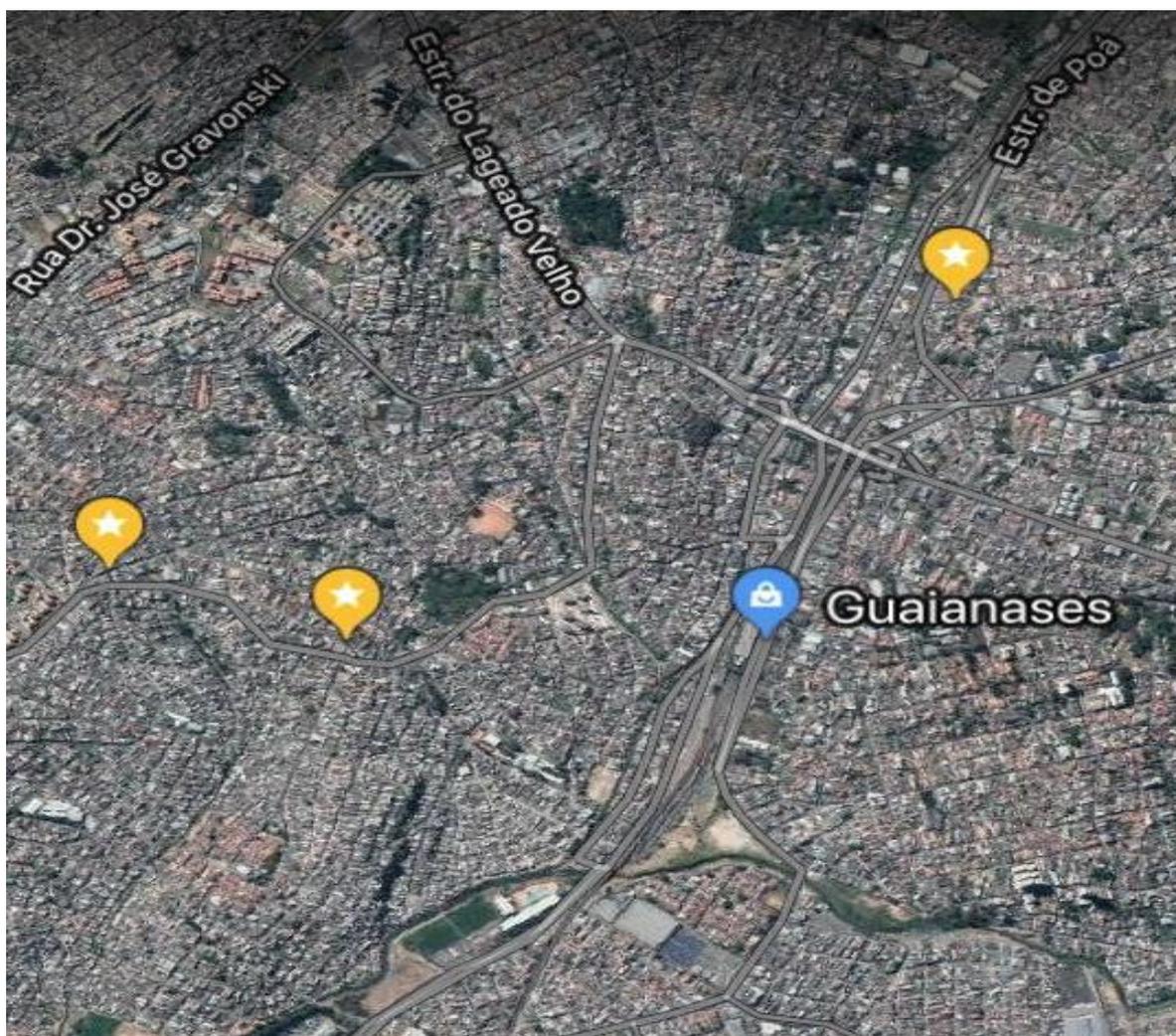
Esse contexto é relevante e faz parte da realidade de muitos migrantes e imigrantes nas periferias. No entanto, sobre os haitianos em Guaianases, em relação à questão apresentada, foi possível observar pelo menos duas situações: 1) Alguns haitianos passaram a fazer parte de algumas comunidades evangélicas que já existiam no bairro, mas muitos deles já eram evangélicos no Haiti; 2) Muitos haitianos passaram a fazer parte de comunidades evangélicas especificamente haitianas no bairro, mas alguns não eram evangélicos no Haiti

Um haitiano relatou que, na comunidade evangélica haitiana em que congregava em Guaianases, evitavam falar sobre doutrina e destacou: “A cultura nos une mais que a religião” (depoimento de um haitiano). Nesse caso, as questões étnicas presentes nessas comunidades e os possíveis ganhos de se fazer parte delas se apresentam como aspectos relevantes. Contudo, as vantagens e os benefícios

relacionados ao primeiro caso, que envolve os haitianos que passaram a frequentar comunidades evangélicas brasileiras, também devem ser considerados. Como escolhemos analisar comunidades evangélicas haitianas, elas foram o nosso foco. Porém, percebemos uma relação entre elas e algumas comunidades evangélicas brasileiras, portanto, entraremos nesse assunto em alguns momentos.

As reuniões para as práticas religiosas das comunidades evangélicas haitianas aconteciam nos templos de suas respectivas igrejas, geralmente aos domingos pela manhã. Entretanto, alguns haitianos se reuniam durante a semana em suas próprias casas. Existia uma forte articulação entre os membros dessas comunidades, visando promover auxílio mútuo e integração interna. Constatamos a presença de pelo menos três comunidades evangélicas haitianas em Guaianases: Igreja Batista Haitiana, Igreja *Rock Solid* Haitiana e Igreja Assembleia de Deus Haitiana. Os mapas e as fotos a seguir ilustram a localização geográfica e os prédios dessas igrejas no bairro.

Figura 9. Mapa da localização das Igrejas Haitianas em Guaianases 1

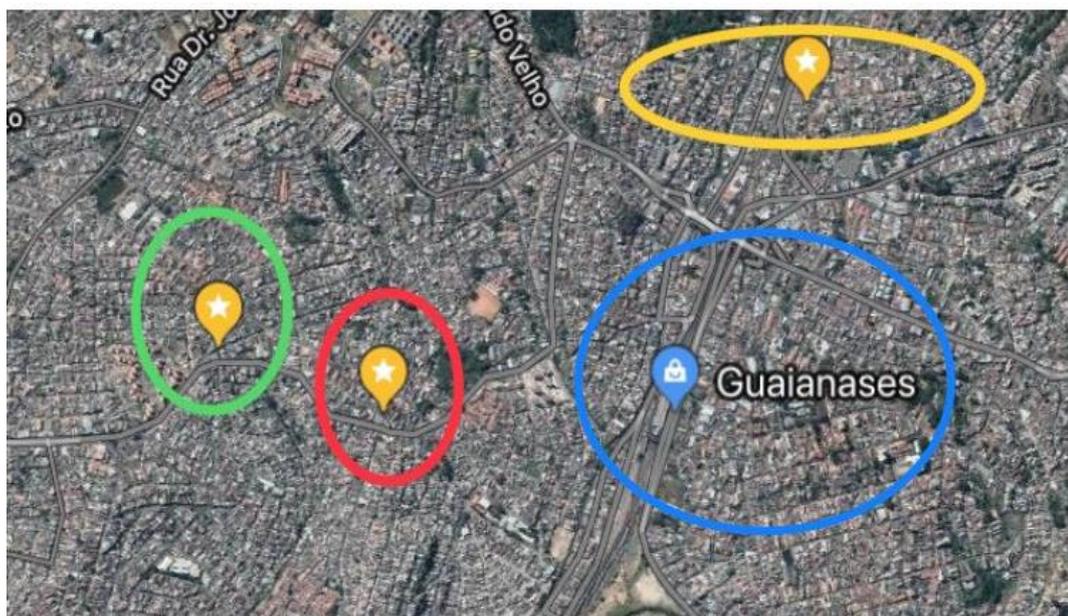


Fonte: <https://www.google.com.br/maps>. Acesso em: 29/11/2018

Legenda:

- Igrejas Haitianas
- Estação de trem de Guaianases

Figura 10. Mapa da localização das Igrejas Haitianas em Guaianases 2<sup>39</sup>



Fonte: <https://www.google.com.br/maps>. Acesso em: 29/11/2018

Legenda:

- Estação de trem de Guaianases
- Igreja Batista Haitiana
- Igreja Assembleia de Deus Haitiana
- Igreja *Rock Solid* Haitiana

---

<sup>39</sup> Optamos por não divulgar o endereço dessas igrejas visando assegurar a integridade delas, devido à possibilidade de existir risco relacionado.

**Figura 11. Templo da Igreja Batista Haitiana de Guaianases<sup>40</sup>**



Fonte: acervo pessoal. Imagem registrada em: 23/12/2018.

**Figura 12. Templo da Igreja Assembleia de Deus Haitiana de Guaianases até meados de 2018**



Fonte: acervo pessoal. Imagem registrada em: 23/12/2018.

---

<sup>40</sup> Observamos que nenhum dos templos de igrejas evangélicas haitianas em Guaianases tinha placa de identificação.

**Figura 13. Igreja *Rock Solid* Haitiana de Guaianases**



Fonte: acervo pessoal. Imagem registrada em: 03/06/2018<sup>41</sup>.

Para realizar a observação participante, escolhemos a Comunidade Evangélica Batista Haitiana. No entanto, tivemos a oportunidade de visitar outras comunidades que esses imigrantes também costumavam frequentar, entre as quais, a Igreja Adventista da Promessa e a Primeira Igreja Batista do bairro, além da Comunidade *Rock Solid* Haitiana e Assembleia de Deus Haitiana.

Os haitianos nos informaram que o grupo da igreja Assembleia de Deus Haitiana teria sido o primeiro a se formar no bairro, mas se extinguiram em 2016, quando a maioria de seus membros deixaram o Brasil em decorrência da crise econômica. Porém, com o retorno de muitos deles nos anos posteriores, a comunidade foi reaberta. Chegamos a visitá-la ainda em funcionamento no prédio indicado pela foto acima, mas como a celebração religiosa já tinha finalizado naquela ocasião, projetamos retornar em uma outra data. No entanto, meses depois (dezembro de 2018), ao fazer uma outra visita a essa comunidade haitiana, ela não estava mais no mesmo espaço. Vizinhos do local informaram que a igreja havia se mudado.

Na ocasião, haitianos que conhecíamos não sabiam a localização do novo endereço. Entretanto, no fim de 2019, esses mesmos haitianos, com posse dessas informações, nos indicaram que os membros dessa comunidade estavam congregando com a Igreja Assembleia de Deus brasileira, que ficava há poucos

---

<sup>41</sup> Em 2019, a igreja mudou de endereço para um imóvel mais amplo, próximo ao prédio antigo ocupado.

metros de distância do antigo templo que ocupavam (indicado na fotografia) e a poucos metros de distância da Igreja haitiana *Rock Solid* (na mesma calçada). Foi possível conhecer esse grupo através de visitas que estes faziam a Batista haitiana.

Pontuamos que apesar da Comunidade haitiana da Assembleia de Deus ocuparem o mesmo espaço de culto da Igreja brasileira, as celebrações religiosas dos imigrantes eram realizadas em momentos diferentes. Segundo um dos haitianos, um dos principais motivos pelos quais eles gostavam de fazer os cultos separadamente estava relacionado à maneira (cultural) de os imigrantes realizarem suas celebrações religiosas, além de poderem dispor de mais tempo para atividades entre eles.

A comunidade pertencente à Igreja Assembleia de Deus Haitiana já havia se mudado pelo menos duas vezes, mas como não conseguiu manter o aluguel, retornou ao templo da Igreja Assembleia de Deus brasileira local, com a qual mantinha contato desde a chegada dos primeiros haitianos no bairro. Apesar de não sabermos a data precisa de formação desse grupo, sabemos que a presença desses imigrantes na região aconteceu a partir de 2010.

A segunda comunidade haitiana a se formar foi a Comunidade Batista Haitiana de Guaianases. Como decidimos acompanhar esse grupo mais de perto, falaremos com mais precisão sobre ele posteriormente. A terceira comunidade evangélica haitiana a se constituir no bairro foi a Igreja *Rock Solid*. Ela foi implantada por uma missionária haitiana que, ao vir para o Brasil com essa intenção, após ter instalado a Igreja em meados de 2014, migrou para os Estados Unidos, de onde fazia contato com o atual pastor da igreja, um haitiano indicado por ela para cuidar dos membros da comunidade.

Todas essas igrejas eram frequentadas por muitos haitianos. Não pudemos calcular o número de membros em decorrência de sua rotatividade migratória. Entretanto, o número de participantes nos cultos variava de 70 a 100 imigrantes ou mais (homens, mulheres, anciãos, adolescentes e crianças).

#### **2.2.4 Relação entre haitianos e Igrejas evangélicas do bairro**

Os imigrantes haitianos evangélicos em Guaianases também passaram a se relacionar com algumas igrejas evangélicas locais. Entre elas, duas serão destacadas (Igreja Adventista da Promessa e Igreja Batista), ainda que de maneira sucinta, em

decorrência da relevância de uma dessas relações para a formação da Comunidade Evangélica Haitiana Batista de Guaianases, igreja acompanhada durante a pesquisa etnográfica.

A primeira comunidade sobre a qual comentaremos é a Igreja Adventista da Promessa (IAP) de Guaianases, que é uma instituição religiosa pentecostal, que nasceu no Brasil em 1932, tendo como fundador um presbítero dissidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia, João Augusto da Silveira (IGREJA ADVENTISTA DA PROMESSA, 2002). No bairro de Guaianases, essa igreja nasceu na década de 1960 (não havia registro exato da data) e, em 2018, contava com pelo menos 282 integrantes, de acordo com informações obtidas por meio da secretaria da igreja local.

**Figura 14. Templo da Igreja Adventista da Promessa em Guaianases**



Fonte: acervo pessoal. Imagem registrada em: 22/12/2018.

A primeira aproximação de haitianos com a IAP no bairro de Guaianases ocorreu em junho de 2010, quando um deles participou de um culto realizado por essa igreja, passando a frequentá-la regularmente. Sabendo das necessidades financeiras desse haitiano, a igreja se propôs ajudá-lo com cesta básica. A partir desse episódio, outros haitianos passaram a buscar a igreja, que os recebia e os auxiliava em diferentes questões, como moradia, móveis, cestas básicas, roupas, auxílio para condução, medicamento, mediação de emprego e outras necessidades que surgiam

ao longo do tempo. Alguns haitianos passaram a frequentar regularmente a igreja e outros se tornaram membros dela por meio do batismo. Alguns relatos de diferentes membros da IAP local retratam parte desse contexto<sup>42</sup>.

Começou a vir um, depois veio outro, que trouxe um outro [...] e continuaram vindo, trazendo muitos. Tinha época que contávamos entre 30 e 35 haitianos na igreja. Aí, a gente começou a ajudar. O primeiro haitiano precisava de uma casa para alugar, e um membro da igreja tinha essa casa. Ele alugou a casa, mas os haitianos não tinham os móveis, então pedimos para a igreja doar o que pudessem. Nós mobiliamos a casa para ele. [...] Micro-ondas, sofá, mesa, cadeira, varal, agulha e até potinhos com botão. A igreja abraçou a ideia. A família de outro membro da igreja estava trabalhando aqui em Guaianases. Conversamos com eles, e disseram para mandarmos os haitianos para lá. Contrataram eles na hora. [...] Foi assim, conhecemos um e por meio dele vieram outros, e outros, e outros. (Membro Adventista da Promessa de Guaianases, 2017)

A gente vai arrumando casa para eles, montando casa para eles. Indicamos onde alugar casa. Ajudamos também com o aluguel até conseguirem um trabalho. Tem um fato interessante, a hombridade deles. [...] quando a gente empresta dinheiro para eles, assim que eles conseguem um trabalho, trazem o dinheiro de volta. Sem telefone, endereço, sem nada. Eles trazem o dinheiro de volta. (Membro Adventista da Promessa de Guaianases, 2017)

Um irmão daqui deu um ano de aluguel para uma família de haitianos. Reformou a casa e disse que ficassem durante um ano sem pagar nada. Então, nessa questão a igreja tem ajudado muito. Por meses, precisamos de mais de mil reais em dinheiro, e nós conseguimos. Nós gastávamos R\$ 250,00 por semana em condução para que eles, em uma parceria com a Igreja Batista da Vila Antonieta, pudessem frequentar uma escola de idiomas existe lá. Uma professora chamada Paula se dispôs a ensinar idiomas. É para diferentes estrangeiros, mas o que mais existe lá são haitianos. (Membro Adventista da Promessa de Guaianases, 2017)

Os depoimentos por parte de membros da IAP demonstram que a Igreja local oferecia acolhimento aos haitianos que a procuravam, mas a pesquisa de campo também nos possibilitou presenciar parte dessa relação. Apesar das declarações de membros da IAP e de constatarmos algumas dessas questões em campo por meio dos inúmeros diálogos com haitianos, quando estes citavam a ajuda financeira

---

<sup>42</sup> Não revelamos os nomes para preservar as respectivas identidades.

prestada sempre a relacionava a pessoas específicas e não à Instituição/Igreja. As pessoas apontadas por esses haitianos representavam departamentos da Igreja, mas eram enxergados isoladamente por esses imigrantes.

Como alguns haitianos frequentavam a IAP, procuramos saber quais eram os motivos para essa preferência. Esses motivos variavam, mas um deles era o estilo de celebração religiosa dessa igreja, parecido com os que esses haitianos estavam habituados. O depoimento a seguir esboça essa questão:

Não gosto de igreja sem instrumento musical. [...] Eu gosto de igreja alegre. [...] Eu tinha uma amiga que estava indo na Igreja [se refere à IAP em Guaianases]. Ela me convidou e eu disse: “Não vou à Igreja Adventista, na igreja Adventista eu não vou!”. Ela disse: “Não, aqui é muito diferente. Muito, muito...”. Eu disse: “Não vou, não vou!”. Mas aí eu fui e gostei. Ah, aqui é meu lugar. [...] Tentei ir a outras igrejas. Isso ficou na minha cabeça. Não gostei. Aí, eu fui de novo e fiquei por lá mesmo. Não só porque eles aqui são bem animados, mas por causa das pessoas também. Não todo mundo, mas [Mada] sempre ajuda. Se não está na igreja, ela liga para saber o que aconteceu. Entendeu? Se não for, ela vai ligar para perguntar. Ela pergunta: “Que que você tem? Você não está bem? Está precisando de alguma coisa?” (Depoimento de uma haitiana, 15 de fevereiro de 2018).

Outro fator apresentado se refere à interação social entre alguns membros da igreja e esses imigrantes. Um haitiano alegou: “Agora, estou indo sempre com a minha esposa na Adventista. [Cita o nome de alguns membros da IAP]. Essas pessoas são boas. Conversam com a gente, ligam e perguntam: ‘está tudo bem?’ Eu gostei muito” (relato de um haitiano). O depoimento prestado por esses haitianos demonstra os motivos pelos quais teriam escolhido frequentar a IAP do bairro.

Entretanto, observamos que existia uma relação entre a IAP e algumas igrejas haitianas. Essa relação acontecia com as comunidades evangélicas Batista Haitiana e *Rock Solid* Haitiana. Nesse aspecto, algumas vezes pudemos presenciar encontros elaborados pela IAP com participação especial de haitianos dessas comunidades. As fotos a seguir ilustram alguns desses eventos. Posteriormente, falaremos mais especificamente sobre a Comunidade Evangélica Batista Haitiana em Guaianases, também contemplada por esta pesquisa.

**Figura 15. Casamento de haitianos na IAP em Guaianases**



Fonte: acervo pessoal. Imagem registrada em: 09/09/2017.

**Figura 16. Grupo musical da Comunidade Batista Haitiana na IAP em Guaianases**



Fonte: acervo pessoal. Imagem registrada em: em 24/03/2018

**Figura 17. Grupo musical da Comunidade *Rock Solid* Haitiana na IAP Jd. Alvorada**



Fonte: acervo pessoal. Imagem registrada em: 24/03/2018<sup>43</sup>

<sup>43</sup> A IAP de Alvorada está localizada no município de Guarulhos – o evento registrado na imagem foi realizado em parceria com a IAP de Guaianases, a qual levou o grupo musical de haitianos para participação.

O haitiano que se tornou pastor da Comunidade Batista Haitiana de Guaianases frequentou a Igreja Adventista da Promessa por alguns meses, logo depois de ter chegado ao bairro. Contudo, sendo de origem Batista, denominação religiosa à qual pertencia no Haiti, ao estabelecer uma parceria com a Primeira Igreja Batista de Guaianases (PIBG), teve a possibilidade de se matricular em um seminário de teologia Batista e liderar um grupo de haitianos.

A Primeira Igreja Batista de Guaianases (PIBG) se formou no bairro em 1940, oficializando-se em 1950. Em 2018, contava com pelo menos mil integrantes. Durante o tempo de sua existência, deu origem a outras igrejas, entre as quais podemos citar<sup>44</sup> a Igreja Batista Haitiana. O contato inicial entre um jovem pertencente à PIBG e haitianos no bairro foi primordial para que o grupo se formasse.

Esse jovem teve a pretensão de auxiliar os haitianos, organizando currículos e mediando algumas doações de alimentos para muitos deles. Inicialmente, os imigrantes participavam das celebrações religiosas da PIBG, mas com o crescimento do grupo, receberam um espaço para que pudessem realizá-las em sua própria língua. O grupo chegou a reunir cerca de 200 membros haitianos. Como o espaço se tornou insuficiente, a PIBG ofereceu outro local, um templo que havia pertencido à Igreja Batista Alemã, onde os imigrantes se reuniam durante o período em que a pesquisa foi realizada.

Uma das características da Comunidade Batista Haitiana é ser constituída por haitianos de diferentes denominações evangélicas. Torna-se relevante destacar que o líder e pastor do grupo, um haitiano que já pertencia à Igreja Batista no Haiti, não era pastor em seu país de origem. Como a Comunidade Batista Haitiana é autônoma no contexto administrativo, recebe apenas algumas orientações e o auxílio do pastor da PIBG. Nesse sentido, o pastor da PIBG já fez alguns casamentos, batismos e apresentação de crianças haitianas. Os membros da Comunidade Batista Haitiana também participam da celebração religiosa denominada de Santa Ceia com a PIBG.

Por meio de diálogo com envolvidos na PIBG, foi possível constatar que os haitianos têm muitos problemas, inclusive com o espaço, já considerado insuficiente em decorrência do grande número de membros. O líder da comunidade haitiana

---

<sup>44</sup> Informações obtidas no site oficial da PIBG, disponível em: <http://pibguaianases.com.br/igreja.html>. Acesso em: 30/09/2018. Contato realizado com a Primeira Igreja Batista de Guaianases em 2018.

contatou a PIBG para verificar a possibilidade de aumentar o templo. Contudo, a rotatividade desses haitianos era muito grande, motivo pelo qual decidiram aguardar uma possível estabilização do grupo antes de tomarem alguma iniciativa.

### **2.2.5 Comunidade Batista Haitiana de Guaianases**

A comunidade que constitui a Igreja Batista Haitiana em Guaianases se formou em agosto de 2014. Seus cultos congregavam cerca de 120 pessoas, mas havia grande rotatividade dos membros oficiais da comunidade devido à circulação migratória deles. As reuniões oficiais do grupo aconteciam aos domingos pela manhã. Primeiramente, realizavam um estudo bíblico, seguido do culto na língua crioula haitiana e conforme seus próprios costumes. As mulheres tinham grande participação na música, na organização dos membros no templo, nas orações, nas arrecadações de ofertas e na preparação das refeições servidas logo após as celebrações.

A igreja possuía uma banda musical com guitarrista, contrabaixista, baterista e tecladista. Nas últimas visitas realizadas à igreja, foi possível observar a implementação de dois instrumentos de percussão, um tambor e um atabaque. Conforme acompanhávamos os eventos realizados pelo grupo, verificamos que muitos membros, geralmente homens, tocavam algum instrumento. Os cultos estavam sempre repletos de participantes, incluindo muitas mulheres e crianças.

As celebrações eram sempre festivas, com muitas músicas, palmas e às vezes danças. Ao entoarem seus cânticos, os membros tinham o costume de repetir o mesmo refrão inúmeras vezes. Alguns levantavam as mãos em celebração, outros fechavam os olhos e faziam movimentos espontâneos com o corpo. Algumas vezes, foi possível presenciar emoções intensas, como se estivessem experimentando algum transe religioso. Nesses episódios observávamos reações diferentes daqueles habituais. Choravam, clamavam em voz alta, curvavam-se. Podemos considerar que a liturgia do culto era muito parecida com aquela presente em algumas igrejas pentecostais brasileiras. A imagem a seguir ilustra parte da comunidade que pertence à igreja Batista Haitiana de Guaianases.

**Figura 18. Culto na Igreja Batista Haitiana**

Fonte: acervo pessoal. Imagem registrada em: 10/06/2018.

Nessa e nas demais comunidades visitadas, o aspecto cultural era reforçado não apenas por meio da língua e da liturgia do culto, da forma de se vestir ou da comida servida, pois até mesmo as cores das roupas usadas e os ornamentos e as decorações dos espaços de celebração em eventos que os haitianos entendiam ser especiais reforçavam o orgulho que demonstravam de ser haitianos. Em eventos importantes, os imigrantes se vestiam com roupas que combinavam cores da bandeira haitiana. Essa atitude nem sempre parecia ser consciente, mas se repetia em inúmeros eventos julgados por eles como importantes, como comemorações de aniversário da igreja, de algum grupo musical, festas de casamento, entre outros.

Além disso, os imigrantes falavam de seu país como um lugar de muito potencial, porém, enfraquecido pelas grandes problemáticas enfrentadas. Nesses eventos, as cores mais usadas eram, amarelo, branco, vermelho e azul. Percebemos que a utilização de roupas idênticas em eventos importantes era uma característica cultural muito enfática nos grupos de haitianos com os quais tivemos contato, o que facilitou a percepção dos aspectos apresentados. Fora do espaço de celebração religiosa, em algumas residências haitianas visitadas, era possível ver a bandeira do Haiti como parte da decoração. Abaixo, colocamos a imagem da bandeira Haitiana seguida de algumas fotos do grupo, para melhor ilustração do contexto apresentado.

**Figura 19. Bandeira do Haiti**



Fonte: <http://www.123countries.com/wpcontent/uploads/2015/05/Waving-Haiti-Flag.jpg>. Acesso em: 19/11/2019

**Figura 20. Grupo de mulheres haitianas em casamento na Igreja Batista Haitiana de Guaianases**



Fonte: acervo pessoal. Imagem registrada em: 28/04/2018.

**Figura 21. Grupo de mulheres haitianas na Igreja Batista Haitiana de Guaianases**



Fonte: acervo pessoal. Imagem registrada em: 03/03/2019.

**Figura 22. Culto na Igreja Batista Haitiana em Guaianases**



Fonte: acervo pessoal. Imagem registrada em: 25/08/2019

Como foi possível verificar, a Comunidade Batista Haitiana de Guaianases foi apenas um dos espaços presentes no bairro, formados a partir do agrupamento desses imigrantes, com a pretensão de favorecer suas reuniões religiosas, preservar aspectos culturais, mas também estender suas redes sociais a partir da relação com outras comunidades religiosas locais. Contudo, uma observação mais precisa do grupo demonstrou que as comunidades evangélicas haitianas também proporcionavam articulações em torno de outros objetivos comuns relacionados à vida cotidiana de seus adeptos, assunto a ser abordado no próximo capítulo.

### **3 ENTRE ELES: A COMUNIDADE E O COTIDIANO DE SEUS ADEPTOS**

Após abordarmos alguns elementos conceituais e práticos fundamentais para pensarmos o nosso objeto de estudo no primeiro capítulo e apresentarmos o nosso campo e objeto de pesquisa no segundo, adentramos no terceiro com a intenção de posicionar o leitor acerca da atuação da comunidade evangélica haitiana na vida cotidiana de seus adeptos em Guaianases. Nesse sentido, iniciaremos com as estratégias que adotamos em campo para compreendermos essa realidade e discutiremos sobre questões de cunho prático e cotidiano em que observamos a ação e a relevância da comunidade estudada.

#### **3.1 Estratégia de campo**

Para compreendermos a atuação da comunidade evangélica haitiana, foi necessário estabelecer algumas estratégias no decorrer da pesquisa de campo. Sabemos que a pesquisa etnográfica proporciona muitas descobertas, entretanto, por vezes associadas a um processo de construção de relações que se estabelecem entre pesquisador e pesquisados. Estas não são isentas de experiências que em diversos momentos ultrapassam os limites propostos para a pesquisa, motivo pelo qual por diversas vezes ficamos reflexivos no que se refere às articulações estabelecidas. Como respaldo, durante esse processo nos atentamos para as observações de Bourdieu (1998) em relação ao trabalho de Sayad (1998), o método (caminho) adotado por Wacquant (2002) em sua pesquisa etnográfica relacionada ao pugilismo e de White (2005) sobre rapazes de esquina e gângsteres.

##### **3.1.1 Voz do migrante**

Em nossa caminhada etnográfica em Guaianases, preocupamo-nos em dar voz ao imigrante haitiano, de modo a compreender com mais profundidade a relação que estes estabeleciam com a sua comunidade étnica, o que se somaria a outros dados obtidos para a nossa análise, entre os quais, a própria observação participante. Nesse sentido, em que medida a comunidade étnica se fazia presente na jornada migratória haitiana ou nos meandros desse percurso.

As observações de Bourdieu (1998) acerca do trabalho realizado por Sayad (1998) em sua obra sob o tema “A Imigração ou os paradoxos da alteridade” foram relevantes para nos apropriarmos da ideia de dar voz ao imigrante. Como destaca o autor acima citado, Sayad (1998) teria executado um papel de escrivão público ao conceder voz àqueles que teriam sido destituídos dela (BOURDIEU, 1998, pp. 9 – 12). Sabíamos que o nosso papel não seria o mesmo, mas essa ideia nos possibilitou ter estratégias para nos apropriarmos melhor desse método.

Em relação ao trabalho de Sayad (1998), em um ambiente de perguntas e silêncio por parte dos imigrantes pesquisados, houve a tentativa de reencontrar palavras que pudessem descrever as experiências vividas, marcada por sua presença entre eles, mas com discrição, dignidade e pudor. Ao mesmo tempo que o seu trabalho o inseria em momentos de escuta e observação, envolvia também testemunho, cumplicidade, compreensão, complacência e transcrição, virtudes não encontradas nos manuais de metodologia (BOURDIEU, 1998). A nossa proposta procurou se basear nesses princípios, de maneira que as informações obtidas e transcritas pudessem resultar em um quadro constituído também pela voz do migrante.

### **3.1.2 Convivência com o migrante**

Conviver por um período com os imigrantes haitianos em Guaianases também era uma proposta de nossa estratégia de campo. Porém, para que essa convivência pudesse nos trazer resultados positivos, utilizamos o respaldo de algumas obras etnográficas. Uma das obras observadas diz respeito à pesquisa de Wacquant (2002) sobre o pugilismo. Pelo menos duas questões no trabalho etnográfico do autor nos chamaram a atenção. A primeira se refere à ligação entre observação empírica e trabalho teórico, e a segunda se refere à experiência do pesquisador na relação com o seu objeto.

No que se refere à ligação entre observação empírica e trabalho teórico, Wacquant (2002) nos aponta a relevância de uma abordagem empírica que dialogue com aportes teóricos, o que nos direcionou à busca desses aspectos ao percorrermos sobre nossa pesquisa de campo. Tratando-se da experiência do pesquisador na relação com seu objeto, a partir da premissa de Bourdieu a respeito do aprendizado pelo corpo, Wacquant (2002) destacou a necessidade que se coloca ao pesquisador

(fala do sociólogo) de inserir, na medida do possível, o próprio organismo, a sensibilidade e a inteligência no universo pesquisado, envolvendo-se de tal maneira que, em campo, nem o agente (pesquisador) nem o objeto (pesquisados) sejam explicitamente “diferentes”. Tal aspecto demanda laços e cumplicidade (WACQUANT, 2002, pp. 11 – 12 e 15).

Segundo esse autor, um grupo social pesquisado se constitui de pessoas de carne, nervos e sentidos, que sofrem, premissa que deve ser levada em consideração com muita relevância. Assim, o trabalho minucioso e metódico que envolve a detecção e o registro, bem como a decodificação dos dados obtidos na contínua observação, precisam ser descritos de maneira que “o sabor e a dor da ação, o som da fúria do mundo social que as abordagens estabelecidas das ciências do homem colocam tipicamente em surdina, quando não os suprimem completamente”, sejam expressos de alguma forma (WACQUANT, 2002, p. 11). Assim, Wacquant (2002) compartilhou muitas outras experiências além do ringue.

Assim, meus colegas de ringue me fizeram compartilhar de suas alegrias e dores, de seus sonhos e seus dissabores, dos piqueniques, das noites dançantes e de seus passeios familiares. Levaram-me para rezar em sua igreja, para cortar [fade] o cabelo no barbeiro deles, para jogar bilhar em seus bares favoritos, para escutar rap ad nauseam, e até para aplaudir o *Minister* Louis Farrakhan, por ocasião de um encontro político-religioso da Nação do Islã no qual me vi, eu, o único descrente europeu entre dez mil devotos afro-americanos em transe” (WACQUANT, 2002, p 21)

Essa forma de se relacionar com o objeto de pesquisa nos orientou em relação ao nosso próprio percurso com aqueles que pesquisávamos. No entanto, além da pesquisa de Wacquant (2002), alguns aspectos do trabalho etnográfico de White (2005), “Sociedade de esquina”, também serviram de respaldo para a nossa própria experiência em campo. Nesse sentido, voltamos para a necessidade de nos atermos ao cotidiano desses imigrantes.

### 3.1.3 Ênfase ao cotidiano do migrante

Tendo como respaldo o trabalho etnográfico realizado por White (2005) a partir de 1937 em um bairro italiano de Boston, lugar que chamou de Cornerville, também procuramos focar, ainda que em partes e sabendo das nossas limitações, em alguns

detalhes do dia a dia dos imigrantes pesquisados. Para White (2005), a opção de morar no local por alguns anos foi um diferencial que possibilitou a aproximação com o cotidiano de seus moradores. Esse fato nos levou a refletir sobre a relevância da nossa aproximação com o lugar e o grupo analisados e sobre a necessidade de estabelecermos um convívio cotidiano com alguns haitianos de maneira mais aproximada. Nesse convívio, por um período considerável (mais de dois anos), mantínhamos conversas diárias com alguns deles (via rede social WhatsApp), além das visitas periódicas à Comunidade étnica, que acontecia aos domingos, e outras visitas durante a semana à casa de alguns deles.

Observamos que White (2005) não dispensou detalhes sobre o lugar e alguns personagens que faziam parte dele. Em uma relação acompanhada por notável respeito pelo grupo analisado, apresentou histórias da vida real de algumas pessoas que viviam em Cornerville, como suas atividades, relações e organizações – grupos e gangues. Nesse cenário, a trajetória de indivíduos e alguns grupos foi descrita de modo que estratégias de organização social local, relações com a polícia, articulações com a política, entre outras, eram desveladas de maneira prática e real.

Para esse autor, era preciso observar o indivíduo em seu próprio contexto social. Por isso, as atividades deles eram apontadas visando compreender o padrão da vida diária dos moradores daquele lugar, conhecer como suas relações aconteciam e como eles se organizavam. Além de observar a vida cotidiana de seus pesquisados, White (2005) pôde estabelecer uma relação de convivência e interação com eles, tornando-se também um agente no campo pesquisado. Esses aspectos nos serviram de referência para o envolvimento que estávamos prestes a estabelecer com nosso grupo pesquisado.

#### **3.1.4 A experiência com o migrante**

Pesquisar o grupo de imigrantes haitianos de maneira que a experiência com eles nos fizesse ir além do que poderia ser observado à primeira vista permitiu que conhecêssemos melhor a atuação da comunidade evangélica haitiana entre seus adeptos. Essa experiência envolvia corpo, sentidos, aproximação, sentimentos e emoções. Em outras palavras, não significava apenas estar presente, mas fazer parte de algumas experiências do grupo. Sabíamos que o nível das relações estabelecidas

nos dariam mais ou menos propriedade para aprender sobre eles. Além disso, a necessidade de construir laços de confiança para obter dados relevantes para a pesquisa demandou esse tipo de aproximação. Assim, na medida que essa premissa se tornava real, experiências e informações adquiridas na convivência com alguns imigrantes eram apreendidas.

Além do lugar onde se reuniam para suas celebrações religiosas, foi possível conhecer a residência e os familiares de alguns, e eles, nossa residência e nossa família. Cabe ressaltar que a amizade construída nesse percurso era sincera e transcendia os limites estabelecidos pela pesquisa. Entre eles, éramos “nós mesmos”, não nos comportávamos como pesquisadores, ainda que nos conhecem como tal e soubessem da pesquisa que realizávamos. Apesar da aproximação e da amizade que envolvia afetos e confiança nesse processo, sempre buscávamos o distanciamento para analisar o objeto. Dessa forma, em alguns períodos, sentíamos a necessidade de nos afastar um pouco do campo e refletir melhor sobre os dados coletados. Depois, aproximávamo-nos novamente. Fizemos isso algumas vezes.

Além disso, procuramos fazer uma análise que considerasse outras pesquisas, outros autores e outras teorias, o que nos ofereceu a possibilidade de compreender melhor o grupo e suas formas de organização. Como acompanhamos mais de perto a Igreja evangélica Batista Haitiana de Guaianases, a descrição da atuação da comunidade haitiana entre os seus adeptos será pautada com base nas observações relacionadas a essa Igreja.

### **3.2 A comunidade étnica – Redes sociais migratórias e solidariedade**

Entre os temas emergentes relacionados à migração, podemos pontuar com destaque as questões relacionadas a redes, remessas, gênero, segunda geração, multiculturalismo, xenofobia, racismo, classe, trabalho, segurança e violência. Trata-se de um cenário que envolve “a saudade, a loucura, as transformações identitárias, o tráfico e o contrabando de pessoas, o reconhecimento (profissional e não só), a dupla ou tripla pertença jurídica, cultural, religiosa”, entre outros aspectos (LUSSI, 2015, pp. 68 – 69). Esses desafios obrigam os imigrantes a desenvolver estratégias de sobrevivência. Nesse sentido, os impactos sofridos podem ser amenizados quando

os imigrantes fazem parte de uma comunidade étnica na qual os mesmos costumes e a mesma língua deles são partilhados (CASTRO e AGUILAR, 2016, p. 561).

Além disso, a maneira como imigrantes se relacionam no país de destino demonstra que a solidariedade tem sido um elemento fundamental nesse cenário. Os “laços solidários seriam responsáveis pela formação das chamadas ‘comunidades étnicas’ no exterior” (MARTINS JUNIOR, 2017, p. 658). Funcionam como um ponto de apoio para o migrante e passam a ser um “elemento constituinte das chamadas redes sociais migracionais e, por consequência, das comunidades étnicas” (MARTINS JUNIOR, 2017, p. 658).

[As] redes sociais informais, constituídas por laços solidários entre membros de família e amigos, facilitam o deslocamento de migrantes e garantem certa mobilidade desses indivíduos na sociedade receptora – fornecendo contatos e suporte aos recém-chegados além de estimularem formação de um empreendedorismo étnico com a abertura de negócios voltados para a “comunidade”. [...] Ou seja, todo o projeto migratório de um indivíduo (deslocamento e adaptação na sociedade receptora) é afetado diretamente pelo número de laços solidários que este possui, ou pelo seu capital social [...]. (MARTINS JUNIOR, 2017, p. 659).

Dessa forma, a rede funciona “por meio de uma ‘solidariedade étnica’ [...] a qual, por sua vez, seria a expressão de um pertencimento coletivo criado a partir de experiências compartilhadas por um mesmo grupo” (MARTINS JUNIOR, 2017, p. 659). Entendemos que, nos processos migratórios, a comunidade evangélica haitiana pode ser compreendida como parte da estratégia de sobrevivência dos haitianos nos países de destino, por meio da qual o ponto de apoio para os adeptos dessas comunidades pode ser encontrado em um processo de solidariedade entre os membros do grupo.

É relevante destacar que não desconsideramos a existência de conflitos em muitas dessas comunidades. Porém, devido ao foco de nossa análise, consideraremos apenas a solidariedade presente no grupo pesquisado. Além de partilhar a mesma língua e os mesmos costumes, a comunidade evangélica haitiana também se apresenta como uma possibilidade palpável de auxílio às demandas cotidianas desses imigrantes. Na tentativa de apresentarmos a atuação da comunidade em relação a esse aspecto, vamos pontuar, descrever e analisar algumas

observações com base no contato com o grupo. A seguir, algumas imagens ilustram a comunidade evangélica haitiana onde a pesquisa etnográfica foi realizada.

**Figura 23. Celebração religiosa haitiana 1**



Fonte: acervo pessoal. Imagem registrada em: 26/02/2018.

**Figura 24. Celebração religiosa haitiana 2**



Fonte: acervo pessoal. Registrada em: 26/02/2018

### **3.2.1 A atuação da comunidade**

Como abordamos no capítulo anterior, a comunidade Batista Haitiana de Guaianases era formada por haitianos pertencentes a diferentes denominações

evangélicas, das quais eles também faziam parte no Haiti. No entanto, destacamos que alguns de seus adeptos não eram evangélicos antes de chegarem ao Brasil. Estes, porém, não representavam a maioria. Observamos que a agregação desses adeptos acontecia mais em decorrência da cultura do que da religião (evangélica). Alguns deles expunham essa premissa. Assim, a busca pela comunidade não estava relacionada apenas às questões religiosas (apesar destas terem a sua importância para o grupo), mas pelo amparo. Este, por sua vez, além de envolver as questões culturais, tornando-se, em partes, um subterfúgio diante dos desafios de estar inserido em uma sociedade com costumes diferentes dos de origem, relacionava-se também às possíveis conquistas envolvidas por parte de seus adeptos a esse contexto.

Nesse sentido, destacamos que os benefícios de pertencer a uma comunidade étnica nesse cenário eram muitos, uma vez que, no grupo, os membros encontravam apoio para diferentes necessidades cotidianas e migratórias. Entre estas podemos destacar, além de questões de cunho emocional, inúmeras outras relacionadas a família, trabalho, moradia e saúde. Em relação à migração, podemos destacar o apoio da comunidade para que informações, mediações (quando necessárias) e ajuda de diferentes formas pudessem contribuir para o deslocamento de seus adeptos e parentes. A ajuda mútua entre os adeptos da comunidade proporcionava auxílio para o enfrentamento dos dilemas do dia a dia. Porém, nesse contexto, o pastor haitiano tinha um papel primordial. Verificamos que na figura do pastor se concentrava uma grande parte dessa demanda, pois ele era o responsável por buscar o suprimento de algumas das principais necessidades do grupo.

### **3.2.2 O líder da comunidade**

O pastor da comunidade evangélica haitiana era o líder do grupo. Ele se dedicava de maneira integral ao serviço da comunidade. A sua função demandava um exercício tanto de poder sobre os seus liderados quanto de serviço em favor deles. Como descreve Foucault (2008, p, 231), ao discutir sobre modelos de liderança – exercício de poder –, em relação à atividade pastoral no cristianismo, “pastor é aquele que cuida” ao exercer a função de “conduzir, de dirigir, de levar, de guiar, de controlar [...] encarregar-se dos homens coletiva e individualmente” (FOUCAULT, 2008, pp. 218 – 219). O pastor é responsável pela “economia das almas” (p. 255), ou seja, além das

atribuições anteriormente citadas, tem como responsabilidade conduzir a conduta das pessoas. Podemos considerar que o pastor haitiano da comunidade evangélica em questão era responsável pelos adeptos da comunidade evangélica haitiana em muitos aspectos, relacionados tanto à conduta quanto a outras diversas questões que envolvem o cotidiano desses imigrantes.

O respeito ao pastor por parte do grupo liderado era perceptível. Diante de exposições públicas que o pastor fazia durante celebrações religiosas na comunidade, observamos a conduta de sujeição de seus adeptos em relação a correções, questionamentos e aconselhamentos. Eles recorriam ao pastor para tomada de decisão e deviam explicações a ele sobre a maneira de conduzir suas vidas pessoais (quando estas estavam fora dos quesitos estipulados para a comunidade). Por vezes, ouvíamos alguns dizerem que buscariam orientação, ajuda ou até permissão do pastor para algumas questões relacionadas a assuntos cotidianos, como casamento, emprego, moradia, migração, entre outros.

O pastor também contava com uma equipe formada por homens e mulheres (todos haitianos) para tomada de decisões, os quais o ajudava na busca por parcerias com outras igrejas, ONGs e empresas, visando o benefício do grupo. Foi possível observar: a busca por ajuda no Centro de Apoio de Pastoral do Migrante (CAMI), na tentativa de conseguir cestas básicas; estratégias de solicitação de ajuda a hipermercados por meio de uma carta com pedido de doações; e a relação com igrejas evangélicas do bairro, com as quais estabeleciam parcerias para busca de emprego, moradia, cestas básicas, roupas, utensílios domésticos etc. Presenciamos contextos, dos quais até fizemos parte, envolvendo doações de roupas, calçados, acessórios e brinquedos. Uma vez que alguns sabiam da nossa relação com o grupo, procuravam-nos para fazer suas doações.

Por vezes, aqueles que tinham mais facilidade com a língua e conheciam melhor a cidade de São Paulo acompanhavam outros que precisavam buscar emprego. A casa do pastor também servia de acolhimento por algum período, caso necessário, para aqueles que chegavam de processos migratórios ou para aqueles que estavam enfrentando dificuldades financeiras. Nesse processo, presenciamos também a mudança do pastor de um imóvel menor para outro maior, que pudesse atender a essas expectativas. Esse pastor não tinha um trabalho secular, apesar de ter demonstrado tal interesse em alguns momentos em que conversamos. Como ele recebia ajuda de custo por parte da igreja, dedicava-se exclusivamente à comunidade.

A busca da comunidade pela ajuda pastoral envolvia: aconselhamentos de diferentes aspectos; obtenção de informações sobre procedimentos migratórios; ajuda das mais diversas (trabalho, moradia, emprego); consentimento e aconselhamento para questões relacionadas a concretização de casamento (quando não conseguiam casar no cartório civil em decorrência da falta de documentação – casos em que se casavam apenas na igreja); elaboração das festas da igreja, de casamento, natal etc.; mudanças (de uma casa para outra); visitas e acompanhamento em hospitais; procedimentos para funeral, entre outros. O pastor era uma figura muito estimada pelos adeptos de sua comunidade. Nele, o grupo acreditava encontrar apoio para o que fosse necessário. Porém, a própria comunidade também atuava de maneira solidária. Nesse sentido, algumas questões foram mais perceptíveis. A primeira delas diz respeito à família.

### **3.2.3 A questão da Família**

Existem discussões sobre a definição de família, mas como não pretendemos entrar nesse mérito, iniciamos destacando que, considerando a dinâmica proposta pela nossa abordagem, entendemos que família tem como característica essencial as relações de parentesco (LOBO, 2017, p. 315). É necessário dizer que o migrante não surge sem estar inserido em um contexto que de alguma forma se relaciona a família: filhos, mãe, pai, marido, esposa, tios, tias, sobrinhos, avós etc. Em outras palavras, a família também compõe parte da rede migratória, de maneira implícita ou explícita, ela é parte constituinte desse processo.

No que se refere aos haitianos, Oliveira e Silva (2016, pp. 305 – 307) destacam que a “referência a família parece ser tão intensa que a falta desta, seja pela distância, seja pela fatalidade do terremoto, parece impedir a continuidade da luta pela vida”. A família é sinônimo de amparo e felicidade. A sua ausência, por outro lado, traz a ideia de solidão e tristeza. As relações familiares parecem sobressair e transcender a miséria relacionada ao país de origem.

No que se refere ao matrimônio, Borba e Moreira (2016, p. 460) retratam que a relação estabelecida entre imigrantes haitianos e comunidades evangélicas brasileiras acaba sendo um meio para que laços como “o casamento com membros da sociedade receptora” aconteçam. No entanto, Oliveira e Silva (2016, pp. 305 – 307)

destacam que, entre os haitianos, existe uma procura por parceiros étnicos para se casarem, fato constatado também no nosso campo de pesquisa. Presenciamos inúmeros casamentos entre haitianos, mas nenhum fora do contexto étnico. Em outras palavras, os casamentos aconteciam sempre entre haitianos e haitianas e não houve algum que envolvesse parceiros(as) brasileiros(as). Além disso, não observamos a ocorrência de namoro dessa natureza entre eles. A ideia de que o casamento deve acontecer dentro de uma perspectiva étnico-cultural parece ser apreciada pela maioria. As imagens a seguir ilustram algumas cerimônias de casamento em que estivemos presentes.

**Figura 25. Decoração de casamento haitiano em Guaianases**



Fonte: acervo pessoal. Imagem registrada em: 09/09/2017.

**Figura 26. Casamento haitiano na IAP em Guaianases**



Fonte: acervo pessoal. Imagem registrada em: 09/09/2017.

**Figura 27. Casamento de haitianos em salão de festa em Guaianases**



Fonte: acervo pessoal. Registrada em: 10/12/2018.

**Figura 28. Casamento na Igreja Batista Haitiana**

Fonte: acervo pessoal. Registrada em: 28/04/2019

No que se refere à relação de gênero entre familiares do grupo analisado, destacamos que Pereira (2016, p. 169), em sua pesquisa com haitianos em Rondônia, verificou a existência de relações homoafetivas, apesar de não se aprofundar no assunto. Ressaltamos que não verificamos caso semelhante em nosso grupo pesquisado. Ao falar sobre violência contra a mulher, Pereira (2016) descreve que não houve registro dessa natureza entre eles em Porto Velho (RO). Em relação à nossa pesquisa, tivemos a oportunidade de dialogar sobre o assunto com algumas mulheres haitianas e confirmar a existência de casos como esses, mas sempre relacionados a conhecidos delas, segundo diziam.

Em algumas ocasiões de celebração religiosa presenciamos homens haitianos homenageando publicamente suas esposas. A comunidade ficava animada com essas homenagens. Apesar da violência doméstica ser uma realidade na vida de muitas haitianas, inclusive de algumas delas no Brasil, como alegavam, não tivemos nenhuma informação sobre essa problemática entre os pertencentes ao grupo pesquisado. No entanto, entendemos que isso não indica inexistência desses ocorridos entre eles, uma vez que essas questões nem sempre são expostas ou reveladas.

Oliveira e Silva (2016, p. 307) pontuam que, apesar de o processo migratório significar um ato de libertação das mulheres haitianas contra a opressão masculina, elas não conseguem romper com esse modelo patriarcal. Ao se referir a esse cenário, os autores destacam:

Partir significa um ato de liberdade, ao migrar livram-se do domínio e da opressão do pai, do marido, do irmão mais velho, do tio, do padrasto e assim por diante. Ao romper com essas amarras opressoras, as mulheres rompem também com o legado do patriarcado. [...] Por outro lado, percebemos que muitas vezes, elas migram levando consigo a acomodação ao legado de dominação e não conseguem romper com a relação de dependência numa sociedade erguida sob os resquícios do patriarcado que representa um “sistema fundamentado nas relações baseadas na desigualdade entre homens e mulheres”. (OLIVEIRA e SILVA, 2016, p. 307)

Nesse sentido, apesar do conhecimento de que a violência contra a mulher era uma realidade entre haitianas no Brasil, percebemos que o assunto não era abertamente retratado. No entanto, via-se a existência de grande submissão por parte das mulheres ao gênero masculino (pai, padrasto, marido ou irmão mais velho). O homem exercia autoridade sobre a mulher, apesar de percebermos, em alguns casos, resistência por parte de algumas delas. Cenas presenciadas deixavam evidente que a mulher deveria se sujeitar à vontade e às decisões do gênero masculino.

Um episódio nos chamou a atenção. Em um vídeo recebido via *WhatsApp*, encaminhado pelo pastor haitiano da Comunidade onde fazíamos a pesquisa etnográfica, observamos como essa ideia era muito presente entre eles. O vídeo ilustrava a história de um casamento entre um homem e uma mulher haitiana. Esse homem tinha uma estatura pequena em relação à mulher, trazendo a ideia de que a sua autoridade sobre ela não estava relacionada à estatura física. As cenas mostravam a mulher servindo o marido de diferentes formas: levando uma bacia para que este lavasse as mãos sentados no sofá, oferecendo alimentos e vestindo-o. Em determinado momento, diante da insatisfação do marido, a mulher se ajoelha diante dele e pede desculpas. A língua usada no vídeo era o crioulo haitiano e não havia tradução, mas as imagens transmitiam a ideia que apresentamos.

Na nossa aproximação com eles, os homens sempre destacavam a necessidade de conhecer a nossa família, mas principalmente o filho do sexo masculino e o marido (em decorrência da pesquisadora ser do sexo feminino).

Vivenciamos esse fato por meio de uma visita realizada à nossa residência. Percebemos que, na concepção haitiana (pelo menos a observada dentro do grupo pesquisado), a mulher deve servir não apenas o marido, mas também servir o pai e os irmãos do sexo masculino e prestar submissão a eles. Em conversa sobre gênero com uma haitiana, esta destacou com tom de indignação: “Muitas vezes, até o sapato do marido devemos tirar quando eles chegam em casa!” (Depoimento de uma haitiana). A sua postura diante do assunto parecia expor rejeição a esse tipo de relação entre homens e mulheres haitianas.

Criamos uma relação próxima com uma senhora haitiana de 43 anos, solteira, mãe de dois filhos, que morava com o irmão em Guaianases. Ela era responsável por cuidar das roupas, da alimentação e da limpeza da casa, além de ajudar com as despesas mensais, pois também trabalhava fora. Certa vez, ao observarmos que algumas haitianas usavam perucas, questionamos se ela não tinha vontade de usar uma. Olhando para o irmão que estava presente, respondeu que ele não permitia. Diante da resposta dessa haitiana, seu irmão replicou: “Ela não precisa de peruca! Deus lhe deu cabelo!” (Frase de um haitiano). Meses depois, após o casamento do irmão, ocasião em que passou a morar sozinha, postou uma foto no WhatsApp usando peruca, mas que não permaneceu por muito tempo. A “relação de dependência estabelecida com seu irmão mais velho pode ser um indicativo da perpetuação das relações de dominação de gênero, que continuam até mesmo no processo migratório”, de acordo com Oliveira e Silva (2016, p. 307).

O apontamento dessas questões é relevante, pois nos indicam alguns detalhes de como as relações familiares acontecem para muitos desses imigrantes, mas existem outras questões relacionadas a esse contexto que também precisam ser ressaltadas. A ideia de solidariedade entre parentes próximos e distantes é muito presente entre eles. Nesse sentido, destacamos a preocupação com remessas para ajudar a família no Haiti como uma questão que se articula ao processo migratório desse contingente para o Brasil. Essa premissa foi perceptível desde a intensificação desse fluxo no ano de 2010.

A finalidade do envio das remessas, como em grande parte dos fluxos migratórios, é direcionada, num primeiro momento, para o sustento da família e a educação dos filhos. Entre os entrevistados, 93% confirmaram esta finalidade. O uso para outras finalidades, como por exemplo, investimento em imóveis ou pequenos negócios. Depende dos níveis de renda do

imigrante e das estratégias de reprodução econômica adotadas por eles, conjugando, por exemplo, trabalho familiar e assalariado [...]. (SILVA, Sidney, 2016, p. 219)

A preocupação com o sustento da família que ficou no Haiti era uma das mais relevantes entre esses imigrantes. Carletti (2016, p. 111), ao entrevistar haitianos no Brasil, expôs a fala de um deles: “A gente quando ganha dinheiro aqui no Brasil sempre manda para nossa família no Haiti. Haitiano valoriza muito a família, é muito importante”. Dados apresentados na pesquisa de Silva (2016) também demonstram como tal questão é fundamental para esses imigrantes. Porém, essas remessas não aconteciam apenas para a parte da família no Haiti. Em um processo que envolvia diversos parentes em diferentes países, por inúmeras razões (necessidades momentâneas, falta de emprego ou outras), em um movimento que permeava redes transnacionais, essas remessas circulavam entre alguns deles também por diferentes partes do mundo.

Em alguns momentos, devido às necessidades financeiras de alguns haitianos com quem tivemos contato, obtivemos informações de remessas recebidas por parentes que estavam em outros países, como Chile, França e Estados Unidos, apesar de não serem muito constantes. Em entrevista com haitianos no Brasil realizada por Carletti (2016, p. 118), a fala de um haitiano expõe também o recebimento de remessas financeiras de haitianos no Brasil por parte de parentes em outros países. A fala desse haitiano destaca: “Eu tenho um irmão que mora nos EUA, quando eu preciso de dinheiro ele me manda”.

Percebemos a existência de visitas, ainda que não muito frequentes, que alguns desses haitianos faziam aos seus parentes no Haiti. Deparamo-nos com casos de alguns haitianos que viviam no Chile, mas que faziam visitas aos parentes no Brasil pelo menos uma vez ao ano, e haitianos que viviam no Brasil e faziam visitas aos parentes no Chile. As visitas entre parentes aconteciam também por diferentes regiões de São Paulo e do Brasil. Em alguns casos, a visita se prolongava e se tornava definitiva. Presenciamos casos de haitianos que retornaram para o Haiti, mas esses casos não eram muitos nem constantes. Assim, podemos considerar que a família é muito importante para eles, que se preocupam e se sacrificam em favor dela. Esse sacrifício envolve também as dores advindas do distanciamento físico ocasionado pelo processo migratório de muito deles.

Nesse sentido, é necessário destacar os avanços tecnológicos na comunicação e suas influências na relação entre aqueles que migraram e os familiares que ficaram. Os meios de comunicação tecnológicos podem auxiliar a comunicação e trazer alguns benefícios nesse processo. Inevitavelmente, esse contexto nos remete à ideia de “famílias transnacionais”, concepção desenvolvida para “conceituar o processo de migração e de mobilidade, em geral, que impacta sobre as famílias [...] relações sociais que se estendem ao longo do tempo e do espaço” (BALDASSAR, 2017, pp. 317 – 318 e 322).

Os vínculos são mantidos mesmo quando os envolvidos estão em diferentes partes do mundo, de maneira que estes se fazem “presentes” nas vidas um dos outros, ainda que de maneira “virtual”. Assim, o apoio emocional, entre outros aspectos, é preservado tanto para aquele que migra quanto para aquele que ficou, o que é de suma importância para os migrantes (BALDASSAR, 2017). Contudo, mesmo com as facilidades que as tecnologias proporcionam para a comunicação entre o migrante e seus familiares em lugares distantes, promovendo o apoio, a comunidade étnica também exerce uma influência muito relevante nesse contexto.

Sabemos que entre as problemáticas decorrentes de processos migratórios, existem aquelas atreladas ao bem-estar psicológico. Elas podem se desencadear a partir das incertezas quanto ao futuro e do processo de socialização em uma nova cultura, que além de interferirem na forma de pensar, sentir e agir do imigrante, levam-no a questionar a sua maneira de ser, de enxergar e de se relacionar com o mundo à sua volta, entre outras questões. Porém, a ausência física da família também pode gerar problemas emocionais, afetando a sua saúde psicológica. Nesse sentido, a construção de relações em grupo pode trazer alguns benefícios para o migrante (DANTAS, 2010, pp. 19 – 20).

Em relação a essa questão, é importante ressaltar que as “pessoas que foram socializadas na mesma cultura compartilham de uma ‘memória’ e de um quadro de referência comum para a projeção das ações individuais” (DANTAS, 2010, pp. 20 – 21). No entanto, ao migrar para outro contexto cultural, rompe-se o quadro de referência que traz sentido e pertencimento. Nesse caso, alianças que os imigrantes estabelecem com seus descendentes no país de destino podem retomar uma memória do passado que propicia uma referência para o futuro (DANTAS, 2010, pp. 20 – 21).

[Quando] as pessoas vão morar em outra cultura, isso representa uma ruptura expressiva desse quadro de referência, de sentido e pertencimento. A mudança de país impõe ao migrante múltiplas perdas, já que deixa para trás familiares, amigos, trabalho, ambiente físico, língua, normas sociais, locais conhecidos e a memória social. Além disso tem de se ajustar a um novo local, onde o que antes era parte da rotina se torna um desafio diário. [...] Fica claro, portanto, que o contato contínuo com outra cultura supõe um conflito, uma crise e uma posterior “adaptação” ao novo ambiente cultural. [...] Há, portanto, a possibilidade dessa crise ser insuperável. (DANTAS, 2010, p. 21)

Nesse complexo processo envolvendo às rupturas impostas aos migrantes (crises e conflitos pessoais decorrentes dessa questão), as relações com o grupo étnico assumem grande importância (DANTAS, 2010, p. 21). Além de suprirem, ainda que parcialmente, algumas das ausências decorrentes dessas rupturas, as comunidades étnicas, ao se organizarem a partir de uma gama de estratégias e ações concretas, possibilitam que seus adeptos sejam “identificados para além da condição de ‘estrangeiros’ no espaço social onde vivem e convivem” (PETRUS, FRANCALINO, 2010, p. 216). Os migrantes se tornam integrantes de um grupo que se percebe e deseja ser percebido como coletivo e atuante diante da realidade em que está inserido (PETRUS, FRANCALINO, 2010, p. 216). Podemos considerar que esses fatores podem produzir nesses imigrantes o sentimento de pertencimento e valoração, contribuindo com a sua saúde emocional e psicológica.

Além disso, em sua comunidade étnica, o migrante não se sente totalmente sozinho em um universo estranho, onde é enxergado por muitos como “diferente”. A relação que estabelece com sua comunidade proporciona a completude de um espaço não preenchido em sua totalidade pelo contato com os familiares e os amigos por meio da comunicação “virtual”, possibilitada pelas novas tecnologias. Percebemos que a saudade dos familiares persistia mesmo em meio aos contatos contínuos com estes via redes sociais, que os possibilitavam ver e ouvir seus parentes.

Por outro lado, estar em uma comunidade étnica e pertencer a ela nesse novo contexto social lhes possibilitava a aproximação física, emocional e afetiva com semelhantes, o que parecia amenizar, ainda que parcialmente, tais sofrimentos. A aproximação vivenciada pelo grupo se apresentava como benéfica, mesmo com a existência de desavenças entre alguns, que por um momento se afastavam, mas depois retornavam ou se uniam a outra comunidade da mesma natureza (étnica).

A comunidade não era apenas um lugar para se frequentar, mas também estava presente no dia a dia desses imigrantes. Aos fins de semana, havia muitas atividades em conjunto: celebrações religiosas na própria comunidade e em outras; festividades de casamento (que eram constantes), aniversários, e apresentação de bebês recém-nascidos durante os cultos. Durante a semana, eles também se encontravam nas casas um dos outros para reuniões religiosas. Diversas vezes, tivemos a informação de que foram ao “monte” (lugar montanhoso em meio à natureza, distante da movimentação urbana) durante a semana para realizarem orações em conjunto. Visitações às residências uns dos outros, bem como passeios entre eles para casa de parentes e amigos que estavam vivendo em outra região do Brasil, também eram constantes.

No percurso desta pesquisa, foi possível constatar a chegada de inúmeros parentes desses imigrantes. Havia esforço por parte da comunidade para recepcionar e acolher essas pessoas que chegavam. Aos poucos, parte da comunidade já havia recebido alguns familiares: mãe, pai, filhos, irmãos, entre outros. A comunidade recebia calorosamente os parentes/familiares de seus adeptos, e no acolhimento, manifestava-se a questão da moradia.

#### **3.2.4 A questão da Moradia**

Pertencer a uma comunidade étnica no caso pesquisado também trazia algumas facilidades em relação à moradia, uma vez que os seus adeptos podiam contar com a ajuda mútua nesse sentido e com as alianças estabelecidas no local com outras igrejas. Já tratamos parcialmente desse assunto em outros momentos, contudo, é importante destacar alguns dados mais específicos coletados a partir da pesquisa de campo, que se referem à atuação da comunidade haitiana nesse aspecto.

A questão da moradia era uma preocupação entre eles. A grande maioria dos adeptos da comunidade acompanhada morava em Guaianases, mas outra parcela (pequena) morava no Jardim Helena, em Itaquera, em São Miguel e em outros bairros próximos. Além das residências de haitianos visitadas em Guaianases, conhecemos uma delas no Jardim Helena. Como a maioria das casas habitadas por haitianos em Guaianases, esta ficava em um terreno com outras residências (de acordo com o que observamos, existiam mais de quatro casas no mesmo terreno). Quando a casa era

do tipo sobrado com dois ou mais andares, cada andar era locado como uma residência particular. Não tivemos informação de nenhum deles que morasse sozinho, o que não significa que essa situação não pudesse existir. A imagem a seguir ilustra uma das ruas de Guaianases onde encontramos várias residências de haitianos, nas quais fizemos algumas visitas.

**Figura 29. Moradia de haitianos em Guaianases**



Fonte: imagem disponível em: <https://www.google.com.br/maps>. Acesso em: 29/05/2018.

**Figura 30. Uma das residências onde moravam haitianos em Guaianases 1**



Fonte: imagem disponível em: <https://www.google.com.br/maps>. Acesso em: 24/01/2018.

**Figura 31. Uma das residências onde moravam haitianos em Guaianases 2**



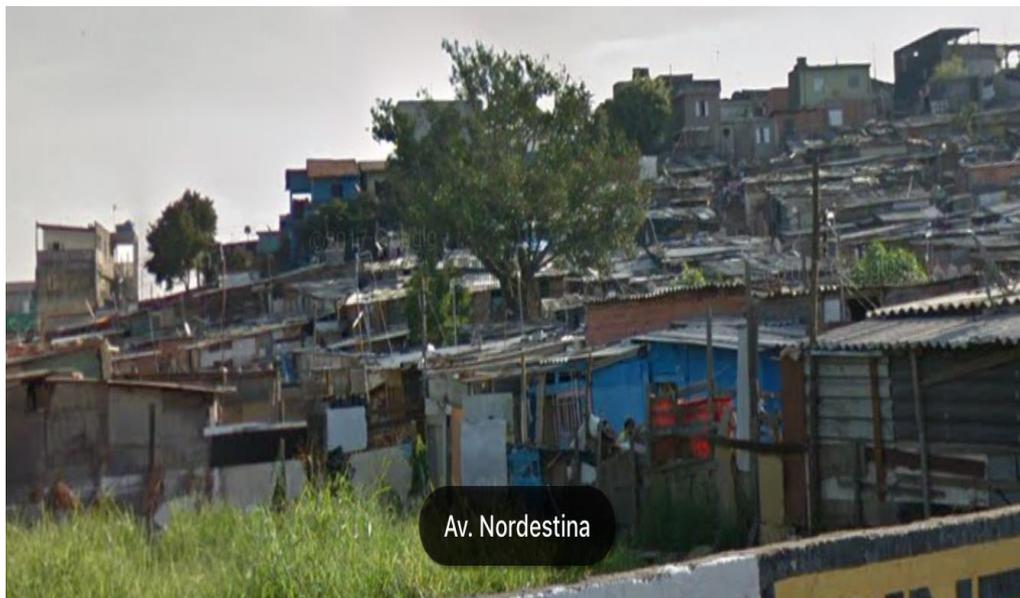
Fonte: imagem disponível em: <https://www.google.com>. Acesso em: 15/02/2018.

Alguns haitianos compraram imóveis em propriedades invadidas no bairro de Guaianases e tiveram que passar por um processo de reintegração de posse, que aconteceu na primeira semana de outubro de 2017. Esse terreno, localizado na Avenida Nordestina, em Guaianases, abrigava pelo menos 25 famílias, nas quais estavam diversos haitianos, segundo informações obtidas por meio de um líder religioso (IAP – Guaianases) que estava tentando ajudar no acolhimento dessas pessoas. Uma haitiana que morava em outro local do bairro nos relatou que:

Do outro lado tinha um terreno invadido. Tinham muitos, muitos lá [se refere aos haitianos], que compraram e já construíram. Não sabiam. Eles mandaram todo mundo correr. E o governo mandou todo mundo correr sem dar nenhum auxílio. O terreno não era do governo, era privado. [...] Até que a igreja [se refere a IAP localizada no bairro] tentou ajudar, mas não conseguiram. Não sei o que fizeram. Tinham vinte e quatro que não tinham nem lugar pra ficar. Não sei o que aconteceu, pra onde foram. (Relato de uma haitiana em: 15/02/2018)

As imagens a seguir mostram esse terreno antes e depois da reintegração de posse.

**Figura 32. Terreno antes da reintegração de posse**



Fonte: imagem disponível em: <https://www.google.com.br/maps>. Acesso em: 29/12/2017.

**Figura 33. Terreno depois da reintegração de posse 1**



Fonte: acervo pessoal. Imagem registrada em: 22/04/2018.

**Figura 34. Terreno depois da reintegração de posse 2**



Fonte: acervo pessoal. Imagem registrada em: 02/10/2018.

Em março de 2019, obtivemos a informação de que alguns haitianos, adeptos da comunidade que estávamos acompanhando, estavam carpindo/limpando um lote em São Mateus, extremo leste da capital paulista, que se dividiria em terrenos de 15 x 15 m<sup>2</sup>. Em todos os fins de semanas e feriados, pelo menos oito haitianos se empenhavam nessa tarefa. Eles diziam ter recebido a opção de comprar esses terrenos, pelos quais cada um pagaria um valor de 80 mil reais a vista ou parcelado durante 15 anos. As parcelas se iniciariam com R\$ 400,00 mensais. Percebemos que eles não tinham informações exatas sobre a procedência do terreno nem se este tinha documentação. Os imigrantes sabiam que a pessoa negociando a venda do terreno não era o proprietário, mas tinham a promessa de que tudo seria legalizado.

Um desses haitianos com quem conversamos estava em dúvida sobre fechar ou não o negócio, mesmo já tendo trabalhado no terreno por alguns dias. Também estava preocupado com o valor mensal, que não era uma parcela acessível para ele, segundo afirmou. Em situações como essas, sugeríamos a busca por orientação especializada de órgãos ou profissionais legais (como prefeitura, advogados etc.)

como a melhor alternativa. No entanto, buscávamos não interferir nas ações do grupo, tendo em vista o cuidado para não entrarmos em atrito com opiniões divergentes entre eles, de maneira que as opções apresentadas servissem apenas como aconselhamento, quando nos pedissem. Contudo, percebemos que aqueles com os quais tínhamos conversado acabaram desistindo do negócio. Não obtivemos informações posteriores se outros prosseguiram com o caso.

Destacamos que na comunidade evangélica haitiana existia apoio entre eles, e quando necessário, realizavam reuniões para decidirem o que deveriam fazer ou não nessas situações. No caso apresentado, fariam uma reunião para conversar mais sobre o assunto. Percebemos que se preocupavam com o alto custo dos aluguéis residenciais que pagavam, mas alguns não queriam investir em um terreno indocumentado. Tendo em vista que era do conhecimento da maioria daqueles com que tivemos contato a reintegração de posse que desabrigou haitianos que compraram um espaço no terreno localizado na Avenida Nordestina, em Guaianases, precaver-se em situações como essas era relevante para muitos deles. Além da preocupação da comunidade com a questão da moradia, havia também a investida para conseguir trabalho para os haitianos desempregados que faziam parte do grupo.

### **3.2.5 A questão do trabalho**

A precarização do trabalho tem sido uma questão de destaque para as massas de pessoas que estão migrando dentro do complexo contexto global de deslocamentos para diferentes países, e que inevitavelmente envolve o Brasil. Villen (2016, pp. 45 – 47) destaca que, em 2013, a ONU indicava que dos 232 milhões de migrantes no mundo, sendo a maioria originária de países periféricos, pelo menos 59% estavam vivendo em países centrais (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2013). No entanto, as restrições do mercado de trabalho mundial para esse contingente estavam intimamente relacionadas à precarização. Tratando-se do Brasil em relação as imigrações originárias de países periféricos, podemos dizer que a precarização do trabalho também é um dado a ser ressaltado.

[A] porta de entrada no Brasil – ao menos a da frente, ou seja, o circuito legalizado da imigração – para qualquer tipo de trabalho, como ocorre em muitos outros países em escala mundial, se coloca como formalmente “fechada” para essa categoria. A eles

se apresenta restritivamente outra porta, que se abre emergencialmente, muitas vezes de forma subterrânea, e é direcionada aos setores altamente marcados pela precarização do trabalho, como a indústria têxtil, de abate de carnes, construção civil, serviços domésticos, entre outros. (VILLEN, 2016, p. 47)

O suprimento de necessidades básicas para a sobrevivência, como alimentação e moradia, é mediado pela venda de uma força de trabalho próprio que se submete a um sistema exaustivo e abusivo, mas que se torna a forma mais palpável para enviar remessas aos parentes no país de origem ou, até mesmo, de fazer pequenas economias. Em relação aos haitianos, esse contexto envolve, com muita frequência, os “trabalhos pesados em construção civil e na indústria de abate de carnes” (VILLEN, 2016, p. 49), entre outros. Contudo, é relevante destacar que essa situação de trabalho não é diferente da vivida por boa parte da população de trabalhadores nacionais que exercem as mesmas funções (VILLEN, 2016, pp. 49 e 50).

É possível que as particularidades relacionadas à força de trabalho desses imigrantes no Brasil, se revele na sua própria condição de direitos, diferenças culturais, língua etc. Tais fatores os posicionam em uma situação de vulnerabilidade e, algumas vezes, de exploração. Nesse sentido, podemos destacar os diversos abusos aos quais esse contingente é exposto: baixa remuneração – que em alguns casos é inferior à de trabalhadores nacionais; trabalhos informais – portanto, desprotegidos legalmente; excessivas cargas de trabalho; entre outros. Esse é um cenário que os insere em uma realidade na maioria das vezes oposta à idealizada, com circunstâncias nas quais a mão de obra vale pouco e o trabalho é pesado (VILLEN, 2016, pp. 51, 53 e 54). Porém, ainda assim, “é uma via para se buscar melhores condições de vida em relação àquelas encontradas no país de origem” (VILLEN, 2016, p. 53).

Um das insatisfações encontradas entre os haitianos com os quais nos relacionamos durante a pesquisa estava justamente vinculada ao mercado de trabalho. Em entrevista com a haitiana Maila, coletada em fevereiro de 2018, encontramos detalhes sobre algumas dessas insatisfações:

Quando eu cheguei aqui [final de 2012], depois de três meses consegui um emprego na faxina, limpeza do Hospital [cita o nome do hospital]. Fui trabalhar, só que eu não falava nada. Nada, nada, nada [se referia a língua portuguesa]. Só que eles

falavam: você vai fazer isso e isso [fala com tom de voz brava]. Pelo fato de você não falar [português] e precisar trabalhar, então vai fazer coisas que eles nem pediram. A minha turma entrava às 9h. Tinha outra que entrava às 6h e saía às duas [14h] e outra que entrava às 14h e saía às 22h. Eu trabalhava das 9h às 17h. Tinha duas chefes. A encarregada da manhã ia embora e entrava a da tarde. A da manhã via o meu serviço [no sentido de valorização]. A da tarde, eu não sei o que aconteceu, sofri muito com ela. Ela me dava coisa pra fazer, limpar escada, um monte de coisa. Eu percebia que porque eu não falava nada, ela não gostava de mim. Reclamava muito. [...] A chefe da manhã, uma vez, ela chegou em mim, aí, ela me chamou e disse que estavam reclamando muito de mim, mas que ela estava procurando alguma coisa pra reclamar e não via nada. Toda vez que ia me chamar, me via a trabalhar. Mas, quando foi pra passar na experiência, ela saiu de férias. Então ficou na mão daquela da tarde. Teve uma vez que ela estava reclamando, reclamando. Ela disse que eu não fiz isso [alguma coisa que tinha que fazer], e duas brasileiras que estavam lá diziam que eu fiz sim. Antes de me mandar embora, me mandaram limpar a escada, e eu falei: ó, eu tenho problema na perna, eu não posso fazer isso, subir e descer pra limpar e passar pano. Eu disse pra ela: não posso, porque escorrega. Ela disse: você vai ter que fazer. E, fazendo isso, eu caí e quebrei minha perna mais uma vez. Lá no hospital eu passei, fui pra casa e fiquei 15 dias. Quando voltei, me mandou embora. Fiquei 15 dias em casa e eles não me pagaram nada. Todo mundo falava que eu tinha que processar. Não processei porque fui a primeira haitiana a entrar naquele lugar, se eu processasse ia fechar a porta para outros haitianos que viriam depois. Falei: deixa pra lá! Porque a gente sabe que não está no nosso país.

A experiência de Maila com o primeiro emprego no Brasil durou três meses e foi traumatizante, já que após o acidente no trabalho ela foi dispensada dentro do período de experiência. Algo que nos chamou a atenção, e por isso julgamos importante ressaltar, foi que não tivemos informação de emprego vinculado ao trabalho doméstico feminino durante todo o período em que acompanhamos o grupo. No entanto, entre as mulheres haitianas, verificamos que o trabalho com faxina em construtora civil, clínicas médicas, condomínios residenciais, hotéis e hospitais era muito comum.

Uma trabalhadora haitiana chamada Tináh<sup>45</sup>, que exercia a função de faxineira em uma construtora predial em São Paulo, contou que começou a sentir dores fortes nas costas e nos pulsos em decorrência do próprio trabalho. Pudemos acompanhar Tináh no hospital Geral de Guaianases, e em outros exames clínicos. Essa haitiana

---

<sup>45</sup> Tináh é um nome fictício, usado para preservar a identidade da haitiana com a qual mantivemos contato.

trabalhou mais de um ano em tal construtora, mas após ter ficado doente, foi dispensada sem justa causa. Ela nos mostrou a documentação de dispensa apresentada pela empresa. Aconselhamos que buscasse um advogado trabalhista, mas o caso ainda não tinha sido resolvido um ano depois.

O assédio moral sofrido por haitianos no mercado de trabalho também estava presente em alguns relatos. Maila, citada anteriormente, fala de uma situação que pode nos ajudar a elucidar essa questão. Apesar de declarar que procurava se esforçar mais do que outros funcionários para não correr o risco de perder o emprego, foi confrontada por uma colega lhe dizendo que o seu trabalho não era bem-feito. Nesse caso, sentindo-se extremamente constrangida, procurou a sua superiora imediata. O preconceito por ser haitiana, pobre e negra foi apontado como motivo para ser tratada de modo diferente. Maila relatou:

Aqui tem muito preconceito. O fato de você ser negra, vir do Haiti, que todo mundo sabe que é um país pobre, todo mundo pergunta: “Lá tem arroz? Lá tem Feijão?” Então, eles já sabem que você precisa desse emprego. O brasileiro vai fazer um, e você vai fazer dez. Eu consegui outro emprego, com limpeza de novo, em um condomínio. No começo, foi muito difícil, mas eu fazia o meu serviço, limpava prédio. O prédio que eu trabalhava era bem rico. Só que eu já tinha aqui uns seis, sete meses, já falava um pouco, já tinha noção das coisas. Cada um fazia o seu serviço. Tinham quatro prédios e cada um tinha o seu, cada um fazia o seu. Eu estava fazendo o meu serviço, até que um dia chegou uma menina e me disse que se eu continuasse fazendo o meu serviço daquele jeito ia ser mandada embora. Eu disse: o que? Se eu estou trabalhando igual um cachorro aqui, vou ser mandada embora, então isso não é serviço pra mim. Chamei o chefe e falei: sou do Haiti sim! Sou pobre sim! Mas estou aqui trabalhando porque eu preciso, senão ficava na minha casa. Se eu saí da minha casa 6h pra vir aqui trabalhar, é porque eu estou precisando, senão eu ia ficar dormindo na minha cama. Então se você é chefe, está vendo o meu serviço e não está sendo bem-feito, você tem que reclamar comigo, não tem que ficar fazendo fofoca. Ela disse que não tinha nada pra reclamar de mim.

No grupo que pesquisamos, algumas mulheres haitianas desempregadas optavam por vender no Brás. Citamos como exemplo o caso de Tináh. Enquanto não conseguia outro emprego formal, adoecida e dispensada sem justa causa do serviço de faxina na construtora civil, encontrou a opção de vender roupas no Brás. Outro caso foi relatado por Mada, através da exposição de um diálogo entre ela e uma haitiana. Mada nos contou:

Há poucos dias, eu perguntei: em que mercado você costuma fazer compra? Ela respondeu: Mercado? Muito, muito tempo que não vai. Conseguiu uma creche. Paga uma pessoa pra pegar a criança à tarde. Vende roupa no Brás, mas a polícia sempre pega as coisas dela. É uma multidão de haitianos vendendo ali no Brás. E a polícia vem e pega. Eles saem correndo. Esses dias, ela disse: o único R\$ 35, 00 que eu tinha, comprei uma lona para colocar as roupas em cima, e a polícia levou e eu fiquei sem nada. É muito triste. (Mada, entrevista realizada em abril de 2018)

No caso dos homens, obtivemos a informação de que muitos trabalhavam formalmente como ajudantes gerais em diversas empresas. Nos currículos aos quais tivemos acesso e sobre os quais falamos no capítulo anterior, as experiências em empregos no Brasil apontadas, de maneira geral, estavam relacionadas aos serviços gerais. A tabela a seguir ilustra a experiência de trabalho de alguns haitianos no Brasil entre os anos de 2010 e 2018, coletada a partir da análise de 49 currículos (em 2018) de haitianos que viviam em Guaianases. Alguns desses currículos apresentavam entre uma e três experiências de trabalho no Brasil (somando um total de 41 currículos), outros, nenhuma (pelo menos oito deles). Na maior parte dos currículos em que havia indicação de experiência de trabalho no país, a permanência em tais empregos era, em sua maioria, inferior a dois anos. A tabela e o gráfico a seguir ilustram esses dados.

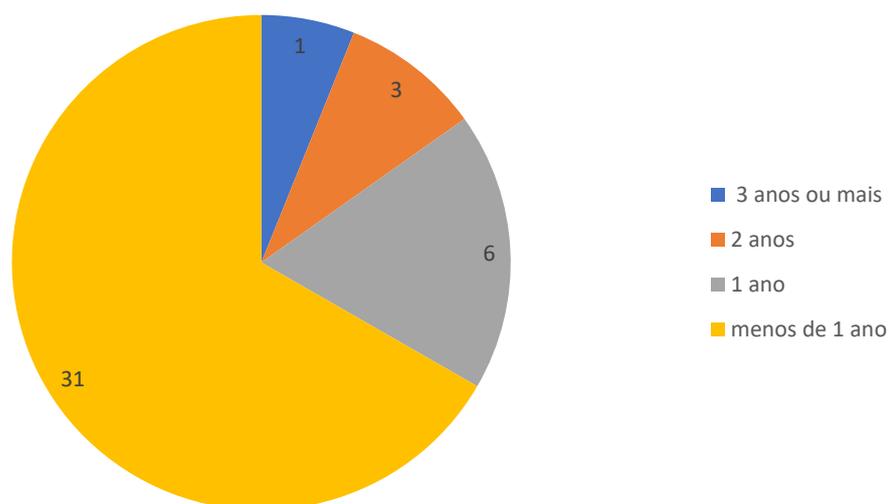
**Tabela 8. Experiências de trabalho de haitianos no Brasil**

<b>Funções</b>	<b>Quantidade de haitianos</b>
Aglutinador	3
Ajudante de pedreiro	3
Ajudante geral	22
Auxiliar de carregamento	3
Auxiliar de costura	1
Auxiliar de cozinha	1
Auxiliar de limpeza	9
Auxiliar de produção	2
Conferente	1
Eletricista	1
Jardineiro	1
Pedreiro	1
Oleiro	1

Fonte: informações obtidas por meio de um banco de currículos de haitianos ao qual tivemos acesso entre janeiro e julho de 2018.

Sobre o tempo de serviço, dos 41 currículos com essas informações, apenas um deles apresentava tempo de serviço com mais de três anos de experiência em uma mesma empresa. Em relação aos demais: três apresentavam experiência de dois anos completos; seis, de um ano completo; e o restante (31), de menos de um ano.

**Figura 35. Tempo de serviço de haitianos no Brasil**



Fonte: currículos de haitianos aos quais tivemos acesso entre janeiro e julho de 2018.

Entre as empresas em que as experiências de trabalho apresentadas haviam sido adquiridas estavam: Côncavo e Convexo empresa de Turismo Ltda; Bairro Novo Empreendimentos Imobiliários S/A; Super Muffato; Marriott Hotel; Ocian Abreu Construções Ltda; Copacol; Macaplast Comércio de Sucatas de Plásticos Ltda; Servtech IV Repair Center Eletrônica Eireli Ltda; Risc Engenharia e Tecnologia Ltda; JL Engenharia e Construções; Restaurante Esquina Mineira Ltda Epp; M Sanches Construções Me; Mil Flores Ene Paisagismo; Livantto Restaurante; Mariluci Depósito De Materiais Para Construções Ltda; Mixfood Locações & Eventos Ltda; Cerâmica Roma Ltda – Me; Lume Serviços Gerais Ltda; Impersul Mão de Obra Especializada Ltda – Me; Atual Serviços Especializados S/s Ltda; e outras.

Alguns haitianos faziam pequenos serviços nas imediações do bairro de Guaianases, em geral, em construção civil (pintura, troca de piso, azulejo etc.). Outros

trabalhavam com costura em casa, vendas de cosméticos e acessórios femininos, como capas para sapatos femininos, entre outros. Entre os imigrantes também existiam cabeleireiros. Tivemos contato com uma haitiana que trabalhava como terceirizada no CAT (Centro de Apoio ao Trabalhador) da subprefeitura de São Paulo no bairro Cidade Tiradentes. Ela nos dizia que, com frequência, indicava algumas vagas para os haitianos que conhecia, mas que a maioria deles não conseguia se encaixar em algumas delas devido às exigências para os cargos.

Algumas mulheres não trabalhavam fora. No entanto, por meio de diálogos informais com alguns homens do grupo pesquisado, percebemos que a ajuda financeira por meio do trabalho feminino era valorizada entre eles. Além disso a comunidade era um meio para que as informações e a ajuda na busca de emprego pudessem ocorrer. Os membros mais experientes auxiliavam os demais ou buscavam ajuda de outros para elaborar currículos buscar indicação ou levá-los aos locais de entrevista (em determinado período, fizemos parte desse processo ao digitarmos os currículos, como já pontuamos em outro momento).

Como pudemos acompanhar de perto o grupo analisado, obtivemos informações em relação a alguns acontecimentos, incluindo um acidente de trabalho com um haitiano no bairro de Guaianases, o qual fazia reparos em uma residência local. Outras vezes, acompanhamos haitianos em consultas ou em emergências hospitalares. Também tivemos acesso a informações envolvendo a saúde mental. A questão da saúde é outro aspecto relevante a ser discutido nos assuntos relacionados à atuação da comunidade haitiana entre seus adeptos.

### **3.2.6 A questão da saúde**

Em relação à saúde no contexto migratório pesquisado, alguns aspectos merecem destaque. O estresse decorrente do próprio processo de migrar, a vulnerabilidade a que muitos são expostos e as consequências advindas desse contexto podem atingir a saúde física e mental do migrante. No que se refere aos imigrantes no Brasil, de acordo com a Lei de migração 13.445/2017 – art. 4º, o acesso aos serviços públicos de saúde, assistência social e previdência social é um direito. Contudo, as políticas públicas para isso ainda são escassas (PEREIRA, 2018, pp. 4 – 6).

A chegada de migrantes haitianos [...] ao Brasil mostrou a necessidade de ações articuladas entre governos e organizações sociais para a melhor solução de desafios interpostos no processo de acolhimento integral e também no envolvimento entre migrantes e a população autóctone nos bairros, empresas, igrejas, escolas, parques, vilas, onde os primeiros buscam trabalho. Lazer, moradia, acesso a saúde, etc. (PEREIRA, 2018, p. 8)

Ao conceder acesso ao cuidado da saúde do imigrante no Sistema Único de Saúde (SUS), o Brasil passou a apresentar certa singularidade nesse aspecto em relação a outros países. Contudo, como apenas o acesso não garante a inserção desse contingente no cuidado da saúde, muitas questões surgem no caminho e se tornam um impedimento para a realização desse processo. Entre os diferentes “obstáculos para a atenção em saúde à população migrante” podemos citar “as diferenças linguísticas, e culturais, que interferem na própria compreensão do processo de saúde e doença, prejudicando o atendimento” (LOSCO e ALVES, 2018, p. 572)

Um dos hospitais muito procurado pelos haitianos em Guaianases era o Hospital Geral do bairro. Estivemos com haitianos nesse local ao menos duas vezes. Em uma delas, uma jovem haitiana grávida, que passou mal durante uma celebração religiosa, foi levada às pressas para o local. Ajudamos em seu deslocamento e no momento de fazer a ficha da paciente, uma vez que seu esposo teve dificuldade de repassar algumas informações solicitadas em decorrência da dificuldade com a língua portuguesa. Essa jovem ficou em observação durante todo aquele dia (domingo).

Em outra ocasião, durante toda uma manhã de sábado, acompanhamos a espera por uma consulta com um clínico geral para outra haitiana que estava com dores lombares há vários dias. Segundo ela nos informou, já havia sido consultada no mesmo hospital, porém, não recebeu diagnóstico nem orientação para administração de qualquer medicamento. Como ela tinha muita dificuldade para se comunicar na língua portuguesa, entramos na sala de atendimento médico com ela e explicamos o caso. A haitiana foi examinada e medicada no local e recebeu uma receita médica para dar continuidade ao tratamento em casa.

Percebemos também que os haitianos recorriam bastante ao uso de ervas/plantas para a cura de doenças. No entanto, segundo eles, algumas dessas plantas não podiam ser encontradas no Brasil. Também atribuíam uma conotação

mística (sobrenatural ou espiritual) para algumas enfermidades. No caso apresentado, diante das fortes dores enfrentadas, a haitiana em questão mencionava rituais religiosos adotados para alcançar a cura, referindo-se a campanhas de oração em casa, na igreja e no monte, que aconteciam de maneira ininterrupta por uma sequência de dias. Tendo melhorado de alguns dos sintomas, dizia acreditar ter alcançado a cura por meio das orações realizadas, apesar de ter feito uso dos medicamentos prescritos pelo médico.

Outro caso que gostaríamos de ressaltar está relacionado a um acidente sofrido por um dos haitianos enquanto reformava uma residência. A história desse haitiano nos demonstrou as dificuldades que muitos deles enfrentam em situações como essas e o quanto a comunidade pode intervir e ajudar nesse sentido. Tivemos a oportunidade de conversar com um líder de uma comunidade religiosa de Guaianases (IAP), que acompanhou esse haitiano por um período de três meses durante sua recuperação. Ele nos informou que o responsável pela residência que estava sendo reformada ofereceu suporte ao haitiano durante o período de sua recuperação.

Ao conhecermos o caso, conseguimos realizar uma entrevista com um dos técnicos em enfermagem que teria sido um dos profissionais a ter contato com esse haitiano no hospital. Como conhecíamos esse profissional e, por acaso, descobrimos que ele havia atendido o paciente, esse processo foi facilitado. Em seu relato, duas questões nos chamaram a atenção: a dificuldade de contato inicial com o imigrante em decorrência da língua e a preocupação dos profissionais do hospital com a procedência do trabalho executado por aquele imigrante. O atendimento foi realizado no Hospital Santa Marcelina de Itaquaquecetuba, em 10 maio de 2017. Os detalhes do caso foram apresentados da seguinte forma:

Eu cheguei ao plantão às 19h e ele já estava lá na maca. Aparentava ter um pouco mais de 30 anos. Era negro, bem alto e magro. Ele deu entrada no pronto Socorro. Eu me lembro de que ele estava com uma calça social e uma camisa bem simples de manga curta. Ele estava com uma face de dor muito grande. Eu lembro que o resgate levou ele e deixou na maca lá, só que não explicou. Aí, a gente foi tentar uma comunicação com ele. Eu tentava me comunicar com ele e não conseguia. E aí, uma senhora que é responsável pelo plantão administrativo do Hospital havia me dito que ele não poderia ir embora porque estava sem documentação. O patrão dele ia levar a documentação, e ele ficou em observação. Na época, a gente achava que era serviço escravo. Nós puncionamos um acesso nele e o levamos para a sala de sutura. Quando o médico

passou e falou para fazer uma medicação na veia dele eu comecei a tentar me comunicar com ele. Aí ,combinei com a minha colega: eu falo e você faz gesto. Ele tentava falar, só que a gente não entendia. Aí, eu mostrei que íamos puncionar a veia dele pra fazer uma medicação para dor. Instalamos a medicação pra dor e depois ele foi avaliado pelo médico. No outro dia, levaram a documentação dele. Dias depois, quando voltei ao plantão, ele já não estava mais. (Enfermeiro do Hospital Santa Marcelina)

Mada, sobre a qual já falamos em diferentes momentos desse trabalho, conhecia o dono da residência onde esse haitiano fazia o serviço e destacou em relação ao ocorrido:

Ele foi trabalhar, e deram a escada e o material para trabalhar. Não apoiou a escada na parede, ele colocou no vão da porta. A escada veio de lá e bateu. Aí, eles entraram em pânico. Me ligaram e disseram que o haitiano que estava trabalhando com eles tinha sofrido um acidente. Chamou o Samu e levaram ele pro hospital. Ele estava com muita dor na coluna. Aí, foram para o hospital. Ela perguntou: “Como vamos fazer se o moço não fala nada? Como ele vai se comunicar?”. Eu disse para ela ficar em paz, que eu ia entrar em contato com um outro haitiano para ir até lá [...]. Passou uns dias lá. Foi no Santa Marcelina, em Itaquaquecetuba. Foi muito triste. A gente chegou lá, e ele estava lá deitado. (Mada, membro da IAP de Guaianases)

Ao questionarmos sobre o líder da comunidade Batista haitiana em relação a casos como estes, Mada ressaltou:

Diz que ele trabalha muito. Sai de madrugada pra atender o pessoal quando liga. Aí corre, sai, passa na casa de outro haitiano e vão pro Júlio Tupy, Santa Marcelina [Hospitais], pra ir tudo atender os irmãos quando precisa. Diz que saem assim de madrugada, duas, três horas. Passam dois, três dias pra lá. Ele não tem muito tempo, é muito prestativo.

Um dos líderes religiosos da IAP em Guaianases (mencionado anteriormente), que também acompanhou o jovem haitiano no hospital, nos informou:

Quanto ao acidente, eu estive lá nos três dias. Quem ficou com ele como acompanhante foi um outro haitiano. Os irmãos, dono da casa onde ele caiu, de uma escada dentro de um banheiro quando pintava, eles deram o apoio necessário, e eu e a Mada demos ajuda financeira nos três meses seguintes com recursos próprios, oferta e fundos da assistência social da igreja. (Mada, membro da IAP de Guaianases)

No caso apresentado, vemos a atuação de uma comunidade evangélica não haitiana oferecendo respaldo para esse migrante. Porém, é relevante destacar o laço que essa comunidade tinha com as Comunidades haitianas locais, conforme pontuado no capítulo anterior. Contudo, como também ocorreu nesse caso, observamos em outros casos que alguns adeptos da comunidade étnica realizavam o acompanhamento de haitianos em hospitais quando estes não tinham familiares por perto. Na maioria das vezes, o pastor haitiano assumia essa responsabilidade. Nesse sentido, a comunidade se mostrava relevante também, pois se fazia presente na vida desses haitianos em momentos como esse. Podemos considerar que essas formas de cuidado têm seus efeitos para a recuperação desses imigrantes (CARVALHO *et al.*, 2018, p. 64).

No que se refere à saúde psicológica de migrantes, é relevante destacar que a saúde mental/emocional é “uma questão bastante estudada em relação à migração, pois a mobilidade humana coloca a pessoa diante de novas realidades e desafios” (CARVALHO, 2018, p. 57). Em relação aos haitianos pesquisados, um acontecimento relatado por Mada nos chamou a atenção. Um dos haitianos, morador do bairro de Guaianases, que tinha deixado dois filhos no Haiti, recebeu a notícia da morte de um deles poucos meses depois de ter chegado ao Brasil. Após o evento, passou a percorrer as ruas do bairro desolado e desorientado. Chorava e gritava pelo seu filho. Esse episódio durou alguns dias, posteriormente esse imigrante não foi mais visto em Guaianases.

No caso apresentado, estar longe do filho em um momento como aquele teve um impacto tão forte naquele imigrante que a única forma que encontrou para desabafar foi gritar e chorar por alguns dias, não se importando com o que outras pessoas iriam pensar ou dizer. Não tivemos notícias sobre o paradeiro posterior desse imigrante, mas o fato apresentado demonstra o estado emocional dele, que pode ter gerado impactos em sua saúde emocional ou mental.

Em outros casos relacionados a haitianos(as) que haviam deixado os filhos no Haiti, apesar do contato diário com eles por meio de redes sociais, expressavam com frequência sentimentos de saudade e preocupação por eles. Em uma ocasião, o filho de oito anos de uma haitiana sofreu um acidente no Haiti, quando foi atropelado por uma motocicleta. Durante dias, essa haitiana nos dizia estar muito preocupada com a saúde do filho, que estava internado no Haiti e pelo qual, estando tão longe, poderia

fazer tão pouco. Após a recuperação do menino, se organizou com a ajuda da comunidade e conseguiu trazê-lo para o Brasil. Ele chegou ao país com um parente.

Em outro momento, deparamo-nos com um caso que julgamos relevante destacar em decorrência de seus agravantes. Um haitiano que já estava no Brasil há alguns anos (desde 2012) conseguiu trazer a mulher e um filho pequeno para o país. Em 2015, com a saída de muitos haitianos do país e a tentativa de entrarem nos Estados Unidos, encaminhou a mulher e o filho para esse país. Meses depois, também tentou entrar nos EUA com um grupo de haitianos, mas foi barrado. Preso e deportado para o Haiti, economizou dinheiro e voltou para o Brasil. A esposa e o filho permaneceram nos EUA.

Diante dessa situação, o haitiano em questão ficou extremamente entristecido. Preocupado com a família (mulher e filho), não encontrava alternativa para mudar o cenário. Ressaltamos que ele não procurou ajuda psicológica, mas se mostrava bastante abalado, de acordo com amigos mais próximos. Em 2018, esse haitiano passou a sofrer fortes dores de cabeça. Procurou um hospital público e foi medicado, porém poucos dias depois foi internado e faleceu. Os haitianos do grupo não sabiam informar a causa exata de sua morte. Presenciamos um culto religioso do grupo logo após a notícia de seu falecimento, e a tristeza era visivelmente enorme. Naquela mesma tarde o corpo seria velado, mas em respeito ao grupo optamos por não participar desse momento.

Além de todas as questões apresentadas, os imigrantes também sofriam com episódios de xenofobia e racismo por parte de alguns brasileiros<sup>46</sup>. Sayad (1998, pp. 56 e 61) destaca a força produzida por alguns discursos que acabam condicionando o imigrante a se perceber como devedor, mesmo sendo credor. Como exemplo desse cenário, podemos citar a postura discursiva por parte de alguns canais midiáticos diante do contexto imigratório haitiano no Brasil entre os anos de 2010 e 2014, nos quais estes foram diversas vezes abordados como um problema social para o país (SANTOS, 2014, pp. 47 – 52).

A distância de familiares e entes queridos, as dificuldades provenientes da insegurança em relação ao futuro, as dores decorrentes de perdas, os desafios de lidar com a xenofobia e o racismo no Brasil, além de muitas outras questões

---

<sup>46</sup> Na pesquisa de mestrado, falamos sobre xenofobia e racismo vivenciados por haitianos no Brasil. Por isso, não nos aprofundamos no assunto neste trabalho.

expunham esse contingente à vulnerabilidade em relação à saúde emocional/mental/psicológica ou física. Nesse cenário, o apoio de seus irmãos étnicos, por meio da comunidade da qual faziam parte, se tornava um “refúgio” ou “subterfúgio”, um pequeno alívio entre suas dores, como pudemos perceber. No contexto que envolve a atuação da comunidade entre os seus adeptos, outro aspecto a ser destacado está relacionado à educação.

### **3.2.7 A questão da educação**

Quando falamos de educação e migração, devemos considerar que a busca dos migrantes por escolarização pode acontecer em meio à necessidade de dominar códigos sociais, padrões de comportamento e linguagens que favoreçam a integração dele à sociedade em que está se inserindo. Especificamente sobre a escolarização do migrante no município de São Paulo, existe outra questão em destaque. O perfil econômico dessa cidade tem exigido cada vez mais qualificação profissional de seus trabalhadores. Por isso, “não há mais estrutura para inserir e acolher o migrante de baixa qualificação no mercado de trabalho” (BAPTISTA, 2015, p. 195). Inevitavelmente, esse cenário tem ocasionado mudanças na escolarização de imigrantes estrangeiros no local. Entre os anos de 2007 e 2010, o nível de escolarização de migrantes oriundos de outros países na capital paulista cresceu consideravelmente, o equivalente a pelo menos 90% (BAPTISTA, 2015, pp. 193 e 195).

O quadro nos mostra um aumento significativo de imigrantes com ensino superior, contrariando a ideia “de que o migrante é sempre mão de obra desqualificada de baixa escolaridade” (BAPTISTA, 2015, p. 196). Contudo, para aqueles que têm um baixo nível de instrução escolar, investir em escolarização se torna mais difícil do que para os nativos (BAPTISTA, 2015). Esse contexto nos leva a refletir sobre a escolarização dos imigrantes haitianos na capital paulista diante dessa realidade.

No Brasil, algumas pesquisas relacionadas ao perfil desse contingente no país entre os anos de 2010 e 2014 indicavam que muitos deles apresentavam ensino médio completo ou apenas ensino fundamental (ZENI & FILIPPIM, 2014, p. 18; MARTINS, 2014, p. 13). Se nos atermos à educação escolar no Haiti, veremos que

algumas questões são relevantes para explicar, ainda que parcialmente, o nível de escolarização desses imigrantes.

É necessário ressaltar que a “educação escolar oferecida no Haiti é essencialmente privada. Mais de 89% das escolas haitianas são particulares. Para uma população em que a maioria (76%) vivia em 2007 com menos de 2 dólares ao dia, estudar [...] passou a ser um luxo” (PEREIRA, 2016, p. 56). Cotinguiba e Cotinguiba destacam:

As bases do ensino no país foram oficialmente fincadas pelos fundadores do Estado haitiano, embora tenham sido espelhadas no modelo trazido pelos colonos franceses no período da escravidão e reproduzidas após a independência. [...] Essa lógica é que irá determinar, por exemplo, a separação, no âmbito escolar, das classes sociais. As poucas escolas nacionais que existiam, desde o início da instituição do sistema educacional, eram um privilégio das classes de maior poder aquisitivo. Desse modo, a escola pública haitiana, nessa época, não era para todos [...]. Há, no Haiti, as escolas privadas (religiosas ou não) que, em geral, têm um preço elevado, e as escolas públicas, os chamados Liceus. Mesmo sendo mantidos pelo Estado, os estabelecimentos públicos cobram uma taxa anual, o que, muitas vezes, dificulta a permanência de muitas crianças na escola. (COTINGUIBA e COTINGUIBA, 2014, pp. 68 – 70)

Muitos haitianos não possuem recursos para pagar uma escola, dificultando a obtenção de uma formação escolar. Assim, a inserção na escola não é garantida para todos eles. Destacamos que a educação de ensino fundamental no Haiti é constituída por um período de nove anos. O que chamamos de ensino médio no Brasil é compreendido por eles como nível secundário e é constituído por quatro anos. No entanto, como “essa configuração ainda não se universalizou”, é possível observar que “algumas escolas seguem operando com base na estrutura clássica do modelo francês tradicional”. Esse modelo se divide em 13 anos: seis na escola básica, quatro no ginásio e três na escola secundária. Ao terminar a escola secundária, “o estudante precisa realizar uma prova e obter êxito para, assim, receber o diploma” (COTINGUIBA e COTINGUIBA, 2014, p. 70).

Ter maior grau de instrução escolar é algo almejado e apreciado por muitos deles, mas o acesso ao ensino é dificultado para haitianos que não dispõem de recursos para estudar. Essas questões nos levam a considerar que os imigrantes haitianos com o ensino médio completo no Haiti se destacam da maioria. Vale lembrar

também que, como já mencionado anteriormente, no início da imigração haitiana para o Brasil, parte desse contingente tinha justamente o ensino médio completo.

Borba e Moreira (2016, p. 457) destacam alguns dados interessantes relacionados a haitianos pesquisados em Santo André, na região do ABC paulista. Os haitianos pesquisados tinham entre 21 e 56 anos de idade e eram majoritariamente do sexo masculino, com escolaridade predominante do ensino fundamental. No entanto, chama-nos a atenção que a presença de não alfabetizados também foi destacada. Nesse caso, com um total divergente entre aqueles apresentados pela Secretaria de Direitos Humanos e Paz e outras pesquisas, os dados indicados variavam entre 350 e 1.000 haitianos na cidade. No entanto, os autores descreveram que, entre estes, pelo menos 52% possuíam nível fundamental, 29% nível médio, 12% superior e 7% não tinham declarado grau de escolaridade. A pesquisa citada acrescenta que, segundo “a referida secretaria, os analfabetos correspondem a uma pequena parcela da população, porém, há omissão dessa informação devido temor de exclusão por parte da própria comunidade de imigrantes” (BORBA e MOREIRA, 2016, p. 457).

O relato de Simon (haitiano), que passou a frequentar a escola apenas aos 13 anos de idade, realidade de muitos que viviam próximo a ele no Haiti, revela dificuldades nesse sentido (MEJÍA e SIMON, 2015, p. 23).

A educação para Simon tem sido um desejo permanente, ao ponto que muitas das mudanças de moradia e de atividade têm sido determinadas pelo interesse em aumentar sua formação escolar. A educação está sempre em primeiro plano quando evoca seus projetos de vida. Tanto que, ao lembrar de sua infância, fase na qual o pai dedicou-se ao cuidado e criação dele e dos irmãos, a única falha que assinala no pai é o fato de não o ter matriculado na escola. Contudo, não o reprova, justifica dizendo que, por causa do trabalho intenso para garantir o sustento dos filhos, não tinha tempo para colocá-lo numa escola para estudar. O sonho de Simon era estudar e depois casar. Acabou casando antes do projetado, mas sempre procurando espaços para dar continuidade à formação escolar, tanto no Haiti quanto no Brasil. (MEJÍA e SIMON, 2015, p. 22)

Como podemos perceber nesse relato, o acesso à escolarização era um desejo permanente, mas as dificuldades nesse processo eram muitas. Essa realidade nos permite considerar o grau de dificuldade para estudar que outros haitianos também enfrentam. No entanto, a grande maioria deles valoriza e aprecia o estudo.

Mas outra questão relevante precisa ser destacada. No que diz respeito ao aporte de conhecimentos que alguns desses imigrantes com ensino médio apresentam, destacamos o vasto conhecimento da história de seu país, bem como o conhecimento sobre questões políticas, entre outros. Em relação ao assunto, Cotinguiba e Cotinguiba (2014) acrescentam:

Quem já teve a oportunidade de conversar com haitianos deve ter percebido, se teve tato, que, geralmente, são pessoas que têm um conhecimento relativamente consistente acerca da história do país, de política e, de certo modo, de línguas, além de demonstrar um profundo apreço e respeito pela vida escolar e pelas pessoas que estudam. Essa forma de ser e de pensar não é por acaso, principalmente por pertencer a um país com uma história marcada por contrastes e por lutas grandiosas, afinal, com o despontar do século XIX, em seus primeiros anos, uma ilha do Caribe realizara um dos grandes feitos da história das Américas. Tornava-se a primeira república negra da humanidade. (COTINGUIBA e COTINGUIBA, 2014, p. 67)

Na convivência com haitianos foi possível perceber algumas das premissas apresentadas, sobretudo entre aqueles que tiveram acesso ao ensino médio. Falavam com propriedade sobre a história do Haiti, mas também do Brasil e de alguns outros países. Alguns, falavam de questões relacionadas à política, e alegavam dominar três ou mais idiomas, na maioria das vezes: francês, espanhol e inglês, além do crioulo haitiano.

Para melhor análise da educação escolar do grupo, julgamos necessário retomar algumas observações apontadas em outro momento, ainda que indiretamente, com base nos currículos de haitianos a que tivemos acesso. Entre os 49 currículos verificados, 27 de homens e 22 de mulheres com idades entre 20 e 50 anos, destacamos que: entre os homens, 9 haviam concluído o ensino fundamental, 17 tinham o ensino médio completo e 1 possuía ensino superior, entretanto, não havia especificação de sua área de formação; entre as mulheres, cinco possuíam o ensino fundamental completo, 16 possuíam o ensino médio completo e uma tinha o ensino superior completo, porém, também não indicava a área de formação.

Mediante todas as questões até aqui apresentadas em relação à educação escolar dos haitianos, podemos considerar que a formação no ensino médio apresentada por parte desses imigrantes no Brasil é um nível de escolaridade não acessível a muitos no Haiti. Apesar da grande heterogeneidade de níveis escolares de haitianos que imigraram para o país (COTINGUIBA e COTINGUIBA, 2014, p. 81),

o cenário apresentado nos leva a refletir sobre a ideia de que, haitianos com o ensino médio poderiam ter maiores possibilidades de empregabilidade no Brasil se comparado com aqueles com menos formação escolar.

Ressaltamos ainda que, no grupo pesquisado, soubemos que pelo menos três haitianos cursavam o ensino superior no Brasil. Um deles estudava turismo, e outro, administração, ambos da Faculdade Drummond. O terceiro cursava teologia na Faculdade Batista de São Paulo. Este último era líder do grupo. Para alguns deles, o ensino superior era um sonho.

Como destacam Cotinguiba e Cotinguiba (2014, p. 64), “[estudar] em outro país é um sonho para muitos haitianos, e essa afirmação não é um exagero”. Em diálogo com alguns imigrantes, eles falavam do desejo de estudar porque enxergavam que esse poderia ser um meio para obter melhores condições de trabalho no Brasil. Um deles nos disse que tinha muito interesse em estudar sociologia, outros falavam de relações internacionais, moda, turismo, enfermagem e até medicina. Havia alguns que não falavam de cursos específicos, mas não deixavam de expressar o desejo de estudar. Eles nos diziam que, no Haiti, aqueles que fazem um curso superior são mais respeitados pela sociedade, e que lidam com os estudos de maneira muito séria.

Porém ao tratar do ensino superior no Haiti, Cotinguiba e Cotinguiba (2014) destacam contrariedades nesse aspecto. Apresentam o relato de um haitiano que expõe que o ensino superior oferecido no Haiti não é suficiente para se obter o respeito da sociedade. Por isso, muitos haitianos escolhiam estudar em outro país.

“Se você só estuda no Haiti você não tem valor, mas se você estudar em outro país, quando volta aí você tem todo respeito”. Essa afirmação deve ser vista com atenção. Não sabemos, ainda, se essa retórica tem como objetivo dizer que é interesse (sic) estudar em outro país e retornar ao Haiti ou se é uma forma de dizer que se tem prestígio e respeito perante os demais na diáspora (sic) e ser orgulho da família na origem. (COTINGUIBA e COTINGUIBA, 2014, p. 64)

Outro aspecto relevante é que pelo menos 80% dos haitianos com ensino superior estão fora do país de origem. Entre os que se formam no Haiti e saem para cursar a pós-graduação em países norte-americanos ou europeus, a maioria não retorna. Existem também políticas de incentivo para a imigração de haitianos com o diploma de ensino superior para o Canadá. No Quebec, existem mais médicos haitianos do que no próprio Haiti (COTINGUIBA e COTINGUIBA, 2014, pp. 65 – 66).

Porém, como foi possível observar, no Brasil o maior contingente de imigrantes haitianos não possui o ensino superior.

Na relação com o grupo de haitianos em Guaianases, percebemos que, apesar de reconhecerem a necessidade de estudarem para alcançar um melhor posto de trabalho, as demandas do dia a dia se tornavam um impedimento para darem continuidade aos estudos. Para outros, a falta de recursos para esse fim também o tornava inviável. Em outras palavras, muitos diziam não disponibilizar de recursos financeiros suficientes para o ensino superior no Brasil, outros, de tempo para fazê-lo.

Nesse caso, mesmo com algumas ofertas em Universidades públicas para imigrantes em São Paulo, como é o caso da Unifesp em 2020 (DELFIM, 2020), representando uma possível solução para a ausência de recursos financeiros para o ensino superior, a falta de tempo continuava inviabilizando essa conquista para muitos. Devemos considerar também que o curso gratuito não garante a permanência desses imigrantes, uma vez que os gastos com outras demandas para a realização do curso, como material didático, condução, distância, alimentação etc., também podem ser impedimentos nesse cenário.

Na relação da comunidade evangélica com essa questão, percebemos que entre eles havia ampla divulgação de qualquer informação relacionada a cursos profissionalizantes gratuitos, cursos de língua portuguesa, entre outros. No entanto, não presenciamos ou soubemos de qualquer contribuição financeira da comunidade para esse fim. Mas ainda assim, destacamos que esses imigrantes se reuniam para buscar informações sobre objetivos comuns, o que poderia viabilizar a ajuda e o empréstimo entre interessados para alcançar tais objetivos. Nesse cenário, algumas vezes fomos procurados por alguns deles para que os ajudassem a obter informações sobre procedimentos para o vestibular.

Como foi possível observar no decorrer do capítulo apresentado, questões relevantes e que fazem parte do cotidiano desse contingente se articulam com a comunidade evangélica haitiana, de modo que ela passa a ter grande relevância para esses imigrantes. Entendemos que a escolha etnográfica usada para chegar aos dados coletados foi de primordial importância. A constatação de muitas das informações expostas sobre o grupo só foi possível porque escolhemos conviver com ele durante um período, criando laços e cumplicidade.

Nesse sentido, o convívio mais próximo com alguns haitianos específicos do grupo nos permitiu conhecer também a trajetória de outros indivíduos que faziam parte

dele, de modo que pudéssemos alcançar estratégias de organização social da comunidade. Além disso, o exercício de inserir, na medida do possível, o próprio organismo, sensibilidade e inteligência no universo pesquisado nos permitiu viver experiências com esses imigrantes que nos levaram além do que poderia ser observado à primeira vista.

Para continuarmos analisando o papel da comunidade evangélica haitiana no contexto migratório desse contingente no Brasil, dedicamo-nos também à escuta de relatos pessoais sobre trajetórias migratórias. Essa abordagem será trabalhada com mais especificidade no próximo capítulo.

## **4 O PAPEL DA COMUNIDADE EVANGÉLICA HAITIANA**

Tendo posicionado o leitor acerca da atuação da comunidade evangélica haitiana entre seus adeptos em Guaianases no capítulo anterior, com o quarto e último capítulo temos a pretensão de analisar o papel da comunidade evangélica haitiana entre seus adeptos. Assim, iniciaremos apresentando alguns relatos migratórios e em que medida a comunidade evangélica haitiana é apontada. Posteriormente, nos desdobraremos sobre a análise final do papel da comunidade em questão entre seus adeptos em contexto migratório no Brasil.

### **4.1 Relatos migratórios**

A exemplo da proposta de Sayad (2008), que concedeu voz aos imigrantes por meio da exposição de seus relatos, decidimos expor três depoimentos migratórios coletados por meio de entrevistas abertas. Neles, algumas questões foram destacadas, abordadas e analisadas. Não deixamos de considerar as limitações desses relatos, tendo em vista que o discurso é sempre controlado, “pois não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, de qualquer um [...] de qualquer coisa”, como expõe Foucault (2014, pp. 8 – 9). Ainda assim, entendemos a relevância dos depoimentos para a nossa análise.

Como a proposta envolvia atenção especial para informações não contempladas por meio da observação participativa e dos diálogos informais com alguns deles sobre o contexto migratório envolvendo a comunidade evangélica, esses relatos nos serviram como dados auxiliares ou complementares àqueles acessados por outros meios. No que se refere à análise, propusemo-nos a realizar um diálogo a partir de concepções desenvolvidas durante a pesquisa e de outros autores. Os nomes dos haitianos que prestaram relatos foram substituídos por apelidos fictícios, visando preservar suas identidades.

#### **4.1.1 O relato de Maila**

Maila era uma jovem haitiana de 26 anos de idade que morava em Guaianases e estudava turismo na Faculdade Drummond. Chegou ao Brasil em 12 de dezembro

de 2012. Na ocasião (2018), estava casada há quatro anos com um haitiano que conheceu no Brasil e grávida há 28 semanas. Também frequentava uma igreja evangélica pentecostal brasileira (IAP) no bairro de Guaianases, mas já era evangélica no Haiti, onde pertencia à Igreja Batista.

Apesar de Maila não frequentar uma comunidade evangélica haitiana, visitava-as frequentemente. Além disso, o seu esposo fazia parte de uma dessas comunidades, a Comunidade Batista Haitiana. Dividimos o relato em partes, de modo que a análise das informações expostas pudesse ser realizada com mais especificidade. Apesar de Maila não citar a comunidade evangélica haitiana no início de sua fala, julgamos necessário apresentar todo o relato a fim de entendermos a sequência de seu discurso. Lembramos que parte desse relato já foi apresentado em outro momento desse trabalho.

Depois do terremoto as coisas ficaram um pouco difíceis. [...] Então, eu conversei com a minha irmã. Como somos só, a gente conversa. Eu via muita gente vindo para o Brasil, então conversei com ela, e ela disse que se eu quisesse vir, tudo bem. Eu tinha uma prima que já estava aqui. [...] eu comprei o meu visto. Eles estavam dando visto, mas no Haiti as coisas são um pouco difíceis. Tudo o que você quer, tem que pagar. Paguei no meu visto dois mil dólares. Eles me deram o visto e depois comprei a passagem por mil e quinhentos dólares e vim pra cá. (Maila, haitiana, SP, 15 de fevereiro de 2018)

Como é possível observar a partir do relato de Maila a sua decisão migratória não foi tomada de maneira impensada. Como aponta Baeninger (2016, pp. 28 – 29), quando falamos em migração é preciso considerar pelo menos três premissas, que são os níveis: 1) estrutural, voltado para política, economia e cultura; 2) relacional, que se refere ao “capital social” – vínculos sociais estabelecidos nesse processo envolvendo país de origem e destino; e 3) individual, que diz respeito à autonomia e à decisão migratória. A partir da análise do relato de Maila, podemos considerar que a decisão migratória dessa jovem levou em consideração: 1) os problemas estruturais do Haiti – “Depois do terremoto as coisas ficaram um pouco difíceis” (Maila); 2) os vínculos sociais existentes para que essa imigração fosse possível, pois sua prima já estava no país, havendo alguém a quem poderia recorrer; e 3) uma decisão pessoal/individual, ainda que permeada pelo diálogo e pelo peso das opiniões de sua irmã.

No que diz respeito aos vínculos sociais que tornam a imigração possível, destacamos o fato de Maila ter parentes vivendo em diferentes países, o que também é uma realidade de muitos outros haitianos, senão da maioria. A abordagem de haitianos destacada nesse sentido por Carletti (2016, pp. 111 – 112) nos ajuda a reforçar essa ideia. Em destaque: “Tenho dois irmãos e uma irmã. Dois trabalham e vivem em Santo Domingo na República Dominicana”; “Parte da minha família mora no Estados Unidos”; “Meu marido [...] tem parentes na França e Estados Unidos, é o único da família que decidiu ficar no Haiti”. A rede migratória formada a partir do contato com esses parentes oferece respaldo para que a imigração entre eles seja mais palpável devido à garantia da possibilidade de acolhimento por parte desses parentes no caso de optarem pelo deslocamento para os países onde estes estão inseridos.

Ao retratarem a experiência migratória de um haitiano, Mejía e Simon (2015) destacam que:

[Quando] se preparava para deixar a família no Haiti, entrou em contato com parentes da esposa que já estavam no Brasil e lhes perguntou como fazer para vir, porque é uma viagem clandestina, sem visto, a gente pede informações para quem passou primeiro e sabe como é o caminho, explicou ele. A narrativa revela que o processo migratório inicia com a obtenção de dados do lugar de destino com haitianos que já vivenciaram a experiência migratória e encontram-se assentados no Brasil. (MEJÍA e SIMON, 2015, p. 29)

Antes de migrar, o jovem haitiano contactou familiares de sua esposa no Brasil para saber quais procedimentos poderia adotar para migrar até esse país. Ele dizia: “porque é uma viagem clandestina, sem visto, a gente pede informações para quem passou primeiro e sabe como é o caminho” (MEJÍA e SIMON, 2015, p. 29). Os autores concluem que “[a] narrativa revela que o processo migratório inicia com a obtenção de dados do lugar de destino com haitianos que já vivenciaram a experiência migratória” (MEJÍA e SIMON, 2015, p. 29).

No relato de Maila encontramos alguns preceitos que podem nos ajudar a refletir melhor nesses quesitos:

Eu pensava em viajar sim. Mas vir aqui para Brasil, não! Pensei França, Estados Unidos, que a gente tem mais parente, mais família nesses países. Porque aqui no Brasil, eu não tinha ninguém. Não tinha família. Só tinha uma prima distante aqui. Minha família mora um pouco na França e me mandaram pra cá,

pra mim poder ir pra lá, pensando que ia ficar mais fácil. Só que quando chegou aqui, ficou um pouco mais difícil. Já está com cinco anos, passando por seis, e até agora nada. Mas, estamos tentando. (Maila, haitiana, SP, 15 de fevereiro de 2018)

A decisão de migrar passou por planejamento estratégico que levou em consideração a França como destino final. O objetivo de Maila no Brasil, ou pelo menos de ter escolhido esse país como destino naquele momento, era conseguir chegar com mais facilidade à França, onde tinha familiares. O Brasil, nesse caso, seria um país apenas de passagem. No entanto, como ela mesma afirmou, o prazo de permanência se estendeu de tal maneira, que naquele momento já havia se passado mais de cinco anos. De acordo com Azevedo; Baeninger e Peres (2016, p. 9), o Brasil passou a ser um espaço estratégico de imigração para os haitianos, tanto como destino quanto como rota migratória. Podemos constatar esse fato com base no relato em questão, apesar de isso não ter se concretizado para Maila até aquele momento. No que se refere ao desejo de migrar para países como França, Canadá e EUA, Cotinguiba e Cotinguiba (2014) destacam:

Seguy [sociólogo haitiano] enviou-nos um comentário de um estudante haitiano da Unicamp, que diz que os haitianos que estão no Brasil não são dyaspora (sic) como os que estão nos Estados Unidos, Canadá ou França. Vale ressaltar que essa noção de país rico é o que, também, os haitianos chamam de *peyi blan*, literalmente país branco, que significa um lugar onde se pode ganhar “um salário bom” para ajudar a família. Nesse sentido, para muitos haitianos que estão no Brasil, a situação não se encaixa na de um dyaspora (sic) em um *peyi blan*. Contudo, para outros, sim, pois conseguem enviar dinheiro, viajar, levar presentes e mesmo conseguir trazer a família para o Brasil. Se levamos para (sic) a discussão para o aspecto do sucesso pessoal, mesmo em um *peyi blan* há os que não conseguem. (COTINGUIBA E COTINGUIBA, 2014, p. 65)

O apontamento observado acima é relevante, pois nos indica que, apesar de verificarmos que alguns haitianos veem o Brasil como um país onde podem alcançar melhores condições de vida, para outros essa possibilidade só é possível em países como os descritos no relato anterior (França, Canadá e EUA). Outras questões também nos chamaram a atenção, como a noção da cor da pele ao se referirem a país branco como “sinônimo” de riqueza. Como apresentado na referida citação, a “noção de país rico é o que, também, os haitianos chamam de *peyi blan*, literalmente país branco” (COTINGUIBA E COTINGUIBA, 2014, p. 65). Com base no que

observamos nesse relato, podemos refletir na persistência de um pensamento presente entre eles sobre a relação da cor da pele com riqueza ou pobreza, demonstrando em que medida essa ideia pode estar presente também na cultura haitiana e, por conseguinte, no imaginário dos haitianos. Isso também pode explicar o desejo que Maila tem de imigrar para a França.

Ainda sobre a questão da cor da pele, o depoimento de um haitiano de 24 anos, entrevistado no Rio Grande do Sul e apresentado por Cogo (2014, p. 29), revela algo interessante. Seu relato expõe: “Eu não sabia que dentro do Brasil [...] tem pessoas brancas, como loiras aqui. Afora a gente vê as pessoas tipo mais moreno [...] mas quando eu cheguei aqui e vi as pessoas com olhos azuis, mas isso não é o Brasil!”. Em outro depoimento de um haitiano de 37 anos, morador de Porto Velho, Rondônia, o desejo pela França ou pelos Estados Unidos não deixou de se manifestar, no entanto, o Brasil foi escolhido por ter sido a opção que lhe era mais palpável. Cogo (2014, p. 29) expõe o depoimento do haitiano citado:

Brasil é um país que não avança como Estados Unidos, como Canadá, mas eu acho que entre todos os países que avança, que crescem um pouco, Brasil é um também, entendeu? Aí lá gente, uno no tem possibilidade de chegar nos Estados Unidos, de chegar no Canadá. Possibilidade melhor foi de chegar no Brasil [...].

No que se refere ao projeto de Maila, que até o momento da entrevista não havia sido concretizado, a França era o objetivo final, como já exposto. Em sua jornada migratória, o destino inicial no Brasil foi a cidade de São Paulo.

Cheguei em São Paulo, tinha aquela menina que eu falei que era a minha prima. Eu fiquei três meses na casa dela, depois eu saí e fui pra minha casa, e sempre morei sozinha. Depois eu casei. Quando eu cheguei, fiquei no Jabaquara. Quando saí de Jabaquara, vim morar em Guaianases. Daí, não sai mais daqui. Quando eu cheguei, estava congregando em uma igreja Batista lá em Jabaquara. Lá no Haiti, as Igrejas, mesmo que a gente não tenha instrumento, é bem animado [bate palma ao falar]. Aqui não era animado. Eu não gostei! Fui lá umas duas vezes. Tinha um grupo cantando, e depois que cantaram eu bati palma e todo mundo ficou olhando. Eu vi que era só eu. Aí, fiquei com vergonha. [...] No Haiti, o predominante lá é católica e o vodu [...]. Esses dois que é predominante. Evangélico tem, mas não tem bastante. Só que as pessoas que está numa situação que não tem o que fazer não têm outra opção que procurar uma igreja. Por exemplo, se ela chegar aqui e não tem família, não

tem nada, a primeira coisa que a pessoa vai procurar, seja ela evangélica ou não, é uma igreja pra se abrigar, pra poder ter uma família. Então, tem bastante aqui que não era da igreja lá. Mas quando chegou aqui procurou uma igreja, se converteu, se batizou. E fica lá. Eu conheço bastante que é assim. (Maila, haitiana, SP, 15 de fevereiro de 2018)

Algumas partes do relato acima merecem especial atenção por tratarem da questão religiosa e envolverem o assunto com o qual estamos lidando mais especificamente (a comunidade evangélica haitiana). Ao ter migrado para o Brasil, diretamente para São Paulo, Maila buscou uma igreja evangélica (Igreja Batista) para participar dos cultos. Ela expôs que a procura de igrejas por parte de imigrantes haitianos que chegam ao Brasil, sejam evangélicos ou não, é comum, pois por meio delas eles buscam alcançar acolhimento na ausência da família. No entanto, podemos observar que a dificuldade de se enquadrarem em alguns modelos de igrejas em culturas diferentes pode ser um impedimento para continuarem frequentando o grupo, como aconteceu com ela. Nesse sentido, a vantagem da comunidade étnica evangélica é não impor tais barreiras, facilitando a inserção e cumprindo esse papel acolhedor, ainda que no caso apresentado exista a preferência por uma igreja evangélica brasileira (pentecostal).

Algo que não consta nesse relato é que Maila, quando questionada sobre os motivos pelos quais preferia uma comunidade que não fosse haitiana, ressaltou que entre eles existem muitas intrigas. Porém, algumas vezes ela também visitava essas comunidades. Nesse cenário, devemos levar em consideração sua relação com a língua portuguesa. Como muitos deles ainda não haviam dominado a língua portuguesa, esse fato era apresentado como um dos motivos pelos quais preferiam o grupo étnico. Porém, as relações estabelecidas dentro do grupo e a aproximação com a cultura de origem também eram fatores apontados, entre outros.

Em relação ao fato de Maila afirmar que muitos haitianos não eram evangélicos no Haiti, mas passaram a pertencer a alguma igreja no Brasil, destacamos que outros haitianos, apesar de não negarem a premissa apontada nesse relato, enfatizavam que a maioria deles já chegou ao país sendo evangélicos. Também é importante destacar que, de acordo com outras pesquisas apontadas no primeiro capítulo, quando falamos sobre os haitianos evangélicos, o grande contingente de haitianos que se declaravam evangélicos ao chegarem ao Brasil era maior em relação a outras religiões. Por fim, destacamos que esse relato nos mostrou que a comunidade/Igreja evangélica parece

exercer um papel de acolhimento para esses imigrantes. No entanto, procuraremos outros detalhes a serem destacados no relato de Bory, esposo de Maila.

#### 4.1.2 O relato de Bory

Bory era um jovem haitiano de 28 anos que morava em Guaianases com sua esposa também haitiana, Maila. Ele pertencia à igreja Batista no Haiti e participava da Comunidade Evangélica Batista Haitiana de Guaianases. Na ocasião, trabalhava em casa como alfaiate e dizia ter o sonho de estudar Moda no Brasil. Entre os haitianos, uma das questões que nos chamaram a atenção é que eles tinham muitos sonhos e não se intimidavam em contá-los. Porém, em diversos casos, esses sonhos pareciam estar em patamares difíceis de ser alcançados em decorrência da realidade vivida por eles no país. Por exemplo, havia sonhos como o do pastor haitiano da comunidade pesquisada, que almejava construir um megatemplo; e a construção de uma rede de ensino atrelada à igreja, citada por um dos adeptos da comunidade. Bory tinha sonhos, mas um deles estava relacionado ao processo migratório para o Brasil. O terremoto teria sido preponderante para que este viesse a ter a oportunidade de realizar o seu sonho, apesar de estar morando na República Dominicana quando o evento aconteceu. Segundo Bory:

Eu morava na República Dominicana [...] desde os 17 anos. [...] Eu estudava lá, trabalhava lá. Eu conheci o Brasil pelo futebol, porque eu gosto muito de futebol. Quando o Brasil ganhou a copa em 2002, eu comecei a ouvir falar do Brasil. E como eu sempre gostei de futebol estava pensando: como fazer para chegar ao Brasil? [...] Depois do terremoto de 2010 no Haiti, o único país que abriu as portas para nós foi o Brasil mesmo. Vários países estavam ajudando de lá, com dinheiro, comida, coisas, mas para emigrar, foi só o Brasil. Entendeu? [...] Em 2013, eu decidi vir para o Brasil. Eu tinha dois primos que também queriam entrar no Brasil. A gente conversou e disse: vamos lá! Nessa época, 2013, a gente não precisava de visto para viajar da República Dominicana até o Equador. A gente comprou a passagem da República Dominicana até o Equador. Daí, quando chegamos em Equador, pegamos ônibus até o Rio Branco – Acre. Eu fiquei uma semana no caminho. A gente ficava dia e noite dentro do ônibus. Às vezes o ônibus parava e a gente comia alguma coisa e continuava seguindo o caminho. E quando eu chego no Rio Branco, eu fiquei uns quinze ou vinte

dias e consegui fazer as documentações: carteira de trabalho, CPF. Daí eu fiquei pensando: como vou fazer para chegar até São Paulo? Porque muita gente falava de São Paulo. Eu gostava também do Rio de Janeiro. Dois primos meus, que chegaram primeiro aqui no Brasil, eles também eram recém-chegados e não tinham como ajudar a sair de lá do Acre até São Paulo. Aí, tinha uma empresa que queria trabalhadores. E eu disse: eu vou! Eles escolheram cinco pessoas [haitianos] e levaram até Campinas. Mas em uma cidade que chama-se Santa Bárbara d'Oeste. [...] Quando cheguei [...] em Campinas – Santa Bárbara d'Oeste, eu procurei uma igreja, mas lá não tinha igreja haitiana. Eu não lembro bem o nome da igreja, mas sempre ia lá nessa igreja. A igreja não era animada. Mas foi bom, eu gostei. (Bory, haitiano, SP, 15 de fevereiro de 2018)

Como podemos observar nesse relato, antes de imigrar para o Brasil, Bory morava na República Dominicana. O futebol foi o meio pelo qual obteve conhecimento e informações sobre o Brasil e o motivo que o levou a querer emigrar para o país, conforme relata. Pereira (2016, p. 148) pontua que “os haitianos gostam do Brasil [...] principalmente por causa do futebol. ‘A seleção brasileira jogou lá, mas independente da seleção jogar lá, já era uma coisa assim. Eles são apaixonados pelo nosso futebol, então eles gostam muito do Brasil.’ [...]” Carletti (2016, p. 118) explicita a fala de um haitiano sobre esse assunto: “lembro quando a seleção brasileira foi lá [no Haiti], os haitianos gostam muito de futebol e da seleção brasileira”. Durante a copa do mundo de 2018, recebemos vídeos de haitianos por WhatsApp que mostravam a comemoração no Haiti quando a seleção brasileira de futebol ganhava uma partida<sup>47</sup>.

A oportunidade encontrada por Bory para realizar seu desejo de migrar para o Brasil aconteceu no ano de 2013, quando, diante do terremoto ocorrido no Haiti, o país teria aberto suas portas para os haitianos. Alguns detalhes em relação à viagem, como o deslocamento por vias aéreas da República Dominicana até o Equador, de onde seguiu um percurso de ônibus por uma semana até chegar ao Acre, foram destacados.

Outra questão relevante é que ele não veio sozinho, mas com alguns parentes (dois primos). Entretanto, outros primos já residiam no Brasil, com os quais ele não poderia contar significativamente, pois estavam há pouco tempo no país, conforme expôs. Essa questão é interessante, pois demonstra que apesar de ele não poder

---

<sup>47</sup> No Youtube, é possível encontrar vídeos mostrando a comemoração de haitianos pela vitória da Seleção Brasileira de Futebol em um dos jogos da Copa do Mundo de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tjl0hZ0ta6Y>. Acesso em: 05/02/2020.

contar plenamente com os parentes apontados, a presença destes é enfatizada como demonstração de que não estava sozinho. Isso pode ser entendido como ponto de apoio para a sua jornada, garantindo maior segurança para o futuro que o aguardava.

Em conversas informais com Bory, soubemos que sua vontade de se deslocar para o estado de São Paulo ou do Rio de Janeiro se baseava nas informações que tinha sobre essas regiões do Brasil, e que indicavam ser mais fácil conseguir emprego nesses lugares. Por isso, ao ter a possibilidade de trabalhar em Campinas, SP, aproveitou a oportunidade. A busca por uma igreja também não deixou de estar presente em seu relato. Ele destacou que, assim que chegou a Campinas, passou a frequentar uma igreja da qual não sabia o nome, o que parece ser uma questão irrelevante para esse imigrante. A igreja foi escolhida porque não existia nenhuma igreja haitiana no lugar, como reforçou. O relato continuou:

Eu fiquei sete meses trabalhando ali. Eu trabalhava com tubo conexão, em uma companhia que arrumava ferro, pintava ferro, lixava. Era registrado, mas pagava pouco. Pagava novecentos e pouco. Fiquei sete meses porque eu tinha um primo em Santa Catarina que falava: “Se você achar que a companhia [empresa] é ruim, vem pra cá comigo”. Ele ficava com um estudante em Santa Catarina. Eu falava: a companhia é boa, me dá casa, comida, mas paga pouco. Ele disse: “não tem problema, se você gosta, pode ficar. Se você não gostar, vem ficar aqui comigo”. Eu falei: vou pedir a conta e vou lá para Santa Catarina. Lá, em Santa Catarina, eu fiquei dois anos. E lá, quando cheguei em Santa Catarina, tinham duas igrejas haitianas. [...] Eu fiquei congregando em uma igreja haitiana porque eu gostava muito. Quando eu estava em Santa Catarina, trabalhava com costura, porque sou costureiro. Depois, eles me mandaram embora. Aí, eu quis vir pra São Paulo. Na época, tinha mais família aqui: tinha também namorada [se refere a Maila] e quatro primos. [...] No Brasil não é fácil, mas você pode trabalhar. Também, em três meses, você tem o permanente, depois de um ano, tem residência, pode trabalhar. Você pode estudar. É mais fácil. Essa é uma oportunidade que a gente não esperava. Porque tem países grandes em que você demora dois, três anos pra conseguir isso. E se você quer voltar e visitar a família lá no Haiti, tem como fazer isso, porque tem documentação. Você pode ir e voltar. Mas se você está em um país sem documentação, tem que ficar cinco anos, quatro anos esperando para isso. Depois que sair sabe que não terá como voltar recentemente. (Bory, haitiano, SP, 15 de fevereiro de 2018)

Nesse recorte do relato, Bory expõe como tomou a decisão de ir morar com um primo em Santa Catarina, onde conseguiu um emprego na função de costureiro, e posteriormente sua viagem para a capital de São Paulo. Chamou-nos a atenção que,

em todas as regiões onde morou, ele buscou uma igreja evangélica ou uma comunidade evangélica haitiana para frequentar. Em Santa Bárbara d'Oeste, congregou em uma igreja brasileira porque não havia nenhuma comunidade haitiana. Porém, em Santa Catarina existiam duas delas, segundo ele afirmou, e pôde escolher uma para frequentar. Em São Paulo, participava da Comunidade Haitiana Batista de Guaianases, como citamos anteriormente.

A ênfase que Bory concede à comunidade em seu relato pode demonstrar o quanto essa questão parece ser relevante. No depoimento anterior (de Maila), pontuamos que a comunidade era enxergada como possibilidade de acolhimento. No caso do relato de Bory, apesar de ele não expor nenhum detalhe dessa natureza, pode reforçar essa ideia ao ressaltar a busca, aparentemente necessária, por uma comunidade evangélica haitiana ao passar pelos inúmeros lugares onde morou no Brasil. No entanto, outro relato parece deixar mais evidente em que medida a comunidade evangélica haitiana se apresenta como relevante no contexto migratório de seus adeptos. A seguir, analisaremos o referido relato.

#### **4.1.3 O relato de Romeu**

Romeu era um haitiano de 42 anos de idade, solteiro, sem filhos, pedreiro e morador de Guaianases. Assim como nos casos anteriormente apresentados, Romeu já era evangélico no Haiti antes de chegar ao Brasil em 2013, pertencendo à Igreja Batista. Como já havia morado em diferentes países, o seu relato trouxe informações relacionadas às comunidades haitianas dos lugares por onde passou.

Eu morei em três países antes de vir para o Brasil. Aqui são quatro. Deixei o Haiti para viver na República Dominicana, um país vizinho. Na República Dominicana, vivi no meio do povo. Mas um povo que falta consciência. [...] Por isso é um povo que eu não gosto muito. Eu saí de lá e fui para o Equador. Eu trabalhei no Equador, e viver lá é uma coisa boa, porque as coisas lá são muito baratas. Mas faz muito frio. Nunca faz sol. Eu trabalhava por dinheiro americano. Trabalhei seis meses no Equador em construção civil. Eu pensava em morar no Brasil porque todo mundo estava falando bem do Brasil. Quando eu mandava mensagem no WhatsApp para um amigo, ele dizia: no Brasil tem muita oportunidade para pessoa viver melhor, porque se a pessoa aluga uma casa, acha tudo, com tudo, não vai precisar comprar nada, nada dentro da casa. A gente fica apaixonado pra vir morar aqui no Brasil. Então, eu tô no Equador

e tem pessoa que faz “*grits da vida*” para entrar no Brasil, ilegal, sem papel, cortar caminho pra chegar. Mas quando chegar, sofrer muito. Mas, eu falei: meu Deus, eu não tenho como viajar dessa forma, porque eu ficar com medo. Então, nós estava em uma igreja, orando para Deus abrir porta pra nós ver como ia melhorar. Então fazia vigília, orando. Então, um dia eu recebi uma notícia de que já tinha visto para o Brasil no Equador. Um amigo meu disse que tinha. Mas tinha muitas condições para pegar o visto pra Brasil. Pagar duzentos dólar americano. Teve muito amigo que veio atrás de mim dizendo que eu tinha condições de viajar sem precisar sofrer. Eu tinha trabalhado e guardado dinheiro, então fui lá pegar o visto brasileiro e juntar dinheiro pra pagar passagem. (Romeu, haitiano, fevereiro de 2019)

Em relação às questões apresentadas nesse depoimento, podemos citar inúmeros aspectos relevantes a serem observados, como: a estadia desse imigrante no Equador; a relação entre haitianos e dominicanos, marcada por conflitos; a passagem por diferentes países – realidade de muitos haitianos; as motivações migratórias que levaram Romeu a escolher o Brasil como país de destino; e como a comunidade evangélica haitiana se apresentou no contexto migratório em que esse haitiano estava inserido (aspecto que mais nos chamou a atenção, considerando o objetivo deste trabalho).

Ter vivido durante um período no Equador é uma realidade de diversos haitianos. De acordo com Carrera (2014, p. 73), o Equador é um destino escolhido por muitos imigrantes haitianos em decorrência da facilidade (no que se refere à isenção de visto) para entrar no país, o que acaba fazendo com que esse lugar também viabilize o trânsito para outros países. No entanto, é relevante destacar que muitos desses imigrantes chegam ao Equador por meio de redes de tráfico que operam em ambos os países (Haiti e Equador).

Muitos são levados ao Equador por acreditarem em falsas promessas relacionadas a oportunidades de estudar gratuitamente ou estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Entre os haitianos enganados nesse sistema estão alguns estudantes que tinham bolsa de estudos no Haiti. Estes se submetem a um exame em língua espanhola e recebem a promessa de admissão no nível superior oferecido no Equador. O recrutamento de haitianos para a migração ao Equador acontece até mesmo por meio de anúncios em rádio no Haiti (CARRERA, 2014, p. 73).

No que diz respeito à relação entre haitianos e dominicanos, ressaltamos os conflitos que marcam os dois povos. Pereira (2016, p. 63) alega que “[o] discurso da

diferença tem construído marcas culturais que não apenas demarcam a República Dominicana e o Haiti, mas contribuem para o que ficou conhecido como anti-haitianismo”. Os dominicanos não admitem sua herança africana. Assumem um passado indígena, mas entendem “o ser índio como uma categoria construída socialmente que tem mais sentido referida ao modo de ser dominicano e não com ser indígena ou africano. Já seus vizinhos haitianos são percebidos como negros” (PEREIRA, 2016, p. 64).

Rosa (2010, p. 102) expõe que “[a] manifestação racista e xenófoba dos dominicanos contra os haitianos não é nova” e que “o contexto dominicano passou a ser ativado por retóricas políticas haitianofóbicas, fazendo com que as sucessivas violações de direitos humanos se tornassem comuns”. Isso nos leva a considerar a indignação desse imigrante, quando ele abre seu relato com a informação de que viveu na República Dominicana destacando suas insatisfações em relação aos dominicanos.

No que se refere à passagem desse imigrante por diferentes países – realidade de muitos haitianos –, destacamos que esse aspecto pode reforçar a ideia da busca por melhores condições de vida. Esse fator é relevante para discutirmos a cosmovisão migratória haitiana, uma vez que esta visa a migração como alternativa mais palpável para que essa busca seja alcançada, como abordamos no primeiro capítulo. Todavia, essa parte do depoimento apresenta um detalhe que nos chama a atenção. Mesmo em um contexto migratório no qual esse imigrante já se instalou em determinado lugar, a alternativa de encontrar melhores condições de vida em outro lugar continua aberta, movendo muitos a se deslocarem para diferentes países.

Em pesquisa anterior, esse fato foi destacado quando percebemos que haitianos estavam saindo do Brasil em busca de outros países devido à crise econômica entre os anos de 2015 e 2016. Na ocasião, foi possível analisar alguns discursos haitianos, entre os quais um deles se destacou: “haitiano é assim mesmo [...] não está bom aqui, migra para outro país” (MARCELINO, 2019, p. 84). Essa ideia também é refletida no discurso de Maila, quando ela continua reforçando o seu desejo de migrar para a França mesmo depois de ter alcançado certa estabilidade no Brasil, pois a França é um dos países onde eles acreditam poder alcançar melhor qualidade de vida, como abordamos anteriormente ao analisarmos parte do relato citado.

Em relação ao fato de Romeu ter vivido em diferentes países antes de optar pelo deslocamento para o Brasil, precisamos destacar outro detalhe. A República

Dominicana e o Equador, países onde viveu durante um período, foram rotas migratórias para que haitianos indocumentados (sem o visto) se direcionassem ao Brasil entre os anos de 2010 e 2015.

Os haitianos saíam de Porto Príncipe ou de Santo Domingos na República Dominicana e iam até o Panamá. De lá tomavam o avião para Quito-Ecuador e em um segundo momento, para Guayaquil, também no Ecuador. Em seguida tomavam avião até Lima no Peru, e de lá outro avião para a cidade de Iquitos, na região da selva pequena. Por lá passa o rio que no Peru já se chama Amazonas. De Iquitos desciam de barco até Tabatinga, já no Brasil [...]. (COSTA, 2016, p. 13)

Além disso, é interessante nos atermos às motivações migratórias mencionadas por Romeu em sua escolha pelo Brasil como país de destino. O imaginário que ele nutria sobre o Brasil, alimentado com base em suas redes sociais estabelecidas com outros imigrantes haitianos que estavam no país, desencadeou a ideia de que ele poderia dispor de melhores condições de vida nesse país em comparação com as que havia alcançado no país onde estava alocado naquele momento (o Ecuador). A fala de haitianos exposta por Carletti (2016) apresenta um imaginário a respeito do Brasil que não condiz com a realidade encontrada por muitos desses imigrantes: “Os haitianos gostam muito do Brasil, acham muito bonito, muita comida. Mas aqui, casa é muito caro [...] Veja eu ganhava 1.000 reais e pagava 600 reais de aluguel, é muito caro morar aqui” (CARLETTI, 2016, pp. 117 e 118).

A maneira como a comunidade evangélica haitiana se apresentou no contexto migratório em que Romeu estava inserido também nos chamou atenção. Esse haitiano estava em uma comunidade evangélica haitiana no Ecuador, que se reuniu pelo objetivo migratório de seus adeptos em relação ao Brasil. Diante da vontade de migrar para o Brasil e das dificuldades para concretizar esse desejo, Romeu destacou sua angústia e estratégia inicial: “meu Deus, eu não tenho como viajar dessa forma, porque eu ficar com medo. Então, nós estava em uma igreja, orando para Deus abrir porta pra nós ver como ia melhorar. Então fazia vigília, orando” (Romeu, haitiano). É possível considerar que o propósito migratório dos adeptos dessa comunidade era fortalecido por meio do engajamento realizado por ela.

Observamos que a fé evangélica professada por muitos deles parecia oferecer uma espécie de sustento para a cosmovisão que nutriam sobre a migração. A busca da comunidade por um aporte divino relacionado à migração funcionava como um

processo de aprovação ou legitimação de “forças transcendentais” para que tivessem certeza de suas escolhas e ações migratórias. No depoimento em questão, vemos que a igreja se coloca em um processo de busca por essa legitimação – aprovação –, que se manifestou, segundo esse imigrante, com a notícia de que os vistos para o Brasil seriam concedidos para os haitianos que estavam no Equador. Em outras palavras, para esse imigrante, essa notícia se mostrou como um resultado da ação divina, o que lhe dava confiança para esse intento.

Nesse sentido, de acordo com Guerriero (2012, p. 18) ao pautar-se nas concepções de Durkheim sobre a religião, destacamos que a essência desta está intimamente articulada à ação. Conforme expõe Guerriero, “[as] crenças não são essencialmente conhecimentos que enriquecem nosso espírito: sua principal função é a de suscitar atos. Por detrás das crenças existem forças”. Essa ideia nos remete à compreensão de que o fiel sente que as forças por trás de suas crenças “são superiores àquelas de que dispõe ordinariamente”. Além disso, sente-se participante dessa superioridade, em um estado em que “sente que pode mais” (GUERRIERO, 2012, p. 18).

Romeu continuou:

tinha deixado de mandar dinheiro para família no Haiti e guardei meu dinheiro pra quando eu chegasse no Brasil, porque eu tinha medo de sofrer. Sou um homem prudente. Entendeu? Mas, eu pensava: meu Deus, vou viajar para o Brasil e não tem ninguém para me receber. Tinha haitianos antigos aqui, mas eu não conhecia ninguém. Eu pensava na minha família que estava viajando também na minha frente, e pensava, vou achar irmão, cunhado. Mas meu cunhado veio para cá, deixou minha irmã no Haiti e aqui tinha outra mulher. Então, não tinha como contar com ele. Eu falei: vou comprar minha passagem. Então, tinha um amigo haitiano no Equador que gostava muito de mim. Ele passou o contato de dois irmãos dele que estavam no Brasil. Quando eu chegasse, ia morar na casa deles. Mas o irmão dele morava muito longe, não era em São Paulo. Um lugar que faz muito frio, lá no Sul, em Santa Catarina. (Romeu, fevereiro de 2019)

A outra preocupação de Romeu é expressa nesse trecho de sua fala, e estava relacionada ao contato com haitianos que já estavam no Brasil e que pudessem lhe prestar acolhimento. Seu cunhado já estava aqui, mas não havia certeza se poderia contar com ele. Ele ficou mais seguro quando um amigo haitiano com quem trabalhava lhe concedeu o contato de seus irmãos, que moravam no Sul do Brasil e que poderiam lhe oferecer tal acolhimento. Com isso, podemos considerar em que medida a

ausência de laços sólidos em uma rede migratória pode até mesmo inviabilizar um processo de deslocamento, como abordamos no primeiro capítulo. Nesse sentido, o capital social favorecido pela rede migratória faz com que a migração/imigração se torne mais palpável e até viável, como foi possível discorrer e verificar de acordo com a abordagem exposta também no primeiro capítulo.

Nunes (2017, pp. 89) discorre que “[a] noção de capital social faz, na sociologia, referência as redes sociais nas quais a confiança mútua é um dos pressupostos”. Conforme pontuado no primeiro capítulo quando falamos sobre redes sociais migratórias, relembramos que, ao fortalecer relações sociais e criar possibilidades para a obtenção de informações, a mediação de busca de emprego etc., o capital social construído pelas redes facilita e favorece outras formas de capital, como outras relações sociais, informações de emprego e etc. (LUSSI, 2015, p. 102).

Depois de tudo estar pronto para Romeu viajar para o Brasil, ele saiu do Equador. Contudo, quando chegou ao país de destino, não conseguiu o contato almejado e precisou desenvolver outro plano.

Então eu viajei sozinho de avião com muita tristeza. Cheguei, sem saber nada. Sozinho. Sem saber conversar. Tinha muito haitiano no avião que estava sendo recebido no aeroporto, então eu falei para um haitiano se ele podia me levar para a casa dele. Mas ele disse que não tinha como, porque ele trabalhava de noite e não ia ter tempo para me ajudar a correr atrás das coisas, de documentação. Eu pedi para o vigia me explicar como chegar em Tatuapé, porque eu tinha que trocar meu dinheiro. Ele me falou o ônibus. Eu peguei o ônibus e cheguei na Tatuapé. Pedi ajuda para trocar o dinheiro. Estava com 480 dólares americanos, e falava espanhol. Estava com dois números de telefone, mas fazia ligação e ninguém atende. Pensei: “Deus vai abrir uma porta muito grande!”. (Romeu, fevereiro de 2019)

A jornada desse imigrante foi marcada pelo inesperado. Os contatos disponíveis para o acolher não cumpriram o papel esperado. Nesse momento, observamos que apesar da situação desesperadora, ele foi movido pela esperança de que alguma coisa “melhor” do que aquilo que havia programado aconteceria. Sua expressão “Pensei: ‘Deus vai abrir uma porta muito grande!’” (Romeu, haitiano) demonstra em que medida sua crença religiosa lhe servia como apoio para a decisão migratória que havia tomado. Esse detalhe nos chamou a atenção também para a relação dessa expressão de fé religiosa presente no discurso de outros haitianos com quem tivemos contato durante a pesquisa.

A crença desse imigrante de que Deus abriria “uma porta muito grande” diante das dificuldades que estava enfrentando naquele momento nos leva a refletir sobre a força em que ele se apoiava. Como pontua Durkheim (2008, pp. 263 – 264), “[o] homem que obedeceu ao seu deus e que, por essa razão, acredita tê-lo consigo, enfrenta o mundo com confiança e com sentimento de energia fortificada”. A expressão de crença de Romeu na provisão de Deus pode ser compreendida como expressão da força encontrada, como uma espécie de apoio para agir naquele momento.

Existe outra questão que também nos chama a atenção. Durkheim (2008, p. 38) retrata que “a religião é coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas”. Anteriormente, pontuamos que Costa (2016, p. 61) observou que o “povo haitiano tem como uma das principais características o elemento religioso”, e acrescentou: “depositam toda a sua confiança em Deus. Em tudo Deus está presente. Deus é que sabe, Deus é que pode, Deus é que conduz a vida. Deus vai encontrar uma saída para a vida”. Nesse sentido, a crença que move a fala desse haitiano e nela se manifesta é comumente observada na fala de outros haitianos. Observamos que esse pensamento religioso é coletivo entre os imigrantes haitianos com os quais tivemos contato e, de acordo com Costa (2016, p. 61), não depende da religião professada por eles (católica, vodu, evangélica ou outra).

Ao continuar seu relato, Romeu descreveu o que ocorreu assim que chegou ao Brasil.

Eu vi um moço que parecia haitiano. Então, eu fui falar com ele. Eu falei com ele em espanhol e ele perguntou se eu era haitiano. Ele era haitiano e me ajudou a trocar o dinheiro. [...] ele tentou fazer a ligação pra mim, mas ninguém atendeu. Ele perguntou o que eu ia fazer. Eu disse que ia embora. Se chegar lá no lugar, vai ter algum haitiano que eu vou conversar pra ver se vai dar um jeito pra mim. Tenho dinheiro, dá pra morar em hotel, em qualquer lugar. Dá pra encontrar haitiano na rua e pedir pra pagar casa conjunto com ele. Eu fico um mês, dois meses, pra ir acostumando com a forma do país. Depois, dá pra ir embora. Ele falou que não ia me deixar ir embora. [...] Ele era da cidade de Gonaí [Estado] igual eu. Ele disse: você vai pra minha casa e eu vou continuar tentando fazer ligação pra você até pessoa atender. Se possível, manda você embora, mas você fica na minha casa, só tem eu e um amigo meu. Come, descansa. Chega na casa dele, fiquei dois meses. (Romeu, fevereiro de 2019)

No seu relato, é possível observar como Romeu conseguiu acolhimento ao chegar ao Brasil. Porém, ele não terminou o depoimento com essa fala. Ao ser questionado se a igreja/comunidade evangélica haitiana os ajudava em relação à migração, expôs com muita clareza alguns pontos relevantes para nossa análise.

A igreja ajuda a migrar, sim. Orienta, sim. Sabe o que acontece, pra mim é uma cultura. Talvez as pessoas sejam negligentes. [...] Por exemplo, a pessoa [haitiano] que chega no Brasil e vem na Igreja Batista haitiana, quando chega, conversa com o pastor, e pastor conversa com todos para ajudar. Sabe por quê? Para nós, haitianos, é uma vergonha ver haitiano morando na rua. Ver um haitiano igual nós ficando na rua, dormindo. Entendeu? Por isso que nós ajudar alguns haitianos. Mas tem pessoa que pensa que só tem que ajudar e não faz força. Fica com braços cruzados, dormindo. Mas eu penso, se você vai me ajudar eu tenho que correr atrás também. [...] às vezes você ajuda pessoa melhor que você. Pessoa que tem casa própria, que tem família lá fora, que tem trabalho, mas quando chega aqui, a gente ajuda.[...]. Então, tem muito crente haitiano aqui no Brasil, muito que são crente de verdade. Mas tem também aqueles que vira crente pra aproveitar. Pra receber ajuda, que não são crente de verdade. Haiti tem muito crente. Quase toda pessoa que viajar são crente, porque pra viajar tem que ter bom comportamento social. (Romeu, fevereiro de 2019)

Essa parte de seu relato expõe claramente o auxílio que a comunidade evangélica haitiana presta àqueles que a procuram e a preocupação que ela demonstra ter com essas pessoas. O relato também deixa explícito que essa forma de atuação, na concepção de Romeu, está relacionada à própria cultura haitiana. Tendo em vista o contexto em que esse fato se revela, podemos considerar que a forma de compreensão apresentada pode ser mais especificamente concebida como a cultura haitiana relacionada ao papel das comunidades étnicas evangélicas em processos migratórios, uma vez que haitianos fora desse contexto não se veem obrigados a cumprir esse papel, negando acolhimento, como exposto também em parte de seu relato: “então eu falei para um haitiano se ele podia me levar para a casa dele. Mas ele disse que não tinha como” (Romeu, haitiano).

Porém nessa questão é importante destacar que Romeu revela, com certa indignação, que alguns acreditam que a comunidade tem obrigação de ajudar e, por isso, não agem. Às vezes, os adeptos dessas comunidades acabam ajudando alguns que têm melhores condições financeiras que eles: “que têm casa própria, que tem família lá fora, que tem trabalho, mas quando chega aqui, a gente ajuda” (Romeu,

haitiano). Isso nos leva a considerar que Romeu estava se referindo à ausência de um planejamento migratório, desencadeando uma situação de necessidade por parte de alguns haitianos.

Essa informação em seu relato é relevante, pois nos leva a refletir que os adeptos dessas comunidades são impelidos a ajudar aqueles que os procuram, e até mesmo aqueles que têm menos condições financeiras que os solicitantes, participam desse engajamento. Isso acontece como se fosse um dever moral da comunidade ajudar aqueles que a procuram e como se toda a comunidade (seus adeptos) levasse consigo essa obrigação, ainda que a contribuição pessoal viesse a ser de cunho “voluntário”. Esse quesito pode nos levar a pensar na própria coerção social exercida pelo grupo sobre os seus adeptos.

Outro aspecto desse relato diz respeito aos imigrantes que se tornam adeptos da comunidade evangélica com o intuito de receber ajuda, mas segundo Romeu retrata, não seriam “crentes de verdade”. Com isso, podemos considerar em que medida a comunidade evangélica haitiana exerce um papel relevante no contexto migratório desses haitianos. O respaldo oferecido por ela favorece esses imigrantes em diversos aspectos e facilita a sua trajetória. Contudo, essa atuação envolve a extensão de um “espaço” que contempla, além do acolhimento, outras questões. Nesse sentido, podemos considerar que a comunidade evangélica haitiana se torna uma rede social migratória em diferentes países, apresentando-se como uma estratégia de “sobrevivência” e capital social para muitos de seus adeptos.

Em entrevista com haitianos, ao discutir o aspecto religioso presente nesse contingente, Carletti (2016) apresenta a experiência de alguns haitianos a partir de suas próprias exposições. Entre as falas haitianas, registrou: “Aqui participo da Igreja Assembleia de Deus Haitiana. [...] Se é importante para mim lá? Ah, eu fico lá só três horas na semana né. [...] Foi bom porque fiz uns amigos lá, mas mesmo assim é muito difícil viver aqui né” (CARLETTI, 2016, p. 113). Esse relato nos interessou pela forma como esse imigrante aborda a relevância da comunidade evangélica haitiana para si. Ele nos revela que, mesmo fazendo parte da comunidade e tendo feito amigos nela, ainda continuava sendo difícil viver no Brasil. Com base nisso, podemos refletir sobre as expectativas desse imigrante em relação à própria comunidade como fonte de acolhimento no país. No entanto, a experiência vivida, que contemplava algumas horas com o grupo, não amenizava a situação completamente, que continuava sendo difícil, conforme expõe.

Foucault (2014, p. 10) destaca que o discurso revela desejo e poder, “aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. Com base nessa premissa, podemos considerar que a descrição da busca pela comunidade evangélica, presente em todos esses relatos, nos mostra em que medida o “desejo” de ser acolhido por ela se manifesta. Pois estar inserido nesse espaço comunitário permite a aquisição de um capital social, que se revela como um “poder” que lhes permite alcançar algumas facilidades.

Voltando ao relato de Romeu, outro aspecto relevante a ser destacado diz respeito à orientação sobre a opção de migrar. Romeu não apenas alega que a comunidade oferece orientação sobre o assunto, como apresentado no início da sua fala no trecho anterior, mas “A igreja ajuda a migrar, sim” (Romeu, haitiano). Este também acrescenta:

Sabe, deixa eu falar pra você. Talvez tenha haitiano que tenha no pensamento dele só viajar, viajar, viajar. Quando você viaja, você perde força econômica. Deixa sua casa, família, emprego. Gasta dinheiro, deixa sua atividade. Quando chega no país, não sabe quando vai trabalhar, que serviço vai pegar. Seu salário, quanto vai receber, como vai crescer de novo. Que tipo de pessoa vai receber você. Gasto no país. Como vai pagar conta, aluguel, tudo. Tem que pensar tudo isso. Tem pessoa [haitiano] que não pensa e viaja como doido. Quando vai viajar, não pensa em nada, pensa só na viagem, na viagem direto. Nós, haitiano, viajar, está em outro país, por exemplo, Estados Unidos, aí manda mensagem no WhatsApp: “tô bem...” Manda foto. Seu cabelo tá lindo, hein! Vai tirar foto, mostrar seu carro, sua roupa... Lugar lindo! A gente fica doidão e pensa, eu vou aproveitar também. Ter uma vida melhor. Entendeu?! Por isso as pessoas viajam muito. Mas a verdade é que, se você viajar, ter sorte se pegar um serviço bom. Quando eu viajar, chegar, sofrer muito tempo. Você depende de você, depende de sorte, depende de como Deus vai ajudar você. Mas cada um é diferente. Eu posso viajar e passar todo tempo sofrendo se Deus não abrir porta. Tem pessoas que pensar só na viagem, não pensa em tudo isso. (Romeu, fevereiro de 2019)

Como podemos observar no decorrer de seu discurso, existe uma orientação por parte da comunidade em relação a vontade de migrar de seus adeptos, na tentativa de que haja planejamento e consciência das possíveis consequências advindas desse processo. No entanto, a fala de Romeu nos permite compreender que esse aspecto é um fator negligenciado por muitos imigrantes: “Quando vai viajar, não pensa em nada, pensa só na viagem, na viagem direto” (Romeu, haitiano). Nesse

caso, é possível recordar e reforçar a existência de uma cosmovisão migratória haitiana, como já retratamos no primeiro capítulo. Mas uma outra questão preponderante e que precisa ser destacada na análise que nos propusemos fazer, diz respeito aos diferentes momentos relacionados ao contexto migratório haitiano.

#### **4.2 Antes, durante e depois da migração: uma análise do papel da comunidade**

Quando pensamos nos haitianos em território brasileiro, temos em vista que esse contingente está inserido em um processo que envolve pelo menos três premissas: 1º) o Brasil como país de destino final; 2º) o Brasil como país de passagem para outros países; e, 3º) o Brasil como país de circulação migratória, onde as idas e vindas envolvem diferentes territórios estrangeiros. Essas três premissas foram observadas em campo entre esses imigrantes e percorridas, ainda que parcialmente, em diferentes momentos deste trabalho. Contudo, retomamos esses aspectos, pois em meio a esse cenário e todas as questões que o permeavam, como motivações, travessia, acolhimento, moradia, trabalho, educação, entre outros, coube-nos denominar essa realidade de contexto migratório haitiano no Brasil.

Visando compreender melhor o papel da comunidade evangélica haitiana entre seus adeptos nesse contexto, para a nossa análise utilizamos algumas categorias apresentadas por Usarski (2017) sobre processos migratórios: “Antes”; “Durante”; e “Depois”.

O primeiro eixo representa a cronologia do processo de migração que, na sua totalidade, pode ser subdividido em fases subsequentes aqui simplesmente chamados “antes”, “durante” e “depois” do processo do deslocamento do lugar de origem para o lugar de destino. [...] A primeira fase é a da situação anterior à migração no sentido de deslocamento do lugar de origem em direção ao destino. Uma das perguntas marcantes para a literatura secundária refere-se aos motivos que incentivam o processo de migração. [...] A jornada propriamente dita representa a segunda fase. Essa jornada pode ser direta ou segmentada no sentido de estadias intermediárias a caminho do objetivo final. A terceira fase começa com a chegada do migrante à sociedade anfitriã. (USARSKI, 2017, pp. 259, 260)

Para utilizarmos as categorias apontadas por Usarski (2017) procuramos adequar o conceito de cada uma delas ao nosso objeto de pesquisa, levando em consideração o contexto migratório haitiano, elaboramos as definições a seguir:

- “Antes” – o período que antecipa a migração, do Haiti ou qualquer outro país, para o Brasil, ou ainda, do Brasil para qualquer outro país.
- “Durante” – o período de travessia do imigrante, do lugar de partida ao lugar de chegada, seja do Haiti ou de outro país para o Brasil, ou deste último para qualquer outro país.
- “Depois” – o período de chegada ao lugar destinado, envolvendo acolhimento e integração ao novo contexto social.

Observamos que, apesar da importância de pensarmos no possível retorno desses imigrantes ao seu país de origem, realidade presente em alguns casos que tivemos a oportunidade de conhecer, dada a necessidade de delimitarmos a nossa pesquisa, não focamos nesse aspecto. A nossa análise acerca da comunidade evangélica se estendeu com base nas três categorias mencionadas (antes – durante – depois).

#### **4.2.1 Antes de migrar**

Como destacamos anteriormente, levando em consideração o contexto migratório haitiano no Brasil, entendemos “antes” de migrar como o período que antecipa a migração do Haiti ou qualquer outro país para o Brasil, ou do Brasil para qualquer outro país. Várias questões fazem parte do contexto que compreende esse período, como esforços para viabilizar a viagem e sua preparação. Nesse sentido, é importante destacar que a comunidade evangélica haitiana favorece a organização de grupos com objetivos migratórios comuns, que se estruturam para buscar informações e até meios necessários para que a migração aconteça. Esses fatores já foram parcialmente discutidos em diferentes momentos desta pesquisa. No entanto, julgamos relevante enfatizar com mais especificidade nesse período as motivações migratórias articuladas ao aspecto religioso presente nessa comunidade.

Entendemos que as principais motivações migratórias do contingente analisado, além das inúmeras questões já destacadas no decorrer deste trabalho,

envolvem primeiramente uma cosmovisão, conforme já apresentado e discutido no primeiro capítulo. Essa cosmovisão é “legitimada” ou reforçada pela religião professada pelo grupo pesquisado, que alavanca ainda mais a motivação para migrar.

Destacamos que Hagan e Ebaugh (2003) apontam que questões de cunho religioso têm sido negligenciadas em muitas pesquisas contemporâneas envolvendo migração. Contudo, apesar do quadro apresentado, Marinucci (2010, p. 131; 2012, p. 2; 2017, p. 148) pontua que a proposta de fazer um diálogo relacionando religião e migração vem adquirindo maior espaço no campo dos estudos migratórios. Para a nossa pesquisa, essa premissa é extremamente relevante, pois encontramos no fator religioso um ponto culminante para a nossa análise.

No que se refere à comunidade evangélica haitiana pesquisada, julgamos necessário enfatizar algumas questões: a) a existência de haitianos que passavam a fazer parte do grupo por interesses relacionados ao contexto migratório em que estavam inseridos, mas que antes não eram evangélicos (o que já foi destacado em outros momentos deste trabalho); e b) a maioria evangélica antes de chegar ao Brasil (como foi possível observar por meio do convívio com a comunidade e por meio de outras pesquisas sobre o assunto – o que também foi abordado anteriormente). Esta segunda característica do grupo foi preponderante para compreendermos a relevância de suas crenças religiosas também como motivadores diante do processo migratório. Em outras palavras, a fé religiosa existente e professada pelo grupo exercia um papel motivacional relevante para que a imigração acontecesse.

Verificamos que Hagan & Ebaugh (2003), ao demonstrarem como a religião se fez presente no processo migratório de membros de uma comunidade evangélica Maya, na Guatemala, e em Houston, no Texas, enfatizaram em que medida as crenças religiosas se apresentam como força motivadora que gera ações nas diferentes etapas de um contexto de migração. Na pesquisa citada alegam: “*we show how migrants use religion in [...] migration process*”<sup>48</sup> (HAGAN e EBAUGH, 2003, 1.145). Os imigrantes pesquisados usavam a religião: para tomarem a decisão de migrar; ao prepararem-se para a viagem; durante a jornada; na chegada; no assentamento; e nas relações transnacionais. Nesse sentido, os recursos espirituais (oração, busca de resposta transcendente, entre outros) fornecidos pela religião envolviam aspectos emocionais que desencadeavam força e coragem diante do medo

---

<sup>48</sup> “Nós mostramos como migrantes usam a religião no [...] processo de migração” (Tradução nossa).

das dificuldades decorrentes do processo migratório em que estavam inseridos (HAGAN e EBAUGH, 2003, pp. 1.146 – 1.153).

Como essa migração ocorria de maneira indocumentada, a jornada era repleta de perigos, em um processo em que morrer não era algo incomum. Temendo o que poderia sobrevir no percurso da viagem, os imigrantes buscavam orientação/aconselhamento pastoral. Serviços religiosos, como jejum e oração seguidos de profecia em nome de Deus, também eram almejados e serviam como resposta e segurança para a decisão de migrar. Esse fator era tão relevante que, se a profecia não fosse favorável ao processo migratório, este era cancelado. Os imigrantes entregavam suas vidas nas mãos do pastor, mediador da vontade de Deus sobre a viabilidade da viagem, pois poderiam se deparar com a morte mesmo diante de uma resposta favorável. Assim, na primeira etapa desse processo, tais recursos (espirituais) influenciavam diretamente a decisão de migrar (HAGAN E EBAUGH, 2003, pp. 1.146 – 1.153).

Podemos considerar que alguns aspectos apresentados se assemelham ao que observamos entre adeptos da comunidade evangélica haitiana que analisamos. Muitos migravam de maneira indocumentada, e nesse cenário as incertezas em relação ao processo se apresentavam por meio de receios, incertezas e até medo. Contudo, o aspecto religioso surgia como resposta a esses fatores, oferecendo coragem e empoderamento para se decidirem e agirem. Oração, jejum e vigílias em busca de aprovação e respostas divinas geravam esperança diante das dúvidas relacionadas ao processo migratório. Porém, a esperança se tornava “certeza” quando acreditavam ter alcançado uma resposta divina favorável, e com esta, estabelecia-se a convicção de que tudo daria certo.

Os imigrantes haitianos entendiam encontrar tais respostas em sermões bíblicos, mensagens proféticas por parte de algum membro da comunidade, sonhos e até mesmo situações favoráveis aos seus desejos, por vezes, compreendidas e interpretadas pelo próprio receptor. Quando os acontecimentos continuavam fora dos objetivos traçados e não estava claro se havia ou não aprovação divina para o projeto migratório estabelecido, a fé os levava a compreender que estavam sob a vontade divina. Nesse sentido, não havia espaço para dúvidas de que, de uma maneira ou de outra, Deus estava cuidando deles.

As convicções eram expressas através de discursos empoderados, que expunham a fé de alcançarem êxito independentemente das circunstâncias vividas.

Assim, os haitianos não hesitavam em buscar resposta, aprovação e provisão divina para migrarem. Eles demonstravam ter esperança diante das dificuldades e, na maioria das vezes, pareciam alegres. Mesmo ao enfrentarem desemprego, doenças e outros problemas, ouvíamos com frequência entre eles o discurso: “Deus sabe de tudo, ele cuida de nós!”.

Em pesquisa anterior (MARCELINO, 2016) com haitianos de outra comunidade evangélica (Igreja Adventista do Sétimo Dia), um deles dizia ter recebido a revelação divina de que viria para o Brasil. Ao questionarmos a maneira como isso ocorreu, nos informou que teve um sonho (no ano de 2012) de Deus lhe dizendo que viveria em território brasileiro. Alegou ter conseguido o visto para o país depois do sonho e partido sozinho em direção a São Paulo. Viveu por cinco meses na Casa do Migrante (SP) e saiu de lá quando conseguiu um emprego e outro local para morar. Em 2017, tivemos a oportunidade de revê-lo, ele estava morando em Guaianases com sua mãe, que havia chegado ao país há alguns dias.

O quadro apresentado é relevante no que se refere à relação entre as motivações migratórias e as crenças religiosas presentes na comunidade evangélica haitiana, pois as crenças se manifestam como reforçadores para que a imigração aconteça. É preciso destacar que diversos fatores podem ser somados a essas crenças religiosas para que a imigração se concretize (redes, financiamento etc.) e, portanto, estas não justificam isoladamente a decisão de migrar. No entanto, de acordo com o que foi possível perceber, elas são extremamente relevantes para a maioria deles e podem direcionar decisões ou ser um recurso importante para esse contingente nesse cenário.

Na comunidade evangélica haitiana em Guaianases acompanhada durante a pesquisa de campo, observamos que ela (a comunidade) se tornava um “espaço” onde era possível alcançar respostas, confirmação e coragem para a tomada de decisões, inclusive migratórias. Antes da migração, a comunidade oferecia o recurso espiritual reforçador motivacional para que a imigração acontecesse, por meio de sermões, orações, profecias etc. Assim, os seus adeptos encontravam força para decidir e agir diante das dificuldades que o deslocamento migratório lhes impunha.

De acordo com Durkheim (2008), e já destacado em um outro momento, uma das funções sociais da religião é conceder força ao homem diante das dificuldades com as quais se depara na vida, levando-o a agir. Não obstante, o homem religioso

sente que “é aquele que pode mais”, e assim a religião o ajuda a viver (DURKHEIM, 2012, p. 27; 2008, p. 493; COSTA, 2017, p. 8; SANCHIS, 2011, pp. 62 – 66).

Frequentemente se vê a religião como um tipo de especulação sobre um objeto determinado: acredita-se que ela consista essencialmente em um sistema de ideias, exprimindo mais ou menos adequadamente um sistema de coisas. Mas este caráter da religião não é nem o único nem o mais importante. Antes de tudo, a vida religiosa supõe a produção de forças *sui generis*, as quais elevam o indivíduo acima dele mesmo, que o transportam a um outro meio que não aquele no qual se esgota sua existência profana e que o fazem viver uma vida muito diferente, mais elevada e mais intensa. O crente não é somente um homem que vê, que sabe coisas que o descrente ignora: é um homem que pode mais. Os fiéis (sic) podem representar-se inexatamente o poder que eles atribuem a si mesmos, o sentido no qual este se exerce. Entretanto, esse poder, em si mesmo, não é ilusório. [...] o problema religioso consiste em buscar de onde vêm essas forças e do que elas são feitas. [...] como as religiões são parte desse mundo, é na natureza que deveremos procurar a fonte ou as fontes da vida religiosa. Ora as únicas forças morais superiores àquelas do indivíduo, que se encontram no mundo observável, são as que resultam do agrupamento de forças individuais, da síntese delas na e pela sociedade: as forças coletivas (DURKHEIM, 2012, pp. 27– 28)

Nesse sentido, podemos dizer que a religião se torna uma aliada poderosa no contexto que envolve o processo migratório desse contingente, uma vez que ela pode proporcionar a força necessária para a ação. O medo, a insegurança e as incertezas em relação ao ato de migrar desse contingente são supridos por sua fé religiosa – segurança e certeza de cuidados advindos dessa força superior.

Esse cenário nos mostra o papel da comunidade evangélica haitiana entre seus adeptos “antes” de migrar, período em que a busca por respostas provindas de uma força transcendente/divina se torna relevante para a tomada de decisões e ações migratórias dos imigrantes pesquisados. A mediação da comunidade por meio do recurso espiritual oferecido, da intervenção e da autorização de Deus, transmitidos por sonhos, sermões, palavras proferidas pelo sacerdote (pastor) e membros do grupo, que agem como profetas, entre outros, se apresenta como reforçador motivacional migratório. Porém é preciso destacarmos também a presença da comunidade evangélica haitiana durante a migração.

#### 4.2.2 Durante a migração

Após o projeto e a decisão de migrar, a jornada se inicia e, com ela, outra etapa: o período de travessia do imigrante, do lugar de partida ao lugar de chegada. Esse período, o qual denominamos de “durante” e se refere à travessia do imigrante haitiano do Haiti ou de outro país para o Brasil, ou deste último para qualquer outro país, também é perpassado pela manifestação do papel que a comunidade evangélica haitiana desenvolve nesse cenário.

É necessário pontuar que a religião compõe parte integral da vida cotidiana de muitos imigrantes. Por isso, ao cruzar fronteiras, estes “levam consigo suas crenças e práticas religiosas” (SHERINGHAM, 2017, p. 626). Nesse sentido, estas (crenças e práticas) podem ser usadas em busca de proteção durante a travessia migratória (HAGAN e EBAUGH, 2003, p. 1.146). A tentativa de acessar o transcendente por meio de rituais e práticas ou de alcançar ajuda por meio de grupos religiosos, iguais ou com algumas diferenças, surge como alternativa de esperança e segurança. Assim, nesse contexto “mesmo que o campo religioso comporte desigualdades de forças e recursos entre os grupos, os sinais de cooperação têm vindo a sobrepor-se aos de conflito” (VILAÇA, 2008, p. 32).

Nesse caso, a religião se manifesta como integrante de uma extensa rede social de solidariedade, em que a busca de apoio por parte de imigrantes ultrapassa territórios. Nessa dinâmica, as comunidades étnicas evangélicas haitianas surgem como uma estratégia transnacional. É por meio de pequenas igrejas que uma ampla rede migratória se expande em vários pontos do mundo. Isso pode evidenciar “a formação de uma identidade cultural de ‘rede’ híbrida, a partir de múltiplos referenciais: local, nacional, caribenho, racial” (AUDEBERT, 2012, p. 131).

No percurso usado por diversos haitianos que chegaram ao Brasil de maneira indocumentada, principalmente no período inicial do crescimento desse fluxo, logo após 2010, encontramos a indicação da presença de comunidades evangélicas como parte de uma rede integradora de suporte para esses contingentes durante tal processo. Essas constatações aconteceram por meio do depoimento de alguns deles, como o do haitiano Romeu – já abordado –, mas também por outras indicações que apontam a ajuda prestada por igrejas evangélicas nesse sentido (MAMED e LIMA, 2016).

Quando retomamos o trajeto desse fluxo a partir do período acima citado (2010), é possível fazer algumas constatações. De acordo com Costa (2016, p. 13), mais de 90% dos haitianos que entraram no Brasil logo depois do terremoto de 2010 no Haiti chegaram de maneira indocumentada (sem visto), por meio um percurso marcado por privações, fome, incertezas, riscos, sofrimento, medo e dor. Muitos saíram de Porto Príncipe, Haiti; outros, de Santo Domingos, República Dominicana.

Nessa etapa, o primeiro país por onde passavam era o Panamá, de onde partiam por vias aéreas para Quito, no Equador (porém, em um segundo momento, passaram a ir para Guayaquil, no Equador, em vez de Quito). Do Equador, dirigiam-se para Lima, no Peru, onde alcançavam o rio Amazonas, desembarcando em Tabatinga, no Brasil (COSTA, 2016, p. 13). Ao falar sobre a rota migratória de haitianos para o Brasil nos primeiros cinco anos que sucederam o terremoto de 2010 no Haiti, Mamed e Lima (2016) destacam algumas condições enfrentadas por tais imigrantes durante a passagem pelos países acima citados.

Para entender a dinâmica por trás desse percurso, é preciso destacar alguns detalhes iniciais. O primeiro deles diz respeito a mudanças nas políticas migratórias do Equador nos últimos anos. Pelo fato de o Equador ter suprimido a exigência de visto para a entrada em seu território a partir de 2008, por meio de uma Anistia Migratória, a possibilidade de entrar no país e, a partir deste, acessar outros na América do Sul se tornou o objetivo de muitos haitianos. No ano de 2013, visando desarticular redes migratórias ilegais e conter o fluxo de haitianos indocumentados no território brasileiro, a embaixada do Brasil passou a emitir vistos humanitários para haitianos que se encontravam no Equador (MAMED e LIMA, 2016, pp. 118 – 121).

Esses vistos também podiam ser adquiridos na República Dominicana e no Peru. Porém, no caso da República Dominicana, eles logo deixaram de ser emitidos, sob alegação de que os haitianos estavam superlotando o escritório consular no país. No Peru, como o visto para entrar no país passou a ser cobrado dos haitianos desde o dia 25 do mês de janeiro de 2012, essa medida fez com que a possibilidade de entrada regular no território peruano se tornasse cara. Nesse caso, o visto humanitário para o Brasil a partir desses dois últimos países citados se tornou inviável para muitos (MAMED e LIMA, 2016, pp. 121, 125 e 126).

Nesse cenário, muitos haitianos passaram a depender “das redes de tráfico e seus coiotes para realizar a passagem pelo território peruano”, o que implicava em “extorsão, violência e medo” (MAMED e LIMA, 2016, p. 126). Contudo, é preciso

considerar que, antes mesmo da possibilidade da emissão de vistos para o Brasil aos haitianos nos países citados, ou no próprio Haiti, muitos adentraram no território brasileiro de maneira indocumentada por meios de serviços migratórios ilegais (coiotes).

Na migração indocumentada do Haiti para o Brasil, aqueles que tinham contatos pré-estabelecidos e pagavam as redes ilegais para travessia – o que incluía alimentação e alojamento –, conseguiam chegar mais rápido ao destino estabelecido. No entanto, mesmo pagando por serviços de um coiote, não estavam isentos dos perigos da viagem. Aqueles que não tinham tais “recursos” precisavam passar dias ou até mesmo meses nos países que faziam parte da rota de travessia, uma vez que precisavam ficar nesses países por um período para conseguirem economizar a quantia necessária e prosseguir viagem. Nesse caso, na ausência de remessas familiares optavam por trabalhar, economizar o valor necessário e prosseguir com seus projetos migratórios tendo em vista o destino estabelecido (MAMED e LIMA, 2016, pp. 127 – 128).

Mamed e Lima (2016, p. 122) alegam que nesse período de travessia, os relatos de haitianos em trânsito no Equador descreviam o acolhimento nas residências de alguns religiosos, dos quais recebiam também orientações para seguirem viagem. Presentes em diferentes localidades, rompendo os limites das fronteiras entre países, essas comunidades servem de apoio para aqueles que as procuram ou delas fazem parte, como uma rede social migratória que oferece suporte nas diferentes etapas do processo migratório.

Na aproximação com a comunidade evangélica haitiana de Guaianases, foi possível conhecer alguns casos que envolviam imigrações indocumentadas e formas de apoio nesse contexto. Os haitianos que imigraram de maneira indocumentada para o Brasil no final do ano de 2019, com o objetivo final de chegar em São Paulo, se abrigavam na casa de outros haitianos com os quais estabeleciam contato prévio. Estes se encontravam (moravam) na região Norte do país, que continuava sendo a porta de entrada em território brasileiro para muitos deles. A estadia na região podia durar alguns dias, semanas ou meses, até que pudessem providenciar, de alguma forma, a continuidade do deslocamento desse imigrante.

Nesse sentido, a possibilidade de haver comunidades evangélicas haitianas em diferentes lugares nacionais e internacionais facilitava esse percurso, pois elas serviam como possível apoio na jornada. Assim, poder contar com essas

comunidades facilitava a trajetória, principalmente para aqueles que precisariam se alojar na casa de outros por um período antes de prosseguirem viagem. A possibilidade de buscar auxílio em diferentes comunidades evangélicas era uma estratégia para muitos que, em meio às dificuldades e aos perigos com os quais se deparavam no caminho, encontravam nessa alternativa uma forma palpável de obter maior êxito migratório. Cabe lembrar, de acordo com um dos depoimentos demonstrados e analisados anteriormente, que entre eles é culturalmente concebido que as comunidades evangélicas haitianas devem ajudar aqueles que a procuram.

Conversas com alguns haitianos que desejavam sair do Brasil ou mesmo com outros que já haviam passado por experiências como as pontuadas acima destacavam as dores do percurso: cansaço, fome etc. Em determinado caso, uma jovem haitiana não se adaptou à comida oferecida no caminho até o Brasil e chegou extremamente debilitada ao seu destino. Além disso, suas roupas e seus objetos pessoais foram roubados no percurso. A possibilidade de morrer em trajetos perigosos não estava excluída. A morte no processo de travessia migratória poderia acontecer, porém, a crença de que Deus garantiria o sucesso da jornada parecia manter confiante a grande maioria desses imigrantes.

Com base nas questões pontuadas, podemos considerar que a comunidade evangélica haitiana se apresenta como uma extensão de rede social migratória que favorece a migração de seus adeptos em diferentes momentos e de distintas formas. Após os imigrantes chegarem ao destino estabelecido, a comunidade auxiliava no acolhimento e na integração deles. Dessa forma, iniciava-se uma nova etapa e um novo período desse contexto haitiano no Brasil.

#### **4.2.3 Depois da migração**

O fluxo migratório haitiano para o Brasil foi marcado pela entrada de um grande contingente, que formou inúmeras comunidades evangélicas haitianas pelo país. Estas passaram a exercer um papel relevante no acolhimento e na integração dos imigrantes que recebiam (MARCELINO, 2016). Em muitas outras pesquisas relacionadas a religião e migração, é possível verificar em que medida instituições religiosas prestam assistência a imigrantes recém-chegados em relação ao suprimento de necessidades emergenciais (BORBA e MOREIRA, 2016, p. 455).

Sheringham (2017, p. 627) descreve que as migrações, muitas vezes, se inserem em um cenário constituído pelo surgimento de instituições étnico-religiosas. Estas, além de propiciarem um espaço de pertencimento e ajuda mútua, facilitam ligações transnacionais.

Em uma pesquisa empírica sobre a integração de imigrantes em Portugal, envolvendo três igrejas de origem católica, Vilaça (2008) retratou o papel que comunidades religiosas exerciam em favor da integração desse contingente, fazendo algumas constatações relevantes. No cenário analisado, observou que a procura por comunidades religiosas era primordialmente a “consequência de uma outra busca: a de identidades com base na etnicidade” (VILAÇA, 2008, p. 54). Os rituais antecederam a crença e envolviam o grupo de maneira emocional e afetiva. O convívio proporcionado pelo momento religioso oferecia um ambiente familiar e era promotor de um lugar de sociabilidade. Existiam atividades que permitiam momentos simples de interações, como um lanche depois da celebração religiosa ou um passeio, mas que fortaleciam esse convívio (VILAÇA, 2008).

Nesse contexto, a identidade étnica se sobrepunha à religiosa. Entretanto, outras dinâmicas estavam presentes, ainda que discretas. Naquele mesmo espaço de interações, os imigrantes discutiam e buscavam “solução para todos os tipos de problemas: legalização, contratos de trabalho, falecimentos, dormida, alimentos, aconselhamento” (VILAÇA, 2008, p. 54). Eles se ajudavam mutuamente, como uma forma de mediação da realidade social não atendida nem alcançada pelo Estado (VILAÇA, 2008, pp. 53 – 60).

Na multiforme atuação dessas comunidades, existia também a articulação com diferentes instituições religiosas, que desempenhavam uma função relevante na integração desses imigrantes. Nessas articulações, estava em jogo um capital social, almejado pelos imigrantes e pelas instituições religiosas envolvidas. O capital social buscado pelo imigrante envolvia a integração à sociedade por meio da instituição. Já o capital social almejado pela instituição, mesmo a longo prazo, se projetava a partir do reconhecimento público dos serviços prestados (VILAÇA, 2008, pp. 53 – 60). Porém essas comunidades também eram um espaço propício para que a cultura de origem fosse reproduzida, inúmeros problemas pessoais fossem resolvidos, ausências afetivas fossem supridas e o alargamento de redes se concretizasse, exercendo um papel fundamental naquele cenário (VILAÇA, 2008, pp. 74 – 75).

A pesquisa de Vilaça (2008) nos ajudou a refletir sobre o que observamos na comunidade evangélica haitiana que acompanhamos. Não podemos deixar de mencionar que o espaço onde o grupo se reunia para celebrações religiosas também propiciava sociabilidade, reuniões para estratégias diante das dificuldades de seus adeptos, informações etc. Nesse sentido, o espaço físico oferecido para o exercício das práticas religiosas se tornava também um espaço de apoio para as diferentes necessidades com as quais esses imigrantes se deparavam cotidianamente, entre as quais, as de cunho emocional – psicológico –, financeiro e social, conforme apresentamos no decorrer do capítulo três ao falarmos sobre o cotidiano desses imigrantes pesquisados.

Outra pesquisa nos ajudou a reforçar essa compreensão que obtivemos acerca da comunidade evangélica haitiana. Borba e Moreira (2016), ao analisarem haitianos em Santo André, região do ABC Paulista, constataram que “igrejas protestantes se valem de sua capacidade comunitária-religiosa e operam como espaços propícios para que os imigrantes haitianos restabeleçam laços afetivos entre si, em relação aos brasileiros e à própria comunidade em que vivem” (BORBA e MOREIRA, 2016, p. 455). As autoras também observaram que “as relações promovidas no âmbito das instituições da sociedade civil – sobretudo religiosas – são capazes de formar as bases para que sentimentos de pertencimento, estabilidade e confiança prosperem em meio aos imigrantes” (BORBA e MOREIRA, 2016, p. 455).

Essas comunidades podem trazer aos seus adeptos outras contribuições envolvendo a formação de redes informais que, ao ampliarem as relações sociais e os contatos, podem alterar percepções sobre a sociedade em que eles estão inserindo (BORBA e MOREIRA, 2016).

[As] contribuições das entidades religiosas no processo de integração não se resumem às interações sociais promovidas pelos ritos religiosos estritamente. Elas também contribuem para a formação das redes informais, as quais independem de instituições ou outra entidade para existir, porque fluem a partir de sentimentos mútuos de identificação, confiança, e afetividade entre os membros de uma determinada comunidade. Através delas, os imigrantes podem receber informações, auxílio a necessidades imediatas (jurídicas, de serviços, etc.), podem estabelecer contatos mútuos permanentes, obter apoio material e emocional. [...] Dessa maneira, as entidades religiosas permitem ampliar a gama de contatos dos imigrantes entre eles próprios e com a sociedade receptora, proporcionando que as interações fomentem sentimentos de pertença, confiança e

estabilidade, além de trazer-lhes autonomia. A importância das comunidades está ainda no fato de que a identificação com outros membros altera positivamente as percepções sobre o meio social, além de contribuir para aspirações de longo prazo. (BORBA e MOREIRA, 2016 p. 460)

As questões apontadas por Borba e Moreira (2016), assim como as apresentadas por Vilaça (2008), somadas às nossas próprias observações na comunidade evangélica haitiana de Guaianases, nos ajudaram a entender melhor o papel que esta exercia entre seus adeptos “depois” da migração. A comunidade se tornava um ambiente marcado por pertencimento, confiança entre os pares, expectativa e esperança. Porém, devemos acrescentar que outras questões também são relevantes nesse cenário, como proteção, sentido, dignidade e diálogo (MARINUCCI, 2015).

No que se refere à proteção oferecida ao migrante pela religião, Marinucci (2015) destaca que esta pode abranger diversos âmbitos: espiritual, social e material. A exemplo do que nos apresenta Marinucci (2015), na comunidade evangélica haitiana foi possível observar a ênfase das crenças no cuidado divino, fortalecendo os imigrantes em nível espiritual. A manutenção das relações sociais que se estabeleciam supria necessidades emocionais. Nesse sentido, as comunidades religiosas oferecem ao migrante a oportunidade de reviver um contexto relacional parecido com o familiar e receber apoio. No entanto, a ajuda mútua também se torna uma estratégia que supre questões materiais diante das dificuldades enfrentadas, como também alega Marinucci (2015).

Em relação ao sentido que a religião oferece para o migrante, Marinucci (2017) discorre que este alcança diferentes dilemas decorrentes da migração. Diante do sentimento de culpa e questionamento de suas frustrações por ter deixado a família, ainda que o motivo de sua partida se sustente no propósito de ajudá-la financeiramente, os imigrantes encontram sentido para os acontecimentos, pautando-os em explicações transcendentais. Diversas vezes, deparamo-nos com afirmações advindas de parte desses imigrantes que, diante de circunstâncias difíceis, alegavam: “Deus sabe de tudo!”, como se essa afirmação os confortasse perante as mazelas vividas ou proporcionasse a certeza de que estavam sendo direcionados pela vontade divina apesar das dores.

No que diz respeito ao resgate da dignidade fragilizada pelo processo migratório, Marinucci (2017) destaca o espaço que é concedido ao migrante adepto

de tais religiões para atuar em suas comunidades. A partir dessa premissa, os imigrantes resgatam a consciência de sua dignidade e autoestima. A participação dos adeptos da comunidade haitiana em suas reuniões era muito comum e extremamente valorizada. Essa ideia de valor pessoal atrelada à oportunidade de participação (cantar, orar, falar para o público etc. em atividades do grupo) era bastante presente na comunidade pesquisada. Nós também recebemos convites para esse tipo de atividade, pois para eles isso era sinônimo de que a sua presença era importante e valorizada. Nesse sentido, como a maioria participava através da música, formavam-se muitos grupos musicais.

Sobre o diálogo proporcionado pela religião, Marinucci (2017) argumenta que, na interação com a nova realidade, o migrante pode encontrar esse diálogo no novo contexto sociocultural, o que o auxilia em sua integração. Nesse sentido, mencionamos a articulação estabelecida entre as comunidades evangélicas haitianas e brasileiras, que ajudavam esses imigrantes na interação com o novo contexto sociocultural.

Como é possível verificar por meio das questões apresentadas, a relevância das comunidades religiosas envolve o suprimento de necessidades migratórias. Em relação à comunidade evangélica haitiana, na etapa que abrange o “depois” da migração, os recursos disponíveis para seus adeptos envolvem desde a formação e a extensão de redes até a integração deles ao novo contexto social. Esse suporte pode fazê-los se sentirem automaticamente mais fortes diante dos desafios provenientes da sua inserção no novo contexto. Nesse sentido, cabe-nos ressaltar:

Quando sentimos que estamos de acordo com nossos contemporâneos, somos penetrados por sentimentos que percebemos vir da própria sociedade. Sentimo-nos mais fortes e, na verdade, somos mais fortes. São forças reais, mesmo que não possam ser medidas no dinamômetro. Somos realmente mais fortes. Não temos necessidade de ser sustentados, animados, é uma ação permanente, porém, a sentimos especialmente nas épocas críticas, quando estamos particularmente abatidos, desanimados. Se nos reunimos a um grupo ao qual estamos ligados, imediatamente nos sentimos recuperados. É nessas ocasiões que se percebe a utilidade da família, das associações, das festas e das cerimônias públicas. (Durkheim, 2007, p. 71)

Portanto, a utilidade da reunião de grupos pode trazer força e os benefícios advindos desse aspecto. Apesar de pontuarmos os aspectos positivos dessas

comunidades em diferentes instâncias, não queremos com isso desconsiderar a existência de possíveis questões negativas, como destaca Sheringham (2017, p. 627), ao falar da relação entre religião e migração. No entanto, visando o foco da nossa pesquisa, não nos debruçaremos sobre tais quesitos.

Com base na análise do contexto migratório haitiano no Brasil envolvendo os períodos antes, durante e depois da migração, podemos considerar que a comunidade beneficia os seus adeptos ao facilitar a migração em momentos distintos e de diferentes maneiras. Porém é preciso ressaltar que os benefícios dessa relação entre os imigrantes pesquisados e as comunidades evangélicas haitianas nos levaram a fazer outras considerações.

#### **4.2.4 Outras considerações**

Diante de todas as questões apresentadas e os possíveis benefícios advindos da articulação entre a comunidade evangélica haitiana e seus adeptos, que facilitavam o contexto em que estavam inseridos, destacaremos outras considerações em relação a esse cenário. Essas comunidades surgiram como um fenômeno diretamente atrelado ao fluxo imigratório desse contingente, fato que se articula aos dados que revelam uma maioria de imigrantes haitianos evangélicos em território brasileiro (como apresentamos no primeiro capítulo).

Esse fenômeno nos permitiu refletir sobre a pesquisa de Weber (2013), que percebeu a existência de algo na crença religiosa dos protestantes que favorecia o desenvolvimento econômico. Inspirados em Weber (2013), observamos que poderia existir algo nas comunidades haitianas que estimulava a migração de haitianos evangélicos. Lussi (2015, p. 45) pontua que as migrações envolvem conexões com outros fenômenos que, ao serem ativados, se tornam motores “articuladores e multiplicadores de mobilidade”. Por meio da pesquisa de campo, foi possível constatar que as comunidades evangélicas poderiam ser consideradas articuladoras e multiplicadoras da mobilidade de seus adeptos.

Além de todas as questões já apresentadas no decorrer deste trabalho, que podem contribuir com a premissa apontada, outras duas questões precisam ser destacadas, visando uma análise mais aprofundada. A primeira delas diz respeito às crenças religiosas dos adeptos do grupo pesquisado (já abordadas em boa parte); a

segunda está relacionada aos benefícios que a comunidade religiosa (evangélica) pode adquirir em decorrência de sua característica. Ambos os aspectos podem dialogar entre si, mas têm relevâncias específicas; por isso, serão discutidos separadamente.

No que se refere à primeira premissa, podemos considerar que as crenças religiosas de haitianos evangélicos exercem influência significativa sobre suas percepções e ações, desencadeando um processo de articulação e multiplicação da mobilidade desse contingente.

Marinucci (2017) enfatiza:

Em termos metodológicos, uma correta compreensão da relação entre crenças e migrações deve levar em conta um conjunto de variáveis, a fim de evitar que o tema seja ordenado de forma abstrata e descontextualizada. Entre essas variáveis cabe ressaltar o *status* migratório, a classe social, o gênero, a idade, a etnia, a condição social econômica do imigrante, o tempo de residência no lugar de chegada, a importância da religiosidade na identidade da pessoa, os preceitos específicos das diferentes instituições religiosas que gerenciam as crenças, as redes migratórias de cunho religioso e a maneira como a religião ou determinadas denominações religiosas são aceitas nos países de trânsito e destino. Todas essas variáveis acabam interferindo nos processos de organização, utilização e reconfiguração da cosmovisão religiosa do migrante. (MARINUCCI, 2017, pp. 148 e 149)

Os apontamentos destacados por Marinucci (2017) são extremamente relevantes no que se refere a contextos migratórios, e utilizaremos alguns deles em nossa análise. O primeiro menciona “a importância da religiosidade na identidade da pessoa” (MARINUCCI, 2017, pp. 148 e 149), o que nos possibilita refletir sobre as crenças religiosas do grupo pesquisado como articuladoras e multiplicadoras da mobilidade desse contingente. Observamos que as crenças da comunidade evangélica haitiana legitimam a sua cosmovisão migratória, o que insere seus adeptos em um processo de identificação e estímulo para migrar.

Essa identificação e esse estímulo dialogam com questões culturalmente construídas (cosmovisão migratória haitiana - já abordado no primeiro capítulo). Algumas das particularidades relacionadas a suas convicções religiosas se pautam em pressupostos relacionados a princípios encontrados na Bíblia, livro sob o qual o grupo pesquisado depositava suas crenças primordiais. Percebemos que a Bíblia era usada como recurso para ensinar os membros da comunidade, e em relação à

migração, havia ênfase para a ideia de que o povo de Deus é peregrino, estrangeiro, migrante na terra.

A história bíblica que indica que o pai da fé na crença judaico-cristã, Abraão, deveria sair da sua parentela e ir até o lugar onde Deus o abençoaria, parecia reforçar ou até legitimar o desejo de alguns haitianos pelo deslocamento migratório como uma condição para alcançar melhores condições de vida. Essas crenças, além de constituírem a identidade pessoal dos imigrantes pesquisados, os moviam a agir.

Destacando a segunda premissa, percebemos também que a característica religiosa dessa comunidade (ser evangélica) favorecia o cenário em que estavam inseridos, uma vez que a aceitação de tais movimentos no Brasil tem sido cada vez mais receptível. Para essa análise, retomamos parte das considerações de Marinucci (2017) citadas anteriormente, nas quais o autor alega que, no cenário migratório, é preciso considerar as “redes migratórias de cunho religioso e a maneira como a religião ou determinadas denominações religiosas são aceitas nos países de trânsito e destino” (MARINUCCI, 2017, pp. 148 e 149).

Foi possível verificar que as comunidades evangélicas haitianas no Brasil funcionam como uma extensão de rede migratória, como já abordado em outro momento, mas que compunham um cenário de denominações religiosas aceitáveis no país. Com base nisso, podemos concluir que fazer parte de uma comunidade evangélica haitiana se mostra positivo no contexto social em que esses imigrantes estão se inserindo (Brasil). Esse fator, além de facilitar o processo migratório desse contingente e resultar em diversos outros eventos já mencionados neste trabalho, pode servir também como uma espécie de motor que articula e multiplica a mobilidade (Lussi, 2015, p. 45).

Nesse sentido, as relações estabelecidas a partir da preferência religiosa pode conceder aos imigrantes uma integração mais rápida. Se as organizações religiosas em questão tivessem bases não cristãs, sobretudo as mais intimamente relacionadas às religiões de origem africana (vodu, por exemplo), poderia haver maiores resistências e dificuldades no processo de integração. Esse pressuposto considera o preconceito ainda muito presente em relação a essas religiões no Brasil e em muitos outros países onde haitianos estão presentes.

Nesse caso, a manifestação pública de adesão às práticas religiosas ou aos grupos religiosos relacionados ao vodu, religião interligada historicamente ao Haiti, poderia trazer mais dificuldades de aceitação e integração, o que poderia prejudicar a

rede migratória estabelecida entre eles. Como exemplo disso, é possível mencionar que, apesar de o vodu ser parte da cultura haitiana, ele é negado/rejeitado (pelo menos no discurso) enquanto prática religiosa pessoal por muitos desses imigrantes no Brasil. No entanto, apesar de estarmos nos referindo especificamente a esse contingente em território brasileiro, é possível refletir em sua aplicação em outros destinos migratórios em que haitianos se inserem nesse mesmo modelo.

Sendo assim, podemos considerar que a comunidade evangélica haitiana é uma extensão de rede migratória que articula forças, por meio de crenças e práticas, na luta em favor de seus membros em contexto migratório (antes, durante e depois da migração). A comunidade estimula, impulsiona e facilita a migração de seus adeptos, favorecendo-os em relação a outros haitianos que não contam com os mesmos recursos.

## CONCLUSÃO

Como foi possível verificar no decorrer do trabalho apresentado, inúmeros aspectos envolvendo motivações, travessia, acolhimento, moradia, trabalho, educação, entre outros, estavam atrelados ao papel da comunidade haitiana entre os seus adeptos em contexto migratório no Brasil.

Para entendermos melhor esse contexto, iniciamos o nosso trabalho enfatizando elementos conceituais e práticos que seriam necessários para a nossa análise. Nesse sentido, desdobramo-nos em torno de algumas temáticas sobre o assunto. Primeiramente trabalhamos o fenômeno migratório na atualidade e nesse contexto falamos sobre o conceito de migração; a provisoriedade; a relação entre migração e trabalho; motivações migratórias; o transnacionalismo; as redes migratórias; e as comunidades. Além disso, enfatizamos a concepção de uma cosmovisão migratória haitiana a partir de elementos como a história do povo haitiano, questões socioculturais e desastres naturais. Finalizamos essa etapa discutindo o processo de imigração para o Brasil, onde constatamos a presença de muitos haitianos evangélicos. Os assuntos abordados neste capítulo foram de extrema relevância para o desenrolar dos demais, uma vez que nos serviram de estrutura para as discussões subsequentes.

No segundo momento, decidimos apresentar o nosso campo e o nosso objeto de pesquisa, o bairro de Guaianases em São Paulo, e mais especificamente a Comunidade Batista Haitiana localizada na região. Para tanto, usamos e analisamos dados históricos, estatísticos e empíricos; expusemos o perfil dos haitianos que viviam na região, como se relacionavam com o local e se articulavam com algumas igrejas evangélicas do bairro; e apresentamos a comunidade evangélica Batista Haitiana de Guaianases - grupo escolhido para a observação participante. Foi possível verificar que a maior parte da população de Guaianases é constituída por negros, migrantes e imigrantes; que os haitianos se identificaram com o bairro; e que pelo menos três comunidades evangélicas haitianas surgiram no local após 2010: Batista, *Rock Solid* e Assembleia de Deus.

No terceiro momento, discutimos a atuação da comunidade Batista Haitiana de Guaianases entre seus adeptos a partir da pesquisa etnográfica. Na primeira parte desse capítulo, apresentamos como a nossa estratégia de campo foi desenvolvida. Nesse sentido, detalhamos os motivos pelos quais escolhemos dar voz ao imigrante,

conviver com ele e observar o seu cotidiano. Na segunda parte, discorreremos sobre como a comunidade atuava entre seus adeptos e destacamos questões relacionadas à liderança do grupo, entre outras, como família, moradia, trabalho, saúde e educação. Assim, foi possível constatar como a comunidade evangélica haitiana era relevante no cotidiano de seus adeptos em contexto migratório, servindo como apoio e refúgio diante das dificuldades enfrentadas no dia a dia desse contingente.

Por fim, discorreremos sobre três relatos migratórios e em que medida a comunidade surgia nas histórias contadas. Percebemos o quanto a comunidade evangélica haitiana se mostrava relevante para os haitianos entrevistados, pois mediava o processo migratório de seus adeptos em diferentes contextos e lugares. Também analisamos o contexto migratório haitiano no Brasil envolvendo três etapas: antes, durante e depois da migração, o que nos possibilitou realizar considerações relevantes para o nosso trabalho.

Verificamos que a comunidade evangélica haitiana funciona como uma extensão de rede social migratória que media o processo de deslocamento de seus adeptos por meio de relações estabelecidas, conexões e auxílio. Na primeira etapa (antes da migração) – período que antecipa a migração do Haiti ou qualquer outro país para o Brasil, ou do Brasil para qualquer outro país, as comunidades evangélicas haitianas favorecem a organização de grupos com objetivos migratórios comuns, que se estruturam na busca de informações e até meios necessários para que a migração aconteça. No entanto, o aspecto religioso, preponderante nesse contexto, reforça as motivações migratórias existentes entre eles, levando-os a agir.

Na segunda etapa (durante a migração) – período de travessia do imigrante do lugar de partida ao lugar de chegada, do Haiti ou de outro país para o Brasil, ou deste último para qualquer outro país, a comunidade surge como mediadora desse processo por meio da articulação com agentes envolvidos nas redes. Nesse contexto, o imigrante haitiano pode encontrar suporte durante o trajeto, o que lhe traz maior segurança e possibilidade de sucesso na viagem.

Na terceira etapa (depois da migração) – período de chegada ao lugar destinado, envolvendo acolhimento e integração ao novo contexto social, a comunidade evangélica se apresenta como um “refúgio” ao oferecer apoio social, financeiro e emocional. Além disso, ela possibilita a relação entre seus adeptos e outras comunidades evangélicas presentes no local de chegada, facilita o acolhimento e a integração desses imigrantes.

Com base nessas constatações, afirmamos que a comunidade evangélica haitiana exerce o papel de facilitadora no contexto migratório de seus adeptos no Brasil, confirmando a hipótese que sustentávamos desde o início da pesquisa. Entretanto, descobrimos que, ao exercer esse papel, a comunidade evangélica haitiana se torna um motor que articula, impulsiona e multiplica a imigração de seus adeptos. Podemos dizer que é por esse motivo que existem tantos haitianos evangélicos no Brasil.

Para concluir, enfatizamos que a comunidade evangélica haitiana é uma extensão de rede social migratória que, ao articular forças por meio de crenças e práticas religiosas, age em favor de seus adeptos em diferentes momentos e de distintas formas. Isso faz dela, além de facilitadora no contexto migratório daqueles que dela fazem parte, uma impulsionadora do deslocamento migratório de haitianos evangélicos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUERRE, Pedro. Prefácio. In: SILVA, Alice Gomes da. **Negros em Guaianases: cultura e memória**. São Paulo: Educ, 2019.

ANGLADE, Georges. **Les Haïtiens dans le monde, île en île**. Publicado em 21 de abril de 2009, atualizado em 2017. Disponível em: <http://ile-en-ile.org/georges-anglade-les-haitiens-dans-le-monde/>. Acesso em: 22/10/2019.

ATLAS GEOGRÁFICO ESCOLAR, São Paulo: IBEP, 2008.

AUDEBERT, Cédric. *La diaspora haïtienne: territoires migratoires et réseaux transnationaux*. **TRAVESSIA – Revista do Migrante**, n. 75, pp. 127 – 132, 2014.

AZEVEDO, Amailton Magno. **A memória musical de Geraldo Filme: os sambas e as micro-Áfricas em São Paulo**. Tese de doutorado em História. Faculdade de História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_.; SILVA, Sheila Alice Gomes. Discursos e narrativas sobre o passado: o bairro paulistano de Guaianases em representações no tempo presente. **Cadernos do Tempo Presente**, n. 18, pp. 85 – 97, dez. 2014/jan. 2015. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/tempo/article/viewFile/3296/2980>. Acesso em: 14/09/2018.

AZEVEDO, Marta; BAENINGER, Rosana; Peres, Roberta Guimarães. Apresentação. In: BAENINGER, Rosana; PERES, Roberta; FERNANDES, Durval; SILVA, Sidney Antônio da; ASSIS, Gláucia de Oliveira; CASTRO, Maria da Consolação G.; COTINGUIBA, Marília Pimentel (Orgs.). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

AZEVEDO, Wagner Fernandes de. A crise do Haiti é reflexo da corrupção com endosso internacional. Entrevista especial com Laënnec Hurbon. **Instituto**

**Humanitas Unisinos**, 11 de mar. 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/587235>. Acesso em: 09/10/2019.

BAENINGER, Rosana (Org.). **Migração internacional**. Campinas: Núcleo de Estudos de População – Nepo/Unicamp, 2013.

\_\_\_\_\_. Migrações internacionais: elementos para o debate no século XXI. In: CUTI, Dirceu; *et al.* **Migração, trabalho e cidadania**, São Paulo: Educ, 2015.

\_\_\_\_\_.; PERES, Roberta; FERNANDES, Durval; SILVA, Sidney Antônio da; ASSIS, Gláucia de Oliveira; CASTRO, Maria da Consolação G.; COTINGUIBA, Marília Pimentel (Orgs.). **Imigração Haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

BAGGIO, Fábio; PARISE, Paolo; SANCHEZ, Wagner Lopes (Orgs.). **Mobilidade humana e identidades religiosas**. São Paulo: Paulus, 2016.

BALDASSAR, Loretta. Famílias transnacionais. In: CAVALCANTI, Leonardo; BOTEGA, Tuíla; TONHATI, Tânia; ARAÚJO, Dina (Orgs.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: UNB, 2017.

BAPTISTA, Dulce Maria Tourinho. O migrante no município de São Paulo: educação e cidadania. In: CUTTI, Dirceu; BAPTISTA, Dulce Maria Tourinho; PEREIRA, José Carlos; BÓGUS, Lucia Maria Machado (Orgs.). **Migração, trabalho e cidadania**. São Paulo: Editora PUC, 2015.

BARBOSA, Raúl Felix; DADALTO, Maria Cristina. Migración y la gobernanza global: el rol de las redes migrantes. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, v. 20, n. 41, pp. 209 – 222, jan./abr. 2018. Disponível em: <http://www.cadernosmetropole.net/system/artigos/arquivos/000/000/421/original/4110.pdf?1525217872>. Acesso em: 23/05/2019.

BARTEL, Carlos Eduardo. Haitianos no Brasil: novas perspectivas e abordagens para os estudos das migrações. In: ARENDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antônio;

SANTOS, Rodrigo Luis dos. **Migrações: religiões e espiritualidades**. São Leopoldo: Oikos, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BERGER, L. Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985.

\_\_\_\_\_.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

BOCCI, Diego Segobia. **Geografia e migrações: o caso dos haitianos no município de São Paulo**. Dissertação de Mestrado em Geografia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015.

BORBA, Janine Hadassa Oliveira Marques de; MOREIRA, Julia Bertino Moreira. Integração local de haitianos em Santo André: interação entre poder público municipal e entidades religiosas. In: BAENINGER, Rosana; PERES, Roberta; FERNANDES, Durval; et al. (Orgs.). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

BOURDIEU, Pierre. Prefácio. In: SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. 1930 – 2002. **A economia das trocas simbólicas**. 8ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BRASIL, Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017. Brasília: Congresso Nacional, 24 de maio de 2017. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/154171588/artigo-4-da-lei-n-13445-de-24-de-maio-de-2017>. Acesso em: 16/01/2020.

CAMPOS, Marden Barbosa de. Migração. In: CAVALCANTI, Leonardo; BOTEGA, Tuíla; TONHATI, Tânia; ARAÚJO, Dina (Orgs.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: UNB, 2017.

CARLETTI, Renan S. A voz dos bárbaros imaginários. In: BAGGIO, Fábio; PARISE, Paolo; SANCHEZ, Wagner Lopes (Coords.). **Mobilidade humana e identidades religiosas**. São Paulo: Paulus, 2016.

CARRERA, Gabriela Bernal. La migración hacia Brasil: Ecuador, país de tránsito. In: OIM – Organización Internacional para las Migraciones. **La migración haitiana hacia Brasil: características, oportunidades y desafíos**. Buenos Aires: OIM – Oficina Regional para América del Sul, pp. 67 – 82, 2014.

CARVALHO, Luciana de Andrade; *et al.* Serviços de saúde mental para imigrantes e refugiados na cidade de São Paulo: contribuições para um debate. **Travessia – Revista do Migrante**, Publicação do CEM, ano XXXI, n. 84, set./dez. 2018.

CASTRO, Maria da Consolação Gomes de; *et al.* Da partida a acolhida: a realidade dos imigrantes haitianos residentes na região metropolitana de Belo Horizonte e os desafios à integração social e laboral. In: BAENINGER, Rosana; *et al.* (Orgs.). **Imigração Haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

CAVALCANTI, Leonardo; BOTEGA, Tuíla; TONHATI, Tânia; ARAÚJO, Dina. (Orgs.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: UNB, 2017.

\_\_\_\_\_.; AGUILAR, Carla Aparecida Silva. Atendimento a imigrantes e refugiados: debate em pauta no serviço social. In: BAENINGER, Rosana; *et al.* (Orgs.). **Imigração Haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

CERQUEIRA, Eugênia Dória Viana. As desigualdades de mobilidade nas periferias da região metropolitana de Belo Horizonte: um estudo das atividades de comércio, lazer e saúde. **Cadernos Metrôpole/Observatório das Metrôpoles**, São Paulo: Educ, v. 20, n. 41, pp. 33 – 5, jan./abr. 2018.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Apresentação: os Trabalhos da Memória. Jan. de 1979. In: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3º edição. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

COGO, Denise. Haitianos no Brasil: comunicação e interação em redes migratórias transnacionais. **Chasqui**, n. 125, pp. 23 – 32, mar. 2014.

COSTA, Gelmino A. Haitianos no Brasil. In: CUTTI, Dirceu *et al.* (Orgs.). **Migração, trabalho e cidadania**, São Paulo: Editora PUC, 2015.

\_\_\_\_\_. Memória da chegada de imigrantes haitianos a Manaus, 2010 – 2014: presença da Pastoral do Migrante. **Cadernos de Migração**, nº 8, São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, 2016.

COSTA. Waldney de Souza Rodrigues. Religião na perspectiva sociológica clássica: considerações sobre Durkheim, Marx e Weber. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 14, n. 2, pp. 3 – 24, jul./dez. 2017.

COTINGUIBA, Geraldo C.; PIMENTEL, Marília Lima. Relato sobre imigração na Amazônia ocidental brasileira: haitianos em Porto Velho. **Nossa América – Revista do Memorial da América Latina**, n. 3, pp. 24 – 26, 2013.

COTINGUIBA, Marília Lima Pimentel; COTINGUIBA, Geraldo Castro. Imigração haitiana para o Brasil: os desafios no caminho da educação escolar. **Revista Pedagógica**. v. 17, n. 33, pp. 61 – 87, jul./dez. 2014.

COTINGUIBA, Geraldo C. **Imigração haitiana para o Brasil: a relação entre trabalho e processos migratórios**. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal de Rondônia, 2014.

\_\_\_\_\_.; COTINGUIBA, Marília Lima Pimentel. Uma análise da presença haitiana na Amazônia: um estudo em Porto Velho. In: BAENINGER, Rosana; BÓGUS, Lúcia Machado; MOREIRA, Júlia Bertino; *et al.* (Orgs.). **Migrações Sul – Sul**. 2ª ed.

Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018.

DANTAS, Sylvia D. Culturas em xeque e o desafio psicológico de ser entre dois mundos: biculturalismo entre Brasil e Japão, In: FERREIRA, Ademir Pacelli; *et al.* (Orgs.). **A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

DELFIN, Rodrigo Borges. Unifesp abre inscrições para vestibular 2020 voltado a refugiados e portadores de visto humanitário. **Migra Mundo**, 3 de jan. 2020. Disponível em: <https://www.migramundo.com/unifesp-abre-inscricoes-para-vestibular-2020-voltado-a-refugiados-e-portadores-de-visto-humanitario/>. Acesso em: 28/01/2020.

DORNELAS, Sidnei Marco. Migrações contemporâneas: desafios para a acolhida e a integração social a partir da pastoral do migrante. **Travessia – Revista do Migrante**, Centro de Estudos Migratórios, n. 82, pp. 121 – 144, jan. – abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Migrante e Vizinhos. **Travessia – Revista do Migrante**, Publicação do CEM, ano XIII, n. 38, p. 3, set./nov. 2000.

DURHAM, Eunice R., **A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

DURAND, Jorge. A arte de pesquisar sobre migrações: pressupostos metodológicos em ciências sociais. In: DURAND, Jorge; LUSI, Carmem. **Metodologia e teorias no estudo das migrações**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**, 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2008.

\_\_\_\_\_. O ensino da moral na escola primária. Tradução de Raquel Weiss. **Revista Novos Estudos**, pp. 59 – 75, n. 78, jul. 2007.

\_\_\_\_\_. O problema religioso e a dualidade da natureza humana. **Debates do NER**. Porto Alegre, ano 13, n. 22, pp. 27 – 61, jul. – dez. 2012.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. As Assembleias de Deus e o processo de formação da periferia de São Paulo. In: RIVERA, Dario Paulo Barrera (Org.). **Diversidade religiosa e laicidade no mundo urbano latino-americano**. Curitiba: CRV, 2016.

FERNÁNDEZ, Dídimo Castillo. Coiotes. **Enciclopédia on-line latino-americana**. São Paulo: Boitempo, 2015. Disponível em: <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/c/coiotes>. Acesso em: 16/10/2019.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. O terremoto no Haiti. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/o-terremoto-no-haiti.htm>. Acesso em: 21/10/2019.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. Curso dado no Collège de France (1977 – 1978). Edição de Michel Senellart, François Ewald e Alessandro Fontana. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. 1926 – 1984. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura de Almeida Sampaio. 24ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FUSCO, Wilson; REZENDE, Dimitri Fazito de Almeida. Redes Sociais. In: CAVALCANTI, Leonardo; BOTEGA, Tuíla; TONHATI, Tânia; ARAÚJO, Dina. (Orgs.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: UNB, 2017.

GUERRIERO, Silas. A atualidade da teoria da religião de Durkheim e sua aplicabilidade no estudo das novas espiritualidades. **Estudos de Religião**. v. 26, n. 42, pp. 11 – 26. Edição Especial, 2012.

GONÇALVES, Alfredo José. **Migração: crises e encruzilhadas**. São Paulo: CEM/Missão Paz, 2019.

HAGAN, Jacqueline; EBAUGH, Helen Rose. *Calling Upon the Sacred: Migrants' Use of Religion in the Migration Process*. **IMR**, v. 37, n. 4, pp. 1.145 – 1.162, 2003.

HANDERSON, Joseph. **Vodu no Haiti – candomblé no Brasil: identidades culturais e sistemas religiosos como concepções de mundo afro-latino-americano**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal de Pelotas, 2010.

HURBON, Laënc. **O deus da resistência negra: o vodu haitiano**. Rio de Janeiro: Paulinas, 1987.

\_\_\_\_\_. **El bárbaro imaginário**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo, 2010. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2010/universo-caracteristicas-da-populacao-e-dos-domicilios>. Acesso em: 14/09/2018.

IGREJA ADVENTISTA DA PROMESSA. **Marcos que pontilham o caminho: a história continua**. 2ª ed. São Paulo: A Voz do Cenáculo, 2002.

JARDIM, Denise Fagundes. Etnia. In: CAVALCANTI, Leonardo; BOTEGA, Tuíla; TONHATI, Tânia; ARAÚJO, Dina (Orgs.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: UNB, 2017.

JOSEPH, Jean Anel. **Missão integral: um estudo do vodu haitiano no contexto do pluralismo religioso**. Dissertação de Mestrado em Teologia Sistemática. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014.

J.M. Jan. **Documentation religieuse**. Port-au-Prince: Éditions Henri Deschamps, 1972.

LOBO, Andréa de Souza. Família. In: CAVALCANTI, Leonardo; BOTEGA, Tuíla; TONHATI, Tânia; ARAÚJO, Dina (Orgs.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: UNB, 2017.

LOSCO, Luiza Nogueira; ALVES, Luciana Correia. In; BAENINGER, Rosana; BÓGUS, Lúcia Machado; MOREIRA, Júlia Bertino; *et al.* (Orgs.). **Migrações Sul – Sul**. 2ª ed. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018.

LUSSI, Carmem. Teorias da mobilidade humana: revisão bibliográfica. In: DURAND, Jorge; LUSSI, Carmem. **Metodologia e teorias no estudo das migrações**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

MACHADO, Leandro; PRADO, Avener. Nação Guaianases: chegada de africanos e haitianos transforma o bairro. **Folha de São Paulo**, 23 de set. 2015. Disponível em: <http://www.saopaulosao.com.br/nossas-pessoas/692-nação-guaianases-chegada-de-africanos-e-haitianos-transforma-o-bairro.html>. Acesso em: 06/08/2018.

\_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_. Novo bairro imigrante: nação Guaianases. **Folha de São Paulo**, 5 de fev. de 2016. Disponível em: <http://temas.folha.uol.com.br/novo-bairro-imigrante/chegada/informalidade-e-precos-tornam-guaianases-novo-bairro-imigrante.shtml>. Acesso em: 28/06/2018.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires. **A imigração haitiana em Santa Catarina: perfil sociodemográfico do fluxo, contradições da inserção laboral e dependências de remessas do Haiti**. Tese de doutorado em Demografia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2017.

MAMED, Letícia; LIMA, Eurenice Oliveira de. Movimento de trabalhadores haitianos para o Brasil nos últimos cinco anos: a rota de acesso pela Amazônia Sul Ocidental e o acampamento público de imigrantes do Acre. In: BAENINGER, Rosana; PERES, Roberta; FERNANDES, Duval; *et al.* (Orgs.). **Imigração Haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco editorial, 2016.

MARCELINO, B.A.M. **O imigrante haitiano e a Igreja Adventista do Sétimo Dia em São Paulo: um estudo de caso**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

\_\_\_\_\_. **A fé em um país distante**: uma relação entre religião e imigração em um contexto que envolve haitianos adventistas. São Paulo: Editora Recriar, 2019.

MARINUCCI, Roberto. Construção da identidade religiosa em contexto migratório: o caso da migração para o DF – Brasil. **REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios, v. 18, n. 34, pp. 131 – 148, jan./jun. 2010.

\_\_\_\_\_. As migrações dos fiéis e a mobilidade das religiões: um estudo sobre migrações internacionais e tradições religiosas. **36º Encontro Anual da Anpocs**, GT22 – Migrações internacionais: interações entre estados, poderes e agentes. Águas de Lindóia, São Paulo, 21 a 25 de outubro de 2012.

\_\_\_\_\_. A religiosidade do migrante como fonte de proteção, sentido, dignidade e diálogo. **Instituto Migrações e Direitos Humanos**, nov. 2015. Disponível em: [http://www.migrante.org.br/migrante/index.php?option=com\\_content&view=article&id=212:a-religiosidade-do-migrante-como-fonte-de-protecao-sentido-dignidade-e-dialogo&catid=86&Itemid=1198](http://www.migrante.org.br/migrante/index.php?option=com_content&view=article&id=212:a-religiosidade-do-migrante-como-fonte-de-protecao-sentido-dignidade-e-dialogo&catid=86&Itemid=1198). Acesso em 29/03/2017.

\_\_\_\_\_. Crenças. In: CAVALCANTI, Leonardo; BOTEGA, Tuíla; TONHATI, Tânia; ARAÚJO, Dina (Orgs.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: UNB, 2017.

MARTINS, José Renato Vieira (Coord.). **A diáspora haitiana: da utopia à realidade**. Foz do Iguaçu, PR: Gráfica Grapel, 2014. Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/11203.pdf>. Acesso em: 28/01/2020.

MARTINS JUNIOR, Angelo. Solidariedade. In: CAVALCANTI, Leonardo; BOTEGA, Tuíla; TONHATI, Tânia; ARAÚJO, Dina. (Orgs.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: UNB, 2017.

MARQUES, Eduardo; REQUENA, Carolina; HOYLER, Telma. Estrutura social, segregação e espaços. In: KOWARICK, Lúcio; FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. (Orgs.). **Pluralidade urbana em São Paulo: vulnerabilidade, marginalidade, ativismos**. São Paulo: Editora 34, FAPESP, 2016.

MEJÍA, Margarita Rosa Gaviria. SIMON, Renel. **Sonhos que mobilizam o imigrante haitiano**. Biografia de Renel Simon. Lajeado: Editora da Univates, 2015.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Mundo tem 232 milhões de migrantes internacionais, calcula ONU, 11 de out. 2013. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/mundo-tem-232-milhoes-de-migrantes-internacionais-calcula-onu/>. Acesso em: 16/01/2020.

NAKANO, Anderson Kazuo. Desigualdades habitacionais no “repovoamento” do centro expandido do município de São Paulo. **Cadernos Metrópole**. São Paulo, v. 20, n. 41, pp. 53 – 74, jan./abr. 2018. Disponível em: <http://www.cadernosmetropole.net/system/artigos/arquivos/000/000/414/original/4103.pdf?1525216348>. Acesso em: 23/05/2019.

NORONHA, Claudio Pereira. Migração e redes religiosas na periferia do Grande ABC: diversos olhares para a crise urbana. In: RIVERA, Dario Paulo Barrera (Org.). **Diversidade religiosa e laicidade no mundo urbano latino-americano**. Curitiba: CRV, 2016.

NUNES, Brasilmar Ferreira. Capital Social. In: CAVALCANTI, Leonardo; BOTEGA, Tuíla; TONHATI, Tânia; ARAÚJO, Dina (Orgs.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: UNB, 2017.

OIM - ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES, ONU Migração, População Migrante Internacional. Disponível em: <http://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento/download/a685d878-5312-4ff2-8f4e-8464322da0f6>> Acesso em: 29/08/2019.

OLIVEIRA, Fabíola Cristina Ribeiro de; FERRAZ, Diogo. Os haitianos no mercado de trabalho no Brasil e em Santa Bárbara d'Oeste no período recente. **Revista Diálogos Possíveis**. Salvador, ano 17, n. 2, pp. 121 – 146, jul./dez. 2018.

OLIVEIRA, Marcia Maria de; SILVA, Elias Oliveira da. Migração haitiana na Amazônia à luz dos estudos de gênero. In: BAENINGER, Rosana; PERES, Roberta; FERNANDES, Durval; *et al.* (Orgs.). **Imigração Haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

OLIVEIRA, Márcia. Entrevista por DIÉMÉ, Kassoum. Por que falar de imigração no Brasil? **Travessia – Revista do Migrante**. Centro de Estudos Migratórios, n. 79, pp. 127 – 144, jul./dez. 2016.

PARISE, Paolo. Imigração no Brasil: os números e os desafios sociais e éticos. In: BAGGIO, Fábio; PARISE, Paolo; SANCHES, Wagner Lopes (Orgs.). **Mobilidade humana e identidades religiosas**. São Paulo: Paulus, 2016.

PARELLA, Sònia; CAVALCANTI, Leonardo. Transnacionalismo. In: CAVALCANTI, Leonardo; BOTEAGA, Tuíla; TONHATI, Tânia; ARAÚJO, Dina (Orgs.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: UNB, 2017.

PEIXOTO, João. Comunidade – Coletivo de migrantes. In: CAVALCANTI, Leonardo; BOTEAGA, Tuíla; TONHATI, Tânia; ARAÚJO, Dina. (Orgs.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: UNB, 2017.

PEREIRA, José Carlos A. Migração, saúde e acolhimento: intersecções políticas, sociais e culturais. **Travessia – Revista do Migrante**. Publicação do CEM, ano XXXI, n. 84, set./dez. 2018.

PEREIRA, Rosa Martins Costa. **Bondye beni ou: lugaridades com haitianos evangélicos**. Tese de Doutorado em Geografia da Universidade Federal do Paraná, 2016.

PETRUS, Regina; FRANCALINO, João Henrique. Refugiados congolese no Rio de Janeiro: afirmação e (re)significação de identidades nas dinâmicas de inserção social. In: FERREIRA, Ademir Pacelli; *et al.* (Orgs.). **A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

PIERRE, Jean Gardy Jean. **Haiti, uma República do Vodou? Uma análise do lugar do Vodou na sociedade haitiana à luz da Constituição de 1987 e do Decreto de 2003**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

PIMENTEL, Marília; COTINGUIBA, Geraldo Castro. *Wout, raketè, fwontyè, anpil mizè1*: reflexões sobre os limites da alteridade em relação à imigração haitiana para o Brasil. **Universitas Relações Internacionais**, Brasília, v. 12, n. 1, pp. 73 – 86, jan./jun. 2014.

PREPETIT, Claude. *Tremblements de terre en Haïti: mythe ou réalité?* **Le Matin**. n. 33.082, p. 4, quinta-feira, 9 de out. 2008. Disponível em: [http://www.bme.gouv.ht/ri/sques%20geologiques/LeMatin\\_séismes.pdf](http://www.bme.gouv.ht/ri/sques%20geologiques/LeMatin_séismes.pdf). Acesso em: 27/11/2019.

PRYSTHON, Angela. Cidade. In: CAVALCANTI, Leonardo; BOTEGA, Tuíla; TONHATI, Tânia; ARAÚJO, Dina (Orgs.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

RESSTEL, CCFP. Transnacionalismo. In: **Desamparo psíquico nos filhos de dekasseguis no retorno ao Brasil** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/xky8j/pdf/resstel-9788579836749-05.pdf>. Acesso em: 23/10/2019.

RIVERA, Dario Paulo Barrera. Religião, migração e periferia urbana na América Latina. In: MOREIRA, Alberto da Silva (Org.). **Religião, migração e mobilidade humana**. Goiânia: Editora da PUC-Goiás, 2017.

RODRIGUES, Lidiane; LAURA, Fernanda. Congada em Aparecida de Goiânia: a importância da oralidade. **Revista Acadêmica Educação e Cultura em Debate**, v. 5, nº 1, pp. 23 – 38, jan./dez. 2019.

ROSA, Renata de Melo. Subjetividade e subversão do racismo: um estudo de caso sobre os haitianos na República Dominicana. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, ano XVIII, nº 34, pp. 99 – 112, jan./jun. 2010.

ROSA, Miriam Debieux; BERTA, Sandra Letícia; CARIGNATO, Taeco Toma; ALENCAR, Sandra. A condição errante do desejo: os imigrantes, migrantes, refugiados e a prática psicanalítica clínico-política. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, v. 12, n. 3, pp. 497 – 511, set. 2009.

SANCHIS, Pierre. A contribuição de Émile Durkheim. In: TEIXEIRA, F. (Org.). **Sociologia da religião: enfoques teóricos**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

SANTOS, Fernando Damazio dos. **Imigração haitiana para o Brasil: especificidades e dispositivo de política migratória empregado pelo estado brasileiro**. Monografia do curso de Relações Internacionais na Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

SASSEN, Saskia. **Sociologia da Globalização**. Tradução de Geraldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Tradução de Cristina Murachco, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SHERINGHAM, Olivia. Religião. In: CAVALCANTI, Leonardo; BOTEAGA, Tuíla; TONHATI, Tânia; ARAÚJO, Dina (Orgs.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: UNB, 2017.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

SILVA, Sheila Alice Gomes da. **Negros em Guaianases: cultura e memória**. Dissertação de Mestrado em História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015.

\_\_\_\_\_. Negras narrativas de Guaianases: memórias não expropriadas. **Sankofa – Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**, ano IX, n. 18, pp. 86 – 101, dez. 2016.

\_\_\_\_\_. Negras narrativas de Guaianases: memórias não expropriadas. In: SILVA, Sheila Alice G. da. **Negros em Guaianases: cultura e memória**. São Paulo: EDUC, 2019.

SILVA, Darci Donizetti da. Os imigrantes brasileiros na região da Nova Inglaterra. In: BAGGIO, Fábio; PARISE, Paolo; SANCHEZ, Wagner Lopes (Orgs.). **Mobilidade humana e identidades religiosas**. São Paulo: Paulus, 2016.

SILVA, Sidney Antônio da. A imigração haitiana e os paradoxos do visto humanitário. In: BAENINGER, Rosana; PERES, Roberta; FERNANDES, Durval; *et al.* (Orgs.). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

SOARES, Weber. Rede migratória. In: CAVALCANTI, Leonardo; BOTEGA, Tuíla; TONHATI, Tânia; ARAÚJO, Dina (Orgs.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília: UNB, 2017.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Novos conteúdos nas periferias urbanas das cidades médias do Estado de São Paulo, Brasil. **Investigaciones Geográficas**, n. 54, pp. 114 – 139, ago. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/pdf/igeo/n54/n54a8.pdf>. Acesso em: 30/10/2018.

TÉLÉMAQUE, Jenny. **Imigração haitiana na mídia brasileira: entre fatos e representações**. Monografia em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

TORRES, Haroldo da Gama; MARQUES, Eduardo; FERREIRA, Maria Paula; BITAR, Sandra. Pobreza e espaço: padrões de segregação em São Paulo. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 47, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n47/a06v1747.pdf>. Acesso em: 28/09/2018.

UNITED NATIONS. *The number of international migrants worldwide reaches 232 million*. **Population Facts**, n. 20, set. 2013.

UNITED NATIONS CHILDREN'S FUND, UNICEF. Disponível em <https://esa.un.org/MigGMGProfiles/indicators/files/Haiti.pdf>. Acesso em: 22/10/2019.

U.S. DEPARTMENT OF STATE: *DIPLOMACY IN ACTION*, 2017. Disponível em: <https://www.state.gov/j/drl/rls/irf/religiousfreedom/index.htm#wrapper>. Acesso em 09/10/2017.

USARSKI, Frank. A estrutura heurística da pesquisa sobre religião e processos migratórios – síntese e exemplificação. **Estudos de Religião**, v. 31, n. 3, pp. 255 – 271, set./dez. 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6342532>. Acesso em: 23/08/2018.

VALENTE, Jonas. ONU encerra missão no Haiti comandada pelo Brasil. **Agência Brasil**. Brasília, 16 de out. 2017. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-10/onu-encerra-missao-no-haiti-comandada-pelo-brasil>. Acesso em: 09/10/2019.

VELHO, Gilberto. Apresentação à edição brasileira: o observador participante. In: WHITE, William Foote. **Sociedade de esquina**. Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. Segregação e alteridade na metrópole: novas e velhas questões sobre cortiços em São Paulo. In: **Pluralidade urbana em São Paulo: vulnerabilidade, marginalidade, ativismos**. São Paulo: Editora 34, FAPESP, 2016.

VERDÉLIO, Andreia. Haiti é o país com maior número de mortes por catástrofes naturais, diz ONU. **Agência Brasil**. Publicado em 13 de out. 2016. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-10/haiti-e-o-pais-com-maior-numero-de-mortes-por-catastrofes-naturais-diz-onu>. Acesso: 21/10/2019.

VILAÇA, Helena. **Imigração, etnicidade e religião: o papel das comunidades religiosas na integração dos imigrantes da Europa do Leste**. Lisboa: Paulinas Editora, 2008.

VILLEN, Patrícia. Periféricos na periferia. In: BAENINGER, Rosana; PERES, Roberta; FERNANDES, Durval; *et al.* (Orgs.). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Tradução de Angela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WEBER, Max. 1864 – 1920. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução de Mário Moraes. São Paulo: Martin Claret, 2013.

WHITE, William Foote. **Sociedade de esquina – *Street corner society*: a estrutura de uma área urbana pobre e degradada**. Tradução de Maria L. de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

ZENI, Kaline; FILIPPIM, Eliane Salete. Migração haitiana para o Brasil: acolhimento e políticas públicas. **Revista Pretexto**. Belo Horizonte, v. 15, n. 2, pp. 11 – 27, abr./jun. 2014.

## SITES

<https://www.state.gov/j/drl/rls/irf/religiousfreedom/index.htm#wrapper>. Acesso em 09/10/2017.

<http://www.estacoesferroviarias.com.br/g/guaianazesnov.htm>. Acesso em: 30/06/2018.

<https://sidra.ibge.gov.br>. Acesso em: 14/09/2018.

[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados\\_demograficos/index.php?p=12758](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758). Acesso em: 28/09/2018.

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-paulo/panorama>. Acesso em: 29/09/2018.

<http://pibguaianases.com.br/igreja.html>. Acesso em: 30/09/2018.

[https://pt.saopaulomap360.com/carte/image/pt/mapa\\_bairros\\_sao\\_paulo.jpg](https://pt.saopaulomap360.com/carte/image/pt/mapa_bairros_sao_paulo.jpg). Acesso em: 29/11/2018.

<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/upload/guaianases/imagens/centrodeguaianases.JPG>. Acesso em: 29/11/2018.

<https://www.google.com.br/maps>. Acesso em: 29/11/2018

<http://www.mapas-sp.com/bairros.htm>. Acesso em: 05/12/2018.

<http://www.paroquiamatrizsaobenedito.com.br/2004/10/10/sagracao-da-matriz.html>. Acesso em: 17/05/2019.

[http://museusferroviarios.net.br/wp-content/uploads/percurso\\_santos-jundiai.png](http://museusferroviarios.net.br/wp-content/uploads/percurso_santos-jundiai.png). Acesso em: 23/05/2019.

[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/arquivos/secretarias/governo/sumario\\_dados/ZL\\_GUAIANASES\\_Caderno21.pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/arquivos/secretarias/governo/sumario_dados/ZL_GUAIANASES_Caderno21.pdf). Acesso em: 12/06/2019.

<http://especiais.g1.globo.com/sao-paulo/taxa-de-homicidios-2014>. Acesso em: 12/06/2019.

<http://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento/download/a685d878-5312-4ff2-8f4e-8464322da0f6>. Acesso em: 29/08/2019.

<https://leismunicipais.com.br/a/sp/s/sao-paulo/lei-ordinaria/1991/1093/10928/lei-ordinaria-n-10928-1991-regulamenta-o-inciso-ii-do-artigo-148-combinado-com-o-inciso-v-do-artigo-149-da-lom-dispoe-sobre-as-condicoes-de-habitacao-dos-corticos-e-da-outras-providencias-1991-01-08-versao-original>. Acesso em: 30/09/2019.

<http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/c/coiotes>. Acesso em: 16/10/2019.

[http://projetoeduc.cecierj.edu.br/eja/recurso-multimedia-professor/geografia/novaeja/m1u03/ch\\_mod01\\_vol1-UNIDADE-3\\_nova\\_eja-ALUNO.pdf](http://projetoeduc.cecierj.edu.br/eja/recurso-multimedia-professor/geografia/novaeja/m1u03/ch_mod01_vol1-UNIDADE-3_nova_eja-ALUNO.pdf). Acesso em: 03/12/2019.

<https://www.youtube.com/watch?v=tjlohZ0ta6Y>. Acesso em: 05/02/2020.

[https://migrationdataportal.org/?i=stock\\_abs\\_&t=2019](https://migrationdataportal.org/?i=stock_abs_&t=2019). Acesso em 08/07/2020.